OS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

OU

HISTORIA CHRONOLOGICA

DOS

Descobrimentos,
Navegações, Viagens, Explorações e Conquistas dos Portuguezes
nos paizes ultramarinos

DESDE O PRINCIPIO DO SECULO XV

CONTINUADA ATÉ Á ACTUALIDADE

POR

PINHEIRO CHAGAS

TOMO V

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1890

1297

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA

CAPITULO I.

ANNO DE 1545.

El-Rei D. João III., sob proposta do Infante D. Luiz, noméa a D. João de Castro Governador Geral da India. E' elle mesmo encarregado de aprestar uma armada de seis Náos grandes e bem equipadas; a qual sai do porto de Lisboa em Março d'este anno. Chega o novo Governador a Moçambique; e d'ahi escreve a El-Rei, mandando-lhe annunciar o descobrimento da bahia e rios de Lourenço Marques, e remettendo-lhe o desenho da fortaleza de Moçambique, com varias notas sobre ella. Parte depois para Góa; seu recebimento alli.

Estado em que achou o Governo; e primeiras medidas governativas que poz em pratica.

Tendo Martim Affonso de Souza acabado o seu tempo da governança da India, e pedindo com repetidas instancias um successor, porque as couzas do Oriente estavão um pouco declinádas em consequencia de varios accidentes, e não queria que algum desar da guerra lhe murchasse a gloria adquirida por seus feitos; começou El-Rei a buscar pessoa habilitada para um cargo de tanta importancia. Differentes individuos se apresentaram a El-Rei para este grande negocio, uns que pela antiguidade do sangue, ainda que não fossem benemeritos, costumavão ser herdeiros dos lugares maiores (*); outros de nascimento humilde, mas illustres por seus merecimentos pessoaes. Mas para um posto de tanta authoridade, nem bastava valor e merito plebeu, nem qualidades ou nobreza sem merito pessoal.

Por estas consideraçõs, estando El-Rei irresoluto na escolha de individuo a quem podesse fiar o pêso de tão grande governo, consultou a este respeito o Infante D. Luiz; o qual lhe significou o conceito que fazia das qualidades que adornavão a D. João de Castro, e que o unico defeito de que o arguião era de muito altivo e retirado, por não pedir mercês nem cortejar ministros; mas este defeito vinha a ser melhor do que as virtudes de muitos outros. Concluindo finalmente o Infante, que, a não ser D. João de Castro, não se recordava d'outro, que pudesse conservar a disciplina da

(*) Tyrania de reinar que inventou a nobreza,

primitiva India; pois que era homem que desprezava todos os premios da terra e toda a qualidade de interesses; que posto ser affeiçoado particularmente a D. João de Castro em virtude das qualidades que nelle devisava, comtudo o era tão livremente, que amaria seus merecimentos, ainda separados do sujeito em qualquer outro homem.

A opinião do Infante tinha grande credito para El-Rei, e vendo que elle avaliava as cousas de D. João de Castro com zêlo de Principe e noticias de amigo, aprovou inteiramente a sua inculca; logo mandou chamar a D. João de Castro a E'vora onde tinha sua Côrte, e recebendo-o em uma audiencia publica lhe fez a seguinte falla: «Andei es- «tes dias cuidadoso em buscar varão que governasse o Es- «tado da India, e não duvidava podêl-o achar na familia «dos Castros, de cujo tronco os senhores Reis meus ante- «cessores tiraram sempre Generaes para os exercitos, Re- «gentes para os povos; assi me prometto, que de tão va- «lerosa raiz não póde degenerar o fruto; mórmente se me- «dir as futuras acções pelas passadas, as quaes vos tem dado «justo nome na opinião do Reino, e estimação na mi- «nha; pelo que confiadamente vos encommendo o governo «da India, aonde espero procedais de maneira, que possa «dar vossas acções por Regimento aos que vos succederem.»

Então D. João de Castro beijou a mão a El-Rei, mais reconhecido pela honra que acabava de receber, do que ao officio; e estimando ao mesmo tempo o não haver dilligenciado tão grande cargo. Houve depois na Côrte alguma opposição a esta eleição, fazendo-a alguns por inveja, e outros por habito de a tudo se oppôrem; tanto ssim que lhe notaram até excessos em certas virtudes que elle possuia, e em que lhe não podião arguir faltas. Foi porém geralmente tão bem acceita a escolha, pelo maior numero e pelos melhores individuos, que El-Rei ficou muitissimo allegre por ter achado um homem feito á vontade de todos.

Já no dia cinco de Janeiro de mil oitocentos e quarenta e cinco, estava D. João de Castro nomeado para Governador Geral da India; porque foi nesta data que se lhe expediu o Regimento, (*) porque devia dirigir-se no apparelhar, e prover de gente e mantimentos os navios da armada; e mandando-lhe mesmo El-Rei despachos, ordenando que todo o apresto corresse por suas mãos unicamente. (**)

(*) (**) Transcrevemos o Regimento em carta de El-Rei a D. João de Castro; bem como algumas mais importantes, das trinta e tantas cartas, que El-Rei e a Rainha lhe escreveram sobre particularidades da armada, em quanto esta não sahiu do porto de Lisboa. Estes documentos confirmão a inteira confiança que o Rei tinha na intelligencia, zêlo, e mais virtudes de tão insigne varão; e como entregou ao seu cuidado, e até em parte, ao seu arbitrio, a primeira e principal parte das disposições necessarias ao meneio e prompta expedição d'aquella viagem. Semelhantes peças, hão-de ser devidamente apreciadas por todas as pessoas judiciosas e eruditas. Os documentos que se seguem, são os que dizem respeito a este lugar; (mais adiante hiremos apresentando outros, que servirão tambem para esclarecer varios outros pontos d'esta obra).

=D. Joham. Como a principal causa das que tocam á armada da India, em que aueis de ir, he partir cedo, conuèm que no aparelhar e carreguar das naaos da dita armada se ponha muyta deligencia, fazendo-se porèm tudo de maneira, que vam todas aparelhadas, como pera sua viagem he necesario, e se carreguem sem aver emlleyo nos offeciaes: e pera se isto milhor poder fazer tereis cuidado, como fordes em lixboa, de hirdes todollos dias pelas menhãs ao allmazem de guinee e imdias, onde se ajumtarão comvosco pero afonso daguiar, e os offeciaes do dito allmazem, e praticareis com elles em tudo o que ouuer pera fazer no aparelhar, e aperceber das ditas naaos. E as tardes dos mesmos dias ireis todas aa casa da imdia e mina, e com o feitor e offeciaes della fallareis no que cumprir pera despacho da dita armada, quo a seus carguos tocar; porque ey por bem que asy na dita casa, como

nos allmazẽs se faça e dee a eixecução todallas cousas ordinarias, que vós com os offeciaes de cada hũua das ditas casas, que niso emtenderem, fizerdes, e ordenardes: e tambem quero que se dêm a eixecução as outras cousas, em que com elles asentardes que ordinarias não forem, fazemdo-se dellas primeiro asemto, e da determinação, que niso tomardes, asynado per vós, e pelo dito feitor e offeciaes da casa da imdia, que se acharem presemtes, sendo na dita casa; e se fôr no allmazem, seraa o tal asemto asynado per vós, e pelo dito pero afonso daguiar com os offeciaes delle, que se hy acharem, pelo mesmo modo, em que mando que se faça na casa da imdia.

It. tereis lembrança que a jemte, que ouuer de ir na dita armada da imdia, se comece a asemtar na dita casa ao primeiro dia do mes de feuereiro, que ora vem; e vós sereis sempre presemte ao asemtar della, porque se não posa asemtar pesoa sem voso comsentimento, e a primeiro verdes, e se se ha niso a ordem que se teve nestas armadas pasadas. E ho em que ouuer duuida no asemtar da dita gemte, se faraa, como vos melhor, e mais meu seruiço parecer, e procurareis porque se tudo faça com a mais prouisão que pode ser.

It. tanto que chegardes aa dita cidade, sabereis se estão prouidas todallas naaos, que na dita armada am de ir, de mestres, e se sam taaes como conuêm, e são necesarios pera tall viagem, e se fallecerem allgũus, prouelloseis loguo com o proueedor e offeciaes do allmazem, como vos bem parecer, ouuindo primeiro os que tiuerem minhas prouisões, se allgũus per ellas forem prouidos dos mestrados das ditas naaos, pera lhes ser feito justiça.

It. porque ha allgũus pillotos, a que tenho pasado minhas prouisões de pillotajẽs de naaos de carreira pera a imdia, ey por meu seruiço, que aos conhecidos no dito allmazem se mande dele noteficar, que aprezentem as prouisões que tiuerem, as quaes vós vereis com o dito proueedor, e offeciaes do allmazem, e sabereis dos

mais pilotos que ouuer, autos, e sofficiemtes pera a viagem, e ordenareis, que siruão nesta armada os que vos parecer meu seruiço, guardando rezão e justiça aos que a tiuerem: e sè os armadores das naaos pera a imdia, ou algũus delles por sua parte alleguarem contra iso allgũua cousa, serão ouuidos, e guardar se lhes ha justiça, cumprindo-se niso as prouisões, que tenho pasadas, sobre o moodo que quero que se tenha no prouer das ditas pillotajes.

Ey por bem, que vós ordeneis dos guardas da casa da imdia e mina os que deuem destar nas ditas naaos, com parecer de Joam de Barros feitor della, e asy de vasco fernamdes cesar guarda moor: e com elles ambos escolhereis dos criados meus, que ha na dita cidade, os que forem necessarios pera estarem nas ditas naaos por guardas com os da casa, e serão dos que mais autos e comuinientes vos pera iso parecerem: e a hũus e outros mandareis notefficar de como na imdia, tamto que as naaos com a ajuda de noso senhor laa chegarem, aueis de mandar tirar devasa, pelas pesoas que nellas forem, das mercadorias, que sem minha licemça se caa embarcarão, não sendo dos tratadores, e das que suas forem, sendo defesas: da qual deuasa aueis de mandar nas mesmas naaos o trelado, per vyas, á minha fazemda, onde se am de ver, pera se mandar fazer muy inteiramente eixecução nos que se acharem cullpados; e pera o milhor saberem, e terem vigya no modo de como me am de seruir de guardas nas ditas naaos, lhes declarareis o que dito he per escriptos, que mandareis fazer, asynados per vós, de que se poraa hũu delles em cada naao ao pee do masto.

Mandareis saber aos fornos de valldezeuro, do prouedor e offeciaes delles, quanto biscouto ha, e triguo, pera se aver de laurar, e a que tempo poderaa ser feito todo o biscouto necesario pera a dita armada.

As mais cousas, que pera prouimento da armada ha pera fa-

zer, se não declararão aquy, porque ainda estas, pera vós, se poderam escusar, visto cambem sabeis o que comuêm pera bom auiamento da armada, e quanto aueis de follguar de neste negocio, e em todos, me seruir. E por iso abasta o cuidado que sey, que vós aueis de ter, e de caa vos irão as lembranças de quallquer cousa, que se offerecer de nouo, de que deuaes de ser auisado, e vós as fareis tanbem de laa, per cartas vosas, do que vos parecer que cumpre. Pero amrriques o fez em euora, aos cinco dias de Janeiro de mil quinhentos e quarenta e cinco. «Rey»

(*No fundo da pagina*) O Conde — Pera dom Joam de castro.

Dom Joam de castro amiguo: eu elrey vos emuio muito saudar. O comde da castanheira me deu conta do que lhe voos e pero afonso daguiar escreuestes; e ao dito pero afonso mamdo, que se faça acerca dos mestres e pillotos da armada da ymdia, e das cousas que nella hão de yr, o que vos parecco, que se deuia de fazer. E porque tudo se ha de fazer comvosco, como tenho mandado, e compre tamto e aviamento desa armada, vos emcomemdo, que procureis porque todos dêm tall presa a yso, como sey que a voos aueis de daar ao que vos tocar. Bertollameu froez a fez em evora a XVII de janeiro de 545 «Rey»

(*No fundo*) O conde — Pera dom Joam de castro.

(*Sobrescrito*) Por elRey — A Dom Joam de castro, do seu conselho, que ora emuia por gouernador da ymdia.

Dom Joham, eu a Rainha vos enuio muito saudar. Elrey meu senhor me fez mercê que eu podesse mandar nesta armada, que nosso senhor leue e traga a saluamento, oyto pipas de vinho, forras, pera se veaderem na India, e o dinheiro, que se nelas fizer,

se empregar la em mercadorias, que nam sejam defesas, asquaes mercadorias outro sy nam pagem direitos; por que o proueito que se nisso fizer he pera ajuda das obras do moesteiro de nossa senhora da asumpção da minha cidade de faram. E mando francisco mendez da costa meu moço da camara que compre as ditas oyto pipas de vinho, e as meta na vossa naao; porque por a cousa ser da calidade que he, e eu saber com quanto gosto e contentamento vós fazeis as semelhantes; alêm do desejo, que sey que tendes, pera em tudo me comprazer e seruir, não quis nisto encarregar a ontrem, senão a vós: e vos encomendo muito, que por seruiço de nossa senhora, em cuja casa se ha de gastar o proueito, que nisso se fizer, e por meu respeito, queirais tomar o carrego de leuar esta mercadoria, e mandar fazer a venda, e emprego dela; e espero em nosso senhor que tambem vos caberá parte do ganho, que será leuaruos a saluamento, e com saude, como eu desejo. E não ey per necesario encarregaruos mais este negocio; sómente vos encomendo que o emprego, que sey certo, que será muy bem feito, e nas milhores e mais proueitosas mercadorias que ouuer, venha entrege e encarregado per vós a tal pessoa, que o traga a todo bõo recado, e dee disso boa conta. Pero fernandes a fez em euora a XXIII dias de Janeiro de 1545

«Raynha»

Pera dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por a Rainha — A dom Joham de castro fidalgo da casa delrey seu senhor. &c.

Dom Jo. de crastro, amiguo: eu elrey vos emvyo muito saudar. Pela carta que me escreuestes de XXIIII deste mes de Janeiro e pelo que ja tinha sabido pelo comde da castanheira, vejo com quanto cuydado e delligemcia me seruis na cargua e apercebimento desa armada, que he muy comforme á comfiamça que em vós tenho; he pera como os dias pasados foram fortes,

hé nyso feito tudo ho que se podia e deuya fazer : e espero em deos que, segumdo a boa ordem, e aviamento que lhe temdes dado, e daes, damdo ho tempo lugar, seja prestes pera poder partir até dez de março, como em vosa carta dezês.

Hos aluarás meus, que dizês que vos laa apresemtam pera nesa armada se dar embarcaçaão a cristaõs novos, pasalos-ya por me darem emformações incertas; porque mynha temçaão nam he yrem elles ha ymdia; pello que ey por bem, que nam cumpraes nenhũn dos ditos aluaras, asi os que vos ja tiuerem apresemtados, como os que daquy em diamte apresemtarem; porque por muitas rezões ey por muy gramde ymcomvinyente yrem os ditos cristaõs novos á india.

Quanto aos guardas que la prouestes pera estarem nesas naãos ey por certo, que pois os vós pera yso escolhestes, seram taes como compre a meu seruyço. Da ordem que lembraes que se deue ter cos mestres e pilotos que amdam na carreira da imdia se terá lembramça pera ao diamte; he o mais que escreuês que fezestes ey por muy bem feito. Amdre soares a fez em euora a XXXI de janeiro de 545. «Rey»

(*No fundo*) Resposta a dom Jo. de crasto.

(*No sobrescrito*) Por ellrey — a dom Jo. de crasto do seu comselho.

Dom Joam de castro amigo : eu elrey vos emvio muito saudar. Eu tinha ordenado que se asentasem mill homẽs pera ir aa india nesta armada : e ora ey por meu seruiço que se não asentem mais que oito centos porque são emformado que senpre em todas as armadas vão mais homẽs dos que se asentão; por omde parece que com os que nesta armada ouuerem dir aalem dos asemtados se perfará o numero dos ditos myll, que tinha ordenado que fosem, ou pouquo menos. Por tamto vos emcomendo e mando que

não façaes asentar em solido mais que os ditos oitocentos homẽs. Manuel de moura a fez em evora a cinco dias de feuereiro de 545 «Rey»

(*No fundo da pagina*) Conde —

Pera dom Jo. de castro.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom Jo. de costro do seu conselho, que ora vay por capitão mor e gouernador aas partes da india.

Dom Joham: eu elrey vos ennio muito saudar. Mestre pero fernandez meu capelam e prégador, que vos esta dará, vay por meu mandado aa india prouido do dayado da see aa cidade de goa, onde espero, que com suas letras, pregações, e bõo exemplo nosso senhor seja dele bem seruido, e o pouo edificado: e porque he mal desposto, e pera sua saude conuem que va bem agasalhado, vos encomendo muito, que na vossa naao lhe façais dar gasalhado conueniente, e apartado, em que bem possa hir e leuar seus liuros, e nisso e em tudo seja de vós fauorecido e bem tractado como he rezam, e elle por sua virtude merece, avendo por certo que me fareis nisso prazer e volo agradecerey muito. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de feuereiro de 1545 «Rey»

(*No fundo*) Pera dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom Joham de crastro, fidalguo de sua casa.

Dom Joham amiguo: eu elrey vos enuio muito saudar. Porque como sabeis rex xaraffo antes que se parta de guoa ha de mandar a estes reynos seu filho mais velho, e me pedio que vos encomendasse sua embarcação e gasalhado, vos encomendo muito que pera o dito seu filho e pera seus criados e pessoas, que consiguo trouxer, mandeis dar a embarcação e gasalhado necesa-

rjo, e em tudo receba de vós todo fauor e bõo tratamento, porque me prazerá disso muito e volo agradeçerey. Pero fernandez a fez em evora a XII dias de março de 1545 «Rey»

(*No fundo*) Pera dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom Joham de castro, do seu conselho, e seu capitão-moor, e gouernador nas partes da india.

Dom Jo. amigo: eu elrey vos enuio muito saudar. Elrey dormuz me enuiou pedir por seus apontamentos que quizesse prouer nestas cousas abaixo contiudas, nas quaes vos encomendo que prouejais, e façais o que ao pee de cada hũ dos capitulos desta carta he declarado.

It. primeiramente que mandasse a rex mamude guazil de barem, e a rex badardim guazil de julfar, e aos outros guazis, que lhe desem conta, por aver ja muito tempo, que lha não dauão. Encomendouos que mandeis loguo aos ditos guazis que lhe dem conta de todo o tempo, que tem seruido, e lha não tem dada.

E que mandasse ao capitão do mar dormuz, que não escandalizasse, nem agrauasse as naaos dos mercadores, nem a jente da costa da arabia, nem fizesse costumes nouos: e que não inuernasem pela dita costa nenhũs portugueses, pelo muito dano, que fazião na terra. Encomendouos muito que vos enformeis dos agrauos que pelos ditos capitãis se fazem aas ditas naaos e mercadores e na dita costa, e asy pelos que na dita costa inuernão, e achando que nisso se faz o que não deue, o prouejaes, como vos parecer que cumpre a meu serviço.

E que o alcaide do mar não fizesse asimesmo costumes nouos, como ora fazia, nem leuasse de seu officio mais que o que lhe era ordenado per seu regimento. Tomay disto enformação, e manday que asy se faça, e a quem o contrario fizer ou tiuer feito, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que meus capitãis não podesem degradar seus criados, escrauos, e seruidores pera fora da dita cidade dormuz, como ora o faziam pelo avexar, e que quando os ditos seus criados, escrauos, e seruidores fizessem o que não deuessem, lho fizessem saber a ele, e ele os castigaria segundo o merecesem. Nisto manday que se cumpra e guarde inteiramente o que pelo asento e contrataçam das pases for asentado.

E que os ditos meus capitãis e ouuidores dormuz nom determinasem as demandas, que os mouros, judeus, e jentios tiuesem hũus com os outros, saluo com sua licença, e comissam e que o meirinho não fizesse nouidades. Nisto das demandas manday que se faça e cumpra o que pela dita contrataçam for asentado: e o meirinho, que fizer o que não deue, manday castigar, como per justiça o merecer.

E que os ditos capitãis, nem outros algũs officiais xpãos, nem mouros, que tiuerem mando e jurdiçam na cidade, nom lançasem pedido, nem pedissem emprestimo aos mercadores, nem moradores mouros, judeus, nem jentios, asy naturaes como estrangeiros, nem lhes podesem mandar tomar ninhũs mantimentos, nem mercadorias contra suas vontades, como ora se fazia, nem defendesem que não vendesem suas mercadorias a quem quizesem. Isto ey por bem, e vos mando que logo defendais, e mandeis que se nem faça.

E que os ditos capitãis dormus não tiuesem feitores em baçora, nem em julfar, nem em outro algũu lugar do dito reyno dormuz, nem outro algũu meu official, porque se segiam disso muitos inconuenientes. Disto vos encomendo que tomeis informação, e o prouejais, como vos parecer meu seruiço. E de tudo o que em cada hũu destas cousas achardes e prouerdes, me escreuereis compridamente. Pero fernandez a fez em evora a XIII dias de março de 1545 «Rey»

(No fundo) Pera dom Joham de castro.

(Sobrescrito) Por elrey — A dom Joham de castro do seu conselho, e seu capitão moor e gouernador das partes da india.

El-Rei mandou logo despachos a D. João de Castro para elle aprestar a armada, a qual se apromptou brevemente sem violencia, nem queixa dos pequenos: constava esta armada de seis Náos grandes em que embarcaram dois mil homens de soldo. Os Capitães eram D. Jeronymo de Menezes, filho e herdeiro de D. Henrique, irmão do Marquez de Villa Real; Jorge Cabral; D. Menuel da Silveira; Simão de Andrade; e Diogo Rebello.

Em Março de 1545 dasaferou de Lisboa a armada, e seguindo sua viagem surgiram todas as Náos em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos D. Alvaro, e D. Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavam, impedindo-lhe juntamente a puresa dos ares em damno da saude. Communicou este negocio com as pessoas que d'esta arte tinham alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos pareceram os erros da fortificação notados com juiso. Succedeu logo a execução ao conselho, e escolhido o sitio conveniente, determinou materiaes e mestres para a nova defensa; e como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos á volta dos peões acarretavam as pedras: umas que serviam á lisonja, outras ao edificio.

De Moçambique escreveo D. João de Castro a El-Rei, annunciando-lhe o recente descobrimento da bahia, e rios, que do seu descobridor se ficaram chamando de *Lourenço Marques*. O principal rio tinha a sua entrada no mar, segundo as cartas portuguezas, a 25° e 15' lat. sul. As car-

tas modernas demarcão a bahia a 26° na costa oriental de Africa.

El-Rei respondendo a D. João de Castro no anno seguinte de 1546 (*), recommendava a continuação do mesmo descobrimento.

(*) Transcrevemos a reposta d'El-Rei na sua intrega por nos parecer o seu conteudo d'importancia para a Historia:

Dom Joam dé castro Amiguo. Eu elrrey vos emuio muito saudar, Per bernaldo nacere capitão da naao de garcia de saa qué chegou aquy no mes de feuereiro pasado receby a carta que me escreuestes de moçambique: e dou muytas graaças a noso senhor da boa viagem que leuastes, de que folguey de me dardes comta tão particularmente: e por muy certo tenho que apos nosso senhor ser seruido de vola asy daar foy muyta parte de asy ser o bom cuidado e vegya, que tericis em todo o caminho, do que comprise a boa nauegação dele, espero em noso senhor que jaa agora esteis na ymdia a saluamento, como desejo, com todas as naaos de vosa companhia: e desapronueme muyto de dioguo rabelo não passar.

Folguey muyto de ver o debuxo que me emuiastes da fortaleza de moçambique, e vinha muy bem declarado como era necesareo pera se poder emtemder: e do sytio ter tão boa desposição pera se fortificar recebo comtemtamento; e porque he cousa tão ymportante deueis loguo de ordenar como se faça pela maneira do debuxo que vos aquy emuyo, que caa mamdey fazer a myget da arruda, por ser tão pratico nestas cousas como sabeis: e quamto mais breuemente esta oobra for feita, tamto mais meu seruiço será; porque estamdo asy estaa a muy gramde perigo e não se pode descamsar niso.

Quamto ao topir daquele canal que no debuxo vem apontado, podemdo-se fazer aueloya por cousa de muyto meu seruiço: e pos-

toque | deficuldade de aver aly pouca pedra pera se fazer seja gramd , todauya não poode ser a mimgoa dela tamanha, que falte a que for necesaria pera se fazer: pelo que vos imcomemdo muyto que ordeneis loguo como se faça e o moodo que niso se tenha, e escreueloeis de minha parte ao capitão, e sobre isto vos escrevo por outra carta da qual vsareys.

Do descobrimento daqueles rios que fez Louremço marques folgey de saber, e parece que será cousa muy ymportante e necesaria acabarse bem de saber, pelo que vos emcomemdo muyto que ordeneis loguo mamdar da ymdia pera yso hũu nauyo ou fusta, qual vos parecer maes comueniemte: e pela emformaçam e pratica que jaa disto tem louremço marquez me parece meu serviço emcarregardelo desta viagem, ao qual dareis regimemto muy particular de tudo o que faça e procure de saber. E parecemdonos bem leuar ele no dito nauyo algũas mercadorias, como parece que será necesario, será bem mamdardeslhas, com as quaes ele poderá milhor resgatar as da terra, e saber verdadeiramente as que haa nela. E do que se nisto fizer me avisarês. E posto que vos diga que mandeys a isto Lourenço marquez, nâo o encaregareys diso, senam parecendo vos que he tam suficiente pera iso que podereys escusar de mamdar a iso outra pesoa.

Do falecimento do doutor francisco de maarys me desaprouue muito, e este anno quisera loguo de caa mamdar outra pesoa que seruise o carreguo que leuaua, e por ser muyto tarde não ouue tempo pera iso, pera o ano, deos queremdo, a emuiarey, e emtretamto deueis descolher laa algũa pesoa que sirua atee eu de caa prouer, a qual deue de ser a que comuẽm pera tal carrego. Sua molher e filhos vos emcomemdo muito, e eu terey dela e deles lembramça pera o ano que vem.

O homem que destes a bernaldo nacere pera vir com ele pela pratica que tinha desta costa, e ser necesario pelo tempo em que a vinha demamdar, foy muy bem feyto, e o ouue por meu seruiço.

Pelas naaos do anno pasado de que veyo por capitão fernão perez que caa chegarão todas a saluamemto, louuores a noso senhor, soube as nouas da uimda da armada dos castelhanos a maluuco e o que com eles dom Jorge de crasto pasou, de que creo que terès avido larga emformação. E posto que loguo emtão me parecese que martim afomso proueria niso como comprise a meu seruiço e que seria jaa feito, todauya ouue por bem pelo negocio ser da calidade que hee e ser necesario prouerse nele comforme ao que compria a meu seruiço, de vos avisar do que niso fizeseis. E mamdey fazer prestes hũu nauyo pera vos leuar este recado com tamta breuidade como compria e asy se fez e partio em dezembro, e pelo tempo lhe ser comtrario tornou a arribar e tomou o porto de lixboa e por ser jaa muyto tarde pera tornar a partir e parecer aas pesoas praticas nas cousas do maar que era o tempo passado de sua nauegação e que partimdo emtão jaa não poderia ser mais cedo na ymdia que quamdo as naaos chegasem, o mamdey desarmar, e pareceo-me por esta razão que seria milhor escreueruos pelas naaos. E postoque este caso de maluco e dos castelhanos laa yrem comtra forma do comtrato que amtre my e o emperador meu yrmão he feito sobre yso, e o moodo que eles niso tiuerão fose tudo pera eu diso receber tão gramde descomtentamento como o tenho, e fosem dinos de gramde castiguo, todauya pelo gramde amor que amtre o emperador e my haa, e por outras razões muy gramdes pareceo-me bem fazer-lho saber, e mamdar-lhe, posto que pelo dito comtrato eu não fose obrigado a o fazer, pedir que os mamdase loguo vir: e ele me mamdou respomder por meu embaixador, quamto semtia o que seus vasallos fizeram, e que com todo o castiguo, que lhes eu mandase daar receberia elle gramde comtemtamento, e outras palauras comformes aas razões e obrigações que amte noos haa: e mamdou-me a prouisão que com esta vos emuyo, pela qual lhe mamda que loguo se sayam e o moodo em que se lhe apresemtaria o comtrato e a prouisão do emperador compria saberse a hordem que niso se deuya de guardar, mamdey fazer diso a ymstrução que vos com esta emuyo

a quall aueis de mamdar com o dito comtrato que asy mesmo vos mamdo e com a prouisão do emperador ao capitão que ao tall tempo estiuer na dita fortaleza e asy a carta que lhe escreuo. E lhe emcomemdareis e mamdareis de minha parte que em tudo cumpra e guarde a dita ymstrução comforme ao que nela vay apomtado e declarado se faça a dita deligemcia: e na dita carta que lhe asy escreuo lhe mamdo que quando o dito capitão e gemte se não quiserem sayr das ditas terras e maares depois de feytos os requerimentos que na dita ymstrução vão declarados; que feytos os ditos requerimentos e respomdemdolhe que se não am de sayr, ou não se sayndo, e dillatamdo sua sayda mais do tempo que lhe per ele for asynado, faça diso com hũu escriuão ou escriuães termo e auto e lhe requeira que se dem aa prisão; e não se queremdo daar premda o dito capitão e toda sua gemte: e faça escreuer todas suas fazendas, naaos, nauyos, e artelharia e quaesquer cousas que lhe achar, e de tudo faça ymuemtairo e o socreste e ponha a recado pera ácerca diso se fazer o que for justiça: e defemdemdo se ou pondo se em fugida em maneira que se não queirão daar aa prisão, nem os ele poosa premder, vse em todo com eles da minha ordenação no 5.º liuro, no titulo dos que resistem eu desobedecem a qualquer ofeciall de minha justiça, no capitulo que começa «outro sy determynamos que quamdo algũa pesoa» &c., cujo trelado vos emuye asynado por pero dalcaçoua. E que tamto que os teuer presos volos emuye presos e a bom recado, como lhe parecer que hiraõ mais seguros, com os trelados de todos os autos que diso forem feytos, os quaes voos ouuireis e farès niso o que for justiça, guardamdo em tudo a forma do dito comtrato. E semdo caso que allgũus deles ou por serem menores, ou por quaesquer outras razões não sejaõ julgados a pena que lhe daa o comtrato, tereis lembramça que a estes taaes não comsymtaes virem a estes reinos: e tereis gramde recado que não posão vir nas uaaos escomdidos, porque seria gramde ymcomuenyemte a meu seruiço virem caa.

Semdo caso que o capitão e toda a jemte obedeça ao comtra-

to e aa prouisão do emperador, e se veuhão como nela se declara, e requeresem que se queriaó vyr pela ymdia escreverias e mamdarês de minha parte ao dito meu capitão que os deixe vyr em seus navyos atee a ymdia: e da hy pera caa lhes mamdareis daar nas naaos embarcação, porque será mais meu seruiço virem nelas que nos seus nauyos: e quamdo ymsistisem em virem neles e nâo quisesem vir nas naaos, e voos com todas as boas maneiras e com comsemtimento seu nâo podeseis atalhar que nâo vyesem nos ditos seus nauyos, emtão os deixarâs vir neles.

Porque este negocio hee de tamanha ymportamcia como vedes, e comvèm prouer nele com muyta breuidade averey por meu seruiço mandardes com ele hũa pesoa de muyto recado e comfiamça a qual posa ajudar ao dito capitão e emtemder no que comprise pera bem do negocio; e nâo avemdo algũa embarcação em que loguo a podeses emuyar, deueis despachar hũu nauyo a ysto sómente: e ao capitão aveis de mamdar a carta minha que lhe escreuo e o comtrato e a prouisão do emperador e asy a emformação do moodo que hade ter nos requerimemtos que haa de fazer aos ditos castelhanos.

Os dias pasados me escreueo o meu feitor em framdes como per cartas de alexamdria e costamtinopla que vierão a mercadores se afirmaua que o turquo armaua este anno pera a ymdia, e mamdaua a suez cimcoemta ou sasemta galés lauradas e acertadas pera reformar as ontras que laa tinha, e fazer mais groosa armada. Dy a algũus dias me escreueo tambem dom gylleanes da costa meu embaixador que resyde com o emperador meu yrmão, que o embaixador de veneza tinha aviso damdrinopoly que em costamtinopla se carregauão naaos de linhame, ferramenta, e artelharia pera alexamdria e se dizia que ordenauão sasemta galés e fustas pera a ymdia: E depois me tornou ele mesmo a escreuer que em todos os avisos que o emperador meu yrmão tinha do turquo, se não falaua em ele armar pera a ymdia, e que segumdo os ympidimemtos que tinha com os Jorgianos, e sospeitas de seu filho o

mayor, se podia esperar que não emtemderia niso. E porque o caso hee de tão gramde ymportamcia que nenhũa cousa se poode aver nele por certa, nem he razão que se descamse sobre yso, ouue por meu seruiço avisarvos de todas as nouas que tenho, asy como as tenho, cremdo que por laa terès voos tambem cuidado e gramde deligemcia de saber allgũa certeza delas: e posloque aas que eu caa podia daar mais credito fosem as do turquo nâo armar porque estas atee agora se hão por mais verdadeiras, e porque amtre ele e my se trata o negocio da paaz por esas partes, no quall emtemdia duarte catanho, e por covsas que socederão nâo ouue por meu seruiço que ele mais emtemdese nelas, e mandey a yso gaspar palha do quall comfio que niso me seruirá muy ymteiramente, e espero com ajuda de noso senhor que averá nele boa concrusão, e que a paaz averá efecto comforme ao que comuẽa a meu seruiço e ao bem dellas: todavya em tamanha cousa tudo hee razão que se olhe, e por yso e tambem pela emformação que tiue das pesoas que este anno vierão da pouca gemte que ficaua na ymdia me pareceo meu seruiço mamdar agora nestas naaos mill e seiscemtos homẽs, com os quaes ymdo a saluamento, como espero em noso senhor que seja, e com a gemte que laa estaa, pareceo ás mesmas pesoas com que o pratiqney que estaua bem provido pera qualquer caso que sobrevyese da vimda dos rumes, o que noso senhor defemda.

Por miguel vaaz, e por carta de mestre framcisco e por outras soube quamta gemte nesas partes he comvertida e se comuerte aa nosa samta fee catolica pelas quaes nouas dou muytas graaças a noso senhor e recebo com elas tamto comtemtamemto que de nenhũa outra cousa o poderei receber mayor: e espero em noso senhor que pois hee seruido de nesas partes tamto se estemder seu nome e acrecentar a sua fee que ele terá especiall cuidado da sostemtação e defemsão dellas. E porque a oobra he tam gramde e noso senhor vay mostramdo que cada vez será mayor, e avera mais que fazer vemdo que os que nela agora entemdem são muy poucos; por esta razão e tambem porque o bispo se hade vir como vos es-

creuo por outra carta, parecco-me bem tornar a mamdar a esas partes miguel vaaz ao qual o bispo cometeo seu poder e jurdição, e com ele dez clerigos da companhia de Jesu e seys frades da prouincia da piedade que me pareceo comueniemte numero pera emtemderem agora nestas cousas de muito seruiço de noso senhor: dos quaes se podem mamdar aos lugares em que ouuer mayor necesidade os que parecer que conuem e são necesarios, o que vós laa ordenareis com a pratica de mestre framcisco e de miguel vaaz e do bispo se ao taall tempo aymda la estiuer. E desejo eu que asy se gramgee esta oobra, e as cousas necesareas a ela, que em meus tempos possa eu aymda ver tão gramdes fruytos dela como hee razão que os espere vemdo estes primcipios. E porque comfio muyto em voos, que precurareis por vosa parte que eu receba de noso senhor esta tão gramde mercè, vos lembro que este he o mayor seruiço, e o mayor comtemtamento que de voos poso receber: e que no cuidado, deligemcia, fauor, e bom tratamemto dos que jaa são feytos xpãos e se ao diamte fizerem, e destes religiosos que agora vão, e dos que laa estão, e de todos os que nesta materia emtemderem, e em tudo o que for necesareo pera o efeyto disto que desejo, mostreis que este he o proueyto que eu desas partes quero tirar; pois de todos hee o mayor e o que mais pretemdo: e aymda que nas outras cousas tenhaes gramdes acupações, nestas que são de noso senhor, e sem cuja ajuda em todas as outras não poode ser nada feyto, trabalheis por vos desacupar pera emtemderdes nelas e numca por yso vos pareça que vos pode falecer tempo, pera emtemder nas outras, porque asy comvem que o façaes, por se não perder o que jaa hee feyto e ao diamte se poderaa fazer, quamdo voos asy o fizerdes.

No negocio do Rey de Jafanapatam e da morte que deu a aqueles martyres receby muy gramdes descomtemtamemto e o semty tamto como era razão: e segumdo vy por cartas de mestre framcisquo, martim afomso ordenaua de lhe mamdar dar o castiguo comforme aa callidade do caso. Se asy se fez receberey eu diso

gramde comtemtamemto, e se o não ouue emcomemdouos muyto que o ajaes asy como ele o merece, porque seria hũu maao emxempro nesas partes pasar semelhamte cousa sem o castiguo que he deuido a ella. Mestre framcisco me escreue que este rey tem um yrmão o quall diz que lhe dise que se tornaria xpão, e o pouo todo, se eu lhe dese esta terra: e ysto seria muy bem por se ganharem estas almas e se fazerem xpãas: mas ha nisto outra cousa que oulhar que he pedirme o mesmo o primcipe de Ceylão, que se tornou xpão, e mandarme dizer a raynha, sua may, por amdre de sousa que se eu dese esta terra a seu filho ela se tornaria xpãa com todos seus paremtes e criados. Tambem haa nisto outra cousa que ver postoque seja menos ymportante que nenhũa destoutras, porque não me obriga mais que quamto eu quiser aceytar ou allargar o que compre a my, e he que diz elrrey de ceylão que lhe cumpra a prouisão que lhe tenho dado em que me apraaz de lhe restetuyr esta terra que diz que hee sua, e que me dará quatrocentos quymtaes maes de canela, e me alargará a diuida que lhe deuo: a determinação de quall destas cousas será melhor não poso eu de caa tomar pela distamcia gramde, e por quamto tempo se pasa primeyro que ela laa posa chegar e tambem porque não poso saber a tempo comueniemte o estado em que laa estão as cousas: e parece que pera voos nyso prouerdes abasta somemte saberdes que eu não pretemdo senão o seruiço de nosso senhor e o acrecemtamemto de sua fee, e que aquillo averey por milhor que for mais a preposyto deste meu desejo. He verdade que pello que fez este primcipe, e porque todos vejão que não somemte fazem, em se tornarem xpãaos, o que compre a suas almas, mas aymda o que toca temporalmente a suas cousas: folgarei de lhe ser feyto em tudo o que for mais sua homrra e acrecemtamemto de seu estado e mayor comtemtamemto pera a raynha sua may, pois tambem com yso se ganha fazer-se ela xpãa, e jumtamemte todos os ditos seus paremtes e criados quamdo teuerem por senhor o primcepe. E quamdo nesta parte asemtaseis e vos parecese mais seruiço de noso senhor e meu: porque damdré de sousa que com ele veyo de

ceylão tenho muyto boa emformação e foy o que trabalhou por ele se tornar xpão, e o defemdeo da morte, que lhe elrei queria daar, ey por bem que o mamdeis com ele e lhe deis o carreguo de seu capitão e guarda mor, do quall por estas razões ey por bem de lhe fazer merce. E quamto ao castigo do rey de Jafanapatam, lhe dareys, podendo-se bem fazer.

O negocio do mouro de que martim afomso ouue aquele dinheiro do acedaquam, bem creo que o tereis sabido. Foy taal seruiço o qne me ele fez niso que he razão receber de my merce e favor. E porem parece meu seruiço ser taal maneira que com yso se posa com ele ganhar mais; porque sãa ymformado que em seu poder ha aymda gramde soma de dinheiro, e por allgũas razões parece que asy deue de ser: ele me mamdou pedir que lhe fizese merce de hya prouisão pera meus governadores e capitaes lhe não poerem ympedimento a ele nem a seus filhos e criados seus e do acedaquam poderem yr viuer e estar em qualquer parte que quisesem e por eles lhe fose dado pera yso toda ajuda e fauor: e que suas naaos e nauyos podesem liuremente nauegar, sendo porem buscadas por meus ofeciaes se leuauão cousas defesas: e eu ouue por bem de lhe fazer merce dele asy como mo pede. E pareceo-me meu seruiço mamdaruolo a voos pera que com ele negoceaseis laa como viseis que era mais meu seruiço segumdo o termo em que as cousas estouesem: e porque ele em hya carta que me escreue que parece que foy feita per sua mão e vem em arabio se me aqueixa dos criados do gouernador e do moodo que com ele tiuerão no dinheiro que lhe lleuarão e tãa comfusamente que não posso emtemder o que pasou no dito nogocio, como verès pello trelado dela, e me diz que lhe mamde tomar disto comta, lhe escreuo esa carta de que tambem vos emujo o trelado, na qual lhe escreuo que me mamde dizer mais decraradamemte o como este negocio pasou pera eu prouer em qualquer agrauo que lhe niso fose feyto, como eu folgarey de fazer, quamdo elle o tiuese recebido; e porque eu queria que esta car-

ta lhe leuase pesoa que lhe não podese estoruar fallar elle verdade niso, amtes o ymcitase a dizela, me parece bem mamdardeslha ou por bras daraujo, ou pelo doutor francisco toscano, ou pelo doutor fernão marty quall delles vos melhor parecer e estiuer mais desacupado pera o poder fazer: e por esta mesma razão, e elle não poder comunicar a carta com algũu portugues, o que não poderia deixar de fazer pera lha declarar, lhe mando dentro nela o trelado dela mesma em arabio, emcomemdouos muyto que lha mamdeis llogo, e quamto ao seguro e ao mais que aveis de negociar hee escusado faseruos algũa lembramça niso, porque voos terès todas as que forem necesareas e o farès como for mais meu seruiço e com todos os resguardos e cautelas que comprirem pera com ele poderdes bem negocear. E porem porque ele jaa merece receber de my merce pelo que tem feito he bem que em tudo o fauoreçaes e trateis de tall maneira que veja elle que o seruiço que me fez lhe aproueytou muito pera yso: e aymda comprirá fazerdelo asy pera o que ao diamte me ouuer de fazer: e do que neste negocio fyzerdes me avisarês, e muyto vos emcomemdo que do que he pasado nele precurésquamdo vos for posyuel por saber a verdade; e pela obrigação, que me temdes vos emcomemdo e mamdo que cão aaja nelle allgyua cousa, que me não dygaes, e tão decraradamente como eu de voos confyo.

Com esta vos mando hya carta minha pera o ydallcão dagradecimentos da boa vomtade que tem pera minhas cousas, e da com que me allargou aquellas terras firmes, e oferecemdolhe minha amizade, como verès pelo trellado dela que vos emujo: muyto vos encomemdo que lha emuyeis por hya pesoa que vos bem parecer, e porque ele veja allgyu synal de minha boa vomtade e do comtemtamemto que tenho de com elle ter esta amizade me parece bem que lhe emuieis o arreo douro, e a sela, e asy os panos da tapeçaria douro, que haa dias que laa estão e que eu de caa emuiaua a elrey de cambaya por Job nunez que creo que estão nesa feitoria de goa: e aalem diso voos lhe escreuerès quamto vos tenho emcomemdado e agora emcomemdo suas

cousas, e o conhecimemto em que sou das boas oobras que ele faz em todas as minhas, com todas as mais pallauras que vos bem parecer e de que virdes que elle receberá comtemtamemto. E folgarey de asy o gramjeardes sempre, que o posaes ter certo pera o que comprir a meu seruiço pella necesydade que delle e de suas terras tem minhas armadas. E comfio que não somemte o farès asy com este, mas com todos os outros que vos parecer que sera meu seruiço terdes com elles este moodo.

Por via de costamtinopla e veneza fuy emformado que viera os annos pasados desas partes a allexandria muyta soma de pimemta e drogas, o que hee em tao gramde perjuizo de meu seruiço como vedes, e de que se seguem gramdes ymcomveniemtes; e não poso emtemder bem a causa por que tamta soma de pimemta e drogas ally veyo ter senão se fose pella costa ser tão mall guardada que se pasase por ella tamta pimemta: o que eu não deuo de crer pois vay niso tamto de meu seruiço e se foy allgũa causa diso o comtrato que se faz em goa das drogas pera vrmuz, jaa quamdo fostes, temdo eu allgũa emformaçam disto vos mandey que olhaseis bem nisto o que se deuya fazer; e que parecemdouos todauia que o comtrato se deuia fazer fose sómente daquela camtidade das ditas drogas, que parecese que abastauão pera se gastarem na terra, e não pera sayr pera parte allgũa foora dela de que se podesem seguir estes ymcomueniemtes: acerca do comtrato, isto mesmo vos torno a llembrar: e quamto ha guarda da costa deueis de ordenar que se guarde e vygye de taall maneira, e per taaes pesoas que fação nyso verdade e não deixem pasar a dita pimemta e drogas, porque são ymformado que os mesmos que a amde guardar e vigiar são os que as pasão: a ymportamcia deste negocio he tão gramde como vedes, e por yso ey por certo que o prouereis de taall maneira que eu seja bem seruido. E para a comfiamça que eu em voos tenho ey por escusado dizeruos mais.

O lecemceado amtonio Rodrigues de gamboa que martim afomso mamdou a baçaym pera emtemder nos arremdamemtos e cou-

sas dele me escreueo como tinha arremdadas as ditas remdas por nouemta e sete mil seis cemtos e cimqoemta pardaaos, e que seria muyto meu seruiço depois de pagas as despezas que a fortaleza fazia, scilicet, em pagamemtos dos ordenados, soldos e mamtimemtos da gemte della, e pagamemtos de capitaẽs naiques dos piaẽs da gemte da terra, prouimento do espritall, corregimemtos de todas as oobras e doutras meudezas em que se despemdião desoito mil e quinhemtos pardaaos; leuarem-se sasemta e noue mill cemto e cimcoemta, que sobejauão, omde estiucse o meu governador e não mamdarem-se aly fazer pagamemtos de diuidas que aalem do proueyto que seria ter o meu gouernador este dinheiro consyguo pera elle o mamdar despemder no que fosse mais necesareo e com prise a meu seruiço se ganhaua tambem outro, em este dinheiro yr ao gouernador, porque naquela terra vallião pouco as moedas e que da maneira que as eu recebia se ganhaua em goa mil pardaaos em cada vimte mil: e que fazemdo-se doutra maneira, era dar ocasião aos feitores dizerem quamdo lhes mamdauão pedir dinheiro que o não tinhão, e que era despeso todo per mamdados. E porque ysto me parece muito meu seruiço vos emcomemdo e mamdo que ordeneis como se faça desta maneira daquy em diamte.

Eu folgaria de ver o debuxo das primcipaes fortalezas que tenho nesas partes, e porque quamto mais particullarmente as podese ver mayor comtemtamemto receberia, vos emcomemdo muyto que se laa ouuer allgũa pesoa que o saiba bem fazer me emuyeis cada hũa dellas e asy a cidade ou llugar em que estiver, e o sytio della, feita em cartaz, ou em allgũa madeira leue feito tudo per petipé, e de tall moodo, que se posa bem ver o que se delas quiser saber.

Eu escreuo a dom framcisco de menezes, e a João (J.º) de sepulueda, que me fiquem laa seruimdo aymda mais hũu ano, por me parecer que compria asy a meu seruiço: vós direis tambem de minha parte a cada um hũu delles com todas as boas pallauras, que vos bem parecer, que o façam asy.

Achando-se já bem defendida a fortaleza, e melhorada a saude dos doentes com os ares, e refrescos da terra, sahiu D. João de Castro de Moçambique, e tendo tido uma feliz viagem, entrou a barra de Gôa no dia dez de Septembro. Martim Affonso de Sousa, já então sabia da proximidade do seu successor por via d'um navio que alli chegára pouco antes, e preparava-se para o receber com festas que significassem o prazer com que agasalhava *o hospede*, e o gosto com que lhe entregava o governo. Partiu logo a buscal-o n'um bergantim mui bem equipado, e condusiu-o para a quinta de Antonio Corrêa, em quanto se lhe dispunha uma recepção solemne. O Governador Geral, e toda a sua comitiva, foram alli muito banqueteados; e durante que isto tinha lugar, muitos dos individuos que Martim Affonso havia feito creaturas suas, tirando-os do nada, desampararam este, para render homenagens a D. João de Castro: aquelles ingratos tinham aprendido com os Indios a apedrejar o Sol no seu occaso, e, a adoral-o quando nasce.

Por hũa carta que me escreueo simão botelho, que estaa po- capitão na minha fortaleza de malaca, soube como alomso amrri quez se quisera aleuamtar com ela, semdo o dito simão botelho fóra da dita fortaleza a emterrar ruy vaaz pereira que aaquele tempo era fallecido e em cujo lugar elle socedera por prouisão de martim afomso. E como niso ouvera ajumtamemto, e outras cousas muy maall feytas: e porque o caso he de taall callidade que requere serlhe dado por yso o castigo que merece, vos emcomemdo muyto e mamdo, que estamdo ahy comvosco, ou tamto que vyer, semdo fóra, o mandeis lloguo premder, e mo emvieis preso em hũa das primeiras naaos que vyerem pera estes reinos, e virá emtregue ao capitão della pera o trazer a todo o bom recado. Bertolameu froez a fez em allmeyrim a oyto dias de março de 1546 «Rey» Pera dom Joam de castro.

(*No sobrescrito*) Por Ellrey: A Dom Joham de castro, do seu conselho, capitão meor, e governador da India.»

Terminada a entrada, meteram-se os dous Governadores n'um barco ricamente adornado d'ouro, e de sedas differentes; e logo os navios, e os fortes começaram a festejal-os com estrepitosas salvas; e o povo principiou a lisongear *sem malicia* ao novo Governador, com vivas acclamações. Desembarcaram n'um grande theatro, onde os esperava a Camara da cidade, em forma de cabido. Mal que se assentaram com o ceremonial do costume, em taes actos, recitou um dos Camaristas um discurso, em que se promettia á India as maiores venturas com o moderno Ministro. Tendo o Governador Geral ouvido as adulações publicas, ouviu depois as occultas d'alguns, que em recompensa d'ellas, esperavam satisfazer interesses particulares.

Apenas D. João de Castro tomou posse do Governo da India, tratou o seu antecessor de partir para Cochim, para cuidar da sua volta para o Reino. Isto feito, logo o novo Governador entrou a pensar nos meios de socegar o povo alvorotado pela alteração de moeda, que o anterior Governo havia decretado com prejuiso dos subditos, e escandalo dos idolatras visinhos. — Os principios d'este acontecimento, são os seguintes:

Ha na India uma moeda d'inferior lei denominada *Bazarucos*, a qual teve sempre uma estimação vulgar entre os habitantes d'aquelles Estados, sem differença de crensa religiosa. Porém, como seja lavrada de cobre, metal que naquellas éras sahia de Portugal por drega, ordenaram os Ministros Reaes que se lhe augmentasse o preço em proveito do Thesouro Real, e logo começou a correr com maior estimação; mas como com esta subida deixasse de ter o valor intrinsico, pois tinha só o que lhe provinha da lei, e não o do peso, o Gentio, a quem não obrigavam leis estranhas, deixava de fornecer a usual provisão de comestiveis,

o que fazia padecer os povos, como por decreto de seu proprio Governo.

A nova medida, era defendida tenazmente por seus authores, pois que entendiam que zelavam a utilidade do Rei, embora perdesse o povo; mas este clamava — «que «os Soberanos de Portugal jámais pertenderam atulhar the- «zouros á custa das suas miserias; que sempre lhes re- «pugnára beber as lagrimas de seus subditos, em taças d'ouro; «que era extrema a alegria dos Gentios, e Mouros por vê- «rem que não podendo acabar com os Portuguezes, com «a guerra, o conseguiam por via de leis originadas pela «ambição de seus mesmos Governadores.»

Havia crescido a fome, e a liberdade dos queixosos, o que tornava maior a justiça da causa, e o aggravo commum. Em satisfação destas queixas foram os Vereadores da Cidade, entre *representados* seus d'ambos os sexos, e de todas as idades, uns com razões, e outros com lastimas, pedir remedio ao Governador Geral; este ouvio a uns como Juiz, e a outros como Pai; e reconhecendo que a fome não se cura com palliativos, reservou-lhes a conclusão para o immediato dia; e assim os despediu cheios de confiança, acreditando muitos pelo costume d'aquellas Regiões, que para elle julgar aquella medida injusta, bastava ser ella do seu antecessor.

O Governador Geral, chamou naquella mesma tarde os Ministros da fazenda Real; e tendo-lhes ouvido os motivos que tiveram, para aconselhar a dita alteração, consultou depois sobre a mesma materia os homens mais entendidos na legislação, e na politica d'aquelle Estado: declararam estes que o decreto era barbaro, e inteiramente contrario ás benevolas intenções do Monarcha de Portugal. Esta declaração, foi ainda reforçada com os fóros, e mais

isenções populares, que deixamos de mencionar para não sermos fastidiosos.

Revogada, que foi esta lei, começou a haver abundancia de mantimentos, e os povos vieram offerecer as vidas ao Governador, por este lh'as ter remido com a extincção d'um encargo injusto.

CAPITULO II.

ANNO DE 1545.

D. João de Castro, recebe os primeiros Embaixadores do Hidalcão: natureza d'esta embaixada, e resposta que lhe dá o Governador Geral. Prepara-se este para a guerra. Primeiros movimentos hostís do Hidalcão contra Góa: o Governador Geral sahe a campo, e desbarata o inimigo, O Hidalcão continúa as hostilidades, e D. João de Castro encarrega seu filho D. Alvaro, de o combater. Principaes successos d'esta campanha até á conclusão da paz proposta pelo Hidalcão, e acceita pelo Governador Geral.

Terminada a questão da alteração do valor dos *Bazarucos* a contento do povo, conforme o demonstrámos no Capitulo antecedente, vieram ao Governador Geral alguns Embaixadores do Hidalcão, os quaes depois de o saudarem segundo o antigo costume, e de o felicitarem pelo cargo, lhe pediram a entrega de certo *prisioneiro*, em cumprimento d'um concêrto feito com o seu antecessor. Não deixaremos occulta a origem d'este negocio, visto ter elle perturbado o estado com guerra descoberta.

Governava Nuno da Cunha, a India Portugueza, quando falleceu *Bazarb*, Principe do *Balagate*: Meale, inquestionavel herdeiro da Corôa, achava-se ainda em mui tenra infancia. A segunda pessoa do Reino em authoridade, era então o Hidalcão, bem como era a primeira em valor, desde que nas guerras com algumas Nações visinhas, tinha dado as mais claras provas de valentia. Ora, como estes barbaros costumam mais reinar pela occasião, do que pela justiça, o Hidalcão pesando as suas forças, e vendo Meale ainda no berço, projectou roubar-lhe a herança; para o que principiou a acarinhar os Grandes, e a lastimar perante elles «que desgraça era estar o Reino nas mãos «d'um menino, com o qual haviam servir soffrendo tantos «Reis, quantos fossem os seus validos; que os Principes «com quem andavam em guerra, os acabariam, pois viam «ainda envolto nas fáxas infantis, quem os havia de de«fender; que se entregasse a salvação da patria a um Va«rão de reconhecido merecimento, que elle seria o primei«ro a obedecer-lhe; pois que a Nação não podia estar sem «governo, em quanto a natureza não désse forças, e en-

« tendimento a um menino; que, quando com inutil obe-« diencia continuassem a adorar Meale no cóllo das âmas, « estava certo que perderiam o Reino, por conservarem o « Rei. » — Querendo mostrar que não queria imperar para si, mas sim para todos, tornou-se logo affavel para com os povos, e generoso para com os soldados; n'uma palavra, mascarou-se com todas as virtudes proprias d'um bom Rei. Com taes artificios, logrou que os homens de maior consideração no paiz fossem offerecer-lhe a Corôa, persuadidos de que elle, jámais deixaria de ser grato á memoria de tão grande offerta.

Fôra o Hidalcão, um grande Principe, se conservásse no Throno as mesmas virtudes com que soube adquiril-o; porém elle, apenas se viu Rei, deixou de fingir-se virtuoso, e mostrou que a ambição, e a soberba, eram os seus vicios dominantes. Seja por clemencia apparente, seja por crueldade nova, não tratou logo de assassinar a Meale; esperava talvez, quem sabe, que este infeliz testemunhando-lhe uma obediencia servil, lhe authorizasse o roubo que lhe fizera. Os sabios do Reino, quando já não podiam ser traidores, nem leaes sem risco, pensavam nos meios de livrar Meale da tyrannia do usurpador, que elles tinham elevado. Passaram alguns annos nestes exforços, até que Meale tendo chegado á idade de conhecer seu perigo, e vendo quanto sua presença accusava a consciencia culpada do tyranno, o qual projectava a pagar com sua morte, a lembrança da intrusão da Corôa decidiu-se por conselhos dos que lhe haviam tirado o Reino, a fugir para Cambaya, onde foi bem acolhido tanto pelo Rei, como pelo povo; porém, como este acolhimento partia mais da ambição, que da piedade, teve pouca duração. Entre tanto, Meale, quiz antes ficar em Cambaya apezar de não ser alli já tratado como Rei, do que soffrer os máos tratos do tyranno.

Começára então o Hidalcão a quebrar os instrumentos do seu crime, cuja existencia detestava por lhe recordarem uma divida, ou uma grande traição. E, como já tremia das suas mesmas obras, entendeu que, mais o podia segurar no supremo mando, a crueldade, do que a clemencia: por consequencia, tornou-se duas vezes cruel; uma pelo vicio, e outra pela necessidade. Pertendendo em vez de tyranno, parecer justiceiro, pretestava a punição de delictos esquecidos, e hia usurpando os bens aos maiores de seus cumplices, para os igualar á plebe: julgava elle, que esmagando os ricos, se faria cáro aos pobres; visto que a ruina dos grandes, é sempre grata aos pequenos. Esta perseguição, obrigou suas victimas a cogitar nos meios de restituir Meale ao Throno. Celebraram para isso algumas reuniões claudestinas, nas quaes se tomaram diversos acôrdos, que o temor, e a gravidade do negocio faziam mudar no dia seguinte. Apurada afinal a sua obediencia forçada, com aggravos novos, combinaram em dar a morte ao Hidalcão, para com ella espiarem o crime de o terem coadjuvado nos projectos d'usurpação; mas esta combinação foi obra simplesmente dos desesperados, e não dos atrevidos; porque o Hidalcão já então pussuia forças de Rei; e porque o povo aborrecendo-o, mesmo assim lhe assistia, pela razão d'estimar as extorsões praticadas contra os nobres.

Os conjurados, porém, receando não poder levar ao cabo tão arriscada empreza, se apenas se valessem das forças proprias, buscaram auxilio nas estranhas. Consequentemente, participaram os seus projectos a Martim Affonso de Sousa, Governador naquelle tempo do Estado da India, supplicando-lhe mandasse vir Meale, de Cambaya, e o conservasse em Gôa; e que, se desprezasse a gloria de lhe restituir a Corôa, conseguiria ao menos ter sempre o Hidalcão em sustos.

Chegaram estas supplicas á presença de Martim Affonso; e este entendeu logo, que mais convinha soprar o fogo da discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, do que apagal-o; e cobrindo esta conveniencia com a acção heroica de collocar um Principe desthronado, á sombra de nossas armas, e de o pôr ao abrigo de qualquer persiguição, resolveu attender as mesmas supplicas, mandando buscar Meale a Cambaya, e fazendo-lhe saber o bom acôrdo de seus vassallos em relação á restituição do seu Reino.

Recebida por Meale, tão inesperada mensagem, confiou elle na palavra, e na clemencia do Estado, e embarcou com sua infeliz familia, em direcção a Gôa; aportando alli, foi recebido pelo Governador com honras mais dignas de seu nascimento, que de sua fortuna. Meale, já tinha antes disto adquirido muitas simpathias; mas tão depressa se espalhou por toda aquella costa, a nova da sua vinda, cresceu-lhe prodigiosamente o numero dos partidarios, e o povo começou a proferir seu nome com respeito.

Persuadido o Hidalcão, de que o Estado chamára Meale, para lhe defender a causa; e tendo na maior conta o valor, e o poder de semelhante defensor, enviou uma embaixada a Martim Affonso, significando-lhe «que Meale era «um perturbador da paz do Oriente; que lhe constava, «que alguns sediciosos o haviam chamado; mas que estes, «fartos de serem subditos, só pertendiam levantar senhores «novos, a quem podessem dominar; que elle Hidalcão, «não referia os motivos que tivera para se assentar no Thro-«no; porque se os Reis tal fizessem, não haveria desigual-«dade entre Principes, e plebêos; que esses motivos ha-«viam de ser julgados por Deos, e não pelos homens; que «Meale apezar de ser ramo d'arvore Real, era imbecil, «e fraco; mas que a fortuna dando o Reino a elle Hidal-

«cão, emendára esse erro da natureza, em premio da «ousadia, e do valor; que, quem herdava a corôa com o «nascimento, eram os leões; que aos homens deixára a «natureza, que a ganhassem; que o mesmo direito que nós «tinhamos para avassallar a Asia, tinha elle para ser «Rei; que o Sabayo, o Sultão Badur, e o Achem, não «nos tinha deixado Gôa, Dio, e Malaca em testamento, «que tinhamos adquirido todas estas possessões, e as muitas «praças do Oriente, que nos eram tributarias, pela força «da espada; que não julgassemos injusto nelle, o que em «nós reputavamos sagrado; que havia um Deos para go- «vernar o mundo, e que só a elle pertencia emendar as «contendas da Asia, e não aos que tendo nascido no ulti- «mo Occidente, queriam ser senhorios absolutos de toda a «terra; que nos seus Reinos havia muito ouro para os ami- «gos, e muito ferro para os contrarios; que em conclusão «de tudo, pedia a elle Governador a entrega de Meale, «protestando ser clemente para com elle, para que se visse «que era digno de ser Rei, que não se vingava do seu «maior inimigo; que seus Embaixadores, estavam authori- «sados para assentirem a todas as conveniencias do Estado.»

Lida esta carta por Martim Affonso, e ouvidos os Embaixadores, do Hidalcão, soube aquelle que se offereciam pela entrega de Meale, cento e cincoenta mil pardáos, e as terras firmes de Salsête, e Bardêz, mui proximas de Gôa. Pareceu pois, a Martim Affonso, que em qualquer das duas faces do negocio, se descubria utilidade summa; por quanto, se se restituia a um Principe a sua herança, e se punia o tyranno que lh'a roubára, grande reputação ganharia o Estado; pois se mostraria ao mundo que se os nossos estandartes foram tremular na Asia, não foi para usurpar Corôas, nem amontoar riquezas; mas sim para fazer que as gentes daquellas Regiões guardassem fidelidade a Deos, e harmonia entre si. Discorria em contrario; que, se Mea-

le não podesse ser restituido senão depois de larga guerra, não receberia mais o Estado, que o offerecido pelo Hidalcão, em perfeita paz; que causaria riso ver que perdiamos vidas para destruir um infiel, e alimentar outro, quando tinhamos obrigação de destruir os inimigos da fé, e não de os defender.

Feitas estas reflexões, resolveu-se Martim Affonso a entregar Meale; e tendo despedido os Embaixadores, e com ellos a Galvão Viégas com poderes para ultimar o contrato na forma proposta, mandou tomar posse das terras offerecidas, com authorisação dos mesmos Embaixadores.

Neste estado se achavam as cousas de Meale, quando o Hidalcão pediu a sua entrega a D. João de Castro, em cumprimento do que ajustára com Martim Affonso; D. João, porém, tomando differente accôrdo, respondeu-lhe nos seguintes termos: «Que os Portuguezes, tinham a *hospita-*«*lidade* em conta de virtude, e que por isso não accredi-«tavam que um hospede fosse um inimigo; que o seu ante-«cessor quando fizera propostas ácerca da causa em ques-«tão, não tivera intenção de a resolver, mas sim de a co-«nhecer; que as terras offerecidas, já eram propriedade do «Estado, por doações d'antigos Reis do Batagate; que os «rendimentos que produsiam, deviam servir para alimentar «Meale; que se concedesse a este o gosar socegado esta «pequena memoria do seu direito; que não perturbasse el-«le Hidalcão a paz com injustas exigencias, para não fazer «certo o que temia, e obrigar o Estado a tomar uma, ou «outra vingança. E porque se lhe dizia que senão fosse en-«tregue Meale, haveria rompimento, lembrava que mui-«tas das fortalezas que erguemos na India, estavam assen-«tes sobre cinzas de Reinos, que o fogo destruira; que os «Portuguezes tinham a natureza do mar, que se levanta e «cresce com as tempestades; que elle Governador não pro-

«curava a guerra, mas que nunca a saberia despresar.»

Eis-aqui a resposta com que foram despedidos os Embaixadores, e da qual logo deduziram que nem por temor, nem por justiça, seria entregue Meale.

Em seguida, começou logo o Governador, a preparar-se para a guerra, pois que, primeiro poderiamos sentir a ferida, que ver o ferro. Mandou alistar cousa de duzentos homens de cavallaria, para servirem n'um só corpo: milicia mais valente, que disciplinada. Commetteu á gente da ordenança a defensa da Cidade, e reservou a tropa paga para qualquer invasão repentina do inimigo. Aprestou logo a armada desbaratada pelas peleijas anteriores, e pela penuria do Estado. Reparou os navios que estavam ancorados no rio; fez seis outros novos, e mais trez galés, não faltando aos operarios com as férias, o que fazia medrar a obra por encanto. Finalmente, nomeou Capitães para estarem á testa de todos estes trabalhos; e esta medida sendo de muita importancia para o aprésto, e bondade de munições de bocca, e de guerra da armada, poz esta prompta a navegar em occasião opportuna.

Penetrára o Hidalcão, as intenções do Governador, e appellou para a justiça das armas antes que a guerra lhe entrasse no Reino, e que os vassallos se lhe revolucionassem com a mira nos postos, e nos premios da milicia. Prohibiu mui rigorosamente a remessa ordinaria de mantimentos, que do Sertão se fazia para Gôa, para que esta não estivesse devidamente abastecida para sustentar tão inopinada guerra. Mandou logo a um valente Turco, chamado Acedecão, que fosse com dez mil homens occupar as terras firmes, que nos obedeciam.

Entendendo porém, D. João de Castro, que o resul-

tado d'uma guerra harmonisa sempre com a bondade, ou ruindade dos seus primeiros successos, sahiu com dous mil infantes, e a cavallaria da terra, a encontrar o inimigo. Muitos fidalgos lhe pediram antes, que não arriscasse sua pessoa contra forças tão desiguaes, ponderando-lhe, que era menos decente que o Governador Geral da India, se fosse bater contra um simples Capitão do Hidalcão, quando havia tantos fidalgos benemeritos dignos do perigo d'esta empreza; porém nada o poude fazer mudar da resolução que tomára, e cortou todas as reflexões em contrario, com a seguinte resposta: «Marcho para castigar, e não para «vencer.»

Tendo pois sahido, avistou a duas leguas de Gôa, o inimigo, que acampado junto d'uma serra, tendo em frente um rio que lhe servia de fôsso, e de trincheira, esperou os nossos confiando no numero, e na posição. Achavam-se os nossos soldados muito cançados por causa da marcha; mas mesmo assim, cobrando novo alento com a presença do Governador, e com a do inimigo, entraram a passar o rio com mais resolução, que disciplina. Foram inuteis todos os esforços dos Commandantes para os deter, e ordenar; por que os mais ousados continuavam a arremeçar-se á agua; e os mais prudentes julgando afinal o exemplo disciplina, seguiram os seus companheiros.

O Governador, vendo isto, mandou aos que ainda estavam por passar o rio, que o fizessem, por entender que aquillo que já fora erro, era agora remedio; e como neste dia não tivesse que dispor como General, entrou na peleija como soldado. Attacaram os nossos aos Mouros, com tal impeto, e impavidez, que estes tranzidos de susto foram abandonando o campo em completa desordem, e debandada: assim viram os nossos um exercito desbaratado, sem perder sangue! Soffreram os Mouros grande damno na fuga,

mas nenhum na defensa. Pelo espaço de duas leguas, foram os nossos praticando as crueldades de vencedores, recolhendo as armas que os miseraveis vencidos lhes abandonavam.

Durou esta perseguição até chegar a noite, cujo horror abrigou os inimigos contra os males immediatos; da perda d'uma batalha. Voltaram os nossos cheios de gloria, e de despojos ao campo onde haviam encontrado o inimigo, e alli ficaram todo o outro dia por ordem do Governador, sem que este os reprehendesse pela indisciplina, que lhes tinha dado um triumpho. Regressaram depois a Gôa, levando na sua frente o seu intelligente e bravo General, sendo este recebido com estrondosas acclamações d'aquelle povo tão affeito a victorias, quanto a despresal-as.

Dentro em pouco, começou o Hidalcão a inquietar os nossos com repetidas correrias nas terras firmes, o que os fazia estar em continua vigia, e prohibia que os lavradores cultivassem as terras; mas bem depressa se resolveu o Governador a fazer sentir novamente a seus barbaros visinhos, a dureza do nosso ferro, dando-lhe um golpe onde mais damno se lhes fizesse. Em consequencia do que, mandou embarcar seu filho D. Alvaro na armada já aprestada, ordenando-lhe que fizesse nos portos inimigos o maior estrago possivel, e offerecendo aos soldados escala franca, para que esperançados no saque, esquecessem os soldos que o Estado lhes devia.

Partiu D. Alvaro com seis embarcações grandes, e alguns barcos de rêmo, levando a bordo novecentos Portuguezes, e quatrocentos Indios; passados poucos dias avistou quatro náos do Hidalcão, que, com carga de roupas, e d'outras drogas da terra, seguiam viagem para Cambaya. D. Alvaro mandou logo aproar os navios contra ellas, e que os barcos se fossem encostando á terra, antes que o

inimigo tentasse encalhar n'ella desesperado. Pertenciam as ditas náos a Mercadores, e tinham mui pequena guarnição de tropa; e reconhecendo os que as commandavam, que lhes era impossivel a fuga, e a defensa, mandaram logo ponderar a D. Alvaro, que não tinham nenhuma culpa das desavenças do Hidalcão contra o Estado, terminando com o offerecimento de pagarem as despezas da nossa expedição, caso se lhes concedesse seguir seu rumo pacificamente; porém como nem o interesse dos soldados, nem a razão da guerra permittissem, que se attendessem semelhantes supplicas, foram as náos tomadas, e mandadas para o porto de Gôa, para que, em cumprimento da promessa do Governador, fosse dividida a prêsa. Ao chegarem ao seu destino, foi singular a alegria n'aquella Cidade por tão grande victoria, bemdizendo o povo o exforço do pai, e a fortuna do filho, que tanta gloria adquiriam para o Estado.

Conservava-se ainda D. Alvaro na paragem onde alcançára um triumpho da maior monta, sem perca d'uma só vida, quando, escolhendo para theatro d'ume nova façanha a Cidade de Cambre, mandou logo vellejar para o respectivo porto.

Achava-se a dita Cidade com guarnição dobrada, desde o começo das hostilidades do Hidalcão; duas fortalezas guarnecidas d'artilheria de grosso calibre, lhe defendiam a barra; e como o canal fosse muito estreito, não podiam os nossos navios passar nem surgir, sem risco de gravissimo perigo. Chamou D. Alvaro a conselho os Commandantes seus immediatos, e ponderou-lhes as difficuldades que se davam no projectado acommettimento, ao que elles responderam: «que empresas voluntarias não se encetavam, quando se «lhes reconhecia perigo certo; que maior guerra se faria «ao Hidalcão, senhoriando-lhe os mares, apresando-lhe em-

« barcações, e inutilisando-lhe o commercio, de que assal-« tando-o por terra; que se visse, que os nossos navios não « podiam passar o canal sem roçar no cordão de bronze e « ferro, que o cingia; que a primeira embarcação nossa que « se desmantelasse, impediria a passagem das outras. » E como D. Alvaro insistisse no cumprimento da ordem que levava, *de queimar todos os portos do inimigo*, propoz-lhe o conselho « que ficasse elle commandando a bordo, e que « fosse a barra acommettida pelos outros Capitães; porque « se ao General d'aquella armada, filho e herdeiro do Go-« vernador Geral da India, acontecesse algum desastre, « grande damno receberia o Estado com a obrigação que « contrahia de tirar uma justa vingança. » Mais refle-xões fariam ainda os membros do conselho, se D. Alvaro lhes não cortasse a palavra, respondendo-lhes indignado: « que só queria victorias onde se arriscasse tanto, como o « menor soldado; que os perigos de que se tratava, ainda « lhe pareciam pequenos; que viera de Portugal a procurar « este dia, e esperava que elle fosse mui feliz para todos. » Esta temeridade de D. Alvaro desculpou-a o brio, e a mo-cidade, e depois o afortunado resultado.

Decidira-se que antes do romper d'alva do dia se-guinte, estivesse a tropa nos bateis pojando em terra, pa-ra que a falta de claridade inutilisasse as pontarias inimi-gas: toda aquella noite foi empregada nos precisos prepa-ros para o ataque. Guarnecidos os navios com a força ne-cessaria, saltou o General em terra com oitocentos homens dos mais decididos; com tanta fortuna, que tendo dado muitas ballas nos bateis, nenhuma d'ellas matou, ou ferio um soldado; o que logo se accreditou como presagio da vi-ctoria.

Era Cambre, Cidade de cinco mil habitantes, e si-tuada n'uma extensa planice. As cazas eram separadas umas

das outras, e mostravam pela sua construcção, que seus moradores, desconheciam a menor das regras da architectura; os pateos e os terrassos, tinham uma magestade barbara, como sendo edificados com mais ambição, que gosto da arte. Havia do lado do norte uma pequena serra, da qual se precipitavam alguns rios, que serviam para recrear, e fertilisar os campos. Antigamente havia a Cidade sido habitada por Bramenes; mas na actualidade era-o por Mouros. Comtudo apezar da nenhuma belleza de seus edificios, era agora tão celebre em todo o Oriente pela sua riqueza, quanto o havia sido em remotas eras pela sua superstição. Não era defendida por muralhas nem por trincheiras, nem tinha por guarnição senão a milicia da terra, pois que seus habitantes estavam seguros na grandeza do seu Principe, e na paz que tinham com os povos visinhos; porém, como esta segurança se lhes enfraquecesse com as victorias ganhas pelos nossos, ao Hidalcão, reconheceram que não tinham forças para se defender de qualquer acommettimento nosso, e requisitaram para a Cidade dous mil soldados pagos. Foram estes quem veio impedir o desembarque aos nossos; e com tanto valor se houveram, que o embaraçaram por algum tempo. Travou-se afinal a lucta mais desesperada; pois que os nossos envolvidos com os barbaros, não podiam fazer uso das espingardas; tanto assim, que deram uma só descarga contra os inimigos, a qual estes receberam com sangue frio notavel. Aqui patenteou D. Alvaro extrema coragem, e summa intelligencia, já animando os soldados com palavras, e com o exemplo de sublimes feitos, já commandando como General. Porém a tal aperto chegaram os nossos, que mais combatiam por defender as vidas, do que para alcançar victoria; estevo esta duvidosa durante o espaço d'uma hora, até que grande numero de moradores tranzidos de temor e obrigados pelo nosso ferro, abandonaram apressadamente o campo da batalha, onde se tinham portado antes com valor sob-hu-

mano: assim substituiram a maior intrepidez, pela mais vergonhosa cobardia. Receberam os Mouros grande estrago nesta fuga; pois que tantos eram os mortos com que juncavam a terra, que se tornou impossivel a fugida de muitos.

Entraram os nossos na Cidade, de mistura com os Mouros, onde estes desgraçados se demoravam prezos pelas lagrimas das esposas, e dos filhos; houve algumas d'essas infelizes que estando banhadas em pranto nos braços dos maridos, alli mesmo soffreram a morte a golpes das nossas lanças, sendo roubadas por alguns dos soldados, e defendidas por outros: quer isto dizer que uns praticavam um costume cruel da victoria; e que outros cumpriam um dever da humanidade. Viram-se tambem mulheres impellidas pela maior desesperação, romper os nossos pelotões armados, e hirem buscar os cadaveres de seus patricios sem temor de perder as vidas; condoendo-se assim das feridas estranhas, sem lhes importar as suas. Conquistámos em fim a Cidade com menos perca de vidas do que perigo, o que assás se collige de a ter-mos entrado por baixo da sua artilheria; esta resolução pode ser desculpada pelo valor, e não pela disciplina.

Morrêra a maior parte dos Mouros no conflicto, e na fugida. As mulheres foram mais corajosas que os homens; porque elles não soubéram defender as vidas, e por isso as perderam; e ellas podendo salval-as, despresaram-nas. Ficaram mortos no campo vinte dous dos nossos; o numero dos feridos foi maior, incluindo o General, que o fôra d'uma setta. Terminada a carnagem, por não haver em quem se executasse, foi myster principiar um outro estrago; foi preciso dar trégoas á ira para pôr em campo a cobiça. Começára o saque na Cidade por ordem de D. Alvaro; e tão consideraveis foram os despojos que d'elle resultaram, que

não poderam caber em nossos navios; nem isto admirará quando se souber, que os Mouros nenhuns dos seus haveres tinham posto a salvo; os soldados pois lançaram mão das maiores preciosidades, e deixaram tudo o mais para ser pasto do fogo, que devia abrasar a Cidade. Esta foi effectivamente entregue a um horroroso incendio, derramando este a maior consternação nas povoações visinhas, por verem redusir a cinzas a Cidade mais rica de toda aquella costa, e que tão defensivel era, que quasi lhes servia de muralha.

Tendo D. Alvaro enobrecido as nossas armas com mais uma victoria, mandou levantar âncoras a toda a esquadra, e fez-se na volta de Gôa para deixar alli os feridos, e a carga que lhe empachava as embarcações, e continuar depois a guerra, que tão desejada era pelos soldados; já pelo lucro que d'ella lhes provinha, já pela boa estrella do novo General. Chegou primeiro a Gôa a noticia da façanha referida, que os intrepidos que a haviam praticado: o Governador, estimou tanto a victoria, quanto a plebe os despojos.

A este tempo, já os *Cambretinos* que haviam podido escapar á morte, tinham hido representar ao Hidalcão a destruição da sua Cidade, lastimando com lagrimas de sangue a perda dos parentes, bens e edificios, cujas cinzas o fogo tinha confundido, para não poderem tributar aos seus mortos, pranto distincto. Diziam ao Hidalcão, que se continuasse a guerra contra tal gente hiriam viver em campos desertos para a não verem; pois que a julgavam nascida para a vergonha, e estrago da Asia. Continuavam narrando e amaldiçoando nossos brilhantes feitos, mais exaltados em seu susto, que em nossas chronicas.

Sciente o Hidalcão da fortuna de nossos guerreiros, e

dos queixumes de seus vassallos; e receando que os descontentes do Reino se aproveitassem da duração da guerra para se revolucionarem contra elle, resolveu-se a pedir-nos a paz. Expoz logo esta sua resolução em conselho, a qual este adoptou decidindo que ficassem na lembrança os aggravos recebidos, até que com o auxilio d'alguns Reis seus visinhos podessem vingal-os, atacando-nos repentinamente. Em consequencia d'esta decisão, mandou o Hidalcão uma embaixada ao Governador Geral.

D. João de Castro, recebeu os Embaixadores em audiencia publica com grande explendor e authoridade, e respondeu-lhes — «que assim como era prompto em aceitar «a guerra logo que lh'a propunham, tambem não recusava a «paz, quando lhe era pedida sincera e amigavelmente; que «bem conhecia que a grandeza do Estado dependia de «ter muitos inimigos para combater; porque, com victorias «e despojos se tinha elle feito poderoso; mas que apezar «d'isso aceitava a paz que se lhe offerecia; que soubesse o «Hidalcão, que o seu primeiro dia de Rei, era este em que «ajustava paz com os Portuguezes.» — Com esta resposta despediu o Governador os Embaixadores, partindo estes admirados de tanta dignidade e altivez: com igual despreso tratou elle sempre todas as guerras do Oriente, colhendo os felices resultados que tanta gloria deram ao seu nome, e tanto interesse ao Estado.

Em seguida despachou muitos requerimentos de soldados benemeritos, que pediam recompensa de serviços. Nomeou Officiaes para servirem os commandos que havia vagos nas fortalezas, em quanto não chegavam os despachados por El-Rei para os occupar; galardoando assim os homens de merecimento, satisfazia as conveniencias do serviço publico, e pagava uma divida do Estado: esta virtude é tão difficil nos Reis quão rara nos seus ministros.

O horror dos combates, e o estridor das armas não o faziam esquecer dos negocios da Religião: cuidava d'elles com summo zelo; e tanto o reconhecia assim, El-Rei D. João III. que não teve duvida em lhe escrever ácerca de tão importantissimo objecto, encommendando-lhe a propagação da Fé, e o explendor do Culto Divino, segundo demonstramos no Capitulo antecedente.

Fôra o tempo do governo de D. João de Castro na India, uma continuada peleija, e por isso da alludida carta Real apenas executou a parte que podia obrar, brandindo a espada, até mesmo por conhecer que a guerra é mais propria para destruir, do que para regenerar, ou que os vicios politicos e religiosos d'uma Nação, só se emendam no remanço da paz. Porém a historia mostrará com argumentos incontestaveis, que a Providencia protegera sempre Varão tão sublime, enobrecendo o seu governo de portentosos feitos: passaremos a fazer menção d'um, em prova de semelhante asserção.

Havia a santa doutrina do Evangelho feito muitos prosélitos nas Ilhas denominadas *Malucas*, devido isto ao heroico Portuguez Antonio Galvão, valente Governador, e aos inauditos esforços de S. Francisco Xavier. Muitos Régulos, Magnates, e gente da plebe haviam fugido das trevas da gentilidade, para gosar a luz do Christianismo; porém um Gentio chamado *Tolon*, indigena das mesmas Ilhas, e que já havia tyrannisado a de *Móro*, entrou a perseguir cruelmente aos novos convertidos para os fazer apostatar a Fé, que tinham abraçado. Muitos dos perseguidos preferiram o martyrio, porém outros, cederam á fôrça de tormentos. Crescia a audacia do tyranno, com deshonra das nossas armas, obrigadas a punir este barbaro, em desagravo da Fé, e em honra do Estado; até que os Portuguezes estacionados em *Ternate*, tendo ouvido as queixas de muitas das victimas

d'este monstro, resolveram-se a castigal-o, buscando-o em sua propria casa.

O tyranno, porém, tendo tido previo conhecimento da resolução tomada pelos nossos, preparou-se para a defensa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras e estacadas, e o caminho que conduzia á Cidade com estrepes e puas de ferro cobertos d'erva; para que se os nossos fossem alli passar ficassem perdidos irremediavelmente.

Avançaram emfim os nossos á primeira estacada, e logo os barbaros lh'a abandonaram quasi sem resistencia alguma confiando talvez na cilada, que lhes tinham preparado; porém como a nossa gente a ignorasse, tratou de hir no alcance do inimigo que lhe fugia, até que proxima já do laço que lhe estava armado, entrasse a cahir repentinamente do Céo tanta cinza que teve de fazer alto; aclarando-se dentro em pouco a athmosfera, logo os nossos seguiram a victoria, pisando os estrepes sem perigo, pois que a cinza lhes havia feito uma estrada solida, e segura.

Assim florescia na Asia a Santa Fé de Christo, por impulso de nossas armas, durante o governo do Benemerito D. João de Castro. Este heróe, trazendo n'uma das mãos a lei, e na outra a espada, fazia com que todo o Oriente respeitasse o nosso nome e se assombrasse de seus feitos, mui principalmente da grande acção de ter sustentado uma guerra pela tutela de Mealc, quando os vassallos d'este lhe negavam os direitos, e os Principes seus parentes, a devida protecção.

Mas o socego que D. João de Castro deveria gosar depois de tantas victorias, foi mui pouco duradouro, pela razão de começar logo Cambaya a planisar uma nova guerra, o que bem depressa constou ao Estado; e com ella occupa as paginas mais brilhantes de nossa Historia, contal-a-hemos em capitulo separado.

CAPITULO III.

ANNO DE 1543.

El-Rei de Cambaya, instigado por Coge Çofar cuida em tomar Dio. Biografia de Coge Çofar, e como veio a Cambaya. Razões com que Coge Çofar pertende justificar a nova guerra. O Sultão attende-o, e encarrega-o da empresa. D. João Mascarenhas, Governador de Dio avisa a D. João de Castro da intenção do inimigo. Escreve o Governador Geral, ao Sultão. Direitos dos Reis de Portugal ás Ilhas Malucas. *São estas dadas por D. João de Castro, a Cachis Aeyro, e depois accommettidas por Castelhanos. Quem era o Commandante d'estes. Chega Fernão de Sousa a* Maluco, *e tratam os Castelhanos de o entreter. Resposta que lhes dá Fernão de*

Sousa. Entrevista d'este com o Commandante Castelhano. Accordo que ambos tomam. Quebra o Castelhano a sua promessa. O que faz então Fernão de Sousa. Coge Çofar faz propostas ao Governador de Dio: este responde-lhe, e avisa novamente o Governador Geral. Este manda soccorrer Dio. Coge Çofar, intenta uma traição. Prevenções de D. João Mascarenhas. Começa o cêrco de Dio. Discripção d'esta. Coge Çofar arenga aos seus e faz novas propostas a D. João Mascarenhas. Resposta que este lhe dá. D. João de Castro, manda seu filho D. Fernando a Dio. Dividem-se os postos da fortaleza por diversos Officiaes. Falla de D. João de Castro aos seus soldados. Chegam mais soccorros ao inimigo e este começa a bater a fortaleza. Estratagema do inimigo n'uma náo que os nossos tomam, e conduzem para a fortaleza. Chega D. Fernando a Dio. D. João de Castro pregóa a guerra contra Cambaya, pede um emprestimo aos mercadores e manda fazer préces nos Templos. Tomam-se alguns mantimentos ao inimigo. O Governador de Dio manda avisar por terra a El-Rei D. João III. Os inimigos tomam um fosso. Chega o Sultão com muita tropa: ausenta-se, e fica Jusarcão em seu lugar. Feito notavel de Diogo Anaya, e valor das mulheres de Dio. Morre Coge Çofar.

Picára o nosso nome sendo mais temido dos Principes da Asia, do que amado, depois da morte do Sultão Badur, Rei de Cambaya; porque, como as suas culpas eram secretas, a punição publica tinha em favor da sua memoria a commiseração dos homens, ou por veneração para com a sua estirpe, ou por velio ao nosso dominio, tão aborrecido por ser estranho.

Succedera a dita morte no governo do grande Nuno da Cunha, e Mahamud que herdára então o throno de Cambaya, e a affronta de Badur, ardendo no fogo da vingança emprehendeu tomar Dio aos Portuguezes, e expulsal-os da India, ligado com outros Principes. Tanto elle como os seus, julgavam esta empresa mui facil, pois discursavam que o Estado tendo a cabeça no Occidente, e os membros separados por immensos mares e terras, era um corpo monstruoso que fraca resistencia poderia oppôr, quando fosse atacado por fortes exercitos; e que, sendo Cambaya um poderoso Reino, tanto prejuiso causaria ao mesmo Estado tendo-o em continuo sobresalto, como ganhando-lhe uma victoria. Entre os Grandes e Sabios do Reino, havia discordancia ácerca de semelhante objecto; estes ajuisavam que a guerra seria fatal a Cambaya, argumentando com o terrivel resultado do primeiro cêrco, o qual tanto sangue e vidas lhe havia feito perder. Censuravam os que tinham celebrado a paz com o Estado, e os que agora pertendiam quebral-a; a estes, porque não sabiam ser fieis ao que haviam contratado; e áquelles por terem desconhecido a offensa. Outros porém, raciocinavam o contrario em favor da guerra e da victoria.

Era do partido dos ultimos Coge Çofar, privado do Rei, e por isso o mais poderoso e detestado de Cambaya. Julgava elle que a inveja que os Grandes lhe tinham era vicio da paz, e aconselhava a guerra para a fazer perder com o perigo commum, e para poder achar um meio de criar homens novos, que na qualidade de creaturas suas lhe guardassem sempre fidelidade, defendendo-o da sanha de seus inimigos. — Passaremos a mostrar quem era este homem.

Fôra Coge Çofar nascido na Albania, de pais Catholicos, embora se tornasse depois fructo degenerado de boa

arvore. Teve praça de soldado nas guerras da Italia, nas quaes foi mais conhecido por petulante que por valeroso; convidavam-no sempre para os tumultos, e rebelliões, por ser o mais pessimo dos seus camaradas; assim viveu alguns annos n'aquella vida licenciosa sem recompensa, e sem punição, até que não lhe permittindo o genio Luliçoso o aguardar a fortuna, mas sim o procural-a, passou de soldado a commerciante: era elle dotado d'intelligencia e d'avidez, por isso uma occupação tal convinha muito aos seus interesses.

Começou dentro em pouco a crescer-lhe a riqueza, por conhecer bem as occasiões em que podia tirar bom lucro da sua profissão; mostrava-se conjunctamente generozo e avaro, vicioso por indole, virtuoso por artificio. Chegou emfim a medrar tanto em haveres e reputação, que navegando pelo Estreito com trez sétias suas, carregadas de diversas fazendas de muito preço, foi combatido e aprisionado por um General do Soldão do Cairo, denominado Rax Solimão. Este tratou-o com muita benevolencia, a ponto de estimar mais a sua pessoa do que a preza, e apresentou-o ao Soldão, como prisioneiro de muito bom nome, e de muita valia.

Passado pouco tempo, já Coge Çofar estava tão satisfeito da sua escravidão, como se a procurára. Como tinha aprendido alguns usos da guerra nos exercitos da Italia, e de Flandres, fallava das forças dos Christãos com odio, e despreso, procurando conseguir que o Soldão entrasse a conhecer o seu proprio poder. Com estes ardis, obteve que o Soldão começasse a julgal-o capaz de grandes cousas. Principiou este a ouvil-o primeiro, por passa-tempo, depois por simpathia. Çofar approvava-lhe os erros, e os acertos com tal arte, que mostrava fazel-o com franqueza e liberdade, só com o intento de o servir, e não

de lhe agradar. Occultava a estima do Soldão, e fugia de receber favores publicos com mais cautella, que modestia. Nas discussões ácerca da guerra, tinha elle o primeiro voto, já pela pratica que tinha d'ella, já pelo grande valimento que o Principe lhe dispensava. Exerceu o cargo de thesoureiro do Cairo, emprego de grande importancia, com muito tino e probidade, e como isto fosse novo entre barbaros, mereceu os maiores louvores do Soldão. Quando se tratava d'algumas empresas contra Christãos, era o seu parecer sempre mui bizarro, principalmente n'aquellas que elle não tinha de executar. Tendo porém, chegado ao maior auge da fortuna, e não querendo conserval-a por via dos artificios com que a alcançára, entrou a mostrar-se ambicioso e soberbo; tanto assim, que empregava toda a sua attenção em procurar póstos e empregos para si, e não amigos, despresando o abrigo d'estes, e a convivencia; n'uma palavra, apenas do Soldão queria parecer subdito, de todos os outros parecia senhor.

A sêde de mando e de riquesa, em semelhante homem, era insaciavel, e por isso elle entrou a servir-se de pretextos publicos para destruir os Grandes do Reino, como querendo que em vez d'um Rei, houvessem dous; mas tão detestado, e aborrecido o veio a tornar um sem numero de violencias, que praticára, que os Mouros cansados de tanto lhe soffrer, perderam a paciencia, e dirigiram energicas representações contra elle ao Soldão, pintando com vivas cores as suas prepotencias, e extorsões, e chegando até a dizer ao mesmo Soldão: «que escusado era armarem-«se embarcações para aprisionar Christãos, visto que estes «chegados ao Cairo se haviam tornar senhores, e não es-«cravos; em despeito das crueldades que muitos Turcos «nobres soffriam em terras da Christandade, mui particu-«larmente nas d'Italia, e Hespanha; que se não devia to-«lerar que tantos Baxás illustres estivessem sendo governa-

«dos por um abjecto escravo; que já não podiam soffrer «calados as offensas, que elle diariamente lhes fazia, e «muito menos as injurias feitas ao Propheta, deixando que «entrasse em suas Mesquitas um Christão insolente, e de- «sacatador, ao qual só faltava collocar Cruzes nas praças «do Cairo, para as adorar.»

Foram estas palavras proferidas com tanta altivez, e franqueza, que antes pareciam uma conjuração do que uma queixa; e como com as offensas particulares se misturassem as da religião, o que desperta sempre o murmurio e o amor dos povos, foram ellas attendidas benignamente pelo Soldão, e Coge Çofar privado logo das honras e empregos, ordenando-se-lhe que mudasse de crensa: tão vario, e pouco seguro é o valimento dos que occupam o primeiro cargo d'um Paiz, ainda mesmo com as proprias creaturas suas; nem mesmo se deve estranhar que elles muitas vezes tenham identico comportamento para com homens, a quem devem relevantissimos serviços feitos em pról da sua pessoa, e do throno onde se assentam.

Coge Çofar, ao ver-se em desprivança, tornou-se humilde como o fôra antes da sua elevação, e entrou a pôr em pratica os ardís que a sua posição critica lhe ensinava; e, como de Christão não possuia mais que o nome, não lhe custou nada a trocar pelas trevas do Alcorão a luz do Evangelho, mudando o nome que recebêra no Baptismo, pelo de Coge Çofar, que lhe temos dado, por não sabermos qual fôra o primeiro que teve.

Começára o novo cultor de Mafamede a adquirir maior credito dos Mouros, sanando a sanha dos émulos com muitos presentes, e a da plebe com o ter apostatado da Fé em que nascera; mas conhecendo já a volubilidade do Soldão; e querendo escapar-se em tempo a uma segunda quéda,

assassinou uma noite á traição a Rax Solimão seu inimigo, e a um filho d'este, e fugiu secretamente com as joias e dinheiro dos assassinados para Cambaya, por saber quanta estimação alli se fazia dos estrangeiros que tinham algum conhecimento da tactica da guerra, e do regimen civil da Europa. Entrou logo no serviço d'El-Rei de Cambaya, correspondendo-lhe o resultado á esperança que tinha quando fugira do Cairo; pois que não tardou que não fosse o primeiro valido de Badur, sendo inseparavel d'elle nas suas victorias, e nas suas desgraças, e mesmo na da sua morte, quando já se achava tão engrandecido e opulento que em poder e authoridade não havia maior vassallo. Tendo Mahamud succedido no Throno, tributou tambem a maior consideração e estima a Coge Çofar inflamando-o este na vingança da morte de Badur, pelos fins já mencionados, e para que mostrando muito amor e respeito á memoria do fallecido Rei, podesse melhor cimentar o valimento do seu successor; em concordancia com o expendido, fallou Coge Çofar na presença de Mahamud, e dos sabios de Cambaya da seguinte maneira:

«As mercês que por espaço de dez annos recebi de «Soltão Badur, são manifestas a todos; aos de fóra com es- «panto de sua grandeza, aos de casa com enveja de minha «fortuna; poz-me os olhos, e levantou-me como vapor da ter- «ra, antepondo-me estranho, e peregrino, aos que lhe nas- «cêram em casa; sendo vassallo me tratou como amigo, e «me amou como filho. A este clementissimo Principe (cu- «jas cinzas venero como de senhor, choro como de pai) de- «baixo do sagrado da paz, tiraram os Portuguezes a vida «com escandalo de todos os Reis, e não menor injuria de «seus vassallos, indignos de o havermos sido de Principe «tão grande, pois insensiveis, e ingratos estamos alimen- «tando os homicidas de nosso Monarcha em nossa mesma «casa, gozando como herança a praça, que asseguraram com

«tão atroz delicto; hontem hospedes, e agora senhores. Vós,
«ó Principe herdeiro, e senhor d'este Imperio, vêdes vos-
«sos vassallos cada dia receber leis d'estes insultuosos; a
«vós toca determinar a quem havemos de obedecer primei-
«ro, se a nosso Rei, se a nossos inimigos. Crescerá com
«a nossa paciencia o seu atrevimento. Depois de cometti-
«do o maior delicto, qual não terão por leve? Quem du-
«vidará ser offensor onde se não vingam injurias? Acabemos
«pois de despertar d'este mortal lethargo; metamos até os
«cotovelos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; nes-
«te veneno banhemos os alfanges, porque percam com as
«vidas, a gloria de tão grandes insultos. Com o sangue
«de Badur recebêram as armas Portuguezas a maior fama
«do mais atroz delicto, e deixámos-lhes na mão a espada,
«com que nos degolaram o Rei, para que com ella mesma
«nos usurpem o Reino; tiremos pois d'entre nós estas vi-
«boras nascidas no ultimo Occidente, para inficionar a Asia
«toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que
«elles chamam victorias. E começando naquelle primeiro
«Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Orien-
«te, deram fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o
«primeiro a quem cortou seu ferro. As náos de Meca, que
«no amparo do Propheta, e paz das ondas, navegavam se-
«guras, foram assaltadas, e rendidas d'este feliz cossario,
«que tantos annos, como monstro do mar, teve por casa
«as ondas, e por abrigo os ventos, e as tormentas. Pois
«aquelle D. Francisco de Almeida, que em um só dia,
«e com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egypto,
«e Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, pa-
«rece que queria beber o sangue do Oriente todo, se um
«Albuquerque successor de sua crueldade, e seu governo,
«lhe não viera tirar das mãos a espada. Este nasceo para
«injuria de todas as Monarchias, porque com senhorear
«Malaca, poz a todo o Sul frêo; rendeo Ormuz, emporio
«das riquezas do Mundo; tomou Gôa ao Sabayo para ca-

« boça de seu tyrannizado imperio; e sem trazer os exer-
« citos de Xerxes, ou Darío, fez tributarios mais Reinos
« do que trazia soldados; levantando o pensamento a querer
« tirar de Meca o corpo do Propheta; poz em conselho
« mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egypto; em-
« prehendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias,
« uma ao Ceo, outra á natureza. Não poderei referir a
« ambição de tantos, que com nossas injurias se fizeram
« illustres, porque temo me não caiba no tempo, ou na
« memoria; porém lançai pelas mais remotas partes do Orien-
« te a vista, ou o juizo, vereis a maior parte do Mundo
« receber leis de poder tão pequeno. Elles navegavam d'a-
« quella parte de Africa, que corre do Cabo de Boa Es-
« perança até ás portas do Estreito do Mar Roxo, dominan-
« do por aquella parte Moçambique, Çofála, Quilôa, e
« Mombaça; e discorrendo o Cabo de Guardafú, olhando
« para as gargantas do Mar Roxo, Adem, Xael, Herit,
« Caxem. Temem suas armadas as Cidades de Dofar, e
« Norbete no Cabo de Fartaque, e logo Curia, Muria, Ro-
« zalgate. Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli a Ilha de
« Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacão, e Li-
« ma; o Cabo Mocandão, e Jazque, que formam a bôca do
« Estreito, que se estende até o rio Indo; logo o Cabo
« Guzarate, e Cinde nesta nossa Cambaya, donde até o
« Cabo de Comori passeam suas armadas a India por espa-
« ço de trezentas legoas, e começando d'esta nossa Cidade
« de Cambaya discorrem por Madigão, Gangar, Baroche,
« Çurrate, Reyner, Moscarin, Damão, Taraper, Baçaim,
« Chaul, Bandor, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Ca-
« repatão, Tamega, Banda, Chaporá. Senhoream Gôa, as-
« sento de seus Governadores, e logo o maritimo do Canará,
« com Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor, e Mangalor;
« e logo aquella parte principal do Malabar, que aquentam
« suas frotas, onde está o Reino de Cananor, e nelle Ca-
« tecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão. Com

« não menos soberba assombram o Imperio de Calecut com « seus portos de Pandarane, Coulate, Charé, Capocate, « Parangale, Tanor, Panane, Balcançor, e Chatua. Nos « Reinos de Cananor, e de Cochim quasi dominam com abso- « luto imperio em Porcá, Coulão, Calecoulão, Dotorá, Bi- « rinjão, Travancor. Alcança o respeito de suas armas até « o famoso Cabo Comori, defronte do qual está a illustre « Ilha de Ceilão, onde carregam as náos de differentes dro- « gas. Não perdoam á enseada de Bengala, ou seu do Gan- « ges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande, « Chercapale, Tutucuri, Calecare, Beadala, Canhamorra. « Correm Negapatão, Nahor, Triminipatam, Traguobar, Co- « lorão, Calapate, Sadrapatão. Amedrontam com a multi- « dão, e grandeza de seus baixeis Biznagá, e a costa brava « de Orixa, e toda aquella distancia, que ha de Segopora « até Oristão, e as bôcas do Ganges. Atravessam o Cabo « de Negraes, Arracão, e Pegú com tantas e tão mara- « vilhosas Ilhas. Passam por Vagatú, e Martavão, Tagala, « e Favaes, Tanaçari, Lungur, Tairão, Queldá, Solungor, « navegando até sua Malaca, cabeça de todo aquelle Archi- « pelago. E logo dobrando o Cabo de Sincapura, ancoram « nos portos dos Reinos de Syão, Cambaya, Champá, e « Cochichina. E passando aos Reinos da China, se atreve- « ram a olhar aquelle tão recatado Imperio, que nunca sof- « freu a communicação de gentes estrangeiras; alli funda- « ram a celebre Cidade de Macáo, por onde persuadem aos « Chins os Mysterios de sua crença, fazendo juntamente do « commercio á Religião escada. D'aqui se divertem para as « innumeraveis Ilhas de Japão, visitando Tava, Timor, Bor- « neo, Banda, Maluco, Lequios; de sorte, que as vellas Por- « tuguezas com incansavel navegação, rodêam a maior par- « te do Mundo em distancia de mais de nove mil legoas, « que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição, « guiou sua fortuna. Repetí prolixamente todo o maritimo « da Asia, onde as armas Portuguezas, por imperio, ou

« commercio, se hão feito conhecidas, porque de tão der-
« ramadas conquistas, faz o Mundo erradamente o maior
« argumento de seu poder, e eu de sua fraqueza; porque
« sendo Portugal um abreviado Reino no ultimo Occidente,
« e com perpetuas guerras na Africa vizinha, onde se con-
« sumem com os successos prosperos, e adversos, comendo-
« lhes sempre gente a guerra nas facções, e nas praças, que
« guarnecem, e agora não podendo caber aonde nasceram,
« como aborrecendo o Ceo, e o clima, que os ha produzido,
« andam vagando o Mundo, como se lhes fôra usurpado o
« senhorio dos homens, das terras, e dos ventos. Agora
« deixo ao mais rasteiro entendimento, que julgue o pouco
« que se podem temer forças tão divididas, as quaes na
« maior prosperidade vão acabando suas mesmas victorias. Que
« temos que receiar d'este imperio de loucos, que com um
« braço na Asia, outro no Occidente, querem abarcar o
« Mundo. Na India tem muitos Principes sujeitos, porém
« nenhum amigo; todos aos dominantes adoram, e aborre-
« cem, porque com nenhum assentaram os Portuguezes paz,
« senão depois de victorias, e estragos; de sorte que não
« o amor, senão a injuria os tem feito conformes; e todos
« estes servem em quanto não podem offender. Mas que se-
« rá se virem a Soltão Mahamud armado na campanha?
« Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos solda-
« dos? Fizeram muitos Reis tributarios á força de armas,
« e dado que d'ellas mesmas hoje recebem amparo, mais
« facilmente esquece um beneficio, que uma injuria. Selim
« senhor dos Turcos ainda vê abertas as feridas dos seus
« Janizaros recebidas em Dio; e quem está tão pouco cos-
« tumado a receber injurias, não perderá a occasião de vin-
« gar a primeira; ou sendo autor da guerra, ou companhei-
« ro nella, ambicioso tambem de que a melhor parte do
« Mundo conheça seu imperio. O Çamorim depois que en-
« traram os Portuguezes no Oriente, não tem porto que
« não fosse theatro de victorias suas; e apenas tem vassallo

F. L. Botelho lith.

Off. de M. A. r. da Crucifixa n.º 3

D. JOÃO DE MASCARANHAS.

D. JOÃO DE MASCARENHAS.

«que não fosse cortado de seu ferro. O Hidalcão cada dia «vê regadas de sangue as terras de Bardez, e Salsete; e «depois de o Governador lhe fazer injusta guerra, trouxe «Meale a Gôa, querendo honestar-lhe sua ruina com a jus- «tiça alhêa. Todos os outros Principes se hão de armar «contra o commum inimigo, para poderem respirar na «antiga liberdade em que viviam. Pelo que a mim toca, «os filhos, a fazenda, e a pessoa offereço a esta guerra, «se acabar nella, em meu sangue verá Badur minha fide- «lidade; e em ambos os successos não terei por menos «honrada a morte, que a victoria.

Assim discursou Coge Çofar, sendo ouvido com bastante attenção por se julgar justa a causa que advogava, e pelo credito que merecia a sua pessoa. El-Rei, louvando muito o seu zelo e fidelidade, encarregou-o da empresa, pelo julgar a maior capacidade do seu Reino, em conhecimentos militares. Coge Çofar, tratou logo dos precisos preparativos internos, com muita prestesa, sem se esquecer de lembrar aos Reis comarcãos, suas proprias injurias, offerecendo-lhes para as vingar, as tropas do seu Principe. Mandou igualmente Embaixadores a Constantinopla, para convidarem o Turco a reganhar a reputação de suas armas, lançando fóra da India aos Portuguezes, em proveito da Religião de Mafamede, e do Estado. Pertendeu facilitar mais o pedido soccorro por via d'um presente de immenso valor, o que mais servia para excitar a cobiça do Turco, contra a oppulencia d'elle Coge Çofar, do que para alcançar-lhe um auxilio para a defender.

D. João Mascarenhas, grande por seu illustre nascimento, e por triumphos que alcançára no Oriente, era então Capitão-mór de Dio. Informado elle pelas espias que tinha em Cambaya, de que Coge Çofar e todos os seus, preparavam forças consideraveis para atacar aquella fortaleza, as-

sim o participou logo a D. João de Castro, ponderando-lhe que estava falto de tropa, de munições e d'apetrechos, e que este descuido era originado pela paz de tanto tempo, ou por se suppor que a nossa ultima victoria, obrigaria o inimigo a temer-nos por muitos annos.

Quando esta participação partiu de Dio para Gôa, já D. João de Castro tinha enviado para alli duzentos soldados, debaixo do commando de D. João, e D. Pedro d'Almeida, filhos de D. Lopo d'Almeida, e de Gil Coutinho, e Luiz de Sousa, filho do Chanceller-mór do Reino. Havia tambem feito partir dois emmissarios mui conhecedores do mar, e da geographia de Cambaya, com cartas para Mahamud, nas quaes lhe patenteava o conhecimento que tinha dos preparativos militares, que elle estava fazendo, e o quanto sentia que não lh'os tivesse participado, para como amigo o auxiliar na empresa, que projectava; acrescentando, que para tornar effectivo esse auxilio, tinha prompta para navegar uma poderosa armada, e uma guarnição valente na praça de Dio, com munições de sobra; que os soldados estimariam mais enriquecer-se com os despojos d'uma campanha, que com o pequeno soldo d'uma paz em ócio. Recommendou tambem aos emmissarios, que tomassem nota sagazmente das forças do inimigo, e que observassem o acôrdo em que se achava o povo, para melhor poder avaliar qual seria o resultado do acommettimento em projecto. Interromperemos aqui a narração das cousas de Cambaya, para fazermos menção das de *Maluco*, que aconteceram no mesmo governo de D. João de Castro.

Muitos annos estivemos nós de posse das *Malucas*, pelo direito de descuberta, e de conquista; pois que as primeiras armas da Europa, que penetraram n'aquellas Ilhas, foram as nossas: e por esta razão entraram ellas na nossa demarcação, segundo a divisão que os Pontifices Romanos

fizeram entre os Reis de Portugal, e de Castella. Além do direito referido assistia-nos o de herança, conforme passamos a demonstral-o.

Reinava em Portugal o afortunado e grande D. Manuel, primeiro e ultimo d'este nome, quando, resplandecendo nas mesmas Ilhas as brilhantissimas luzes do Evangelho, muitos dos seus Reis abandonaram as trevas do Paganismo, para receberem de tão sublime Monarcha, Religião e Imperio. Um d'estes, foi o Rei das principaes Ilhas de *Maluco*, que recebeu em Gôa o Baptismo, e n'este, o nome de D. Manuel. Passando este novo convertido a governar os seus Estados, com justiça e equidade, mostrou-se sempre grato aos beneficios, que devia ao Throno Portuguez; tanto assim, que tendo annos depois fallecido em Malaca, sem descendencia alguma, deixou a El-Rei D. João III. por herdeiro dos seus Reinos, n'um testamento que revestiu de todas as formalidades legaes, para que successivamente andasse vinculado na Corôa de Portugal. Estas Ilhas, porém, descubertas á custa de tantos perigos, defendidas com sangue, e possuidas com tanta justiça, deixamol-as a Castella, em despeito do parecer dos mais abalisados Jurisconsultos, e intendidos Geographos.

Achára D. João de Castro em Gôa, a Cachil Aeyro, o qual apezar de ser homem muito respeitado nas *Malucas*, e correr-lhe nas veias o sangue do fallecido Principe D. Manuel, comtudo, tinha sido forçado por desastrosa quebra de fortuna a passar á India, para se valer da benevolencia dos nossos. O Governador Geral, querendo recompensar-lhe alguns serviços que havia feito ao Estado; e julgando a sua pobreza impropria da sua gerarchia, investiu-o na posse do Reino de *Maluco*, ficando o uso da regalia dependente do Soberano de Portugal, para com elle, e seus descendentes. Alguns dos Reis da India, julgaram semelhante

dádiva rasgo de prodigalidade; outros, chamaram-lhe acção de despreso; porém todos se espantaram de que forcejando nós tanto para adquirir conquistas, as largassemos depois com tanta facilidade.

Havia alguma perturbação em *Maluco*, com a chegada de trez embarcações Castelhanas; as quaes tendo avistado aquellas Ilhas, e precisando reparar algumas avarias, que uma tempestade lhe causára, desembarcaram na de Tidore. Não mencionaremos agora a resistencia que os nossos lhe opposeram, por ter isso acontecido n'outro governo; restringir-nos-hemos simplesmente ao succedido no tempo de D. João de Castro.

Apenas constou a este Governador Geral, o desembarque referido, mandou elle logo a Fernão de Sousa de Tavora desalojar os Castelhanos, que, excitados pela abundancia e riquesa da terra, pertendiam gozar o fructo de nossas fadigas, sem attenção a que aquellas Ilhas eram nossas pelo direito de descuberta, e por herança. Commandava os Castelhanos Ruy Lopes de Villalobos, homem mais cauto, que valeroso. Mas como é fama que o genio da sua Nação, é todo hyperbolico, Ruy, não querendo desmentil-a, tinha feito aos *Tidorinos* uma pintura exagerada do poder de seu Soberano—o Imperador Carlos V,—e do interesse que teriam todos os Reis Gentios em lograr a sua amisade, pois alcançariam grande auxilio na guerra, e muita protecção para o seu commercio; tratou igualmente d'abater todas as nossas cousas com expressões de bastante despreso.

Algum damno nos causou este proceder de Ruy; pois que muitas d'aquellas Ilhas, acreditando suas asserções, começaram a desejar a alliança de Castella em vez da nossa, e mesmo a dispor-se para nos hostilisar.

Foi n'este tempo que desembarcou em *Maluco* Fernão do Sousa de Tavora, o qual informado por Jordão de Freitas Capitão da fortaleza, de tudo quanto se passava, conveneu-se de que o partido Castelhano hia crescendo, por se terem prometido soccorros, e riquezas da Hespanha; porém, sabendo Ruy da chegada do Capitão Portuguez, e qual era a incumbencia que este trazia; e querendo eximir-se com arte, d'encetar a lucta com as nossas armas em quanto não lhe chegassem os auxilios, que tinha requisitado á sua nação, escreveu logo mui cortezmente a Fernão de Sousa, lembrando-lhe: «que estavam entre povos «que muito desejavam as nossas dissenções, para se livra-«rem de nós; que se ambicionavamos guerras, muitas ti-«nha-mos nós na India; que não quizessemos ter mais ini-«migos, pois já contavamos bastantes; que o Mundo era «muito grande, para nós que eramos poucos, o povoar-«mos sós; que podiamos servir-nos das suas armas para «conter os Gentios na obediencia; porque sendo Hespa-«nhoes, e Catholicos, eram mui bons para soldados, e «mui fieis para amigos; que visse bem, que mais util era «a Portugal a paz de Carlos V., que o cravo da *Maluco*, «e que estas discordias entre vassallos podiam ter os effei-«tos das minas, que rebentam a muita distancia do sitio «onde pega o fogo.»

A resposta que Fernão de Sousa deu a esta carta, foi: «que elle era pequeno no corpo, mas tão abreviado na «resolução, como na estatura; que aquellas Ilhas eram de «El-Rei de Portugal seu senhor, que com a mesma espa-«da com que as ganhára, as podia defender; que bem sa-«bia que era Hespanhol, e Castelhano, porém que isso «não lhe dava justiça para tomar-lhe a capa; que o Im-«perador não faria guerra a Portugal sem ler primeiro «nas chronicas de Castella, os successos de seus anteces-«sores, que, ou se havia de embarcar para a India, ou

« meter-se n'aquella fortaleza, onde lhe daria embarcação « segura para Hespanha. »

Da leitura de carta tão ríspida, dedusiu o Castelhano, que Fernão de Sousa não pertendia gastar muito tempo em ultimar a sua incumbencia; e vendo que não podia resistir-lhe, nem lhe convinha desobedecer-lhe, escreveu-lhe segunda vez propondo-lhe uma suspensão d'armas, até que seus respectivos Soberanos informados do estado das cousas, determinassem com pacifico acôrdo, a decisão da causa; « porque, (accrescentava Ruy) se antes d'isto se der- « ramasse sangue, ficaria a cargo dos Reis o vingar os vassallos; « que entre Portugal e Castella havia direitos, e agravos, que a « paz cobria; que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cin- « zas d'um longo esquecimento; que se os Castelhanos se « retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua « mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e « das doenças, se os obrigassem a condições injustas, maior « força lhes faria o brio, que a necessidade em que esta- « vam. »

Fernão de Sousa, entendendo que semelhante carta era um composto d'evasivas; e sabendo por differentes canáes, que o Castelhano queria aproveitar delongas para se remir, respondeu simplesmente: « que deixados argumen- « tos, tratasse de defender com a espada o seu direito. »

Ruy Lopes, vendo por esta resposta que conheciam os seus designios, ou que o despresavam, deixou-se vencer antes da rasão do que da força, e respondeu immediatamente a Fernão de Sousa: « que se encontrassem ambos « no mar no dia seguinte com mais tres companheiros, pa- « ra assentarem nas condições da sahida, e da embarcação « que lhe fôra offerecida. » Tendo Fernão de Sousa annuido a esta proposta, partiu n'um escaller ricamente toldado

a encontrar Ruy Lopes, que já o esperava. Reuniram-se os dois Capitães na embarcação Portugueza, onde o Castelhano depois de ser saudado mui cortez e polidamente, encetou a discussão sobre o negocio que havia a tratar, concluindo, se bem que infundadamente, que a justiça da causa pertencia ao seu Soberano.

Fernão de Sousa sustentou o contrario, defendendo o direito da Corôa de Portugal, bazeando-se nas escripturas outhorgadas entre os Monarchas d'este, e de Castella; as quaes Ruy Lopes estimou conhecer, talvez para do nosso direito formar a sua desculpa. Concordou-se depois, em que antes de tres dias os Castelhanos viriam para a nossa fortaleza de Ternate, na qual se lhes daria embarcação para a India, levando suas roupas, drogas e armas; e que o Rei de Tidore, seu co-partidario, ficaria em nossa graça. Feita esta concordata, houve um lauto banquete, no qual os dois Capitães fizeram alegres brindes á saude de seus Soberanos. Ao convite do mesmo banquete, accrescentou Fernão de Sousa o seu *çaguate* segundo a usança da India, presenteando com algumas joias a Ruy, e a seus companheiros, o que os deixou mais satisfeitos, que a concordata que tinham acabado de fazer.

Separaram-se os dois Capitães, voltando Fernão de Sousa para a fortaleza, mui contente por ter atalhado uma contenda tão perigosa, sem lesar a sua honra, nem a do Estado. No terceiro dia depois da citada entrevista, sahiu Fernão de Sousa para o mar a esperar os Castelhanos, em cumprimento do que com elles ajustára; e sabendo isto Ruy Lopes, mandou logo pedir-lhe, que lhe concedesse que a entrada d'elle e dos seus na nossa fortaleza, fosse no dia seguinte, visto ser-lhe precizo vencer ainda alguns obstaculos, os quaes lhe contaria.

Vendo Fernão de Sousa que o que pertendiam os Castelhanos, era eximir-se de cumprir o pactuado, mandou immediatamente forçar a voga, e foi metter-se entre elles, desacompanhado. Ruy, ao constar-lhe esta resolução mais filha da paixão, que da prudencia, veio esperal-o á praia com uma guarda de oitenta arcabuzeiros, e conduziu-o ao seu proprio quartel, mui cortezmente: chegado alli contou-lhe, que — « D. Alonso Henriques Capitão d'um dos navios « da frota do seu commando, menos por interesse do seu « Principe, que do seu particular, não queria de maneira al- « guma estar pelo capitulado; que para transtornar o seu cum- « primento, tinha conseguido reunir alguns amigos, e muitos « homens torbulentos para o coadjuvar nos seus intentos, al- « cançando mesmo que o'proprio Rei de Tidore, lhe apoias- « se a sedição; que chamava zelo a esta, e á moderação « d'elle General, fraqueza, pois entregava as armas e as « bandeiras d'Hespanha que jurára defender, privando ao « Imperador da posse de tão ricas possessões, e aos soldados « do premio de navegação tão arriscada; que dizia, que a « Nação Portugueza como altiva que era, e pelo antigo odio « que nutria contra a sua, faria riso ou gloria d'este ren- « dimento. »

Acrescentou então Ruy « — que todas estas asserções « partiam de baze falça, pois que as não suscitava o serviço « do Soberano, nem o pondunôr nacional; mas sim a des- « confiança de que os nossos lhes não deixariam levar para « Hespanha a grande quantidade de *cravo*, que tinham re- « colhido, cujo valor lhes devia compensar todos os traba- « lhos, que haviam soffrido. » —

Apenas Ruy patenteou semelhante desconfiança, logo Fernão de Sousa tratou de lhe assegurar que era infundada; e como os Castelhanos mascarassem o interesse com o brio, vieram no outro dia metter-se na nossa fortaleza, esquecidos da sua pregoada bizarria.

Mas já ressoava o estrepito das armas de Cambaya; justo é que nos occupemos de seus estrondosos successos, e que deixemos a narração d'outros que lhes são muito inferiores.

Tinha Coge Çofar commando absoluto n'esta guerra, e confiava em que a força, e os enganos, lhe dariam um optimo resultado. Antes porém, d'acabar de reunir as immensas bagagens, e os soccorros, que havia mandado vir de differentes partes do Reino, escreveu a D. João Mascarenhas, dizendo-lhe — « que desejava tirar qualquer es- « candalo que perturbasse a paz ajustada entre o Sultão, « e o Estado, para se gosarem reciprocamente os fructos « de tão justa concordia; que no ajuste passado, tinhamos « dado consentimento para se fazer um muro entre a forta- « leza, e a Cidade, o que se não levára a effeito, por não « gerar desconfianças em tão tenra amizade; porém, agora « que uma longa paz tinha apagado todo o injusto affecto, « cumpria satisfazer o povo que pedia esta separação, para « provar que elle vivia em liberdade; que, quando demo- « limos as muralhas d'aquella parte da Cidade, fóra isso « com a raiva, ou com a licença do triumpho; que era- « mos hospedes em Dio, e não deviamos mandar como se- « nhores; que os seus habitantes censurariam asperamente « que o que lhes concediam seus Reis, lhes fosse tolhido « por seus visinhos; que de vassallos estranhos só podiamos « exigir amizade, não obediencia; que o Sultão lhe déra « aquella Cidade, a qual determinava tornar mais populosa, « e mostrar a todos os seus habitadores que não tinham « n'aquella fortaleza um freio, mas sim um amparo; que « aos Portuguezes, convinha muito satisfazer ao povo, para « tornar segura uma paz bazeada sobre offensas. »

Deduzira D. João de Mascarenhas, do que Çofar lhe escrevéra, que este pertendia justificar o rompimento; e

tendo raciocinado ácerca da exigencia que elle lhe fazia, entendeu, que se annuia a ella, facilitava a empreza; e que se a negava, justificava a guerra; respondeu-lhe pois — «que em uma paz tão assentada, como a que Mahamud ti- «nha com o Estado, mais proveitoso lhe seria derribar pa- «redes, que levantal-as; que o muro nem seria a nós po- «rigoso, nem serviria a elles d'amparo; que entre a for- «taleza e a Cidade estava outro reparo maior que a defen- «dia, que era a fidelidade Portugueza; que o felicitava «pela sua nova authoridade de senhorio, e que tivesse os «Portuguezes e os vassallos que alli se achavam, na mes- «ma conta; que o negocio, que propuzera, só podia ser «decidido pelo Governador da India, o qual não tardaria «a vir visitar aquella fortaleza, com uma armada que es- «tava aprestando; e que apenas elle chegasse, ser-lhe-hia «communicada a sua proposta.» — Dada esta resposta, e sendo 15 d'Abril, avisou D. João de Mascarenhas ao Governador Geral de quanto se passava. Este, porém, já de tudo se achava informado por via dos emmissarios que mandára a Cambaya, recebendo do Sultão uma carta, verdadeiro composto d'evasivas, por isso que nem declarava nem encobria o acommettimento.

O Governador Geral, tendo na maior conta a importancia da praça de Dio, decidiu-se a empenhar em sua defensa todas as forças e recursos do Estado. As cidades de Baçaim, e Chaul, que lhe eram as mais proximas, recommendou com expressões de muito affecto, que a soccorressem, estimulando-as com honra, premio, e obrigação. Mandou logo partir de Gôa um caravelão carregado de munições e mantimentos, levando a bordo duzentos e cincoenta soldados; estes porém, achando-se já os mares muito empolados, chegaram a Baçaim com muito custo; e tentando depois aportar a Dio, encontraram ventos tão péssimos, que a embarcação soffreu muitas avarias, e teve que tornar a arribar.

Coge Çofar, não tendo ainda reunido todas as suas tropas, tratou de nos acommetter com uma traição vil. Consistiu ella em comprar um soldado nosso, por grande preço, para em certa noite lançar fogo ao paiol da fortaleza, ou envenenar a agua da cisterna, ou para fazer que os Mouros podessem entrar na praça, pelas casas que lhe eram contiguas. O soldado porém, antes de cumprir o infernal ajuste, que fizera, sentiu-se inresoluto e aterrado, e foi participar tudo a um Mouro de sua amizade; mas, como sempre se suppõem mais lucro em descubrir traições, que em executal-as, foi o Mouro dilatar logo ao Capitão mór, o segredo que se lhe confiára; este sendo ainda informado de tudo por mais duas vias differentes; e considerando que um semelhante crime era indigno de perdão, enviou immediatamente o traidor soldado com cartas ao Governador Geral, para que este sciente da traição projectada, a punisse rigorosamente.

Vendo D. João Mascarenhas, que era impossivel evitar a guerra, mandou comprar todos os mantimentos que havia na Cidade, em quanto uma paz fingida lh'o permittia, o que serviu para conjurar a fome durante alguns dias; porém, essa compra tornou-se de difficil execução, logo que uma força inimiga veio occupar a Cidade.

Pelo Commandante d'estes, escreveu novamente Coge Çofar ao Capitão-mór, instando pelo levantamento do muro, ao que D. João de Mascarenhas simplesmente lhe respondeu: — «que os Portuguezes não deferiam a petições es- «criptas com o arcabuz no rosto.» — Este dia não foi o primeiro da guerra, sendo o derradeiro da paz; porque no seguinte, entrou Çoge Çofar na Cidade á testa de grandes forças para começar o cêrco, e impedir que fossemos soccorridos por terra; visto que em consequencia de nos acharmos então na estação invernosa, com muita difficul-

dade o poderiamos ser por mar: aquella horrivel quadra de tempestades, era o maior inimigo que a fortaleza tinha; pois que o *furor* dos Turcos, podiam extinguil-o, os golpes de nossas valentes espadas, em quanto que o das aguas e dos ventos, não podia ser vencido por forças humanas. E como no seio d'esta praça praticaram os Portuguezes, um sem numero de prodigios de valor, daremos uma breve noticia da sua posição geographica.

A Ilha de Dio, celebre pela riqueza de seu tracto, e mui illustre pela memoria de nossos triumphos, está situada n'uma enseada, e ponta, que limita o Reino de Cambaya, em altura de vinte e dois gráos do lado do Norte. Não se póde fixar com verdade a antiguidade da sua origem, porque sua memoria vive só em tradicções com colorido fabuloso, e não no menor escripto. O porto da enseada, foi sempre frequentado pelas náos que se dirigem a Méca, cuja viagem fez criar nos Mouros amor á Religião, e ao commercio. Um pequeno rio separa a Cidade, da terra firme, cingindo-a em roda. Tem este rio duas bôcas, uma ao Norte, outra ao Sul; a primeira não tem a menor serventia, por ser apariolada, e baixa; a segunda está quasi no mesmo caso, pela razão da muita aspereza do rochedo onde a agua bate. Outro canal ha na face da Ilha, no qual podem ancorar navios, e que dá á Cidade mui commodo desembarque.

Constava a força com que Coge Çofar tinha entrado na Cidade. de oito mil soldados, incluindo neste numero muitos Turcos ao soldo de Cambaya; acompanhavam este exercito quarenta e duas peças de grosso calibre, e dezoito basiliscos, com munições immensas, e muitos bastimentos. Além d'isto vinham mil Janisaros percebendo grande soldo, os quaes soberbos por indole despresavam a empresa, taxando de covarde a Çofar, por este pedir soccorros ao Grão

Senhor contra meia duzia de miseraveis Christãos, cuja derrota nem lhes faria ganhar honra, nem lhes promettia despojos. Porém, Coge Çofar partindo do temor, ou da experiencia, fazia diverso juizo da qualidade dos inimigos que hia combater, sem comtudo reprehender os Turcos por terem opinião differente da sua; e tendo aberto trincheiras, levantado reductos, e guarnecido de força todos os pontos, no que se mostrou soldado, e General, começou a sitiar a fortaleza, fazendo aos Turcos a seguinte falla:

«Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer, «nem a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro «d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque não che«gam a ser mais que homens, ainda que são soldados. Em «todo o Oriente atégora os acompanhou, ou serviu a for«tuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as «outras. Com um limitado poder fazem guerra ao Mundo, «não podendo naturalmente durar um Imperio sem forças, «sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhes são sub«jeitos. Apenas tem quinhentos homens n'aquella fortaleza, «os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costu«mam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem «ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inverno. Es«tão faltos de munições, e mantimentos, assegurados na «paz, ou na soberba com que despresam tudo. Como são «poucos, sempre n'aquelle muro hãode assistir os mesmos «defensores, sem haver soldado reservado para o logar do «outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nos«sa bateria, e por força as hade render o trabalho repar«tido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que «fizeram nas galés do Grão Senhor no cerco d'esta mesma «fortaleza. A tão honrados Turcos, e valentes Janisaros, «como estais presentes, toca a acudir pela honra de vossa «gente, e de vosso Imperio, como causa mais justa da guer«ra, que fazemos; que ainda que Cambaya tem exercitos,

«e soldados, não convém á reputação do Grão Senhor vin-
«gar suas injurias com as armas alhêas. Com este fim vos
«trouxe a esta empresa, porque vos não furtassem outros
«a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra, que
«agora estais pisando, cobre os ossos de vossos companhei-
«ros, parentes, e amigos, que a cada um de nós (me pa-
«rece) estão chamando por seu nome contando-nos as mortes,
«e as feridas que d'estes homicidas receberam, esperando
«por vosso esforço poderem descançar vingados. Estes mes-
«mos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios,
«atrevidos á Magestade de Principe tão grande, cuja vin-
«gança será grata a todos os que se chamam Reis, preci-
«sa a todos os que somos vassallos.»

Coge Çofar, acabada esta pratica, ou para justificar a guerra, ou para dar tempo a que lhe chegassem mais alguns reforços, instou novamente com D. João Mascarenhas para que se levantasse o muro entre a fortaleza, e a Cidade, pedindo além d'isso que as embarcações de guerra de seu Soberano, podessem navegar sem guias assignadas pelos nossos Generaes, afim de cessar um escandalo que o Sultão podia tolerar como amigo, não como Monarcha. Pediu tambem, que os navios mercantes podessem deixar de demandar aquelle porto, para interesse do commercio. D. João Mascarenhas respondeu a tão atrevida mensagem: — «que entre tambores e bombardas não se faziam
«acordos d'amizade; que aquella fortaleza, estava costuma-
«da a dar leis a todos, e não a recebel-as de ninguem; que
«em breve esperava castigal-o como a quebrantador das pa-
«zes, e que então soffreria a seu pesar condições mais du-
«ras, escriptas com o sangue de seus mesmos Jauisaros.»

A este tempo, já o Governador Geral tinha feito aprom-ptar nove embarcações com incrivel prestesa, dizendo a seus soldados: «que n'uma empreza tão heroica, e nobre, só to-

«mariam parte os seus dilectos; que de muito bom grado «trocaria elle agora as prisões de seu cargo, pela liberda-«de de qualquer soldado; que ainda que estava resolvido «a hir descercar Dio, não podia negar as invejas, que ti-«nha aos que primeiro que elle haviam de vir a braços com «os Turcos.» E logo chamou a seu filho D. Fernando, e disse-lhe em salla publica:

«Eu vos mando filho, com este soccorro a Dio, que «pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de «Turcos; pelo que toca a vossa pessoa não fico com cui-«dado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei «um filho. Encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquel-«les de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, «e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer «o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimen-«to em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; «lembro-vos que o que vier mais honrado, esse será meu «filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores, «morrer gloriosamente pela Lei, pelo Rei, e pela Patria. «Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora «ganhal-a.»

Em seguida lançou-lhe a sua benção, e recommendou-o a Diogo Reinoso, cuja prudencia, discripção, e valor, o tornaram um dos mais distinctos Cavalleiros Portuguezes d'aquelle tempo. Partiram n'esta occasião com D. Fernando de Castro, o mui valente Sebastião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, e D. Francisco d'Almeida, filho de D. Lopo, que hia fazer companhia a dois irmãos que já tinha em Dio. Partiram igualmente Antonio da Cunha, Pedro Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e muitos outros fidalgos de não menor fama, que os nomeados, pois que muito contribuiram para que Portugal fosse respeitado n'aquelle tempo, como uma Nação d'Heróes.

D. Fernando de Castro, foi portador d'uma carta de seu pai para D. João de Mascarenhas, na qual entre muitas expressões lisongeiras, liam-se as seguintes: — «Quanto me- «lhor é n'esta occasião ser Capitão de Dio, que Governa- «dor da India; com o pequeno soccorro que vos envio, «mando-vos meu filho D. Fernando, para que depois no «Reino, entre as vanglorias da velhice, *conte que fôra vos- «so soldado*; ficai certo, que todas as forças do Estado se «hãode empenhar na defensa d'essa fortaleza; n'esses na- «vios vão muitos fidalgos moços, cujo orgulho deveis mo- «derar, porque a obrigação dos cercados, só é defender-se; «ahi vos mando munições, que bastam a esperar segundo «soccorro, dois engenheiros, e muitos officiaes mecanicos «para reparar as ruinas da bateria, com os instrumentos, «e materiaes convenientes.» Deprehende-se de semelhante leitura, que D. João de Castro comprehendia perfeitamen- te as obrigações de Governador, e de General, e que as executava com summo zelo.

Em quanto isto se passava em Gôa, mandava D. João de Mascarenhas destruir a ponte que dava passagem do ba- luarte S. Tiago, para o outro lado, e collocava em seu lu- gar uma outra levadiça. Entregava a defensa do mesmo ba- luarte, a Alonso Bonifacio, Escrivão da Alfandega — a do baluarte de S. Thomé, a Luiz de Souza — a do baluarte de S. João, a Gil Coutinho — a do baluarte que ficava por cima da porta, a Antonio Freire — a do outro baluarte S. Tiago, que dominava o rio, a D. João d'Almeida, e a seu irmão D. Pedro d'Almeida — a da couraça pequena, a João dos Venezianos — e a da couraça grande, a Antonio Ro- drigues. — Repartia por todos estes pontos cento e setenta soldados, ficando com trinta de reserva para soccorrer aquel- les que mais o precisassem.

Eis-aqui a diminuta força, com a qual D. João de Mas-

carenhas tinha de resistir a um poderoso exercito inimigo, esperando mesmo alcançar com ella importante victoria; tanto é certo que a Varão tão illustre, nunca o atterrára o maior perigo! Tendo disposto com tanta segurança a defensa, ordenou a maior economia possivel no gasto das munições, e dos mantimentos; por ver que tanto o tempo, como o inimigo, mui tarde lhe deixariam receber outros. Determinou que a precisa conducção d'apetrechos de guerra, e de mantimentos, que durante a peleija devia fazer-se para todos os pontos da fortaleza, ficasse simplesmente a cargo dos escravos, e das mais pessoas incapazes de pegar em armas; afim de que nenhum soldado tivesse de se desviar do combate. N'uma palavra, destinou serviço para todos os velhos, mulheres, e creanças, para que não houvesse alli ninguem inutil, e fosse banida a ociosidade, como mestra de todos os vicios. Depois, mandando formar toda a guarnição no terrasso da fortaleza, disse-lhe o seguinte, com gestos de muita alegria:

«Esses Turcos, e Janisaros, que d'este lugar estamos «vendo, vem a restaurar comnosco a honra que no pri- «meiro cerco perderam; porém nem elles valem mais que «os que então foram vencidos, nem nós valemos menos «que os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre «com a inveja do menor soldado que defendeo essa praça; «pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus des- «cendentes, que menos conhecemos pelo appellido, patria, «ou solar, que por filhos, ou netos d'aquelles que tão glo- «riosamente acabaram, ou triumpharam em Dio. Os mais «illustres honraram sua familia; os mais humildes deram «a ella principio. Trouxe-nos a fortuna esta empresa a aquel- «la nada dessemilhante; não sepultaram comsigo aquelles «valorosos Portuguezes toda a gloria das armas, ainda nos «deixaram esta, que nos fará illustres. Não nos assombre «a desigualdade do poder, porque a fama não se alcança

« com perigos vulgares. Navegámos cinco mil legoas só a « buscar este dia, para nelle ganhar a honra, que nos não « podem dar os Reis, nem as gentes; porque os Reis dão « premios, não dão merecimentos. Não nos faltam munições, « nem mantimentos para entreter o cerco até chegar soc- « corro; e ainda que andam os mares levantados, por se- « rem os tempos verdes, temos um D. João de Castro, « que por debaixo das ondas virá com a espada na bocca a « soccorrer-nos, e tantos outros Fidalgos, e Cavalleiros, « que terão por injuria ganharmos nós sem elles a honra « que se nos offerece, com a qual não temos, que esperar « mais da fortuna, pois seremos contados no numero d'a- « quelles, que ao Rei, e á patria fizeram algum memora- « vel serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo Oc- « cidente a tão remotas partes. E o que mais é que tudo, « peleijamos com inimigos de nossa fé, e não nos póde fal- « tar favor para tão justa causa, pois servimos ao Deos das « victorias.

Terminada esta prática; ouviu-se uma grande salva de artilheria no campo inimigo, e soube-se logo que Coge Çofar a ordenára, por lhe terem chegado de Cambaya dois mil infantes, todos soldados velhos, e mui experimentados; circumstancia que tornava aquelle soccorro mais importante pela qualidade, que pelo numero. Com esta força vinham muitos Capitães de grande nomeada, incluindo dois Mogores mui geralmente respeitados. Chegaram tambem muitos nobres de primeira grandeza, os quaes estabeleceram o seu alojamento fóra do acampamento geral, em barracas tão ricas e bem ordenadas, como as dos Officiaes superiores de qualquer exercito Europeu.

Os nossos soldados ao verem engrossar as forças do inimigo, e tanto apparato, nem um momento sequer se possuiram de terror; pois que, tendo elles a vida em muito des-

preso, affugentavam da imaginação a idéa do perigo que os cercava, com folias e conversas, que os tornasse prasenteiros.

Mal que rompeu a aurora do dia seguinte, que foi Quinta feira maior d'este anno de mil quinhentos e quarenta e seis, viu-se erguido junto á fortaleza um baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, e n'estas algumas peças de grosso calibre; por cima dos perapeitos, estavam collocadas muitas saccas d'algodão, forradas de couro crú, para não penetrarem nellas os pelouros. O silencio, e a prestesa com que se havia feito obra tão importante, a sua segurança, e o seu bom desenho, causaram geral admiração aos nossos, fazendo-lhes acreditar, que não tinham que luctar contra uma multidão barbara e estupida, mas sim contra inimigos a quem não era estranho o valor, nem a disciplina.

Começaram estes logo a bater a fortaleza; e passadas poucas horas, conseguiram inutilisar-nos quatro peças, das que faziam maior damno ao seu forte. Fez este successo reconhecer a Coge Çofar, que lhe convinha mandar levantar mais cinco fortes em torno da praça, e assim o poz em pratica, nas cinco noites que se seguiram: estabelecendo estas baterias, tinha elle em vista atacar-nos simultaneamente, por differentes pontos, pensando que tão poucos defensores não poderiam resistir-lhe, tendo que se dividir. Se este seu calculo falhou, foi isso devido ao nosso baluarte do mar; pois que estando a cavalleiro dos seus, causou-lhes tanto estrago, que julgaram mais preciso reparar primeiro as ruinas, que tratar d'um ataque em forma.

Dois dias callaram os inimigos a sua artilheria, entretendo-se em fabricar novo ardil, por via do qual conseguissem entrar na fortaleza, ou ao menos destruir o inimigo que mais prejuiso lhes fazia: este inimigo era o nosso

baluarte do mar. Para o que, lançaram ao mar uma grande náo cheia de polvora, alcatrão, e outras materias inflamaveis; collocaram estas na primeira coberta, destinando-as para segundo intento, por cima d'ellas fizeram uma grande esplanada, na qual podiam combater cousa de duzentos homens, que deviam intentar a escalada. Ficava a náo dominando o forte; e tanto pelo numero de seus combatentes como pelo local do combate, entendiam os inimigos que facilmente venceriam os nossos; e que, quando se lhe opposesse uma resistencia tenaz, abandonando a náo e lançando-lhe fogo, este pegaria no forte, e o abrasaria, sem damno nem prejuiso dos seus. Isto feito occupariam logo as ruinas que as chammas deixassem, e levantariam sobre ellas um novo forte, donde podessem bater a nossa fortaleza, fazendo jogar livremente toda a artilheria dos outros seus baluartes. — Deve-se confessar que quem inventára um estratagema tal, não era leigo na arte da guerra.

Tanto da obra como do fim a que se destinava, teve o Capitão mór noticia muito a tempo de poder conjurar o perigo; e chamando logo o Capitão do mar Jacome Leite, soldado de grande valor, e tino, disse-lhe: — «que lhe «não queria roubar a honra que tocava ao seu posto; que « estimasse, que a primeira facção d'este cerco fosse sua » — e contando-lhe tudo quanto referido fica, ordenou-lhe que no segundo quarto da noite tivesse tudo prompto para destruir a cilada do inimigo. Jacome Leite, em cumprimento d'esta ordem, sahiu á hora determinada com dois *caturres*, e trinta soldados; e remando com voga mui surda, aproou com a náo, e começou a arremeçar-lhe muitas panellas de polvora.

Os Mouros espantados de tão subito acommettimento, vendo-se cercados de chammas, e reconhecendo seu perigo, pegaram em armas mui aterrados, e entraram a

oppôr uma resistencia tímida, impedidos pela desordem em que se achavam, de se defenderem com energia. Alguns d'elles começaram a procurar refugio nas ondas, outros foram pasto do fogo, e o resto soltando queixas e alaridos, abandonou a náo, fazendo pôr em alárme o campo todo. Desamparada a náo, levaram-na os nossos a reboque para a fortaleza, onde Jacome Leite foi recebido nos braços do Capitão mór, e por este mui elogiado; visto que um successo tão feliz logo no começo da campanha, era presagio d'uma victoria completa no futuro.

Continuaram os Mouros a bombardear a fortaleza, ainda que com muito risco; pois cada pedra que derribavam da muralha, custava-lhes a perca de muitos infantes, e artilheiros. Não causava o seu fogo prejuizo de grande monta; apenas o baluarte S. Tiago, ou por mais fraco, ou por ser mais batido, tinha duas brexas abertas, capazes de facilitar entrada por assalto; porém os de dentro reparavam-nas com travezes, e com o entulho que podiam haver de noite.

Mas, passados poucos dias, já esse prejuiso era consideravel, porque a muralha estava aberta por muitas partes, e por todas abalada; nas amêas já não podia apparecer um soldado, a quem as setas, e balas do inimigo não ferissem; pois que estas eram tão bastas, que difficilmente se poderiam contar: a Coge Çofar, não lhe importava gastar munições sem conta, nem arriscar soldados; porque d'umas e d'outros tinha quantidade de sobra. A nossa artilheria, respondia a miudo aos tiros do inimigo; e como eram tantos os milhares de Mouros, nenhuma bala se jogava, que não fosse empregada.

Não cessavam os Turcos d'exigir que se desse o assalto, argumentando, que, por muitas das ruinas que se

viam nos nossos muros, já alli podiam subir; porém, Coge Çofar detinha-os, ou porque esperasse mais reforços, ou por confiar que cansando os nossos com lenta guerra, lhes gastaria as forças, as munições, e a paciencia, até que mortos de trabalho, de feridas, e de fome, não podessem defender-se. Este raciocinio, não era de todo errado; pois que o inverno que começava furioso, impossibilitava a recepção de quaesquer soccorros, os quaes tão precisos eram desde o primeiro dia da invasão do inimigo, segundo passamos a mostrar. As unicas munições de guerra, que havia então na fortaleza, reduziam-se a quarenta barris de polvora de bombardas, e a vinte de mosquete; as de boca, eram igualmente muito escassas. Em quanto á guarnição, compunha-se esta de duzentos soldados, quasi todos estranhos ás lides da guerra; a sua fama futura, aliás heroica, foi filha d'este cêrco. Fica pois demonstrado que era grande o apuro, em que se achavam os nossos, quando, sendo tão poucos, e estando desprovidos de toda a sorte de munições, e sem esperança de as receber, tinham que se defender contra um poderoso exercito, sobejamente municiado, e abastecido.

Reconhecia o Capitão mór o melindroso estado das cousas, ponderando interiormente o risco em que se achava a praça, mas occultava-o cautelosamente aos subordinados, e aos inimigos; a estes para lhes não duplicar os brios; áquelles para lh'os não diminuir.

Corria o dia 18 de Maio 1546, quando as atalayas do baluarte do mar participaram ao Capitão mór, que se avistavam nove embarcações, que em consequencia da sua forma, pareciam ser nossas. Immediatamente se espalhou esta nova pela fortaleza, e todos os soldados correram á muralha para ver se ella se realisava; mas isto não se poude logo conseguir, por causa d'uma pequena cerração athe-

mospherica. Porém, tendo-se esta dissipado ao cabo d'uma hora, viu-se perfeitamente que era uma frota Portugueza, que tremulando-lhe na Capitania as Sacras Quinas, vinha cortando as ondas com muita galhardia, em demanda d'aquella praça. Em quanto as embarcações estiveram ancorando, não cessaram os Mouros de lhes fazer fogo da parte de terra, mas não lhes causaram o menor damno. Desembarcaram primeiro as munições e mantimentos, depois os soldados, e em ultimo lugar D. Fernando; quiçá por instrucções do pai, ou por brio do filho.

Recebeu o Capitão mór os fidalgos recem-chegados, com grandes demonstrações d'estima, e de consideração; e sabendo que tambem vinha D. Fernando, mas que se achava ainda na Capitania, partiu logo a buscal-o; encontrando-o porém já na escada da fortaleza, levantou-o nos braços, dirigiu-lhe palavras d'agradecimento, e de respeito, terminando por lhe offerecer a sua propria pousada. D. Fernando, mostrou-se extremamente penhorado pela affectuosa recepção, que D. João lhe fizera, porém negou-se a acceitar a sua delicada offerta, pedindo-lhe: — «que aquella «honra se lhe reservasse para o tempo da paz, que agora «o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guarda-roupa, «porque não poderia conciliar o somno, estando um passo «distante da muralha; que se fazia este pedido, era por «ser filho de D. João de Castro, o qual nunca escolhera «domicilio no campo da peleija, senão no ponto de maior «perigo; e pois que as leis da obediencia filial o obrigavam «a seguir o exemplo do author de seus dias, diligenciaria «pelo emitar no valor, e na coragem, já que o não podia «fazer a respeito das suas virtudes.» — D. João de Mascarenhas ao ouvir tão sentenciosas expressões, sentiu humedecer as faces de lagrimas de contentamento, e abraçou novamente quem as proferira, assombrado de ver espiritos tão varonis, n'uma idade tão curta.

Foram de muita importancia os soccorros recebidos, pois constavam de grande quantidade de polvora, armas, e comestiveis, o que tudo habilitava o Capitão mór para poder entreter o cêrco, em quanto outros não chegassem: os enfermos e os feridos, tambem não tinham esquecido ao previdente Governador Geral; tinha-lhe este mandado uma botica provida de todos os remedios, para o seu curativo. D. João de Mascarenhas leu aos soldados a carta, que lhe escrevera D. João de Castro, na qual (segundo já dissemos) lhe assegurava que não tardaria a visital-o, acompanhado de todas as forças, que o Estado podesse fornecer. Esta leitura, produsiu o maior enthusiasmo nos cercados, criou-lhes ânimo novo, e plena confiança na victoria.

Continuava o inimigo a reforçar-se cada vez mais, pois que a toda a hora recebia soccorros de toda a especie, sendo um d'estes grande numero d'engenheiros, que com a mira em larga recompensa não cessavam d'inventar novos artificios, o que tornava os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descoberto.

Apenas o Governador Geral despediu seu filho D. Fernando, mandou pregoar guerra a ferro e sangue contra o prejuro Rei de Cambaya, como quebrantador da paz, que tinha ajustado com o Estado, e isto com todas as formalidades legaes para justificar publicamente as causas d'uma guerra, que prendia a attenção de todo o Oriente. Escreveu aos habitantes de Baçaim, lembrando-lhes: — «que «como mais proximos do ponto acommettido deviam em «primeiro lugar soccorrel-o; que fazendo isto acudiam ao «seu proprio perigo, em quanto as outras praças acudiam «ao do Estado; que as bombardas que batiam Dio, abala-«vam os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para hir «descercar a fortaleza, e collocar-se na offensiva contra «Cambaya, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva

«aos Reis do Oriente; que lhes pedia que o acompanhas-«sem com embarcações, e gente, como de tão honrados «Cidadãos, e leaes Portuguezes se devia esperar; que dei-«xava o serviço de cada um ao seu mesmo arbitrio, en-«tendendo que qualquer d'elles, com a fidelidade e amor «de seu Rei, excederia á possibilidade.»

Iguaes cartas dirigiu a todas as Terras, que lhe podiam prestar quaesquer auxilios, e todas lhe asseguraram que satisfariam seu pedido, com donativos de grande valor. Assim mostravam aquelles povos quanto sabiam apreciar as brilhantissimas virtudes do Illustre Varão, que os governava; pois que bastava patentear elle um desejo para logo lh'o satisfazerem com a melhor vontade. Honra eterna aos Cidadãos que tão gratos eram ao Governo mais heroico, justo, imparcial, e desinteressado, que tem tido a India Portugueza! Gloria eterna ao Governador Sublime, que assim sabia captar a estima e veneração de seus Governados!

Tendo D. João de Castro a segurança de que na empresa que projectava, havia ser auxiliado com embarcações e gente, de muitas partes do Estado, entregou-se efficazmente aos aprestos da armada de guerra com que devia partir de Gôa; porém, como lhe faltasse ainda dinheiro para completar as despesas, que ella requeria, pediu uma grande quantia emprestada ao Corpo do Commercio, dando por fiador do devido embolço a sua palavra, unica joia de valor que possuia, e sobre a qual todos os homens ricos lhe emprestavam os seus haveres: não sabemos se a palavra dos grandes tem hoje identico valor no mercado social, ou se alli é tida como moeda completamente depreciada.

Depois de ter pedido, e alcançado os soccorros mun-

danos, ordenou que se fizessem preces publicas para se invocar a protecção do Supremo Arbitro do Universo, em favor d'uma causa, que bem se podia chamar sua. Pedia ordinariamente conselho aos homens mais praticos nas cousas de Dio, seguindo sempre o parecer dos mais experimentados na materia, sem curar da qualidade do seu nascimento nem do cargo que occupavam na sociedade: se as pessoas que tem a seu cargo o governar as Nações, observassem sempre uma igual conducta, nunca os Povos seriam desgraçados por causa dos erros de seus governantes.

Havia a maior vigilancia em Dio; as nossas armas não descansavam um momento. Tivera o Capitão mór aviso de que o inimigo esperava grande porção de viveres, que deviam embarcar n'aquella costa desde Balsar até Damão; em consequencia do que ordenou ao Capitão do mar Jacome Leite, que sahisse com tres navios a apprehender o dito comboyo, o qual deveria ser encontrado até á Ilha dos Mortos. Jacome Leite sahiu de noite a correr a costa na qual apresou muitas Cotias, que vinham bastecer o exercito contrario, e passou os Mouros que as tripulavam á espada, reservando alguns para serem enforcados nas vergas dos navios quando entrassem a barra, o que effectivamente se fez, e encheu de terror e lastima aos inimigos: os mantimentos foram logo recolhidos na fortaleza, e as Cotias foram redusidas a cinzas.

Coge Çofar, tinha já perdido muita gente; mas não via quebra no animo dos cercados, que lhe podesse dar esperança de ganhar a fortaleza. E vendo elle que senhoreavamos o mar com forças tão diminutas; e que lhe difficultavamos a recepção de provisões, pois que só as recebia furtivamente, e com muito risco, mandou sahir uma armada do porto de Surrate a qual encontrou tres embarcações nossas, que de Baçaim, e Chaul vinham fornecer a fortaleza,

e as atacou. Combateram os Portuguezes com desespero incrivel; mas vendo que lhes era impossivel o triumpho, entenderam que era mais nobre morrer peleijando, vendendo muito caro as vidas, que serem prisioneiros dos infieis; consequentemente, não tiveram os Mouros que fastejar a presa, nem a victoria, pela razão de lhes terem custado tanto sangue.

Tentára D. Fernando de Castro sahir com alguns navios do soccorro, para castigar o inimigo; para o que pediu licença ao Capitão mór; porém este, negou-lha por conhecer que seria diligencia inutil, visto que o inimigo fizera aquella sortida a furto, e se recolhera immediatamente.

Resolveu-se D. João Mascarenhas a avisar por terra a El-Rei D. João III., do estado das cousas; e tendo encontrado um Armenio pratico no idioma e costumes Mouros, que se incumbisse d'uma tão espinhosa missão, ficou extremamente satisfeito, deu-lhe as precisas instrucções, e a ordem de sahida. Partiu logo o emissario n'um Catur ligeiro, em direitura á costa de Pór; alli tendo desembarcado passou ao Cinde em trage de Jogue (*), e seguiu logo para Ormuz, a cujo Governador entregou cartas de D. João. Sahiu depois em companhia d'alguns mercadores de Baçorá, os quaes o passaram a Babylonia pelo rio Eufrates, onde devia esperar as cáfilas para atravessar os desertos d'Arabia.

Continuava Coge Çofar as suas obras de fortificação, com bastante perigo, e muito trabalho; pois que os tiros que partiam da fortaleza, matavam-lhe um sem numero de gastadores; tanto assim, que a falta d'estes já era conhe-

(*) Habito d'um religioso pobre d'aquellas passagens.

cida e lamentada no exercito, apesar de ser reparada com repetidos soccorros, que por horas engrossavam o campo. Çofar, mandou assentar nas estancias sessenta grandes peças de bater, entrando n'este numero Basiliscos (*), Salvagens, Aguias e Camellos. Reforçou os cinco baluartes já levantados, com muros novos, occultando os gastadores com tanta arte, que ficaram a coberto da nossa artilheria. Com este artificio conseguiram os inimigos ganhar o fosso da fortaleza, onde collocaram dezoito Basiliscos, com os quaes bateram a muralha por quinze dias successivos; e tanto estrago fizeram na praça, que os nossos afinal já reparavam umas com outras ruinas, isto é, faziam contra muros com as pedras derribadas pelas balas.

Subia já a nossa perda a oitenta mortos, e a mais de cem feridos; e a pequenez, e má qualidade da ração de mantimentos, causava tambem muitas doenças. Começava pois a ser muito horrivel a situação dos nossos; e Coge Çofar tendo-o sabido por via d'alguns escravos, que haviam desertado da fortaleza, mandou bater esta por todos os seus fortes, julgando impossivel que homens tão extenuados de forças, e que se achavam luctando contra a fome, podessem resistir por muitos dias contra o immenso poder, que os accommettia. Persuadido pois, de que alcançaria quanto antes uma victoria completa, e querendo repartir a sua fortuna com o seu Rei, fez saber a este que estava em Champanel, pedindo-lhe que viesse ao exercito, para no primeiro assalto tomar posse da fortaleza. Annuindo o Sultão a este convite, veio logo ao acampamento acompanhado de dez mil homens de cavallaria, e de grande parte da sua Corte, sendo recebido com muitas salvas de todos os fortes, e mui-

(*) N'aquelle tempo mui principalmente nos povos do Oriente, havia peças d'artilharia com a configuração de diversos animaes.

tas acclamações d'alegria: o estrondo da artilheria, e a vozearia dos Mouros, faziam uma consonancia aos ouvidos barbaros, e aterravam os animos.

Vendo os nossos tantas demonstrações de contentamento, no campo inimigo, attribuiram-nas á chegada dos Turcos, que alli eram esperados. Porém, D. João de Mascarenhas querendo saber se isto assim era; e desconfiando muito de que os espias que trazia entre os inimigos se lhes tivessem vendido, ou que se achassem descubertos, ordenou a Fernão de Carvalho, Commandante do forte do mar, que fizesse sahir um bote em busca d'um *lingua*, pois queria informar-se dos passos do inimigo; esta ordem executou-se n'essa mesma noite, e houve-se ás mãos um Mouro, o qual referiu circumstanciadamente a chegada do Sultão, as promessas que lhe fizera Coge Çofar, e quanto confiavam em que o resultado da campanha, lhes fosse satisfatorio.

Sciente o Capitão mór, do que pertendia saber, mandou soltar o Mouro, encommendando-lhe «que pedisse em «seu nome a El-Rei de Cambaya, que se demorasse no exer«cito, porque esperava hir-lhe pagar a visita a seus aloja«mentos.» Partiu o Mouro muito contente com a sua liberdade, e assombrado com a incumbencia que se lhe fizera. Chegado ao acampamento dos seus, foi conduzido á presença de Mahamud, a quem referiu as palavras do Capitão, acrescentando «que os Portuguezes tinham a forta«leza derribada, e os animos inteiros.» Este laconico elogio prova exuberantemente, que os antigos Portuguezes que abrilhantaram o nosso Nome na Asia, por via d'uma não interrompida série de feitos maravilhosos, foram mais elogiados por aquelles que provaram a forte tempera das suas valentes espadas, do que o tem sido na Historia patria; o mesmo dizemos dos outros que iguaes maravilhas operaram, nas outras partes do mundo!

Continuava o bombardeamento; e Cege Çofar, mandou dizer a D. João de Mascarenhas, por um prisioneiro nosso, chamado Simão Feo «que se espantava de o ver en-«curralado, sem sahir a peleijar a campo, como fazia o «bom Cavalleiro Antonio da Silveira; que mal respondiam «as obras ás palavras» — a resposta d'esta mensagem, foi levada aos contrarios por uma chuva dos nossos pelouros.

Havia já cinco horas, que o fogo do inimigo não cessava, fazendo na fortaleza, já tão arruinada, o maior estrago. Respondia-lhe a nossa arthilheria com a melhor fortuna; pois que além do damno geral, que lhe causára, uma bala sua foi penetrar na tenda do Sultão, matando um Mouro, com quem elle então conversava. Este acontecimento fez terrivel impressão no animo de Mahamud, e até foi tido por elle como presagio d'algum máo successo; em consequencia do que abandonou immediatamente o campo, deixando em seu logar a Juzarcão, Abexim valente que nas guerras do Mogôr combatêra contra o mesmo Soberano, que agora defendia. Demonstra-se por este facto, que o soldado mercenario não possue o menor sentimento de honra, que não conhece Patria nem Rei, que sua conducta é sempre modelada pelo interesse de ganhar, e que o que lhe pagar os serviços por maior quantia, receberá d'elle o nome de amo; n'uma palavra, ao soldado mercenario não importam especialidades politicas, ou religiosas; combate hoje, o que ámanhã defende.

Partiu effectivamente Mahamud do arraial, homem mais guerreiro na paz, do qûe na peleija; retirou-se para a quinta de Melique, situada na mesma Ilha, dando d'ali ordem a importantes soccorros, que cada dia reforçavam o exercito. Achando-se a fortaleza sitiada mui estreitamente; e não sabendo D. João Mascarenhas, quaes eram os designios do inimigo, decidiu-se, com a approvação de to-

dos os fidalgos e Cavalleiros, a tomar algum *lingua*. Diogo d'Anaya Coutinho, fidalgo que percebia soldo, mas que pussuia as mais brilhantes qualidades, offereceu-se para o desempenho de tão arriscada empresa. Tendo-lhe o Capitão mòr acceitado a offerta, elogiando-lhe muito a dedicação, desceu elle a muralha por uma corda, acobertado com o escuro da noite, e encaminhou-se para o acampamento inimigo; a pouca distancia divisou perto de si dois Mouros, que estavam conversando; e como os visse distrahidos, atacou-os mui rapida e denodamente, matando um com um bote de lança, e aprisionando o outro depois de porfiada resistencia Feito isto, dirigiu-se com o prisioneiro para a fortaleza, onde foi recebido entre vivas acclamações da guarnição, e muitos louvores do Capitão mór. Narraremos ainda o seguinte facto, para maior honra e gloria de tão distincto Portuguez: Diogo d'Anaya ao partir para a empresa, que mencionada fica, tinha levado emprestado um capacete d'um soldado; vendo depois que se havia recolhido sem elle, e julgando-o perdido na lucta que tivera com o Mouro, tornou a descer o muro pela corda que antes lhe servira, foi procural-o *em face do exercito inimigo já todo em alarme*, e tendo-o encontrado, regressou á fortaleza!

Confessou o Mouro ao Capitão mór, que Coge Çofar, e Juzarcão, um valente, e outro desconfiado, tinham jurado a Mafoma que ou haviam conquistar Dio, ou haviam morrer na campanha; dizendo: que se nos não podiam soffrer chamando-nos nós seus amigos, mal nos poderiam supportar se ficassemos victoriosos.

Com a continuação do bombardeamento, rebentaram muitas peças ao inimigo, em cujo lugar elle montou logo outras, batendo desesperadamente os baluartes S. João, S. Thomé, e S. Tiago, de que eram Commandantes D. João d'Almeida, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho. Estes Bene-

meritos Capitães nem um momento sequer despiam as armas; se repousavam alguns minutos, era sempre segurando a lança com a mão direita, e com o escudo *embraçado*; n'uma palavra, eram sempre constantes em todos os perigos e trabalhos, nos pontos de maior risco!

Immensos estragos soffria já a fortaleza, mui principalmente no lanço do muro que havia entre o baluarte de S. João, e o de S. Thomé, e no baluarte de S. Tiago por ser o menos defensavel; já não havia perapeito nem ameya, que não estivesse rasa! O que tornava ainda mais critica, e horrivel a situação dos nossos, era succeder-lhes aos perigos do dia o trabalho da noite, parecendo impossivel que tão poucos defensores, e com as forças tão quebrantadas, podessem no curto espaço d'algumas das horas destinadas ao somno, reparar as ruinas d'uma fortaleza, rôta em differentes partes; parece isto impossivel, (repetimos) porém é certo que tudo se fazia, supprindo-se a quebra de forças phisicas, por um animo milagroso.

Esse sexo, cujo sangue nos alimenta nos primeiros dias da vida, e ao qual muitas pennas *menos justas*, tem negado a capacidade para rasgos d'heroismo, tambem deu n'este cêrco memoravel um solemne desmentido a essa negativa, portando-se com valor, e dedicação superiores a todo o elogio! *mostrou que as Joannas d'Arc não se produzem só em França!*

Em prova d'esta nossa asserção, diremos, que algumas mulheres conduziam os materiaes para a defensa da fortaleza aos pontos mais arriscados, pisando as balas, lanças, e espadas, e caminhando por debaixo d'uma abobada de pelouros, sem temor da morte! como se a natureza lhes houvera dado corações varonís aos corpos femininos! Houve outras, que vestindo habitos guerreiros, e formando nos

poletões armados, fizeram face ao inimigo durante a peleija, trocando a agulha pela lança, e o estrado pela muralha. D'entre todas, porém, a que se fez credora de maior renome, foi *Izabel Fernandes*, chamada a *Velha de Dio*. Esta heroina; a cuja memoria os nossos Chronistas tem sido pouco agradecidos: mas que é bastante celebre nos annaes do Oriente, gastou grande parte dos seus teres em regalos, com' que no calor do combate, alimentava os soldados, exhortando-os á peleija com palavras proprias para criar brios, nos peitos mais enfraquecidos.

Finalmente, o zêlo, e a coragem das matronas de Dio, durante que um poder immenso acommettia aquella praça, serviam d'alivio, d'exemplo, e d'estimulo aos soldados, originando feitos os mais extraordinarios!

Vendo Coge Çofar que o damno que a sua artilheria nos causava de dia, era industriosamente reparado de noite, e querendo prohibir-nos este recurso, ou pelo menos encommodar-nos seriamente quando o pozessemos em pratica, projectou uma obra de maior nome pela invenção, que pelo seu resultado. Em frente do baluarte São Thomé, que por motivo da sua localidade era o mais aberto, mandou levantar outro que lhe ficasse parallelo, ou eminente, para poder destruir-lhe as ameyas, e tolher que a guarnição podesse peleijar, ou reparar as ruinas de noite; durante o dia deviam as peças estar assestadas para aquella parte, com pontaria certeira. Mandou logo entulhar o fosso com terra e ramos d'arvores, e fortaleceu a esplanada com troncos mui grossos, para lhe assegurar o terrapleno. Em consequencia da grande quantidade de gastadores, que se occupavam em semelhante obra, progredia esta com summa rapidez. A artilheria do nosso baluarte, não cessava de hostilisar o crescimento de tão máo *visinho*, e fazia-lhe bastante damno; porque, como os gastadores

trabalhavam em grandes grupos, e a peito descoberto, todos os tiros que se lhes faziam eram empregados.

Coge Çofar querendo diminuir o grande mal, que alli se lhe estava causando, ordenou que o trabalho da obra fosse feito de noite, para que tornando-se as nossas pontarias menos certas, e mais vagas, podessem causar menos estrago. Usou tambem do estratagema de mandar fazer bulha onde menos se trabalhasse, afim de que os nossos artilheiros guiados pelo ouvido, dirigissem os tiros para onde deviam fazer mui pequeno prejuiso. D. João de Mascarenhas, sciente d'este artificio, mandou illuminar toda a fortaleza, para que os gastadores cessassem de trabalhar auxiliados pelo escuro da noite, e ficassem expostos aos perigos, como se fôra dia. Porém, Coge Çofar approveitando-se do conhecimento da arte da guerra, que tinha aprendido nos exercitos da Europa, inutilisou o ardil do Capitão mór, mandando fazer estradas falças, e encobertas, pelas quaes continuaram os Mouros a trabalhar na elevação do forte, com muito pouco risco de vida.

Começára o Capitão mór a inquietar-se muito com o crescimento d'aquella maquina, prevendo, e com justa razão, que se ella fosse concluida não haveria logar seguro em toda a fortaleza; pois que a artilheria do inimigo, ficava jogando a cavalleiro dos nossos baluartes. Impaciente por encontrar um alvitre que servisse para conjurar o mal, que via tão proximo, expoz o negocio n'um conselho composto de todos os Capitães, os quaes todos reconheceram o perigo, mas nenhum propoz o remedio; apenas alguns mais ousados, que prudentes, votaram que se sahisse a campo descoberto, e se fosse estorvar a obra; não se lembrando de que era maior o perigo a que se hiam expôr, do que aquelle de que se viam livres. Poucos approvaram este parecer, e nenhum sabia dar outro. Fizeram-se algumas sor-

tidas, mas sempre sem bom resultado: porque estando o inimigo mui vigilante, e tendo forças numerosas, tinha seguros os postos dos gastadores, por grandes piquetes; até que afinal, lembrou-se D. João de Mascarenhas, que d'uma eminencia que havia na fortaleza, e que sobrelevava o forte de S. Thomé, podia jogar a artilheria por cima d'este. Mandou então collocar alli algumas peças, as quaes fizeram fogo sobre a maquina do inimigo, com tão bom resultado, que dentro em poucos dias foi ella destruida, perdendo as vidas muitos dos que a fabricavam. Porém, como esta Hydra tinha tantas cabeças, decidiu-se o inimigo a entulhar o fosso com as mesmas ruinas, o que lhe era muito facil, por ser obra que não demandava medida, disposição, ou engenho.

Começaram logo dois mil *peões* este trabalho; e em quanto o faziam, grande parte do exercito impedia com dardos, setas, e espingardaria, que os nossos assomassem á muralha. Progredia a obra, e o perigo nos cercados; porque, como os perapeitos e ameyas da fortaleza estivessem rasos, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. O Capitão mór, disvellava-se por frustrar o intento do inimigo, mas nenhum meio proprio lhe occorria; até que alguns anciões que haviam sido criados na fortaleza, lhe descubriram, que, n'aquelle mesmo lugar havia no muro um postigo, que com o andar dos tempos se tinha coberto com terra movediça; e que por elle se podia furtar o entulho, sem risco, e com pouco trabalho. Encontrou-se effectivamente o postigo no sitio indicado, e por elle sahiam os nossos de noite a furtar o entulho; porém como o fossem tirando de baixo, e deixassem a superficie vã, esta faltando-lhe baze em que se escorar, e tornando-se por isso um vulto fantastico, cahio afinal com estrondo immenso á vista do inimigo.

Coge Çofar avisado da industria com que lhe tinham inutilisado tão custoso trabalho; e desesperado por ver que o mesmo acontecia a todos os seus projectos, correu logo áquella parte seguido d'um esquadrão de cavallaria Turca; mas apenas alli chegou, veio uma balla da nossa artilheria terminar-lhe a vida, levando-lhe a cabeça!

Houve geral sentimento no exercito inimigo, pela perda de seu General; seu corpo foi dado á sepultura com todo o ceremonial funebre e guerreiro, que as leis militares ordenam. Rumecão jurou logo sob o sangue de seu pai, que vingaria a sua morte; pois que o ultimo sentimento que os Mouros offerecem em sacrificio a seus defunctos, é o da ira, de mistura com a dôr.

Fôra a morte de Coge Çofar um *presente*, que a Providencia fez aos intrépidos defensores de Dio, pois os livrára d'um competidor terrivel; bem como foi uma perda irremidiavel para Mamahud, por este não poder encontrar quem substituisse o morto, na empresa que lhe estava confiada.

Coge Çofar possuia não poucos conhecimentos da arte da guerra; era cauteloso, estrategico, valente, e activo no campo da batalha, e até tinha o dom de fallar ao coração do soldado n'um tom persuasivo, proprio para fazer criar brios; tudo isto tornava-o se não bom General, ao menos muito soffrivel.

A sua memoria teria sido respeitada pela posteridade, se as qualidades de seu coração houvessem sido as do *homem de bem*; mas como era ambicioso, soberbo, ingrato, vingativo, e mesmo tyranno, longe de dever ser lembrado com veneração e respeito, só merece odio, e execração eterna. Para saciar a sede ardente de riquesas, que o

devorava não recuou diante dos maiores crimes .... por exemplo, trocou a verdade Evangelica, pelos erros do Alcorão, e assassinou e roubou a Rax Solimão, seu antigo bemfeitor!!

— A apostasia da Fé de Christo, e o assassinio perpetrado na pessoa d'um bemfeitor, são attentados imperdoaveis! — Maldição sobre quem os commetter! —

CAPITULO IV.

ANNO DE 1546.

Rumecão succede no commando a seu pai. O Vigario João Coelho, vai com uma missão do Capitão mór, ao Governador Geral. Offertas que Rumecão faz aos nossos, e respostas que lhe dá D. João de Mascarenhas. Os baluartes de S. João, e S. Thomé são atacados, e defendidos heroicamente. O inimigo soffre n'elles grande perda, e retira-se. Juzarcão recorre a superstições, para alcançar victoria. Os inimigos dão segundo assalto, e entram no baluarte de S. Thomé. E' assaltada a couraça. Valor d'uma heroina Portugueza. O Capitão mór expulsa os inimigos. Sobem Turcos á Igreja, são alli atacados pelo Capitão mór, e retiram-

se. Morre Juzarcão, e muitos Turcos. O Capitão mór, avisa o Governador Geral. Dão a este grande cuidado os soccorros de Dio. Chega a Gôa o Vigario João Coelho. D. João de Castro, manda seu filho D. Alvaro com soccorros a Dio, partindo-lhe na vanguarda D. Francisco de Menezes com sete navios. D. Alvaro parte com dezenove. Fidalgos que o acompanharam. O Governador continua a aprestar soccorros. As mulheres de Chaul offerecem-lhe suas joias. Carta d'uma Dama, e sua offerta. Incumbe-se Antonio Moniz de hir a Dio. Chega segundo Juzarcão para continuar o sitio. O inimigo levanta um baluarte, e este é destruido pelos nossos. Valor de quinze soldados. Assalto geral, e reparo dos nossos contra o fogo. Termina o inimigo o assalto, com perda de trezentos dos seus. Trata elle d'entulhar o fosso. Regressa o Vigario João Coelho a Dio. Segundo assalto geral, e resistencia dos nossos. Juzarcão ataca o baluarte S. João, e soffre grande perda. Necessidades da fortaleza e como se remediou a falta de panelas de polvora. E' tomado um lingua pelos nossos. Revelações que este faz ácerca do estado do inimigo. E' minado o baluarte S. Thomé. Rumecão cuida em distrair a attenção dos nossos. D. Fernando acode, mesmo doente, ao baluarte. O inimigo finge um novo assalto, e deita fogo á mina. Morre D. Fernando na explosão, e muitas outras pessoas. Valor notavel de cinco soldados nossos, esforço de Isabel Fernandes, e d'outras mulheres. O Vigario João Coelho anima os soldados. Como se chamavam os cinco soldados referidos. Retira-se Rumecão. Rasgo de valor de Isabel Madeira. Determinação do Capitão mór.

Herdára Rumecão o odio, e o commando do pai, con-

tinuando a fazer-nos guerra em cumprimento da obrigação de General, e do dever de filho, tão instigado pela dôr, como pelo cargo. Querendo por-se em estado de nos poder dar um assalto geral, entrou a requisitar efficazmente soccorros de toda a especie, ao Sultão, e este remettia-lh'os a toda a hora, tanto de munições de bocca e de guerra, como de tropa. Ordenou que continuasse a entulhar-se o fôsso, por seis partes differentes, e tratou de continuar as obras do baluarte, que o pai começára; servindo-se de diversos artificios para as fazer progredir. Para prohibir que os nossos podessem *falcificar* a baze do dito baluarte, segundo referimos no Capitulo antecedente, mandou fazer seis estradas encobertas na direcção do postigo por onde elles sahiam a tirar-lhe o entulho, e que todas fossem fechar sobre a ponte de madeira, que tinhamos levantado n'aquelle mesmo lugar, para a coberto d'ella continuarmos no dito trabalho; mandou carregar esta de pedras, e tráves, de tão grande pezo, que a fez abater com muito damno dos nossos, que andavam por debaixo d'ella recolhendo o entulho para a fortaleza.

Reconhecendo o Capitão mór que a serventia do referido postigo, se achava inutil, mandou logo entaipal-o como d'antes estava, para evitar por alli qualquer invasão repentina do inimigo, o qual continuava a obra sem estorvo, em quanto que os nossos se davam a tratos para descubrir algum ardil, com que podessem contrastar fábrica tão damnosa.

A estes cuidados reuniram-se outros não menos graves, que procediam de não existirem já na fortaleza duzentos homens, em estado de a defender, pois que muitos se achavam feridos, e soffrendo outras doenças, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecel-as a novos perigos e trabalhos. Dos soldados d'inferior nascimento apo-

derára-se certa desconfiança, e esta começava já a causar-lhes temor. Havia falta de munições, e mantimentos; por ser inverno achavam-se os mares mui tempestuosos, o que tirava toda a esperança de se poderem pedir soccorros, e de os receber.

Era Vigario da fortaleza, João Coelho, Sacerdote de muitas virtudes, e mui capaz para o desempenho de qualquer empresa perigosa. Sendo pessoa de muita estima para o Capitão mór, offereceu-se-lhe para a despeito dos temporaes da quadra, partir a tentar os mares, aportar em Baçaim, ou Chaul, significar aos respectivos Capitães o desgraçado estado das cousas, fazer igual aviso por terra ao Governador Geral, promettendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira resposta, como fiel companheiro da fortuna de todos os defensores d'aquella praça. D. João de Mascarenhas mandou-lhe logo equipar um *Catur* com doze marinheiros, onde o deixaremos luctando com as ondas até narrarmos o resultado, de viagem tão arriscada, quanto generosa.

Trabalhavam os Mouros *forçadamente* no entulho do fosso; mas Rumecão cruel, e imperiosamente os mandava presistir no trabalho, em cujo local recebiam por prémio, miseravel sepultura. Chegaram em fim a igualar a cova, e pelo baluarte S. João, que não podia ser entulhado, atravessaram uma ponte feita de barrotes, e taboas, para picarem o muro, o que podiam fazer sem a nossa artilheria os encommodar, por trabalharem a coberto.

Mandou logo D. João de Mascarenhas preparar umas cadêas grossas, que chegassem do muro á nova ponte, nas quaes se ataram muitas sacas de gunes, envoltas em polvora, salitre, e outras materias inflammaveis, e sendo depois arremessadas para a mesma ponte, atearam n'esta um fogo

tão forte, que logo a destruiram. Rumecão acudio prestes áquelle lugar com bastante madeiramento, e grande numero de gastadores, e soldados, uns para assistirem á defensa, outros para o trabalho, a que os nossos se oppozeram dando-lhes muitas descargas d'artilheria, e fusilaria, as quaes fizeram grande estrago no inimigo; porém, Rumecão insistia na obra tão tenazmente, que sem curar da perca de vidas, chegou a igualar novamente o fosso.

Sabendo Rumecão do grande risco em que se achava a fortaleza, pela razão d'ella não ter gente para occupar os póstos, quiz ver se acediamos á sua entrega, mediante certas promessas, que reputava vantajosas para nós, crendo, que em tão perigoso estado nos ensinaria a razão, a não engeitar as vidas.

Sendo já noite fechada, ouviram os do baluarte S. Tiago bradar pela atalaya, dizendo-se em Portuguez, que Simão Fêo, pertendia fallar ao Capitão mór, n'um negocio importante. Dando-se parte a D. João de Mascarenhas, veio este logo pôr-se a falla com o soldado, o qual lhe disse: «que era Simão Fêo, que vinha mandado por Rumecão, «que affeiçoado ao valor de tão grandes soldados, lhes «queria poupar as vidas, que agora desesperadamente de- «fendiam; que bem via a fortaleza toda arruinada; a maior «parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança «alguma de soccorro, faltos de munições, e mantimentos; «que não quizessem perecer obstinados, afiando com a te- «meridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que «nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conser- «var vivos tão valerosos inimigos; que nos faria todos os «partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazen- «das, e os navios para nossa passagem; o que não acei- «tando passariamos pelas leis da guerra, e pelas licenças «que dava nos estragos a ira, e a victoria.» D. João de

Mascarenhas, respondeu-lhe: «que a fortaleza onde esta-«vam Portuguezes, não havia mister muros, que no cam-«po raso a defenderiam ao poder do Mundo; que esta ver-«dade conheceria no primeiro assalto; que tratasse de pe-«dir ao Sultão mais gente, e melhores soldados; que os «Portuguezes despresavam victorias tão pequenas; que as «ruinas da fortaleza esperava recuperar com cabeças de Tur-«cos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os «hiria buscar como despojos; que em quanto seus soldados «tinham armas, não lhes podia faltar nada entre seus ini-«migos: que a boa passagem que lhes offerecia, esperava «fazer cedo com a espada na mão, por meio de seus es-«quadrões armados; e a elle Simão Fêo, dizia, que ain-«da que repetia forçado palavras alhêas, não tornasse com «segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do «muro.»

Dedusira Rumecão d'uma resposta tão heroica, que os perigos, trabalhos, e fome, serviam aos nossos d'alimento; e julgando-se injuriado por assim o despresarmos, ordenou o primeiro assalto.

Amanhecera o dia dezenove de Dezembro d'este anno de mil quinhentos e quarenta e seis; e em torno da fortaleza appareceu formado em batalha o exercito inimigo. Juzarcão acommetteu com mil e quinhentos soldados escolhidos o baluarte S. João, de que era Commandante Luiz de Sousa, e onde estavam D. Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reynoso, Pedro Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e outros fidalgos, e soldados, que não passavam de trinta. Muitissimo superiores em valor ao numero, rebateram com incrivel intrepidez os oitenta inimigos, que primeiro subiram, não sentindo a maior parte d'estes a quéda, por terem perdido a vida antes de a soffrerem. Igual sorte foram tendo os outros, que

lhe succederam, lucrando só em poderem subir mais facilmente, porque o faziam por cima de muitos cadaveres. Juzarcão inflamava-os com a recordação da honra, do premio, e da vingança.

Continuava a artilheria inimiga a bater os outros baluartes, em quanto os de S. João, e S. Thomé eram assaltados; porque Rumecão entendia, que lhe seria mais facil render forças, que além de pequenas, estivessem divididas. O estrondo das descargas de fogo, o embate das lanças, e espadas, e a vozearia e lamentos dos feridos, e moribundos, faziam uma impressão horrivel nas paredes da fortaleza!

O baluarte S. Thomé, de que eram Commandantes D. João d'Almeida, e Gil Coutinho, atacou-o Rumecão em pessoa, com os Turcos; e como estes eram soldados valerosos, e soberbos por indole do seu paiz natal, arremetteram tão ousadamente, que sabiam mesmo atravessados pelas nossas lanças, procurando encontrar a victoria *no caminho da morte*. Tinham elles a vantagem do numero; os nossos a da posição; tanto assim, que os que tinham cavalgado o muro, ou haviam de entrar victoriosos, ou morrer feitos em pedaços; porque lhes era mais perigosa a retirada, que o combate.

O inimigo reforçava a miudo as suas columnas d'ataque, com batalhões novos; os nossos valendo-se sempre das mesmas forças, mostravam-se superiores aos primeiros, e iguaes aos ultimos. As mulheres soccorriam os pontos atacados com armas, e panelas de polvora, dando com isto uma prova clara, de que o seu sexo além de ser escolhido para fazer as delicias do homem, tambem é capaz de lhe prestar ajuda nos maiores perigos, ainda mesmo com risco da perca da vida. Algumas alentavam com comidas e bebi-

dos aos soldados, augmentando por tal arte o esforço alheio. Outras animavam-os com palavras, que pareciam sahir de peitos varonis; n'uma palavra, nos feitos d'este cêrco contaremos os seus pelos mais raros, senão pelos maiores.

O chão, junto dos dois baluartes, estava juncado de corpos mortos; uns de golpes do ferro, outros abrasados do fogo. Alguns agonizando ainda entre a ira, e a dôr, pediam vingança, soltando gemidos; e os que hiam a satisfazer-lh'a, pereciam n'esse empenho. Finalmente, os nossos praticaram n'este dia tremendo maravilhas de valor, as quaes melhor se podem avaliar pelo resultado, do que pela narração: porque sempre no particularisar acontecimentos, ha quebra de verdade; principalmente nos de guerra, onde a ira, ou o temor, e outros sentimentos, confundem o juizo de maneira, que apenas poderia cada um ser Chronista fiel das suas proprias obras.

D. Fernando de Castro tenro râmo d'uma arvore illustre, tambem n'este dia honrou o preclaro tronco de que descendia. Sebastião de Sá deixou-nos de sua valentia mui respeitosa memoria, até que atravessando-lhe uma seta ervada um joelho, cahio por terra quasi sem vida; e não podendo já sustentar o combate, não queria deixar o seu campo! Afinal foi retirado d'entre os camaradas com magoa, e inveja, deixando seu sangue muito bem vingado. Em fim, todos os nossos desde o mais elevado até ao mais inferior, se portaram tão valorosa e heroicamente, que bastaria só este dia, para os revestir de gloria eterna!

Passadas duas horas de peleija, parecia que os inimigos começavam o assalto, portando-se Rumecão, como quem queria terminar a guerra n'um simples dia; mandou combater os soldados divididos por nações; ou para que a emulação os incitasse, ou para conservar melhor a disciplí-

na; e elle commandando, e combatendo, forcejava por fortalecer-lhes o animo abatido, com a palavra, e com o exemplo; e não lhe importando o sangue de que via a terra ensopada, elogiava os valentes, injuriava os cobardes, mostrando entre o horror das armas, cólera com acôrdo.

O comportamento que D. João de Mascarenhas teve n'este dia, não ha termos que o possam explicar condignamente; conseguintemente, diremos apenas que tornou mais verdejante a corôa de gloria, que já lhe cingia a fronte, por isso que se mostrou General intelligente, e soldado intrepido, como sempre o havia feito.

Vendo Rumecão os muitos cadaveres, que rodeavam os baluartes, e que as suas tropas já combatiam com obediencia forçada, mandou retirar para o acampamento, recolhendo com pressa os mortos e feridos, para occultar aos seus a sua grande perda, e aos nossos a victoria; porém nós soubemos d'elles mesmos, que tinham perdido quinhentos soldados n'este assalto, e muito maior quantidade de feridos; em quanto a nós morreu-nos um só soldado, e os feridos não chegaram a vinte! — Esta desproporção mostra claramente, que a fortuna e o valor se deram ás mãos para nos alcançar uma brilhante victoria; e ver-se-ha pelo decurso da Historia, que muitas mais vezes se deu esta singularidade.

Recolhido o inimigo, chamou o Capitão mór os nossos a segundo trabalho, consistindo este em reparar as ruinas da fortaleza; todos acudiram de mui bom grado a semelhante serviço, resurgindo-lhe o animo da fraqueza das forças, e o desempenharam cabalmente excitados pelo exemplo de quem os governava.

A perda que o inimigo soffrera n'este assalto, tirou-

lhe por muitos dias a vontade de nos acommetter em força, tornando-o mais cauto, ou temeroso. Tentava simplesmente pequenas iuvestidas contra a fortaleza, para conservar a guarnição em continuo alarme, e poder notar a disposição em que se achavam os animos, no occupar os postos. Continuava porém o bombardeamento, com o fim de nos enfraquecer com um lento assedio; mas como o Sultão não cessava de reforçar o exercito com diversos soccorros, mostrando o maior empenho em ultimar a guerra, com vantagem sua, resolveu-se Rumecão a dar um segundo assalto.

Porém, considerando no prejuiso, que havia soffrido, combatendo-nos com forças tão superiores ás nossas, entendeu, que um tal estrago provinha de causas sobrenaturaes, e que por isso convinha applacar a ira do Propheta, com alguma expiação do seu falso rito. Ordenou logo, que esta tivesse lugar, dando o exercito differentes voltas em torno da Mesquita, levando na sua frente uma bandeira com a figura de Mafoma; e que durante esta marcha ridicula se invocasse a protecção de Mafamede, em favor d'uma victoria decisiva contra os nossos.

Gastaram os inimigos muitas horas d'aquella noite n'esta supersticiosa vaidade, allumiados por immensas luzes, soltando de vez em quando gritos e clamores, que depois de breve silencio se trocavam por gemidos, ais, e alaridos, succedendo-lhes o descompassado motim d'instrumentos bellicos.

Fernão de Carvalho, Commandante do baluarte do mar, viu distinctamente esta procissão barbara, e ouviu a vozearia com que ella estrugia os ares; causando-lhe isto muita estranheza, deu parte de tudo a D. João de Mascarenhas, por entender que seriam disposições para novo ataque.

Preparou-se o Capitão mór, para repellir o segundo assalto do inimigo, e teve a fortuna d'encontrar todos os soldados desejosos de darem uma nova lição aos assaltantes; senão maior, ao menos igual á que já lhe haviam dado; cumpre-nos notar para maior gloria de tão intrépidos guerreiros, que esses desejos eram igualmente partilhados pelos feridos, e enfermos, os quaes abandonavam os leitos, e os remedios, buscando antes o perigo, que a saude.

Na madrugada seguinte, (*) quando ainda se viam estrellas no Firmamento, já o exercito inimigo rodeava a fortaleza, em acção de batalha. Achava-se elle dividido em trez columnas, n'uma das quaes tremulava a bandeira onde estava desenhado o Propheta, para que a figura do aucthor do *Alcorão*, podesse gerar valor n'aquelles seus crentes. Passados poucos momentos, começaram a atacar simultaneamente os baluartes S. João, e S. Thomé, e a guarita d'Antonio Peçanha, mui ousadamente; porém, a intrepidez com que foram recebidos pelos nossos guerreiros, obrigou-os a descer mais depressa do que haviam subido, cahindo parte d'elles sem vida, outros feridos, e alguns abrasados pelo fogo.

Perdida pelos inimigos esta primeira avançada, logo outra porção de suas tropas renovou a escalada, incitada pelas vozes de Juzarcão, e de Rumecão, e subindo favorecida por innumeraveis tiros de mosquetaria, e por um chuveiro de setas. Tornou-se então o combate mui encarniçado; pois que os Turcos pertendendo readquirir a opinião perdida, entraram a subir teimosamente por entre o ferro, e fogo, como que estimassem menos a vida, que a victoria; até que conseguindo afinal pôr o pé sob o cimo do muro do baluarte S. Thomé, alli peleijaram com os nossos corpo a corpo.

(*) 25 de Julho de 1546.

Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, e os fidalgos, e soldados de seu immediato commando, portaram-se n'este conflicto terrivel com valor tal, que o proprio Rumecão gritava aos seus, *que os imitassem na bravura.* Os Turcos viam-se reforçados a cada momento por combatentes frescos; os nossos nunca lhes crescia o numero, nem esperavam que isso lhes acontecesse; mas mostravam-se sempre tão valentes, como no começo do assalto!

Fervia a guerra em todos os pontos da *Eterna* Dio!

Os inimigos contavam já muitos mortos, e feridos; porém a desesperação, e a raiva faziam-lhes encubrir, ou desprezar os estragos; porque sobre o corpo d'aquelle que cahia da muralha, lá se estribava logo outro para arremessar a lança, ou para combater mais firme.

Ao cabo d'uma porfiada lucta de sangue e morte, conseguiram em fim os Turcos entrar no baluarte S. Thomé, onde se sustentaram grande espaço de tempo, sendo ainda muito cortados pelo nosso bem afiado ferro. Os trez irmãos Almeidas D. João, D. Francisco, e D. Pedro, foram tão semelhantes no denôdo, e na valentia, quanto o eram no sangue; pois sustentaram todo o pezo de tantos inimigos, em quanto durou o assalto!

Dos inimigos entrados no baluarte, poucos o largaram com vida; por isso que julgando aquelle ponto o principio do caminho da victoria, queriam sustental-o a todo o trance. Rumecão não cessava d'acender o orgulho dos Turcos, com elogios, e promessas. A este tempo correu por toda a praça a voz, *de que os inimigos haviam ganho o baluarte São Thomé;* e quer este grito fosse ardil, quer filho do acaso, é certo que podera perder a fortaleza; porque, os que guarneciam todas as outras estancias, quasi as desam-

pararam, para hirem soccorrer o ponto que julgavam perdido; tanto assim, que os que defendiam as cazas do lado da rocha, voaram com tanta rapidez a prestar o dito soccorro, que aliviaram muito os camaradas que á tanto alli combatiam, e cujas forças se achavam quebrantadas pelo trabalho, e pelos perigos.

D. João de Mascarenhas, andou por todas as estancias a certificar aos nossos, *que o baluarte ainda estava em nosso poder*, que se peleijava n'elle com heroico valor, o que Rumecão via pelo horroroso destroço dos seus, que banhados em sangue se precipitavam do muro, perecendo feitos em pedaços aó tocarem a terra.

Apezar de tantas mortes, e de tantas feridas, continuava ainda o assalto sem esperança de terminar; parece, que a uns e outros contendores se lhes redobravam as forças, e a bravura. Reconhecendo isto Juzarcão, e suspeitando que a pequena guarnição da fortaleza, estaria toda reconcentrada nos dois baluartes assaltados, foi com alguns soldados demandar o reducto denominado *Couraça*, cuja altura, e rochedo batido pelo mar, o tornavam mui defensavel. Chegado alli viu que estava inteiramente desguarnecido de tropa, e entendeu que o tinhamos deserto, por confiarmos na defensa que lhe dera a natureza. Vendo Juzarcão que se não tinha enganado, em suas suspeitas, mandou logo buscar ao exercito um pelotão de cem Turcos, ordenando que viessem tambem algumas escadas; chegado que foi este soccorro, começaram os inimigos a subir por aquella parte sem serem vistos, nem repellidos, porque os soldados que guardavam aquelle ponto tinham-no abandonado, para hirem soccorrer o baluarte São Thomé, apenas lhes constou que estava perdido.

Os Turcos subiram ousadamente a rocha, e foram de-

mandar umas casas, que se encostavam á Igreja de São Tiago, e davam passagem para uma varanda baixa, á qual encostaram as escadas para subirem outros. Juzarcão, durante que isto se fazia, animava a todos com palavras mui lisongeiras, persuadido de que tinha roubado a Rumecão a honra, e a victoria.

Achando-se os Turcos senhores das casas, foram por ellas descendo para a fortaleza; um d'elles, porém, como mais atrevido, ou diligente, entrou na habitação d'uma mulher casada, e pediu-lhe dinheiro com seguro da vida; a desgraçada tranzida de susto fingiu que sahia a buscal-o, e foi contar a uma sua visinha, o perigo em que estavam; esta avisou logo outra, a qual com a decisão, e valentia d'um homem bravo, lançou mão d'um chuço, e correu para a casa onde os Turcos se achavam; chegando alli viu um d'elles á porta, em observação do que se passava fóra, e logo o acommetteu, dirigindo-lhe algumas chuçadas, o que o fez recolher para dentro; a nossa heroina tinha o juizo tão claro n'este perigo, que teve então a lembrança de cerrar a porta, e coragem para aguardar os Turcos, e impedir-lhes a sahida! — E' para lastimar que o nome de tão preclara Matrona, ficasse perdido em a noute dos séculos, privando-se a posteridade de lhe tributar respeito, e veneração!

Andava o Capitão mór inspecionando os baluartes, com trez soldados ás suas ordens, quando algumas mulheres vieram participar-lhe *que havia Turcos na fortaleza*, o qual o local em que estavam; D. João de Mascarenhas querendo occultar o mais possivel esta invasão, mandou-lhes que se callassem, e que o guiassem á casa onde se achavam os inimigos; antes de partir, ordenou a uma das suas ordenanças que lhe fosse tirar alguma gente dos baluartes, que estivessem sendo menos atacados, e que occul-

tasse o perigo da fortaleza aos que peleijavam; despediu ainda segunda ordenança para lhe trazer os soldados, que encontrasse por fóra das estancias. Depois de dar estas ordens, partiu, reunindo-se-lhe no caminho André Baião, e outro companheiro; chegando á casa onde estavam os Turcos, viu junto da porta a heroina, que já mencionámos, defendendo-lhes a sahida com esfôrço tão grande, como o do mais intrepido guerreiro!

D. João de Mascarenhas ao vêr n'uma mulher valor tão sobrenatural, pussuiu-se d'assombro, e contentamento; e sabendo d'ella que os Turcos ainda se conservavam encerrados, mandou a um Abexim, que por acaso alli apparecera, que lhe fosse buscar uma panela de polvora; este vai a partir, mas um pelouro despedido do cirado da Igreja, onde já se achavam alguns Turcos, veio poupar-lhe o trabalho de cumprir semelhante missão, roubando-lhe a vida.

Morto o Abexim, correu um soldado a procurar a dita panela de polvora; voltando logo com ella tomou-lh'a D. João de Mascarenhas das mãos, meteu d'um vaivem as portas dentro, e quebrou o *projectil* entre os Turcos, onde o fogo abrasou a maior parte d'elles. Os Turcos vendo-se accomettidos por maneira tão estranha, fizeram muitos tiros contra quem os atacava; porém, o Capitão mór sendo respeitado pelos pelouros; pois que nem um só lhe tocára, embraçou um broquel, empunhou uma espada, e cahiu sobre os inimigos com mais quatro valentes que o acompanharam, conseguindo á força de cutilada leval-os até á varanda, e fazel-os precipitar da rocha com perigo identico ao de que fugiram, porque muitos d'elles morreram na quéda.

Já dissemos que se achavam alguns Turcos sob o eirado da Igreija, agora acrescentamos que eram mais de cem, que tinham alli arvorado dois estandartes, e que começavam a dar descargas de mosquetaria sob cincoenta e tantos dos nossos, que vinham chegando; o que tudo foi aquí participado a D. João de Mascarenhas, e o fez voar áquelle ponto. Chegado alli, mandou immediatamente buscar algumas escadas, com o fim de dar um assalto *na propria fortaleza, que governava.* Apenas estas chegaram, foram logo arrimadas ao muro da referida Igreija; querendo o Capitão mór subir primeiro, não lh'o consentiram os soldados, fazendo-o elles com uma intrepidez incrivel.

Começára aqui o combate com muita desigualdade, pela differença do local; porque uns peleijavam a pé firme, em quanto que outros o faziam suspensos nas escadas; d'estas quebraram-se duas; porque entre os nossos guerreiros a competencia, e o ardor, de qual havia subir primeiro, era uma outra guerra. O Capitão mór animava os seus subordinados com a palavra, e com o exemplo, mais por obrigação do cargo, que por necessidade. Tornara-se a lucta mui desesperada; alguns bravos Portuguezes tinham cahido mortos; mas nenhum se retirára ferido.

Em fim, depois de tres horas de porfiada peleija; depois do numero de Turcos ter crescido muito, por isso que Juzarcão não havia cessado de os reforçar, conseguiram os nossos cavalgar o muro, onde podendo combater com firmeza, venceram dentro em pouco os inimigos, matando a muitos com a ponta do ferro, e a outros precipitando-os do eirado.

Vendo o Capitão mór que já não havia perigo por aquelle lado, marchou com os valentes, que alli tinham acudido, a reforçar os baluartes que ainda estavam sendo

atacados, e nos quaes o inimigo era repellido com tanta bravura, que durando o assalto havia quatro horas, parecia ter começado n'aquelle momento.

Eram tantos os mortos que estavam junto dos baluartes, que lhes faltava a terra, e facilitavam a subida do muro. Rumecão sempre activo, e disciplinador, animava, ou reprehendia os seus soldados, conforme o valor, ou fraqueza com que combatiam, incitando-os com recompensas, ou castigos. D. João de Mascarenhas acudia a todos os pontos, ordenando, e provendo todo o necessario, sem haver perigo que elle não partilhasse.

Continuava o combate com um encarniçamento horroroso, tanto d'uma, como d'outra parte; e Juzarcão tendo acabado de chegar com a columna de seu immediato commando, para dar calor ao assalto, um pelouro nosso lhe atravessou o peito, e logo o fez cahir morto. A noticia d'esta morte espalhou-se logo por todo o exercito inimigo; Rumecão recebeu-a com muito sentimento, fosse por temor, ou por compaixão; mandou immediatamente tocar a retirar, e recolher o corpo de Juzarcão, para em consequencia do valor que lhe era peculiar, e do posto que occupára, se lhe fazerem as devidas honras fûnebres.

O revés que os inimigos acabavam de soffrer, causou-lhes o maior desalento e forçou-os a acreditar que não deviam esperar victoria; por isso que as perdas se succediam umas ás outras, e não inventavam estratagema, que os nossos lhes não destruissem. Uma desconfiança sem limite se apoderára de todos os animos; tanto assim, que em todo o acampamento se ouvia bradar: «A victoria já não «val-e, o que nos tem custado; e quando bem a alcance-«mos, quem hade ficar que logre o triumpho? Bem se mos-«tra estar o Propheta indignado contra nós, pois soffre ver

«sua bandeira ignominiosamente rota, e que este ultraje «lhe tenha sido feito, por um punhado de vís Christãos «nascidos no ultimo Occidente; pois tolera que muitos dos «seus mais decididos crentes, tenham morrido cortados «pelo ferro dos mais desesperados inimigos do Alcorão.» Muitos outros brados soltavam os inimigos neste sentido, terminando sempre por acusar a má estrella do General, e as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes.

Procurava Rumecão extinguir estes receios, usando de certos artificios, por exemplo, diminuia a perda dos seus, e augmentava a nossa, fallando a todo o instante nas mercês do Sultão, e no renome que alcançariam os soldados d'aquelle exercito, como parte mais valiosa da recompênsa, que deviam esperar.

D. João de Mascarenhas, depois de ter mandado enterrar os mortos, e curar os feridos, sem poupar cuidados nem despesas, pediu a Sebastião de Sá, que se encarregasse de hir participar ao Governador Geral o estado das cousas, significando-lhe o quanto a fortaleza estava falta de gente, de munições de guerra, e de mantimentos. Sebastião de Sá como fosse pessôa de muito crédito, valor, e probidade, incumbiu-se de mui bom grado d'esta arriscada missão, e partiu n'um *Catur* para a desempenhar. Aportou em Baçaim com a pequena embarcação quasi desmantelada, onde foi recebido, e hospedado por D. Jeronymo de Menezes, Commandante da fortaleza, enviando logo d'alli a D. João de Castro as cartas, que D. João de Mascarenhas lhe escrevera.

N'este mesmo tempo, que era o principio do mez de Julho, chegou a Gôa a Náo Espirito Santo do commando de Diogo Rebello, a qual era da conserva do Governador,

e que por má navegação havia invernado em Melinde. Trazia a guarnição quasi toda doente; mas bem depressa a mudança de clima, o cuidado do Governador, e o alvoroço da viagem de Dio, lhe fez reparar a saude. Estimou D. João de Castro tão opportuno soccorro, pois chegára a proposito para lhe engrossar a armada, que andava aprestando para acudir a Dio. Tardavam, porém, noticias d'esta praça, o que era devido aos temporaes do inverno; mas o povo interpretava esta falta como indicio d'algum máo successo; o proprio Governador tambem partilhava esta opinião. Chegaram então as cartas enviadas pelo Vigario João Coelho, pelas quaes o Governador soube o aperto do cêrco, as forças do inimigo, e a falta que os nossos tinham de gente, e de munições d'ambas as especies; e como o remedio a semelhante apuro, se tornava urgente, decedin-se D. João de Castro a mandar seu filho D. Alvaro com algumas embarcações, em despeito do parecer dos mareantes, que julgavam temeraria esta viagem no começo do inverno.

D. João de Castro não se deixando vencer do amor filial, nem dos sustos da quadra das borrascas, presistiu na resolução tomada. Apenas constou a partida de semelhante expedição, offereceram-se muitos soldados, e fidalgos para tomar parte n'ella, em cujo numero entraram alguns anciãos, que pela idade avançada, e pela authoridade já se achavam escusos. Um d'estes foi o benemerito D. Francisco de Menezes, que tendo occupado grandes postos, quiz partir com praça de simples soldado; o Governador abraçou-o com muito reconhecimento, pedindo-lhe se reservasse para o acompanhar a elle proprio, pois que se agora fazia partir seu filho D. Alvaro, não tardaria que elle o fizesse em pessoa com o resto da armada; mas vendo que D. Francisco estava resoluto a hir n'este soccorro, deu-lhe o commando de sete navios, para com elles tentar o gôlfo. D. Francisco partiu effectivamente com esta esqua-

dra, levando em sua companhia muitos soldados valentes, e alguns seus parentes, ambiciosos de fama gloriosa.

Passados trez dias, chamou o Governador Geral a seu filho D. Alvaro á sua presença, bem como a todos os fidalgos, que o deviam acompanhar na expedição, para lhe dar a ordem de partida, e dizer-lhe: « que obedecesse em « tudo a D. João de Mascarenhas, embora o posto o eximis- « se d'essa obrigação; pois devia respeitar as muitas virtudes, « de tão sublime Varão; » tendo-lhe entregado algumas instruções secretas, (*) lançou-lhe a sua benção, e mandou-o embarcar immediatamente, sendo o dia 24 de Julho d'este anno de 1546.

(*) Regimemto pera dom alluaro de castro capitão mor do mar.

Isto he o que vós dom alluaro de castro aveys de fazer nesta viaje omde vos ora mamdo por capitão mor do mar, a descerquar a fortaleza de dio, e fazer a guerra a cambaya.

It. tamto que sayrdes pola barra fora, com todo cuydado e delygemcia trabalhares por cheguardes a chaul, sem fazerdes nenhuũa detemça no camynho, senão aquela que justamente se naõ puder escusar; por asy cumprir a seruyço delrey noso senhor.

It. se tomardes alguũ porto daquy ate chaul, vos mamdo que não sayaes em terra, asy por se escusarem bryguas e deferemças com a gemte da terra, e não vos fogirem os marynheyros, como per outros respeytos que pera isso ha.

It. tamto que embora chegardes a chaul, vos porês a paguar toda a gemte que vay comvosquo em vosa armada, com a mor breuydade que for posyuel: e em cheguamdo, antes que a gemte saya dos navios, mamdarês fazer alardo da gemte que for em cada nauio, pelo escryuão e feytor da feytorya, que farão rol, e por ele será a gemte pagua de huũ quoartel, o quoal pagamemto

Compunha-se esta armada de desenove navios, e foram seus Commandantes D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e sen irmão Jorge de Mendoça, D. Antonio

fará o feytor e escrynão peramte vós, e no cabo dele asynareys e decrarareys per asemto a quoamtas pesoas se fez o dito paguamento, e quamto se momtou nelle.

It. tamto que tiuerdes a gemte pagua, vos partirês loguo, rota abatida, camynho de dio, sem fazer nenhuũa demora no camynho, saluo aquela que vos o tempo causar; e leuarês todollos navios de vosa companhya jumtos, e muy bem apercebydos, fazemdo comta que avês dachar as fustas de cambaya, e de noyte leuarês voso forol aceso, pera que vos não posa perder nenhuũ: e chegamdo á barra de dio entrarês com vosa armada demtro; e loguo desembarcarês com toda a gemte dela, e vos meterês demtro da fortaleza, omde por se escusarem bamdos, e deferemças e outras muytas payxões, que emtre a gemte da guerra soe aver; quoamdo as jurdições e allçadas, em huũ soo luguar, estão repartidas por mais de huũ soo capitão: ey por seruyço delrey noso senhor, e vos mamdo, que em quoanto estiuerdes demtro na fortaleza de dio, e cerquo durar, não huseis dos poderes e allçada que por mynbas prouisões leuaes de capitão mor do mar; mas estarês vos, e toda a vosa gemte há obediemcya e mamdados de dom Joham mascarenhas capitão da dita fortaleza, ao quoal vos mamdo e emcommemdo muyto, que obedeçaes e acompanhês, e estês á sua ordenamça, pera dardes exemplo que asy o façã todos.

It. semdo caso que ao tempo que cheguardes a dio seja o cerquo aleuamtado, ou se alleuamtar depoys de vosa cheguada, e não ouver nenhuũa necesydade de vosa estada, iruos ês amdar á pomta de dio a esperar as naos de cambaya, que vem do estreyto, ou em quoal quer outra parte omde vos parecer que será mais certo achalas; e tomarês todas, asy as que vos amostrarem car-

d'Atayde, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero d'Atayde, Balthasar da Silva, D. Duarte Deça, Antonio de Sá, Beltazes, como as que os não trouxerem; por quoamto per direyto se lhe uão devem de guardar, por elles serem os quebramtadores das pazes, e nos moverem guerra, e terem tomados nosos navios e purtugueses.

It. pera que a gemte que comvosquo vay, asy capitaẽs, como llascarys, e toda outra gente, com mylhor vomtade e anymo follguem de pelejar, e se fazer como deve esta guerra a cambaya, lhes comcedo em nome delrey noso senhor escalla framqua por mar e por terra, de tudo que tomarem na sua enseada e costa, soomente nas naos que vyerem de fora da costa da Imdia se não emtemdera a dita escalla framqua; porque nas taes vos mamdo, que mamdeys pôr muyta guoarda e requado, pera se dellas fazer repartição comforme ao regymemto delrey noso senhor; e nellas pores pesoas por quoadrylheyros, que mais autas e fyeys vos parecerem, e as mamdareys a esta cydade de guoa, omde se emtreguarão ao veador da fazemda.

It. sem embarguo do que vos diguo nos dous capitulos acyma; porque os casos são mais que as leys, e eu de quá não poso prouer nas coasas que lá podem soceder, vos mamdo que tomeys comselho com dom João mascarenhas, e com dom framcysquo de meneses, e se a todos tres vos parecer que deveys fazer outra cousa e irdes a outra parte, farès tudo aquyllo, que per todos tres for asemtado.

It. porque eu tenho mamdado dom framcysquo de meneses a dio por capitão mor de hũm armada, que se avia de fazer em baçaym, e pode ser que vos encomtrès com ele; sem embarguo de vós irdes por capitaõ mor do mar, ey por bem que ele e vós vades vosas bamdeyras, e cada huũ ordene e mamde a sua armada. Feyto em guoa a 24 de Julho de 1546. Antouio cardoso secretatario o fiz escreuer» Dom Joham de castro»

chior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme, todos elles guerreiros illustres, a quem o gosto da empreza, e o valor e intelligencia do General, faziam despresar os Turcos, e as tempestades.

Logo que o Governador fez partir seu filho D. Alvaro, ficou aprestando a armada em que devia seguil-o, procurando munições de bocca, e de guerra, e pedindo dinheiro emprestado sob fiança de sua palavra, unico thesouro que conservou na India, e com o qual se fez senhor dos corações, e dos teres de seus habitantes. — Julgamos a proposito não passar mais a diante, sem narrarmos as seguintes acções de heroismo, praticadas antes da sahida de D. Alvaro.

As senhoras, e donzellas de Chaul, impellidas pela veneração geral que se consagrava a D. João de Castro, reuniram todas as suas joias d'ouro, e pedras preciosas, e com liberalidade a mais digna d'elogio, trataram de lh'as enviar, sem preceder obrigação, ou supplica, significando-lhe, que não chorariam a ausencia de seus filhos, e maridos, mas que teriam inveja d'estes o acompanharem na mais santa das emprezas! — Podemos asseverar, que nunca as antigas matronas de Roma, e Grecia, praticaram um rasgo de tão heroica generosidade: dedicação feminil d'este quilate, só os Annáes Lusitanos a podem mencionar.

Quando chegou a Gôa esta valiosa dádiva, achava-se alli uma dona de Chaul, por nome Catharina de Sousa, a qual a exemplo das suas compatriotas juntou tambem as joias que possuia, e as remetteu ao Governador acompanhadas da seguinte carta:

«Senhor, eu soube como as mulheres de Chaul ti-«nham offerecido a V. Senhoria as suas joyas para a guer-«ra. Ainda que eu me achasse em Gôa, não quiz perder

«a parte da honra, que me d'ahi cabe. Por Catherina «minha filha mando as minhas joyas a V. Senhoria. Não «julgue, em quão poucas são, as que pode haver em «Chaul, porque lhe certifico, que eu sou a que menos «tenho, porque as tenho repartidas por minhas filhas. E «crêa V. Senhoria, que só das joyas de Chaul, pode fazer «a guerra dez annos sem se acabarem de gastar. — E a «mercê que peço a V. Senhoria é gastar logo estas mi- «nhas na ida do Senhor Dom Alvaro, porque eu espero «em Nossa Senhora, que haja elle tamanhas victorias, «que escuse a ida, e trabalhos a V. Senhoria. Isto peço «em minhas orações, e assi que acrescente a vida a V. «Senhoria, e o deixe ir a Portugal diante dos olhos da «senhora sua mulher, e filhas. Escrita em Gôa nas casas «de Dona Maria minha filha, hoje onze de Junho. Minha «filha Catherina empenharei, se for necessario, para o «serviço de V. Senhoria.

Não sabemos se era do amor da patria, se da integridade com que o Governador se condusia, que provinham estes rasgos sublimes; mas o que podemos certificar, é, que taes extremos honram tanto a Authoridade a quem se dedicam, como as pessoas que os praticam.

Despedido que foi um, e outro soccorro, ficou o Governador Geral juntando o resto do poder, dispondo o governo da Cidade em sua ausencia. Como sabia que na fortaleza faltavam munições, e mantimentos, além dos que já lhe tinha enviado, carregou um *caravelão* grande, que por ser embarcação mui pesada, podia mal resistir ao embate das ondas na estação invernosa. Esta circumstancia tornava o negocio muito importante, e por isso D. João de Castro desejava commetter esta empreza a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Aconselhou-se ácerca d'isto com Manuel de Sousa de Sepulveda, fidalgo,

que por ser mui valeroso, e atilado, lhe merecia bastante estima, e este respondeu-lhe: «que Antonio Moniz Barre-«to tinha brio, e industria para cousas de maior monta; «que ainda que tinha d'elle Governador alguma leve quei-«xa, seria para não pedir, mas não para engeitar o ser-«viço Real em occasião tão ardua; que elle o tentaria, e «da resolução traria resposta.»

Foi esta como Sepulveda a esperava; poisque, sciente Antonio Moniz do desejo do Governador, e de que o incumbia d'uma empresa engeitada por muitos, por ser difficultosa, aceitou-a promptamente. O resultado que teve, contal-o-hemos a seu tempo.

Conseguira o Governador pela sua vigilancia, fazer entrar na fortaleza alguns soccorros, os quaes serviram para vigorar o animo dos cercados, e adoçar-lhes o perigo. As forças do inimigo recebiam cada dia maior augmento, constando o ultimo reforço que lhe chegára de treze mil infantes, conduzidos por outro Juzarcão, tão intelligente, e valeroso como o primeiro. Trouxe elle terminantes ordens do Sultão para se estreitar o cêrco, contidas n'uma carta escripta a Rumecão, na qual se dizia: «que não era possi-«vel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fa-«zer aos Principes de Cambaya injurias em sua mesma ca-«za; que morressem todos na empreza, porque antes que-«ria um Imperio deserto, que sujeito; que pois nas rui-«nas da fortaleza, estavam já os Portuguezes meios enter-«rados, quando os não podessem render como a homens, «os matassem como a leões em suas mesmas covas.»

Parecendo a Rumecão que a marcha militar que havia seguido n'aquelle cêrco, descontentava o Sultão; mais impellido pela desconfiança, que pela idéa de recompensa, jurou satisfazel-o com a perca da vida, ou com a victoria.

Como não quizesse retardar o cumprimento d'este juramento, mandou immediatamente levantar um forte em frente do baluarte S. Thiago; concluido que elle foi, o que teve lugar com summa rapidez, guarneceu-o d'artilheria, e de soldados, privando os nossos valentes de poderem assomar aos muros, sem perigo de que as balas inimigas os offendessem, pela razão de ficar o dito forte a cavalleiro dos nossos.

Déra este negocio bastante cuidado ao Capitão mór; pois via, que, se Rumecão assaltasse a fortaleza por aquelle lado, conforme a intenção que tinha, não podiam os nossos guerreiros defendel-a, sem ficarem descubertos ao fogo do inimigo. Consequentemente, resolveu-se a destruir este terrivel *visinho*, empresa que encommendou aos dois irmãos D Pedro, e D. João d'Almeida. Sahiram estes com cem soldados na hora da noite mais captiva do somno, na qual alguns dos inimigos estavam dormindo, e outros em descuido fiados no lugar, e na hora, e cahiram sob elles com tanto impeto e rapidez, que em breve espaço os desbarataram, causando-lhes o maior estrago. Os poucos que conseguiram fugir, foram alarmar o exercito com gritos de terror, sem poderem affirmar ao certo qual o poder que os acommettera; porque meio acordados tinham recebido o golpe, antes de conhecerem a mão que o dirigira.

Rumecão ao constar-lhe este novo revés, entendeu, que a audacia dos nossos se estribava n'algum soccorro grande, que, sem que as sentinellas mouriscas o pressentissem, haviamos recebido. Mandou pois pegar em armas a todo o seu exercito, para hir soccorrer o novo forte; mas como gastasse o tempo em que devia obrar, em ordens demasiadas, e aprestos, quando chegou encontrou a guarnição degolada, o bastião arrasado, e os nossos recolhidos: esta sortida milagrosa custou tresentas vidas aos inimigos, e nenhuma aos nossos!

Em seguida a este successo, fez o inimigo levantar umas paredes grossas defronte do baluarte S. João, postou junto d'ellas muita tropa, e collocou-lhes sob o terrapleno alguma artilheria, para em distancia proporcional, poder bater o mesmo baluarte. D. João de Mascarenhas, tão prompto em destruir os estratagemas do General contrario, quanto este o era em excogital-as, mandou sahir n'uma noite tempestuosa a quatorze soldados por uma bombardeira, os quaes acommettendo de subito os Mouros, os forçaram a abandonar o posto, em quanto que os gastadores com picaretas, e outras ferramentas, desfizeram a obra.

Avisado Rumecão de mais este nosso *feito*, deu ordem para que no dia seguinte se désse um assalto geral á fortaleza; antes do combate arengou aos soldados: «estimulando-os com offensas que tinham recebido de tão pou- «cos inimigos, quasi mortos de trabalhos, de fome, e das «feridas; que mais felices estavam os que alli acabaram, «pois tinham morrido cobertos de gloria, do que os que fi- «caram vivos, sendo no mundo testemunhas infames d'uma «afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a hon- «ra de seu Rei, vingar seus camaradas, e deixar de si no «Oriente uma fama gloriosa; que confiassem nas mercês do «Sultão, porque havia de recompensar, e contar uma a «uma as feridas de todos; que se algum se atrevia a go- «vernar o bastão do General, promettia ser o primeiro sol- «dado que subisse ao muro.»

Rompia a alva do dia immediato, quando o exercito inimigo ao som de desafinadas musicas, e com as bandeiras despregadas, marchava a rodear a fortaleza; chegado alli começou logo a levantar a escadaria, favorecido por um sem numero de tiros de settas, e d'outras armas differentes.

A repentina apparição de forças tão numerosas; o im-

menso trem de guerra que as acompanhava; o descompassado motim dos instrumentos béllicos; as vozes que o General, e seus subalternos soltavam para animar os soldados; finalmente, o estrondo das descargas de fogo, e primeiras disposições para começo do assalto, tudo isto seria mais que sufficiente para aterrar os poucos cercados, que essas forças vinham atacar, se estes não fossem Portuguezes; mas, como o eram, duplicou-se-lhes o denodo e a valentia á approximação do perigo!

Subiram os Mouros os muros por uma parte, e os Turcos por outra, e tanto uns como outros o fizeram mui ousadamente. Os nossos, sendo cada um capitão, e despertador de si mesmo, portavam-se de maneira, que a honra de todos estava a cargo de cada um. Tanto isto é verdade, que dos primeiros inimigos que tentaram a escalada, bem poucos escaparam com vida, o que aconteceu a muitos dos outros que lhes succederam.

Choviam as granadas, as panellas, e as alcanzias de fogo sob os baluartes; os nossos peleijavam entre chammas, e eram por ellas abrazados! Para se refrigerar, ou extinguir em parte o ardor do fogo, mandou o Capitão mór collocar algumas tinas com agua nos pontos atacados; porém o inimigo conhecendo o damno que causava com semelhante ardil, continuou-o em todos os assaltos; os nossos procuraram ainda inutilisal-o com um remedio, senão efficaz, ao menos mais facil, vestindo-se alguns de couro, em que o fogo não pegava tão promptamente: outros repararam-se com a *colgadura de guadamecins*, que tinha D. João de Mascarenhas; quer dizer, despiram-se as paredes, para se vestirem os soldados.

Campeava a guerra com todos os seus furores, em todas as estancias! — O continuo relampejar dos tiros, era

a unica luz que allumiava a fortaleza, poisque opácas nuvens de fumo quasi a escondiam! — A terra em circumferencia das muralhas, estava juncada de cadaveres! — Apenas se ouvia o trovejar dos canhões, o zunido das settas, o tenir das espadas, os gritos dos feridos, e os suspiros dos agonisantes! — N'uma palavra, um expectaculo de mortes, fogo, destruição, horrores, e sangue, se apresentava aos olhos!,.

O baluarte de Luiz de Sousa, onde se achava D. Fernando de Castro, esteve a ponto de se perder, porque fora acommettido pela melhor tropa do inimigo, circumstancia que lhe causou muitos estragos. Porêm, seus defensores houveram-se na peleija com valentia tal, que até combateram entre chammas, sem que nenhum desamparasse o seu posto! Não devemos particularisar ninguem: desde Luiz de Sousa, e D. Fernando de Castro, até ao soldado de mais inferior nascimento, todos se tornaram dignos de renome eterno, n'este dia memoravel.

Em quanto durou o assalto, não cessou o baluarte do mar de jogar a sua artilheria contra o inimigo, o que a este causou muito damno. Observado isto por Rumecão, e vendo suas bandeiras rotas, mortos os seus melhores soldados, e que a fortaleza havia sido defendida, sem perca de uma só pedra, mandou tocar a retirar para o acampamento.

Este dia foi tão feliz, e glorioso para as nossas armas, que os inimigos tiveram trezentos mortos, e dois mil feridos, em quanto que nós só tivemos mui poucos dos segundos, e nenhum dos primeiros!

Depois de se ter tratado da cura dos feridos, com o zelo e benevolencia do costume, mandou o Capitão mór reparar os estragos, que o combate fizera na fortaleza, o que

se executou com a mesma pontualidade, e boa vontade d'outras vezes.

Rumecão, pesando a grande difficuldade que encontrava em tomar a fortaleza por assalto, mandou entulhar o fosso entre o baluarte S. João, e o de S. Thiago, commettendo esta empresa aos Janisaros, soldados os mais valentes, e destemidos do seu exercito. D'estes já tinham morrido quatrocentos nos differentes conflictos d'aquelle cêrco, e os restantes assistiam a esta obra, expostos ao terrivel fogo da artilheria, o qual lhes disimou ainda bastantes vidas, e matou muitos dos trabalhadores, cujos corpos serviram para augmentar o entulho. Concluida a obra postaram n'ella algumas peças, as quaes faziam muito damno aos nossos baluartes, particularmente ao de S. Thomé, onde nos inutilisaram um *Camêlo*.

Chegou então á fortaleza o Vigario João Coelho, e nove soldados, depois de ter luctado n'uma pequena embarcação contra os mares empolados, e ventos contrarios. Referio logo a D. João de Mascarenhas, que o Governador se preparava para acudir ao cêrco, e que já tinha feito partir alguns soccorros importantes. Que ficavam quinhentos homens em Baçaim, que brevemente atravessariam o golfo e viriam aportar áquella praça. Esta feliz noticia espalhou-se immediatamente pela fortaleza, e todos os soldados a festejaram com danças, e toques de musica, olhando continuamente para o mar, e julgando ver em cada nuvem um navio.

Sabendo os Mouros o motivo, porque os nossos se mostravam tão alegres, disposeram-se a dar novo assalto geral á fortaleza, antes dos nossos receberem os soccorros que esperavam, mui resolvidos a não pouparem vidas, nem sangue para alcançar victoria.

Começou n'aquelle dia o bombardeamento com vinte e tres peças, e alguns basiliscos, continuou até o pôr do sol, e no dia seguinte até ás tres horas da tarde. Este fogo arruinou a maior parte dos muros, sem os nossos os poderem reparar, pelas muitas descargas de fuzilaria, que o inimigo lhes dirigia. Os Turcos chegaram a cavalgar o baluarte S. Thomé pelas ruinas da bateria; porém as lanças de Luiz de Sousa, de D. Fernando de Castro, de D. Francisco d'Almeida, e d'outros valerosos soldados, fizeram-nos descer precipitadamente, matando muitos, e ferindo outros. Subiram outros de novo, mas tiveram igual sorte, provando a dureza de nosso ferro.

Combatia-se nos outros baluartes com a mesma fortuna, soffrendo os Mouros igual perca, e ostentando o mesmo valor os nossos! Tão rasos estavam os muros, que os inimigos peleijavam com os nossos face a face, como n'uma batalha campal, servindo-lhes as ruinas d'escadas. Os nossos bravos adquiriram n'este dia memoria immortal, sustentando muitas horas o peso de tão desigual combate; por que os inimigos tinham soldados immensos para substituir os mortos, e feridos, e os Portuguezes até lhes faltavam para guarnecer os pontos atacados!

Vendo D. João de Mascarenhas o grande perigo em que se achava o baluarte S. Thomé, por ser accommettido com maiores forças, mandou-o soccorrer com algumas panellas de polvora, sendo estas conduzidas pelas benemeritas *heroinas*, cuja dedicação, e coragem milagrosa já mencionámos, quando narrámos os sublimes *feitos* do primeiro assalto.

Soprava o vento em contrario aos Portuguezes, levantando nuvens de pó da terra que os Mouros pisavam; o que quasi cegava aquelles, e os collocára no risco de se per-

derem; porém elles combatendo com os olhos fechados, cuidavam mais em offender, que em reparar-se. Os Mouros batiam-se desesperadamente, recordando-lhes o General a honra do Sultão, e a sua.

Igual perigo correram os defensores do baluarte S. João, poisque Juzarcão os atacára impetuosamente com a gente de seu commando; porém este ataque foi repellido tão corajosamente, quanto outros o haviam sido nos demais pontos, custando aos inimigos não poucas vidas. O mesmo aconteceu na guarita de Antonio Peçanha.

Para se ajuisar quanta gloria alcançaram os nossos neste segundo assalto, bastará dizer, que os inimigos tiveram n'elle *mil e seiscentos mortos*, *além d'innumeravel quantidade de feridos*; e que esta immensa perda lhes fora causada por *duzentos e tantos soldados*, que tantos foram n'este dia os denodados defensores de Dio! Em quanto a nós só tivemos a lamentar a morte de *trez* guerreiros, e uns *trinta* feridos!

Do bombardeamento que precedera este assalto, ficára a fortaleza quasi toda arruinada, e com muitas brexas abertas, faltando tempo para reparal-a, materiaes e gente; porém os bravos cercados, trabalhando de noite, e derribando as casas da praça, serviam-se das pedras, e madeiras d'ellas, para construirem uma especie de reparos de defensa subita, e furtiva. — Quanto podia o amor da Patria, e a nobre ambição de gloria nos peitos Portuguezes d'aquellas saudosas éras! —

Ao péssimo estado das obras de fortificação da fortaleza, acrescia a falta de mantimentos, e de polvora; d'esta havia apenas a que se podia fazer de dia, que além de ser pouca, era mal enxuta; aquelles eram tão escassos que

um alqueire de trigo valia trez cruzados. (*) Os doentes, comiam as gralhas que vinham cevar-se nos cadaveres, e mesmo estas vendiam-se por muito bom preço, pela razão de serem as unicas aves de penna, que se podiam haver á mão. N'uma palavra, chegou a tal ponto a fome, que os cães, gatos, e outras carnes nocivas, e immundas, serviam para miseravel alimento dos benemeritos cercados! Os Mouros conheciam este horroroso apuro dos nossos, por isso nutriam a esperança de que aturando o cerco, não podiam deixar de se apoderar da fortaleza.

Entre os *projéctis* que faltavam, contavam-se as panelas para pólvora, de que a tropa se servia então na India, tanto nos combates do mar, como nos da terra. Reparou-se esta falta, juntando-se duas telhas com os côncavos para dentro, breando-as por fóra, e prendendo-lhes murrões para serem acesos, quando as arremessassem contra os inimigos.

Desconhecia o Capitão mór os designios do inimigo, por isso desejava tomar um *lingua*, para os saber; e tendo noticia de que alguns Mouros vinham algumas noite postar-se na ponte da fortaleza, onde se demoravam, como quem procurava medir, ou reconhecer o sitio para algum fim, ordenou a Martim Botelho, pessoa em quem muito confiava, que se approximasse uma noite áquelle local com dez soldados, e que fizesse todas as diligencias por lhe trazer um dos mesmos Mouros. Martim Botelho, e os mais companheiros, sahiram pelas bombardeiras da *couraça* no quarto da *modôrra*, simplesmente armados de espadas, e broqueis; apenas chegaram á ponte, viram que desoito Mouros

(*) Comprar n'aquelle tempo um alqueire de trigo, por trez cruzados, equivalia acompral-o hoje por seis mil réis, ou talvez por mais.

para alli se encaminhavam, e os acommetteram subitamente; dezesete d'estes voltaram costas aos primeiros golpes, ficando um Nabi em poder dos nossos, que estes conduziram logo á fortaleza.

Este prisioneiro avisou o Capitão mór, dos intentos do inimigo, o que serviu para se vigiarem alguns ardis, que os Turcos maquinavam. Disse mais: « que este cerco já « custava aos seus *cinco mil homens mortos, afóra muitos Of-* « *ficiaes de nome*; que os soldados mais assizados, desconfiavam « da empresa, entendendo que seriamos soccorridos, mal « o inverno diminuisse; porém que Rumecão em cumpri- « mento da palavra, que dera ao Sultão, cada vez estava « mais obstinado em continuar o sitio. » — E assim mandou minar o baluarte S. Thomé, por conselho d'um engenheiro Turco da Dalmacia, o que se fez tão recatadamente, que os nossos não o poderam perceber. —

Durante que trabalhavam na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo descuberto, ignorassem o occulto. Mandou igualmente collocar alguns cavallos de madeira, na parte que olhava para o dito baluarte, com o fim de fazer acreditar aos nossos, que o queria tomar por escala. Determinando dar o assalto no dia dez d'Agosto, mandou na vespera recolher as peças, que tinha em bateria; e receando que esta medida nos fizesse descubrir-lhe o intento, lançou mão d'um novo ardil para que tal não acontecesse, commettendo o seu desempenho a um *Abexim* mui sagaz. Este, industriado do engano que tinha a praticar, approximou-se n'essa mesma noite do muro da fortaleza, fingindo-se assustado, bradou pela vigia, dizendo « que o recolhessem, por « que tinha que tratar com o Capitão cousas de grande monta. » Foi logo introdusido na praça, e apresentado a D. João de Mascarenhas, em cuja presença se expressou da seguinte maneira:

«Grande Capitão, achando-me n'um estado de intei-«ra perdição; e não podendo já supportar os remorsos que «me opprimem, reccorro a vós, pedindo remedio para o «mal que soffro. Nascido de pais Christãos, perjurei a fé «paterna em que fora creado, como fructo abortivo de Ca-«tholicas plantas; mas, agora que tenho os olhos abertos, «venho bater ás portas da Igreja, para que os Sacerdotes «Latinos encaminhem ao curral de Christo tão perdida ove-«lha. Eis o que vos digo a respeito da minha desconcertada «vida; em quanto aos particulares de Cambaya, affirmo-«vos, que o Sultão teve aviso, de que o Mogor com pode-«roso exercito lhe entrava pelos confins do Reino, pondo-«lhe tudo a ferro; que Juzarcão, que ha pouco chegou ao «exercito com treze mil infantes, trouxe ordem para se unir «com Rumecão, e juntos fazerem opposição ao inimigo; «que com esta resolução *acabava de mandar recolher a ar-«tilheria*, porém deveis preparar-vos para esperar um assal-«to geral no dia d'amanhã, porque os Turcos querem que «esta guerra acabe com estâmpido.»

D. João de Mascarenhas louvando, e confirmando a resolução Catholica, que o *Abexim* havia tomado, agradeceu-lhe a sua revelação, e tornou-o a enviar para o campo inimigo, para o informar de qualquer novidade que alli occorresse.

Bem depressa constou aos nossos soldados a *nova* dada pelo *Abexim*, e festejaram-na mui alegremente com folias, e cantares. Tambem o Capitão mór se possuiu de muito contentamento, vendo a gente tão disposta para repellir o assalto, que, como se acreditava que devia ser o derradeiro de tão apertado cerco, cada um pertendia ennobrecer sua fama, com a pratica de novos *feitos*.

Achava-se D. Fernando de Castro de cama, curan-

do as febres, que o tinham acommettido; porém sabendo que se esperava um assalto, levantou-se, para hir occupar o seu posto no baluarte S. Thomé; D. João de Mascarenhas pertendeu dissuadil-o, já como Capitão, já como amigo; mas aquelle presistindo na resolução que tomára, vestiu as armas, e correu ao dito baluarte!

Mal que amanheceu o dia seguinte, (*) acudiram os fidalgos, e soldados, a guarnecer os postos, havendo-se n'este empenho com tanto contentamento, que parecia estarem já de posse do premio, e do triumpho. Chegados ás estancias, viram que o exercito contrario vinha marchando em ordem na direcção da fortaleza. A nossa artilheria começou então a jogar contra o inimigo, cujos tiros este soffreu sem romper as suas fileiras, até ganhar a frente dos nossos muros, e levantar as escadas para principiar o assalto. Feito isto, atacou os baluartes com grande ousadia, para que a confusão do conflicto nos encobrisse a cilada, que nos tinha preparado. Os nossos defendiam-se com a sua usual valentia, e heroica intrepidez!

Resistia-se no baluarte S. João á violencia do ferro, sem se temer a do fogo. Os inimigos mal lhes fizeram o signal *de se deitar fogo á mina*, retiraram-se todos a um mesmo tempo; esta subita *e geral* retirada descobriu-nos o engano....

O Capitão mór gritou logo, *que abandonassem o baluarte*, para que a explosão da mina não causasse damno. As vozes de D. João de Mascarenhas, foram obedecidas por todos; porém o bravo Diogo de Reinoso, sustentou o lugar, chamando *covardes* aos que o abandonavam; a estas palavras voltaram todos a occupar o posto, seguindo antes tão

(*) Dez d'Agosto de 1546.

nobre exemplo, do que a razão! A mina rebentou logo com estrondo horroroso, e aquelles valerosos Portuguezes pereceram no lugar, que defenderam vivos!

Roubou-nos esta cilada perto de secenta vidas preciosas, contando-se n'este numero as dos Benemeritos D. Fernando de Castro, D. Francisco d'Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reinoso, deixando todos elles as mortes bem vingadas, com as que já tinham causado ao inimigo! D. Diogo de Sottemaior, voando com a lança em punho, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da queda! Alguns bravos foram cahir no arraial inimigo! Escaparam treze com vida, mas todos ficaram *disformes!* Os inimigos tambem soffreram uma parte dos effeitos d'esta explosão; poisque esta arrancando algumas pedras da fortaleza, e arremeçando-as ao campo contrario, fez que estas causassem alli immensas mortes!

Apenas o fumo desassombrou a fortaleza, entraram quinhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abrasado, seguidos do resto do exercito; fizeram-lhes frente *cinco valerosos soldados*, sustentando por muito tempo o peso d'este novo combate! D. João de Mascarenhas acudiu logo áquella parte com quinze *valentes*; e ajudando na defensa aos cinco soldados, fizeram todos tão heroica resistencia ao inimigo, que conseguiram retardar o furor d'um exercito quasi victorioso! — Basta desenhar este Feito sublime com as singelas cores da verdade, para elle exceder a quantas acções de valor mencionam as Historias de Grecia, e Roma. —

Espalhou-se pela fortaleza, que os Turcos se tinham apoderado do baluarte destruido; este boato falso salvou sem duvida a praça, porque fez que muitos soldados das outras estancias, corressem áquelle ponto, e que formassem

alli um pelotão, que bastou para fazer face aos treze mil infantes, que haviam acommettido o mesmo baluarte.

As lanças, panelas de polvora, e pelouros, eram ministradas pelas heroicas mulheres, que tão costumadas estavam a affrontar os maiores perigos; *Izabel Fernandes*, cujo valor já particularisámos, mencando um chuço, andava entre os soldados, gritando em altas vozes: «Peleijai por «vosso Deus, peleijai por vosso Rei, Cavalleiros de Christo, «porque elle está com vosco.» Os Janizaros, e Turcos que combatiam no baluarte, faziam-no com mais denodo, que todos os outros, como quem queria para si toda a gloria d'este dia. O General inimigo mandou redobrar o assalto nas outras estancias, com o fim de dividir as nossas pequenas forças, e poder facilitar a entrada.

O combate tornou-se então mui geral, e horrivel! Os inimigos, como o successo da mina lhe abrira larga porta para a victoria, decediram concluir a empresa neste dia, por isso se batiam desesperadamente. Por muitas vezes esteve perdida a fortaleza; poisque os nossos sendo tão poucos, e achando-se cançadissimos de trabalho, só por milagre, podiam já resistir a forças tão desproporcionadas. O Vigario João Coelho, appareceu-lhes na frente com um Crucifixo arvorado, gritando-lhes «que aquelle Deos, cuja «causa defendiam, era o Author das victorias» Estas palavras confortaram o animo dos nossos benemeritos, a ponto de os fazer sustentar a batalha com a mesma coragem, que patentearam no começo do ataque.

Achava-se proxima a noite: e como um exercito numeroso, combatia contra tão poucos defensores, estes chegaram a receber muitos golpes n'uma mesma ferida! — Não se julgue que haja exageração no que temos referido; poisque os Grandes Feitos, que os Portuguezes praticaram

n'este dia, não ha penna que os possa descrever com a devida exactidão, por faltarem os termos para os explicar. —

Não deixaremos no esquecimento os nomes dos cinco Intrépidos Cavalleiros, que sustentaram todo o peso do exercito inimigo, na sua primeira investida ao baluarte abrasado; porque isso importaria uma criminosa ingratidão, e nós detestamos este sentimento baixo e vil. — Esses Heroes foram Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Corrêa, e Mestre João, Cirurgião de nome.—

Acabava o dia, quando Rumecão mandou cessar o ataque, e retirar para o acampamento, tendo tido setecentos soldados mortos, e um sem numero de feridos, dos quaes ainda lhe pereceram muitos por falta de remedios, e de quem os curasse. O ultimo dos cinco Benemeritos Cavalleiros, que já mencionámos, morreu em consequencia das muitas feridas que recebera, deixando-as bem vingadas no sangue dos inimigos. Isabel Madeira sua digna esposa, depois de o sepultar por suas mãos com poucas lagrimas, e grande sentimento, acudiu com as outras matronas ao reparo das estacadas; no qual todas se empenharam com um zelo, e constancia, impossiveis de descrever.

Retirado o inimigo, mandou D. João de Mascarenhas enterrar os mortos, que estavam nas ruinas do baluarte, e que o foram n'uma mesma cova pela estreiteza do local. Porém, D. Fernando de Castro foi sepultado em separado, antevendo-se que seu pai quereria trasladar-lhe os ossos, para outro qualquer lugar. — Os Manes do heroico filho de D. João de Castro, foram recolhidos n'uma humilde sepultura..; é verdade; porém ella era cem mil vezes mais illustre, e gloriosa, que as massas gigantescas de pedra chamadas *túmulos*, que por ahi attestam uma vaidade requin-

tada, e que encerram *restos* de quem nunca praticára na vida uma acção meritoria, quer em defensa da Patria, quer em proveito do seu semelhante.

Tendo o Capitão mór cumprido os ultimos deveres para com os companheiros, aos quaes a crueldade *agaréna* roubára a vida; e vendo reparados os baluartes, tal como o promettiam os poucos materiaes proprios para isso, e os esforços heroicos das corajosas mulheres d'aquella praça, reuniu os poucos camaradas, que sobreviveram ao estrago, e dirigiu-lhes as seguintes palavras:

«Companheiros e amigos, bem vedes o miseravel es-«tado em que nos achamos; muitos dos defensores d'este «*cercado* recinto, estão mortos; dos que restam, uns tem «abertas as feridas, outros estão enfermos; estão destroça-«das todas as armas; corruptos os mantimentos; gastas as «munições; a fortaleza posta por terra; os mares com os «temporaes do inverno, cada vez mais cerrados; o inimi-«go vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia das «nossas faltas; peço-vos que considereis tudo isto, e que «não vos lembrando das vidas, me aconselheis, como me-«lhor poderemos salvar a honra do nosso Rei, e a nossa; «entendei que estamos como espectaculo do mundo, e que «temos sobre nós os olhos do Oriente todo, expostos a me-«recer a maior fama, ou a maior infamia; sabei, que se «não podeis alcançar a victoria, podeis privar d'ella aos «inimigos, pois está nas mãos de todos o poder acabar glo-«riosamente, ganhando maior honra destroçados, que os «Mouros victoriosos; chamei-vos para vos communicar a «resolução em que estou, esperando, que todos a appro-«veis; a qual é, que em se gastando esse pouco manti-«mento, e munições que temos, se queime a roupa, crave «artilheria, e sáia com as espadas nas mãos a buscar o «inimigo, para que não possa chamar victoria aquella, em

- que não achar captivos, nem despojos! » — Assim se expressou o *forte*, o *illustre* D. João de Mascarenhas, n'uma das occasiões mais criticas da sua gloriosa vida; todos os seus bravos ouvintes appoiaram a sua resolução heroica, parecendo-lhes que tardava o momento de a redusir á prática!

Terminaremos aqui o presente Capitulo, asseverando, que ao descrevermos a Dedicação, o Heroismo, e a Valentia d'estes nossos Inclitos Antepassados, não cessamos de combinar o que já *fomos*, e *podémos*, com o que hoje *somos*, e *valemos*; e que esta terrivel combinação nos parte o coração de dor!

CAPITULO V.

ANNO DE 1546.

Perigosa viagem de D. Alvaro, e sua arribada a Baçaim. Chega alli Antonio Moniz Barreto, e parte logo para Dio em companhia de Garcia Rodrigues de Tavora, e Miguel d'Arruda. Depois d'arriscada viagem, chegam a Dio, e dão alli noticias de D. Alvaro. D. João de Mascarenhas escreve a D. Alvaro. Este, e D. Francisco de Menezes sahem de Baçaim. Continúa Rumecão as minas; os nossos reparam-se d'ellas. Rumeção dispõem os seus para outro assalto. E' atacado o baluarte. S. Thiago, e rebenta a mina com damno do inimigo. Rasgos de valor das mulheres da fortaleza. Retiram-se os inimigos com perda, e um de seus Cabos louva o valor dos nossos. Fogem trez escravos nossos, e avisão a Rumecão do nosso estado. O inimigo dá novo assalto, e os nossos re-

sistem-lhe valentemente. Rumecão ataca o baluarte S. João mas logo se retira. Intenta innutilisar a cisterna. Rebenta outra mina, causando damno ao inimigo. Grande perigo dos nossos. São arvoradas tres bandeiras inimigas no baluarte. S. Tiago. O Capitão mór ordena novos reparos. Luiz de Mello parte de Baçaim para Dio, e o mesmo fazem logo depois d'elle mais quatro fidalgos. Luiz de Mello tem trabalhosa viagem, e resiste aos que querem arribar. Aporta a Dio, onde dá noticias de D. Alvaro. Chegam alli mais dous fidalgos. Combate-se no baluarte S. Thiago. Risco da fortaleza, e valentia de seus defensores. Retira-se Rumecão com muita perda. E' soccorrido o inimigo. Aportam a Dio mais dous fidalgos. Rumecão desconfia da empresa, e abre outra mina, que os nossos atalham. Dá fogo a esta, e os nossos defendem as roturas. Retira-se o inimigo. Rumecão acommette em pessoa o baluarte S. Thomé. O que acontece no baluarte S. Tiago. Rasgo de heroismo d'um soldado. Retira-se outra vez o inimigo. Antonio Corrêa sahe a fazer alguma preza, e ataca a doze Mouros, que o aprisionam. E' apresentado a Rumecão, e recusa-se a abjurar a Fé. Soffre por isso muitas affrontas, até que é degolado. Perigo em que está a fortaleza. D. Alvaro, e D. Francisco de Menezes, tornam a arribar. Chega Ruy Fernandes a Dio. Continuam D. Alvaro, e D. Francisco de Menezes a viagem, e tomam uma náo de Cambaya. Chegam a Dio com quarenta embarcações; tanto D. Alvaro, como o Capitão mór participam a D. João de Castro o estado da fortaleza. O inimigo investe outra vez, e retira-se. Decidem-se os nossos a hir encontral-o. O Capitão mór, D. Alvaro, e D. Francisco, pertendem oppor-se. Os soldados não mudão de resolução, e o Capitão mór, e os fidalgos acompanham-nos, para evitarem maior perigo. Sahem os nossos. Em que ordem o fazem. Resistem-lhes os inimigos. O Capitão mór reprehende os amotinados. D. Alvaro porta-se com muito valor, e intelligencia, sobe o muro, e cahe atordoado com uma pedrada. Luiz de Mello é atravessado por um pelouro. Mor-

re D, Francisco de Menezes. Estratégia do Capitão mór. Fidalgos que se destinguiram n'esta sortida. Mojatecão ataca a fortaleza, e retira-se. O Capitão mór consegue meter em ordem os soldados. Perda dos nossos n'esta sortida. Rumecão continúa as minas, e os nossos reparos. Edefica uma nova Cidade. Chega D. Manoel de Lima a Góa, vindo do Reino. O Governador recebe noticias de Dio, e supporta com muito valor aquella da morte de seu filho D. Fernando. Manda soccorrer Dio por Vasco da Cunha. Entra este em Baçaim, e depois em Dio com Luiz d'Almeida. Este vai esperar as náos de Meca, aprisiona duas, e entra com ellas no porto de Dio. D. Alvaro nega-se a resgatar um Janizaro, e mando-o enforcar. Tomada de quatorze Galvas inimigas. O Governador declara em conselho, que vai soccorrer Dio, e D. Diogo d'Almeida opina em contrario. Resposta que lhe dá o Governador. Rumecão continúa outra mina, cuja explosão não causa damno aos nossos.

Durante que se passavam as cousas, com que fechámos o Capitulo antecedente, navegava D. Alvaro, luctando contra horriveis tempestades; porque tendo-se já entrado no mez d'Agosto, (*) tempo do inverno rigoroso n'aquellas paragens, e querendo elle acudir quanto antes á fortaleza, desprezando mesmo o perigo da esquadra, forcejava por seguir viagem até por debaixo d'agua.

(*) *Jacinth. Freire* no *livro* 2. § 122, e *Couto* na *dec.* 6. *liv.* 2. *cap.* 7., dizem, que este mez era o de Junho, e marcam-lhe o dia 24; vê-se que isto é um engano manifesto, por quanto, D. Alvaro partiu de Pangim, no dia 24 de Julho, isto é, na data do proprio regimento que seu pai lhe entregou ao embarcar, segundo refere *Andrad. part.* 4. *cap.* 9.

Soprava um terrivel vento de travessia, e o mar achava-se muito empolado, o que tinha causado tantos estragos nas embarcações, que estas não davam já pelo governo. Afinal, saltou fóra o leme do navio *chefe*, e D. Alvaro não teve então remedio senão arribar a Baçaim, com algumas das embarcações de sua conserva todas destroçadas, hindo outras parar a differentes portos, e bahias. Ahi encontrou a D. Francisco de Menezes tambem arribado, havendo este tido tão má fortuna, que teve d'alijar ao mar os mantimentos, e munições que condusia, se quiz salvar o casco.

Logo em seguida, chegou Antonio Moniz Barreto com o *caravelão* de munições, o qual tambem estivera perdido por muitas vezes, por causa das tormentas. Apenas este fundeára, Barreto fez entrega d'elle a D. Alvaro, resolvido a passar a Dio em qualquer outra embarcação, que podesse melhor affrontar a furia dos mares. Cresceu o tempo n'este dia, o *caravelão* entrou a cassear, e trincou duas amarras; e como a conservação d'este baixel fosse mui importante, por causa das munições de soccorro que tinha a bordo, tentou D. Alvaro acudir-lhe, mas todos os seus esforços e os dos marinheiros foram perdidos, poisque não poderam aproar com elle.

Antonio Moniz Barreto metendo-se então n'uma *Galveta*, (*) que por acaso estava na praia, forçou os remos para o *caravelão*; depois d'estar por muitas vezes proximo a soçobrar, conseguiu deitar-lhe um cabo, e poude trazel-o a reboque. Isto feito, como visse que n'aquella *Galveta* faziam menos impressão o choque, e o embate das ondas, que n'outra qualquer, comprou-a ao dono clandestinamente, e embarcou n'ella com alguns marinheiros a seu soldo. Gar-

(*) Embarcação pequena e leve pouco maior que uma falúa cacilheira.

cia Rodrigues de Tavora vendo a resolução d'Antonio Moniz, pediu a este, que o deixasse hir comsigo; Moniz respondeu-lhe, que lhe não convinha acompanhar-se de pessôa de tão grande nome, que lhe fizesse sombra, porque queria só para si a gloria d'este perigo, sem que na sua embarcação parecesse *segundo*. Garcia redarguiu-lhe, que pregoaria por toda a parte, que elle Moniz era o *primeiro*, e que d'isto lhe passaria o respectivo certificado. Antonio Moniz penhorado por semelhante delicadeza, concedeu a Garcia que embarcasse com elle.

Começavam elles a fazer-se de vela, quando Miguel d'Arnide, soldado de corpo agigantado, e maior ainda na valentia, lhes gritou de terra: « Como, senhores, sem mim passais a Dio? » Não cabeis cá, (lhe respondeu um d'elles.) *Porém o intrépido soldado arremessando-se ao mar mesmo vestido, com uma espingarda na boca, foi nadando para a Galveta!* Antonio Moniz vendo tão grande gentileza, pairou para o recolher, dizendo « que levava um bom soccorro a Dio, em tão bom companheiro. »

Andaram aquelles fidalgos navegando todo aquelle dia, e noite, luctando contra os maiores perigos; poisque, tão péssimo se achava o tempo, que corriam com uma moneta ao pé do mastro á descripção das ondas, alagando estas a *Galveta* por ambos os bórdos. Chegados á tarde seguinte já mortos de cansaço, e de fadigas, conseguiram avistar a fortaleza; porém tão rasa estava ella, que apenas se conhecia pelas ruinas! Chegaram em fim a fundear, sem as sentinellas darem por tal; este facto fez-lhes julgar que a fortaleza estava perdida.

Antonio Moniz bradando então mui alto pelas vigias, estas ouviram-no, e deram immediatamente parte ao Capitão mór. Este veio assistir ao desembarque dos recem-che-

gados, e abraçando-os mui alegremente, agradeceu-lhes a sua chegada, e quiz saber onde se achava D. Alvaro. Antonio Moniz respondeu-lhe em voz alta, para os soldados o ouvirem: Aqui, Senhor, em Madrefabat o tendes com secenta navios; tão depressa o mar abonance, ver-lhe-heis as bandeiras. E disse-lhe em segredo, que ainda ficára em Baçaim arribado, depois de ter tentado o golfo bastantes vezes; mas que tão impaciente se achava, que não tardaria em vir soccorrel-o.

Festejaram os soldados a noticia com musicas, e danças, fazendo-lhes a esperança do soccorro proximo, esquecer os trabalhos passados; os que haviam servido debaixo das ordens de D. Alvaro, como lhe conhecessem o brio, e o valor, certificavam que as tempestades não lhe fariam retardar a viada.

Foram os recem-chegados agasalhados nos baluartes S. João, e S. Thomé, que eram os mais arruinados, o que elles muito agradeceram a D. João de Mascarenhas; poisque, confiando d'elles pontos tão arriscados, dava uma prova clara de que confiava muito na honra, e na intrepidez das suas pessoas. Antonio Moniz mandou logo a embarcação, em que viera, a seu primo Luiz de Mello de Mendonça, hindo n'ella alguns soldados estropeados com cartas do Capitão mór para D. Alvaro, nas quaes lhe narrava todo o acontecido, e todas as precisões que temos relatado.

Aportou a *Galveta* a Baçaim, causando alli muito contentamento por se saber que a fortaleza ainda era nossa; porém a infausta nova da morte do Heroico D. Fernando de Castro, fez derramar torrentes de lagrimas de profundo sentimento! D. Alvaro recebeu-a com a constancia de soldado forte, dizendo-se feliz por se achar com a espada em punho, e em posição propria de poder vingar a perda d'um

irmão, que lhe fôra tão charo. Para apressar a satisfação d'esta vingança, concertou logo com D. Francisco de Menezes, que sahissem n'esta tarde os cincoenta navios expedicionarios, que alli estavam. Esta sahida teve effectivamente logar, hindo as embarcações divididas em duas esquadras, uma commandada por D. Alvaro, e outra por D. Francisco. — Não relataremos agora os succeessos d'esta importante expedição, porque vamos tratar do que n'este tempo se passava em Dio. —

Vira Rumecão que tirava melhor resultado das minas, que dos assaltos; e como soubesse por via d'alguns escravos que nos haviam desertado, qual era a falta de munições, mantimentos, e gente, que havia na fortaleza, entendeu que podia continuar a minar a praça com menor risco, e maior effeito do que d'antes; mandou por isso picar o baluarte S. Tiago, e o lanço do muro que corria para elle, tudo por estradas occultas, para segurança de seus trabalhadores, e poder esconder-nos os designios.

D. João de Mascarenhas sempre cauteloso, e previdente, dedusiu do ocio em que se achavam as armas do inimigo, que este trabalhava em alguma nova mina; e desconfiando que isso tivesse logar no baluarte de Antonio Peçanha, mandou fazer-lhe alguns reparos, e abrir escutas, pelas quaes poude ver o trabalho que o inimigo fazia. Este não podendo romper o muro á força de *picão*, venceu esta difficuldade por meio de vinagre, e fogo: isto prova evidentemente, que não faltava valor, nem disciplina a estes inimigos, como pertendem os que para deslustrar o nome Portuguez, lhes chamaram barbaros, e bisonhos.

Rumecão conseguiu com similhante artificio arruinar o muro, e ordenou que entre o baluarte de S. Thomé, e o Cubêllo, se começasse a abrir a mina; os nossos conhe-

ceram-no logo, fizeram-lhe a contra-mina, e ergueram por dentro uma parede forte, cujo trabalho, e condução de precisos materiaes, foram desempenhados com a importante ajuda d'aquellas *heroinas*, que nunca se negavam ao serviço mais pesado, e de maior perigo.

O General inimigo logo que viu concluida a mina, resolveu-se a dar um assalto geral escudado por ella, e chamando á sua presença os Officiaes do exercito, e os que tinha escolhido para escalar o muro, fez-lhes a seguinte falla:

« Aquellas ruinas, que estais vendo, tintas no sangue « de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, « ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardam » aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome, e as fe« ridas tem tirado as forças de sorte, que só peleijamos « com as sombras dos que já foram homens, offere« cendo os miseraveis aos nossos alfanges, vidas sem san« gue. A honra que n'este cerco tem ganhado com valor in« felice ha de ser toda nossa, *porque do fim da guerra to« mão nome as empresas; que o mundo julga sempre o valor « da parte da ultima fortuna.* Acabemos de ganhar aquella « fortaleza, *subamos a este monte de triumphos*, vingaremos « infinitas injurias com uma só victoria. Livremos esta es« crava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos ma« res, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com « este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empresa, e « se acordará o Oriente idades largas com alegre memoria « de tão formoso dia. »

Rumecão apenas acabou esta pratica, mandou formar o exercito, e dirigio tambem aos soldados palavras proprias para excitar brios, marcando até recompensas para os primeiros que subissem ao muro.

Era este dia o de dezeseis d'Agosto, e n'elle mesmo vieram os inimigos acommetter a fortaleza com todo o seu poder; repartindo-se com muita ordem pelos baluartes, reservaram a maior parte das suas forças, para atacar o de S. Tiago; arrojaram-se contra este em tumulto, soltando espantosos gritos, e despedindo sobre elle uma chuva de settas, e d'outras armas d'arremeço; o que faziam para chamarem alli a maior força dos nossos. Tornou-se aqui a lucta mui desesperada; até que *fingindo* o inimigo, que cedia á nossa resistencia, retirou-se subitamente a um signal convencionado. Mas como os nossos estivessem previnidos, e conhecessem por isso o fim d'esta retirada, apartaram-se tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Deitaram-lhe os Mouros fogo; porém este encontrando resistencia nas escarpas do muro, que lhe contraposeram, rebentou pela face de fora; isto fez que a cortina d'aquelle fôra cahir sobre os inimigos, o que lhes matou mais de tresentos homens, e feriu muitos mais.

Rumecão, apenas as nuvens de pó, e fumo que esconderam por muito tempo a fortaleza, se dissiparam, mandou subir muita tropa pelos estragos, e ruinas do fogo, convencido de que chegára o momento d'alcançar victoria. Os nossos mostraram-lhe bem depressa, que se enganava, recebendo-lhe os soldados na ponta das lanças com summa intrepidez, e fazendo-os voltar em pedaços sob os opprimidos da mina. Os que succederam a estes no acommettimento, depois de terem combatido largo espaço, tambem foram derribados pelos nossos valentes. Estes, estavam sendo abrasados, e feridos por innumeraveis settas, chuços, e alcanzias de fogo, que lhes atiravam do campo inimigo; porém nenhum d'elles abandonou o ponto que defendia, renovando os heroicos feitos com que já se haviam immortalisado n'outros conflictos d'este cêrco.

Crescendo o fogo cada vez mais no baluarte, mandou o Capitão mór trazer para elle tinas cheias d'agua, para esta extinguir o lume que queimava os vestidos, e abrasava os corpos. Como a esta parte correu a maior força inimiga, tambem aqui foi maior a resistencia dos nossos, o que tornava a peleija mui viva.

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora, ganharam n'este dia mui benemerita fama, e gloria, porque susteram o peso dos inimigos com uma valentia sobrenatural, mostrando o mesmo valor nos perigos da terra, que haviam ostentado nos do mar. Não deixaremos tambem de mencionar, que as honradas Matronas da fortaleza, cuja memoria já era tão brilhante, adquiriram n'este assalto maior jús á gratidão da nossa posteridade, ennobrecendo o nome Portuguez com estrondosos rasgos d'heroismo; e que Isabel Fernandes, a mais velha de todas ellas, animava os soldados com a palavra, e com o exemplo, empunhando um chuço.

Não estavam as armas inimigas ociosas nos outros baluartes, porque em todos peleijavam, para com a diversão facilitarem a entrada pelo de S. Tiago. Rumecão mandou tambem, que se batesse a Igreja, que por motivo da sua eminencia podia ser arrasada, julgando que n'aquelle lugar, nos seria mais sensivel a offensa. Porém os nossos apertaram tanto os inimigos, que estes já escalavam o muro mui frouxos, e tíbios, detendo-os o horror de sua propria ruina; até que afinal retiraram todos para o acampamento, tendo tido quinhentos mortos, e um sem numero de feridos.

A honra que Miguel d'Arnide ganhou n'este combate, podia mui bem contentar a qualquer dos nossos guerreiros; poisque este valente soldado houve-se de maneira tal, que, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava-

lhe o segundo! Mojatecão, commandante d'um dos soccorros de tropa, que tinha recebido o exercito, fallava com desprezo do valor dos Portuguezes; mas formando differente conceito pela experiencia d'este dia, dizia: «Que eram «dignos de que os servissem as gentes; e que a fortuna do «mundo estava em serem elles tão poucos, porque a natu- «reza, como a leões, os tinha feito raros, encerrando-os «nas covas do ultimo Occidente.»

Tivemes n'este dia sete soldados mortos, e ficaram vinte e dous abrasados. Os que se achavam sãos eram tão poucos, que nem sequer chegavam para tratar os feridos, quanto mais para reparar os estragos da fortaleza, para o que faltavam tambem os precisos materiaes; mas como Rumecão encontrava tão tenaz resistencia nos assaltos, formava mui differente juiso das nossas forças. Porém, tres escravos que n'este tempo nos fugiram para o inimigo, foram informal-o cabalmente do nosso misero estado, tanto em relação á falta de gente, como á de mantimentos, e munições. Rumecão mui satisfeito com estas informações, resolveu atacar-nos no dia seguinte com todo o seu poder, fazendo saber aos seus as circumstancias em que nos achavamos, e querendo mesmo que os escravos as fossem publicar pelas filleiras do exercito, o que effectivamente teve lugar.

Na madrugada seguinte, vieram todas as forças inimigas postar-se em torno da fortaleza, e logo um pelotão de Turcos tratou d'assaltar o baluarte S. Thomé, cujas ruinas serviram d'escadas aos assaltantes. Estes atacaram com a sua usual valentia, mas os nossos quebrando entre elles algumas panelas de polvora, fizeram-nos retirar abrasados. Seguiram-se logo outros a occupar o seu lugar, mas igualmente foram forçados pelo nosso ferro a voltar costas, depois de terem peleijado algum tempo. Crendo Rumecão,

que tão aturada resistencia nos teria exaurido o animo, e as forças, bradou aos seus, *que subissem a tomar posse da fortaleza, que n'esta já não havia, quem se lhes oppozesse.* Logo que o General inimigo proferiu estas palavras, um grande troço de Mouros arremetteu desesperadamente o muro, conseguindo cavalgal-o no primeiro impulso. Começaram alli a combater com os nossos braço a braço, mostrando-se valor igual d'uma e d'outra parte; mas isto honrava cem mil vezes mais os nossos, por serem tão poucos, e estarem cançados, e feridos, do que honrava os inimigos, que contando um numero de immensos combatentes, não tinham as forças gastas pela fome, nem pelo trabalho. D. João de Mascarenhas, Luiz de Sousa Commandante d'aquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco d'Almeida, praticaram aqui gentilezas d'armas superiores a todo o elogio; o mesmo se deve dizer dos mais Cavalleiros, e soldados, que combateram n'este terrivel conflicto.

O baluarte S. João foi tambem acommettido pelo proprio Rumecão em pessoa, mas os poucos bravos que o guarneciam, obrigaram o inimigo a retirar-se com muita perda, envergonhado, e corrido.

Vendo o General inimigo, que seus soldados já começavam a indisciplinar-se, com o horror de tão continuados estragos, decidiu-se a continuar com o artificio das minas, como o mais efficaz, ou mais seguro. Mandou primeiro abrir muitas sétteiras na parede, que havia entre o seu exercito; e a fortaleza, causando com isso grande damno aos nossos, poisque estes achando-se as muralhas arruinadas, peleijavam em campo raso. A artilheria inimiga, começou tambem a jogar continuamente contra a praça.

Ha na fortaleza uma cisterna, collocada na rua cha-

mada a Cova; e Rumecão vendo que se a arrombasse mataria os nossos á sede, mandou-a bater com um Quartão. Cahiam muitos pelouros n'aquelle lugar, com perigo dos miseraveis que alli se abrigavam, e da abóbeda que cobria a cisterna. O Capitão mór conjurou este perigo, mandando fazer uma alta estacada de vigas, e de entulho, e furando as casas por dentro, para que a serventia d'umas a outras se tornasse segura.

Continuavam os Mouros a minar o baluarte S Tiago; percebido isto pelos nossos, contrapozeram-lhe repuxos fortes, e abriram alguns vãos por onde se vazasse o fogo. Rebentou em fim a mina, e tal resistencia encontrou nas escarpas, que arremessou parte do baluarte para a banda exterior, matando muitos soldados, e mineiros que assistiam á obra, sem causar damno aos nossos, e ficando inteira a cortina do muro. Apóz isto, avançaram os inimigos em chusma ás ruinas da explosão; mas os nossos apezar de muito debilitados pela fome, e pelas feridas, oppozeram-lhes uma valentissima resistencia, sustentando por muitas horas o peso de lucta tão desigual, e horrivel, acommettidos de longe com armas d'arremesso!

Depois d'incriveis esforços, e de muito sangue vertido, conseguiram os inimigos arvorar trez bandeiras no baluarte, e tomar posse d'umas casas contiguas á Igreja de S. Tiago encostada ao mesmo baluarte, ficando ametade d'este e d'aquella sustentada pelos Mouros, e a outra pelos nossos.

Chegada a noite abrandou o furor do combate, sem comtudo se deixar de jogar golpes incertos, e vagos quer d'uma, quer d'outra parte. Mandou logo o Capitão mór, que mesmo com as armas nas mãos, se erguesse uma fraca trincheira que servisse para nos dividir, e abrigar do inimigo; esta fez-se quasi furtivamente, ficando os nossos

valentes alojados no proprio lugar da batalha. Mandou tambem collocar um *camelo* á porta da Igreja, cujo fogo entrou a causar muito damno aos inimigos, por ficar a cavalleiro do baluarte; perigo que os Mouros cuidaram em affugentar, levantando uma grossa trincheira.

Ao tempo que isto se passava na fortaleza, alguns nossos corriam não menor risco no mar; porque apenas chegára a Baçaim a *Galveta* d'Antonio Moniz, logo no dia seguinte, que era o de quatorze d'Agosto, embarcaram n'ella Luiz de Mello de Mendonça, e mais quinze companheiros —e D. João de Taide, e Francisco Ilher (*) cada um em seu navio, em companhia de quinze soldados: —todos elles seguiram para Dio.

Luiz de Mello foi muito infeliz n'esta viagem, porque teve que luctar contra um horrivel temporal, que o acommettera, e contra as porfiadas insistencias que se lhe faziam para arribar a qualquer parte. Os marinheiros, e os soldados, vendo que a pequena e fraca embarcação que os condusia, fazia agua por todos os lados; e não podendo já resistir ao trabalho de a esgostar com baldes, combinaram-se para obrigar por força a Luiz de Mello, que arribasse; este sendo avizado por Gomes de Quadros, soldado da sua estima, recolheu todas as armas no payol, poz-se em cima d'elle com a espada na mão, dizendo: «Quem me fallar «mais em arribar, ás estocadas lhe darei a resposta; a vi«da de nenhum de vós não é de maior preço que a minha, «para vos não quererdes perder, onde eu ficar perdido; «ponde os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a sal«vação tem já outro porto.» Confundidos os soldados, e marinheiros com esta resolução, foram soffrendo o perigo

(*) Estes nomes são os que *Andrad. part. 4, cap. 13*, dá a estes bravos.

caladamente; até que no meio da tarde avistaram a fortaleza, da qual foram igualmente vistos com espanto, e prazer.

Ao entrarem a barra, fizeram-lhes os Mouros alguns tiros, mas conseguiram surgir sem damno na *Couraça*. O Capitão mór correu a recebel-os com muita alegria, affirmando-lhe Luiz de Mello, que D. Alvaro não poderia tardar dois dias; esta noticia foi muito festejada com todas as demonstrações de regosijo, o que fez suspeitar aos Mouros que estava a chegar-nos algum soccorro, e deu causa para se apertar mais o cêrco. Luiz de Mello, e os seus, foram alojados no baluarte S. Tiago, de cuja maior parte estava senhor o inimigo, e que guarnecia com os soldados mais aguerridos do seu exercito. No dia seguinte chegaram D. Jorge de Menezes, e D. Duarte de Lima, tendo tido uma viagem tão perigosa, como a de Luiz de Mello. Estes soccorros pequenos no numero, mas muito grandes na qualidade, vieram dar o maior alento aos benemeritos cercados.

Na madrugada do outro dia, subiram os bravos recemchegados pelo muro, que cobria os inimigos, e lançaram-se sob estes com tanto impeto, que os deitaram fóra, não obstante a resistencia que oppozeram. Rumecão avisado pelo estrépito das armas, acudiu áquella parte com todas as suas tropas. Combateu-se então braço a braço, ferindo-se os combatentes até com armas curtas, e defendendo cada um com o sangue e a vida, o ponto que occupava. Porém, como fossem tão superiores as forças do inimigo, este apezar das gentilezas das nossas armas, tornou a assenhorear-se da parte do baluarte, que havia perdido, reforçou-a com dobrada guarnição, e mandou assaltar a fortaleza por todos os lados. Mas quando a lucta chegára ao maior furor, começaram a chover torrentes d'agua, acompanhadas de mui-

tos relampagos, trovões, e vento, tornando-se o dia muito escuro.

Foi este acontecimento natural interpretado pelos Mouros, como favor de seu Propheta, por verem que a muita chuva nos impedia de os offendermos com as panelas de polvora, e mais instrumentos de fogo; confortados por esta interpretação, chegavam-se aos nossos sem susto, e feriam-lhes os ouvidos com estrondosas algazarras, como quem contava com a protecção do Céo. — Nunca a fortaleza esteve em maior perigo, do que n'esta terrivel occasião! — Seis horas durou tão horrivel combate; até que serenando a borrasca, e tornando a aclarar o dia, começaram os nossos a servir-se das panelas de polvora, para abrasarem os inimigos, o que tornou estes menos orgulhosos, e os fez combater mais cautos, até que chegou a noite. Rumecão mandou então retirar, tendo quatrocentos mortos, e mais de mil feridos; dos nossos faltaram sete, e foram mais os feridos.

Assistiram a este assalto todos os fidalgos, que ultimamente haviam chegado, igualando no valor a todos os antigos cercados. D. João de Mascarenhas mostrou-se como sempre General providente, e intelligente, e soldado intrépido, e corajoso. Passaram os nossos esta noite continuamente álerta, por causa da proxima visinhança do inimigo, ao qual chegára um soccorro de cinco mil infantes com muitos Officiaes Turcos.

No dia immediato ao do assalto, entraram a barra D. João de Taide, e Francisco Ilher, os quaes não acharam menos bravos os mares, que os que temos referido. Disseram elles, que D. Alvaro, e D. Francisco de Menezes já haviam sahido de Baçaim, commandando cada um d'elles uma poderosa esquadra, e que não tardavam um dia a che-

gar Esta feliz noticia, foi festejada pelos soldados da maneira que se póde suppor.

Rumecão ao ver que vinham chegando á fortaleza alguns soccorros, entendeu bem, que estes engrossariam em serenando os mares, e começou a desconfiar da empreza; e como esta desconfiança lavrasse já nas filleiras do exercito, o que elle não ignorava, temeu que ella originasse algum motim, e por isso tratou de incutir no animo dos soldados, que tinha inteira esperança d'alcançar victoria contra os nossos. Como reputasse as minas de menor risco, que os assaltos, mandou abrir uma mui grande no lanço do muro, que do baluarte S. João hia fechar na guarita d'Antonio Peçanha. D. João de Mascarenhas teve logo noticia d'isto, e cuidou em se assegurar contra a sua explosão, trabalhando os fidalgos nos reparos com a maior dedicação.

Quando o inimigo entendeu, que devia deitar fogo á mina, mandou tornear a fortaleza pelo exercito. Vinha na frente uma columna de Turcos commandada por dois Sanjacos, cuja força era a que havia de entrar pelas roturas, que causasse a explosão; esta rebentou com tremendo estampido, e fez voar pelos ares toda a face do muro. Avançaram logo os Turcos por entre uma nuvem de fumo, e de pó, gerada pelo fogo, mas acharam outro muro contraposto: vendo porém, que a guarita d'Antonio Peçanha estava aberta por trez partes, correram a ella com o intento de a ganharem; os nossos voaram a oppor-lhes resistencia.

Peleijou-se aqui grande espaço em campo raso, com muito encarniçamento. Rumecão, julgando que toda a nossa guarnição se achava n'aquelle lugar, mandou atacar os outros baluartes, onde tambem houve Portuguezes, que repellissem os Mouros. O combate durou emfim algumas horas, até que

o inimigo se retirou com igual perda á dos outros assaltos, soffrendo os nossos quasi nenhum damno.

Rumecão, que já desesperava com tão dilatado cêrco, atacou no dia seguinte o baluarte S. Thomé, em pessoa, mandando acommetter simultaneamente os outros fortes por diversos Capitães, parecendo a invasão d'estes dias, um successivo assalto! Aqui combateram os Mouros, com uma desesperação incrivel, poisque corriam atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente. Com este despreso da vida sustentaram a batalha durante muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sob cujos corpos peleijavam, instigados pela dor, e pela injuria dos camaradas mortos. Combateram emfim com tal ardor, e tenacidade, que sustentaram aquelle ponto onde se peleijava, e arvoraram alli bandeiras, cobrindo-se com vallos, e estacadas.

Não era a lucta mais inferior no baluarte S. Thiago. Duas vezes esteve elle em poder dos inimigos, mas estes foram tão valentemente repellidos, que tiveram que o largar depois de bem escarmentados. Os inimigos lançaram aqui tanto fogo, que os nossos guerreiros peleijavam abrasados, valendo-se do já usado remedio das tinas d'agua, para gosarem algum refrigerio. Achava-se Antonio Moniz Barreto a sós com dois soldados no baluarte, detendo a furia do inimigo, quando, querendo sahir a mitigar na agua o ardor do fogo, um dos ditos soldados o segurou por um braço, dizendo-lhe: « Ah, senhor Antonio Moniz, deixais perder o baluarte d'El-« Rei? — Vou-me banhar n'aquellas tinas, (lhe tornou elle) « que estou ardendo em fogo. — Se os braços estão sãos para « peleijar, tudo o al é nada (lhe respondeu o intrépido solda-« do.») Moniz aceitou esta advertencia, tão penhorado do valor que o heroico soldado mostrára, que o trouxe comsigo para o Reino, onde lhe alcançou um emprego; confessando

generosamente o seu desaire para credito de seu protegido, e tratando este sempre pelo nobre appellido de *soldado do fogo*; nome que todos os Historiadores lhe dão, quando narram este successo.

N'este dia glorioso, peleijou-se em todos os baluartes com o mesmo valor, que nos anteriores assaltos se havia patenteado; nem o contrario se poderia esperar de benemeritos, que estando familiarisados ha muito com a *victoria*, tinham já tornado célebre o Nome Portuguez, nas mais aguerridas nações da Asia, e da Europa. — Retirado o inimigo, fortificou-se nas ruinas da praça, das quaes continuou a escaramuçar-nos.

Antonio Corrêa, pessoa de muito valor, sahiu no dia seguinte a barra n'um *catur*, levando comsigo vinte companheiros. Navegando em torno da Ilha em busca d'alguma presa, segundo lhe fôra ordenado pelo Capitão mór, recolheu-se sem ter conseguido semelhante fim. Sahiu cinco vezes n'esta mesma diligencia, mas obteve em todas o resultado da primeira; até que á septima divisou ao longe um fogo, na direcção do qual mandou logo remar. Chegado alli saltou em terra, deixando a bordo os companheiros; caminhou algum espaço só, até que a mesma luz da fogueira lhe descobriu doze Mouros, que em roda d'ella reparavam o frio. Voltou logo á rectaguarda a dizer aos companheiros, que desembarcassem, para haverem ás mãos a presa que buscavam; porém, os soldados recusaram-se a acompanhal-o, e o intrepido Capitão, tendo-lhes stigmatisado a cobardia, partiu só a encontrar os Mouros! Mal chegou junto d'estes, envestiu-os, conseguindo com tão súbito accommettimento, que alguns fugissem aterrados, em quanto que outros lhe oppunham mui fraca resistencia; mas tendo os fugitivos perdido o primeiro susto, voltaram a unir-se aos companheiros; e como todos vissem que era um homem só, quem os

acutilava; começaram a defender-se de seus golpes com muita valentia. Antonio Corrêa em quanto fazia frente a uns, outros o subjugaram pelos lados, e o aprisionaram, levando-o logo amarrado á presença de Rumecão.

O General inimigo mandou que o soltassem, e fez-lhe as seguintes perguntas: «Que gente haverá na fortaleza? O «Governador virá a Dio? Com que forças, e em que tem-«po se espera seu filho?» — Antonio Corrêa, respondeu-lhe: «Na fortaleza ha seiscentos homens, os quaes todos os dias «importunam o Capitão mór, para que os leve a batalhar «em campo descoberto; espera-se brevemente a vinda de «D. Alvaro com oitenta embarcações, e este em desem-«barcando sahirá logo á campanha, porque algumas galés «que traz, hãode mister chusma de Turcos; o Governador «ainda apresta maior poder, porque quer acabar por uma «vez com as cousas de Cambaya.»

Rumecão sabendo qual era o pequeno numero da nossa guarnição, não poude deixar d'invejar um coração tão nobre, e de respeitar, como soldado, quem n'uma posição tão desgraçada o despresava. Rogou pois a Antonio Corrêa, que abjurasse o Christianismo, e se fizesse Mahometano, porque com esta mudança lograria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a um Monarca rico, ou a Piratas pobres. O valeroso Cavalleiro, tomando este rógo como gravissima injuria, respondeu: «Que os Portuguezes, pela Lei, «e pelo Rei estavam sempre promptos a derramar o san-«gue; que Mafamede fôra um embusteiro, tão infame por «obras, como na doutrina; que se em Cambaya havia re-«negados, seriam de outras nações, qual o fôra seu pai Co-«ge Çofar, que como monstro da terra que nascera, os pais, «e a patria o negam de filho.»

Rumecão ao ver assim injuriar o Propheta, a sua pes-

soo, e a memoria de seu pai, tornou-se furioso e desesperado, mandou logo affrontar no rosto ao grande Corrêa, e fe-lo depois passear nú pelas ruas da Cidade! O bravo Cavalleiro, soffreu estes barbaros tormentos com uma couragem sobrenatural, e jámais a perdeu, até ser degolado! Foi-lhe a cabeça espetada n'uma lança por seus algôzes, e collocada n'um lugar donde podesse ser vista pelos nossos, os quaes devisando-a, deram largas ao sentimento, jurando vingar com usura a morte de tão benemerito companheiro. Chegaram no dia seguinte á fortaleza os vinte soldados, que o tinham acompanhado; o Capitão mór não os quiz ver nem castigar, por ter respeito ao tempo ....; porém elles vieram depois a remir o crime, com se arriscarem aos maiores perigos, como homens, que aborreciam uma vida deshonrada.

Tremulava uma bandeira nossa entre o baluarte S. Thomé, e o de S. Thiago; e, crendo um Mouro que a poderia arrancar, e trazer para o arraial sem risco, por ser o muro muito baixo e pouco vigiado, metteu hombros á empreza; porém, quando já tinha conseguido abalar a haste, sentiu-se assustado, e fugiu, deixando-a encostada; d'ahi a pouco refez-se d'animo e tornou a subir pelas ruinas, mas apenas hia a pegar na mesma haste, um soldado nosso dirigiu-lhe um tiro, e fel-o cahir morto. Correram logo os nossos a cortar-lhe a cabeça, e levantaram-na no muro em frente da d'Antonio Corrêa. — Este acontecimento, fez horrivel impressão no exercito contrario. —

Os inimigos que se haviam fortificado no entulho do baluarte S. Thomé, foram ganhando terreno pouco a pouco, á custa de seu sangue, cubertos por montes de terra, e rama, que hiam augmentando. Porém, uma boca de fogo mandada postar ás portas da Igreja, por D. João de Mascarenhas, destruiu-lhes as obras de defeza, com morte de muitos, e forçou-os a abandonar aquelle ponto.

Estava já arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em vez de muros, defendiam suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes, a caminho da victoria; os comestiveis além de muito escassos, achavam-se corruptos, o que originava doenças tão graves, que os sãos recebiam maior damno do contagio, que das hostilidades.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes, tinham partido de Baçaim com cincoenta navios (*) divididos em duas esquadras, uma d'estas commandada pelo primeiro, e a outra pelo segundo; como traziam grande carga de munições, e bastimentos, e isto lhes tornasse mais difficil a resistencia contra mares tão empolados, tornaram a arribar já meio destroçados a diversas angras, e enseadas, acossados por forte temporal. A embarcação de que era Commandante Athanasio Freire, foi corrida com a tormenta encalhar junto a Surrate, onde toda a sua tripulação foi captiva, e levada ao Sultão Mahamud, que a mandou encerrar na masmorra, onde tinha Simão Fêo, e outros Portuguezes.

Ruy Fernandes, feitor de Chaul, (**) que vinha na esquadra de D. Alvaro n'um navio seu, e com soldados a seu soldo, poude conseguir affrontar a furia dos mares todo aquelle dia, e avistar no outro a costa de Dio, para a qual foi velejando; entrando a barra da fortaleza foi surgir na *Couraça*, onde todos o receberam mui alegremente, dando elle noticia ao Capitão mór da vinda de D. Alvaro, cuja arribada ignorava, e de que passemos a dar conta.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes impellidos por uma tormenta geral, arribaram a Agaçaim; re-

(*) Assim são chamados na India quaesquer baixeis, ainda mesmo que sejam caravelas latinas, ou embarcações de remo.

(**) *Andrad. 4 Cap.* 3.

paradas que foram as avarias da tempestade, o que se fez em pouco tempo, tornaram a acommetter o golfo com a maior parte dos vasos de suas esquadras; passadas algumas horas de borrascosa viagem, deram vista da outra costa de Madrefaval. Uma não grossa appareceu então ao longe, e viu-se, que se hia furtando ao alcance dos nossos. D. Alvaro mandou logo arribar a sua embarcação sob ella, e o mesmo fizeram dois outros navios, que vinham na sua esteira. A não atravessou logo, fez saber que era d'El-Rei de Cambaya, e vinha d'Ormuz, e mandou dous mercadores apresentar a D. Alvaro um cartaz passado antes da guerra; não obstante isto foi aprezada, e remetida para Gôa, constando a sua carga de coral, chamelotes, larins, e alcatifas.

Seguindo a expedição a sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios; todos engrinaldados de flâmulas e galhardetes, e isto no dia 29 d'Agosto d'este anno de 1546. Toda a artilheria da fortaleza salvou a esta chegada, ao que as embarcações responderam por igual maneira, tocando a seu bordo alegres musicas. Abriram-se as portas da praça para receber D. Alvaro, hindo a ellas todos os fidalgos, e soldados para lhe dar entrada solemne, e ás mais pessoas de distincção, que vinham na expedição: D. Alvaro escolheu para sua habitação o baluarte, em que morrera seu irmão D. Fernando; aposentaram-se tambem alli os soldados de sua bandeira, e a maior parte dos fidalgos, uns como companheiros de sua dor, outros como camaradas nas suas victorias, sem quererem separar-se da sua obediencia, em attenção ao seu posto de General do mar. Porém D. Alvaro asseverou ao Capitão mór, que vinha alli para estar subordinado ás suas determinações; D. João de Mascarenhas agradeceu-lhe este rasgo d'urbanidade; mas D. Alvaro redarguindo-lhe, que não fazia mais do que obedecer ás ordens do Governador da India, logo lhe mostrou o regimento que trazia.

Rumecão informado da chegada de D. Alvaro, exclamou, *que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar o seu triumpho*, e mandou trabalhar nas minas com muito ardor. Partiu logo uma embarcação com cartas de D. Alvaro para o Governador, nas quaes se descrevia o estado em que aquelle achára a fortaleza; D. João de Mascarenhas participou igualmente a D. João de Castro todos os successos anteriores.

Montava já a guarnição da praça a seiscentos homens, todos soldados de grande valor; com esta força, julgava D. João de Mascarenhas poder intentar cousas maiores, que a defensa. Em consequencia do que, mandou assestar tres bocas de fogo contra as estancias do inimigo, sendo estas batidas tão furiosamente, que Rumecão teve que as reforçar com muita presteza. Os Mouros foram cavando por baixo dos muros do baluarte S. Thomé, picando-lhe as pedras do alicerce, até que fraquejando-lhe a base, cahiram as paredes em terra. Correram logo os inimigos a entrar no mesmo baluarte, mas D. Francisco de Menezes, que alli se achava com alguns soldados, fez-lhes tal resistencia, que os obrigou a uma retirada precipitada, deixando muitos companheiros mortos no lugar da lucta.

Vigiava D. João de Mascarenhas com muito cuidado os designios do inimigo, temendo mais as minas, que ser atacado a descuberto; os soldados de D. Alvaro possuidos igualmente d'este temor, pois se recordavam do tragico fim de D. Fernando, e d'outros fidalgos, e soldados, que haviam morrido abrasados, ajustaram-se para sahir a pelejar com o inimigo, em batalha campal.

Diziam elles para justificar esta sua decisão: « Que não « queriam com obediencia inutil perecer queimados, quando po«diam morrer no campo cobertos de gloria, ou viagados; que pois

«sabiam combater como homens, não queriam acabar como «feras, amarrados ao perigo; que de dous escolhiam antes «o que podiam vencer, que o de que não podiam fugir.» O Capitão mór procurou dissuadil-os, quanto poude, já com razões, já com a authoridade do posto; mas não colheu fructo algum dos seus esforços. D. Alvaro pertendeu tambem resolvel-os á mudança de proposito, dizendo-lhes: «Que El-Rei «sentia mais a desobediencia de um soldado, que a perda «d'uma fortaleza; que ao Capitão mór só tocava o gover- «nar, a elles obedecer, e peleijar.» D. Francisco de Menezes disse-lhes igualmente: «Que fossem embora a infamar o «nome Portuguez, que a honra levavam já perdida, a vida «grandemente arriscada; que quando escapassem das armas «do seu inimigo, não poderiam livrar-se da indignação jus- «ta do seu Rei, ao qual despresavam na pessoa de seu Ca- «pitão mór com sedição tão criminosa.» Porém, os amotinados a nada attenderam; e conservando-se firmes na resolução tomada, responderam: «Que de nenhum delicto se en- «geitava a victoria por desculpa; e quando se perdessem, «ficavam fóra de premio, e do castigo; que elles acudiam «pela honra do Estado, que estava mais acostumado a tomar «praças aos Mouros, que a perder as suas.»

Finalmente, o mais que se poude obter dos amotinados, foi, que a sortida ficasse para o dia seguinte, como querendo dar-se-lhes este breve tempo, para elles considerarem no que convinha mais á sua honra, e segurança de todos. Elles, porém, amanheceram concordes na resolução de sahir a campo, dizendo ao Capitão mór, *que se não os quizesse commandar, entre si escolheriam Commandante.* D. João de Mascarenhas, D. Alvaro, e os mais fidalgos, entendendo, que acompanhar aos *insubordinados* era um lance forçoso; por isso que o mundo costuma louvar mais a temeridade, que a prudencia, resolveram-se a seguil-os.

Dos homens que havia na fortaleza, e que segundo já dissemos, seriam seiscentos, ficaram cem nos diversos baluartes; dos restantes formou D. João de Mascarenhas trez columnas, dando o commando da primeira a D. Alvaro, o da segunda a D. Francisco de Menezes, e reservando o da terceira para si proprio. Nesta ordem sahiram os nossos da fortaleza, ganhando na primeira avançada as estancias que os Mouros tinham feito no fosso, e que lhes foram abandonadas depois de fraca resistencia. Esta sombra de victoria deu começo ao estrago, de quem a alcançára, porque os nossos logo acommetteram desordenadamente o muro. Os primeiros que o subiram, foram, D. Alvaro, Luiz de Mello, e seu irmão Jorge de Mendonça, D. Francisco de Menezes entrou por outra parte, hindo-lhe na frente Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Távora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro d'Almeida.

Correram logo muitas tropas inimigas a encontrar-se com os nossos, sendo commandadas por Rumecão, Juzarcão, e Mojatecão; começou-se então uma tremenda batalha, mostrando-se da nossa parte maior valor, que disciplina. D. Francisco de Menezes acommetteu com tal furia os inimigos, que estes não podendo soffrer o peso d'este encontro, foram perdendo muito terreno, até que reforçados consideravelmente, conseguiram deter a impetuosidade dos nossos valentes. O Capitão mór ao subir o muro, viu muitos soldados do motim ao pé d'elle sem o cavalgarem, e estigmatisou-lhes acremente a desobediencia, e a cobardia: elles callaram-se, como querendo responder com obras, e seguiram-no. E logo atacando os inimigos, que combatiam com D. Alvaro, fizeram-lhes perder parte do campo; mas os Mouros tendo-se reforçado, carregaram os nossos com tal impeto que os pozeram em desordem.

D. Alvaro conhecendo quão fatal nos poderia ser esta debandada, cuidou em ordenar, e recolher os seus, e foi retirando com a frente para o inimigo; porém este havia-lhe degolado alguma gente, e a outra perdia a fórma, por não poder resistir aos golpes dos Mouros; Jorge de Mendonça, vendo isto, e não lhe importando o estar já ferido tomou a D. Alvaro nos braços para o subir ao muro, no que foi ajudado por seu irmão Luiz de Mello; e estando D. Alvaro já no cimo da parede, acertou-lhe uma pedrada, que o fez cahir para a parte de dentro sem sentidos.

Luiz de Mello mal poz em segurança a D. Alvaro, salvou tambem seu irmão, ficando elle com Garcia Rodrigues de Távora, Antonio Moniz, e outros fidalgos, fazendo frente aos Mouros, em quanto o resto dos nossos subia, até que sendo atravessado por um pelouro, cahiu quasi morto! Este bravo tendo sido levado por seus companheiros á fortaleza, morreu d'ahi a poucos dias em Chaul, em resultado d'esta ferida!

D. Francisco de Menezes, tambem perdeu aqui a vida, combatendo valentemente; seus soldados apenas o viram morto, começaram a retirar em debandada, sendo carregados pelo inimigo mui fortemente.

D. João de Mascarenhas sempre prudente, valeroso, e intelligente, conseguiu reunir os *debandados*; mas estes ao acabarem de saltar as paredes, ouvem gritar — *que a fortaleza estava perdida* — e tornam a fugir para diversas partes. O Capitão mór combateu n'este apertado lance, tão denodadamente, que só com alguns valentes que o não desamparam, poude conter o inimigo. Lopo de Sousa defendeu-se aqui de grande quantidade de Mouros, fazendo-lhes verter copioso sangue, até que sendo atravessado pelos peitos com um dardo, cahio sem vida! Antonio Moniz Barreto,

Garcia Rodrigues de Távora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, este com dezesete feridas no corpo, fizeram custar mui cara a victoria ao inimigo.

Marchára Mujatecão a demandar a fortaleza á testa de cinco mil soldados, para cortar os nossos, que recolhiam destroçados; atacando depois o baluarte S. Thomé, encontrou n'elle a Luiz de Sousa, que o recebeu com um vivo fogo d'artilheria, e de fuzilaria, com o qual o forçou a retirar, matando-lhe muita gente. A este tempo divagavam pela fortaleza muitos Mouros, confiados na victoria; porém, D. João de Mascarenhas tendo podido formar um batalhão cerrado dos nossos fugitivos, guiou-o á praça, e cahiu sob aquelles tão pesadamente, que muitos perderam as vidas, deixando os mais o campo. O Capitão mór foi logo visitar D. Alvaro, que ainda achou sem falla, e em muito perigo de vida, segundo a opinião dos facultativos; porém, estes felizmente enganaram-se, *como bastantes vezes lhe acontece*, poisque o doente passados poucos dias, já se achava gosando saude. Nuno Pereira, rico Cidadão de Gôa, e alli casado de pouco tempo, recebeu n'este combate quatorze feridas; pediu licença para as hir curar em sua casa, na qual depois morreu dos mesmos ferimentos, como logo diremos.

Rumecão tendo participado ao Sultão esta victoria, recebeu d'este muitos louvores, e honras, conseguio grande remessa de gente, munições, e dinheiro, e obteve que, grande parte da nobreza militar de Cambaya, corresse a distinguir-se n'aquelle cêrco. Mandou logo que se continuasse a tirar terra da base do baluarte, para que faltando-lhe o alicerce, elle se desmoronasse. D. João de Mascarenhas conjurou este perigo, mandando fazer outro forte no interior, que sendo de circuito menor, era por isso mais defensavel. Porém, sabendo Rumecão da obra, que se estava a pôr em prática, mandou hostilisar os trabalhadores com uma chu-

va de pedras, dardos, e alcanzias de fogo, ferindo-nos alguma gente; em consequencia do que, ordenou o Capitão mór que se trabalhasse de noite com luzes occultas.

Rumecão confiando no bom resultado, que tivera no ultimo combate; e querendo mostrar despreso pela vinda do Governador, que se esperava, começou a edificar uma nova cidade fazendo palacio para si, e aposentos para todos os Officiaes superiores do exercito. Estabeleceu uma ponte de barcas sob o rio, mui segura com grossas amarras, e até terraplenada, e isto na passagem da Alfandega para a villa dos Rumes. Esta fabrica tão custosa, deu causa a que corresse voz por todo o Oriente, que tinhamos perdido a fortaleza, sendo o Sultão congratulado por muitos Principes, por alcançar tão importante victoria. Tambem eccóara em Gôa esta nova, até mesmo aos ouvidos do Governador; a falta de participações de Dio; e o não se saber ao certo onde parava D. Alvaro, faziam acreditar semelhante desgraça!

Por este tempo entrou a barra de Gôa, uma não do Reino, commandada por D. Manuel de Lima. Apartara-se esta embarcação de cinco outras, que vinham na mesma conserva, e que eram commandadas por Lourenço Pires de Távora, D. João Lobo, João Rodrigues Peçanha, Fernando Alvarez da Cunha, e Alvaro Barradas; sendo Lourenço Pires o Chefe d'esta esquadra. D. Manuel de Lima apesar de vir despachado por El-Rei, para Capitão da fortaleza d'Ormuz, quiz partir logo para Dio com tresentos soldados pagos á sua custa; porém o Governador Geral pediu-lhe, que se demorasse, pois queria leval-o em sua companhia, na grande expedição proxima a partir.

No dia quatro de Septembro, (*) surgiu igualmente no

(*) *Andrad. part. 4 cap. 14.*

porto de Côa a Capitania em que fôra D. Alvaro, vindo toda embandeirada, e salvando alegremente, como indicio de que trazia boas noticias. Mal o Capitão desembarcou dirigiu-se ao palacio do Governador, onde encontrou este com D. João de Albuquerque, e Fr. Antonio do Casal Custodio dos Franciscanos. A primeira pergunta que D. João de Castro lhe fez, foi: «A fortaleza está ainda por El-Rei meu se-«nhor?» O Capitão respondeu-lhe: «Sim, senhor, e esta-«rá.» O Governador ouvindo esta resposta, ajoelhou com os olhos no Céo, e rendeu graças a Deus, por tão grande beneficio. Lendo depois a correspondencia, que lhe havia sido enviada, soube da morte de seu filho D. Fernando, mostrando n'este doloroso trance tanta constancia, que ninguem lhe conheceu mudança no semblante, ou nas palavras! Tendo agradecido devidamente ao Capitão, mandou-lhe que fosse alegrar a cidade com as novas que trazia, e logo se retirou a chorar a occultas a perda de seu filho. Chegou n'aquelle mesmo dia o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual havia fallecido no mar. O corpo d'este benemerito fidalgo, foi sepultado com todas as honras devidas á sua pessoa, sendo acompanhado pelo Governador, Nobreza, e Povo.

D. João de Castro soube por esta ultima embarcação, da desordenada sortida que os nossos haviam feito, e qual fôra o seu desgraçado resultado; mas apesar disso, fez sahir no dia seguinte uma solemne procissão de graças, a que assistiu vestido d'escarlate. Despediu immediatamente Vasco da Cunha, para que fosse pelas bahias, e enseadas da costa, recolhendo o resto dos navios da expedição de D. Alvaro, e os conduzisse a Dio. Escreveu então a D. João de Mascarenhas, louvando-o muito pelos triumphos que havia alcançado; affirmando-lhe, que em breves dias o iria visitar com todo o poder do Estado, e que em quanto acabava d'aprestar a respectiva armada, lhe enviaria alguns soccorros. Esta ultima promessa foi tão depressa cumprida,

que logo após de Vasco da Cunha, partio Luiz d'Almeida com seis *caravellas*, e quatrocentos soldados, com grande quantidade de munições, e materiaes, de todas as especies.

Vasco da Cunha em cumprimento das ordens que levava, foi recolhendo os navios, que encontrou desaparelhados por causa da tormenta, e entrou com elles em Baçaim.

O Capitão mór d'aquella fortaleza, D. Jeronimo de Menezes, tinha a este tempo quinze navios promptos para soccorrer Dio; mas como estivesse avizado de que o *Bramaluco* vinha cercar Baçaim, tão depressa o visse ausentar, decidiu-se a ficar, entregando as ditas embarcações a Vasco da Cunha. Este, partiu; e tendo encontrado a Luiz de Mello com as seis *caravellas*, aportaram ambos a Dio, no fim do mez de Septembro. (*)

Achando-se já o tempo bonançoso, ordenou D. Alvaro como Capitão mór do mar, que Luiz d'Almeida, Payo Rodrigues d'Araujo, e Pedro Affonso sahissem com trez embarcações a dar *caça* ás náos de Meca, que viessem demandar o porto de Surrate. Esta sahida teve mui feliz resultado, poisque duas das ditas náos foram tomadas pelos nossos depois de curta viagem, e de renhido combate. O Capitão d'uma d'ellas, Janizaro valente, e ainda parente de Rumecão, foi muito ferido n'este conflicto; Luiz de Mello recolhendo-o na sua *caravella*, cuidou do seu curativo com muito esméro. Depois d'alcançado este triumpho, ficaram os nossos crusando alguns dias n'aquella paragem; até que tendo aprisionado mais algumas embarcações carregadas de mantimentos, e feito encalhar outras em terra, fizeram-se na volta de Dio com a sua presa, onde aportaram trazen-

(*) *Andrad part 4 Cap. 14.*

do os Mouros enforcados nas vergas. Igual morte teve depois o Capitão prisioneiro, que já mencionámos, não obstante ter Rumecão offerecido trinta mil pardáos d'ouro, pelo seu resgate.

Em seguida a isto, mandou D. Alvaro sahir alguns navios dos de Baçaim, e de Chaul a tomar as *Gelvas*, que viessem trazer viveres ao inimigo, das quaes se apresaram quatorze, enforcando-se-lhes toda a tripulaçã». — O horror, que estas perdas successivas derramaram no exercito inimigo, não se pode descrever; deplorava-se alli extremamente a perca de tantas vidas, e sob tudo a escacez de comestiveis, que estes apresamentos originavam! —

Em quanto isto se passava em Dio, resolvera D. João de Castro dar a El-Rei de Cambaya um castigo, que forçasse os Principes da Asia a reverenciar o Estado, não turbando a paz. Porém, antes de pôr em pratica esta sua resolução, decidiu-se a submettel-a á approvação d'aquellas pessoas, com as quaes se aconselhava sempre ácêrca de todas as suas emprezas. Para este effeito, chamou á sua presença as Authoridades civis, e ecclesiasticas da Cidade, bem como todos os nobres, e militares de nome. Reunidos, que elles foram «participou-lhes o animo em que estava d'hir «descercar Dio, dando batalha a Rumecão no seu proprio «acampamento; que apezar de todos o saberem como par«ticulares, queria comtudo certifical-os em commum, para «que a sua approvação sanccionasse a justiça da causa.» Houve alguma discussão sobre esta materia, patenteando-se n'ella opiniões differentes. A pessoa, que discursou mais largamente, foi D. Diogo d'Almeida Freire, Capitão mór de Gôa, e fel-o da maneira seguinte:

«As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem, por-

«que toda esta Asia avalia nosso poder polas victorias, mais «que pelos soldados, de sorte, que só a fama das cousas «passadas, nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nes- «ta armada todo o poder da India, com que apenas pode- «mos contar dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer «o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do Estado, «de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Orien- «te, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, «convem que as sustentemos, arrimada na paz de huns, e «no respeito dos outros. Nunca podemos responder ao que «se espera de nossas forças juntas, porque huma victoria «pouco nos acredita, e hum só estrago nos acaba. Temos «a nossa fortaleza soccorrida; de que serve em huma cha- «ga ja curada, esperdiçar o remedio das outras? que nova «prudencia nos ensina aventurar em huma só batalha, o que «se tem ganhado em tantas victorias? Temos poder para nos «conservar inteiros, não temos forças para nos reparar per- «didos. Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão «necessitado, porque onde o destroço costuma ser igual, só «fica com o victorioso o campo, e a fama inutil. De Dio «não queremos, nem podemos ter mais, que a fortaleza; «pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso «sangue, o mesmo de que somos senhores? Que novos po- «voadores temos para habitar a Ilha? De que parte do Mun- «do podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros, ou «Gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes, que «agora nos offendem? Vamos a peleijar com Turcos, e com «Mouros superiores em numero, iguaes em armas, e dis- «ciplina; se tivermos um successo adverso, não temos sal- «vação, porque a terra he sua; se o alcançarmos prospero, «nenhum fruto tiramos da victoria. Com armas navaes con- «quistámos a India, com ellas a havemos de conservar, por- «que temos a vantagem dos vasos, e da marinharia. Se não «queremos vencer, senão em batalhas, arrasemos as nos- «sas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me

« dizem que he honra do Estado, arruinar por huma offen-
« sa um Reyno, ja estivera despovoado o Oriente, se todos
« os que nos fizérão guerra, recebessem o ultimo castigo. Por
« ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque
« depois de sofrer tantas hostilidades, e enganos dos Reys,
« e Governadores de Ormuz, o não deixou abrasar? Per-
« derá aquella grande fama, que mereceo na terra, porque
« nas offensas, e cavillações do Çamorim, não deixou o Ma-
« labar destroido? Maculará Nuno da Cunha aquelle illus-
« tre nome, porque depois das traições de Badur, não fez
« guerra a Cambaya? Iremos destroir ao Turco, polo atre-
« vimento, com que cercou o seu Baxá a nossa fortaleza?
« Aprestaremos nossas armadas contra o Achem, porque tan-
« tas vezes nos assaltou Malaca? Meteremos a fogo e san-
« gue este Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimen-
« tos, e inquietar as terras de Bardez, e Salsete? Que de-
« sesperação nos arrasta, a offerecer a garganta do inno-
« cente Estado ao cutelo inimigo? Esta armada tão espan-
« tosa nas apparencias, e no poder tão debil, he freo a Ru-
« mecão, aos nossos muros; porém desembarcados em terra
« estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segre-
« do de nossas forças, e todos estes Principes trabalharão
« por romper a fraqueza das prizões, em que os temos ata-
« dos. Gloria foi do Imperio Romano, vencer muitas bata-
« lhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação escusar hu-
« ma. Os primeiros Conquistadores nos fizérão a casa, a nós
« só toca o conserva-la. Se na oppugnação de Dio, perdeo
« o inimigo hum exercito, que falta a esta facção para vi-
« ctoria? E que para castigo? A offensa intentase com for-
« ças iguaes; a vingança com muito superiores, porque não
« se hade ir a satisfazer hum aggravo com risco de nova
« injuria. Mórmente, que em nada tem a fortuna maior im-
« perio, que nas cousas de guerra; alcançãose muitas vezes
« as victorias por leves accidentes, e por outros se perdem.
« Será pois justo deixar na contingencia de hum successo o

«cetro Oriental, com espanto, e enveja das gentes, fundado «sobre tantas victorias? Se perdermos esta armada, onde «está junto todo o poder da India, que thesouros poupados «tem S. Alteza para nos mandar outra? Começaremos a «rogar, ou a conquistar de novo os Principes da India; tor- «naremos á sua infancia este Imperio ja encanecido; vive- «remos na cortesia das Coroas, que temos offendido, fican- «do creaturas miseraveis daquelles, de quem fomos senho- «res. »

A estas razões de D. Diogo d'Almeida, respondeu o Governador:

«Nenhuma nação dominante se satisfaz com a guerra «defensiva entre seus inferiores; o Estado tem-se feito no «Oriente arbitro da paz, e da guerra, buscando os mais «dos Principes da Asia nossa sombra para viverem seguros; «todas as fortalezas que temos na India, se conservam com «as mesmas armas com que foram ganhas; o respeito, que «nos tem os Mouros, e Gentios, não durará mais, que até «saberem que podemos soffrer uma injuria; todos estes «Principes estão attentos ao castigo de Cambaya, e não ou- «saram até agora ajudal-a com forças auxiliares, temerosos «de poderem cahir sobre suas ruinas; porém se virem que «nos contentamos com reparar os estragos da nossa forta- «leza, e atar as feridas, que nos tem aberto, tornalas-hão «a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao co- «ração do Estado; a reputação é a alma dos Imperios; o «soffrimento nos particulares, virtude; nas Corôas ruina; «temos perdido n'este cerco tantos fidalgos illustres, tantos «Cavalleiros, e soldados de nome, que cobririam os vivos, «com s'gnaes infames, as feridas que tem recebido n'esta «guerra, se as não vissem bem vingadas; que fica que con- «tar ao Mundo d'este cerco, senão a paciencia com que o «toleramos? O Estado mais se assegura com a fama, que

« com todas as drogas do Oriente; as quaes só são de pre-
« ço, quando as recebemos, não por commercio, senão co-
« mo tributo; ultimamente, não quero, que a primeira fra-
« queza de nossas armas aconteça nos dias do meu gover-
« no; estou pois resoluto a peleijar; a culpa será d'um só,
« a victoria de todos. » D. João de Castro fallou com tan-
ta serenidade pintada no semblante, que todos os seus ou-
vintes, ainda mesmo os que opinavam contra a sua hida a
Dio, as reputaram um presagio da victoria.

Continuava Dio a estar estreitamente cercada; e Ru-
mecão não obstante ter soffrido muitas perdas, e saber que
o Governador não tardava a chegar com grande poder, não
perdia a esperança de melhor fortuna. Mandou pois minar
a guarita que havia por cima da porta, na qual estava D.
Antonio Freire; mas o Capitão mór tendo descuberto esta
nova obra, contrapoz-lhe os mesmos reparos, que lhe tinham
servido em outras occasiões. No dia dez d'Outubro déram
os Mouros fogo á mina; porém esta rebentou para a parte
de fóra, e nenhum damno causou aos nossos. Depois da ex-
plosão viram os inimigos, que tinhamos erguido uma pare-
de por dentro, e ficaram espantados de que lhe descubris-
se-mos todos os seus ardis, por mais que se esmerassem em
nol-os occultar. Rumecão partilhando tambem este espan-
to, exclamou: « Contra tão valerosos e prevenidos inimigos,
nada póde a força, nem a industria.

CAPITULO VI.

ANNO DE 1513.

O Governador Geral parte para Dio, com uma grande expedição. Chega a Baçaim, e manda aprezar alguns navios inimigos. Lourenço Pires, e outros fidalgos vão procural-o. Feitos de D. Manuel de Lima nas margens de Surrate, e na sahida d'este rio. O Governador chega a Dio, e decide-se a dar batalha ao inimigo. Ordens que dá, e outras prevenções. Proclama aos soldados. As nossas embarcações acommettem a terra e Rumecão acode ao ataque. O Governador sahe da fortaleza. Heroismo, e desgraça de trez soldados. D. João Manuel, e João Falcão morrem gloriosamente. Que fazem D. João de Mascarenhas, e D. Alvaro O Governador acha-se em perigo na ponte, salva-se por milagre, e dá o grito de victoria. Resistencia de Rumecão. O Governador peleija em pessoa. D. João de Mascarenhas alcança vantagens sob o inimigo. Rumecão forma um campo raso; é atacado pelo Go-

vernador, e por seu filho. Este depois d'alguns accidentes em contrario, e a favor, consegue penetrar na cidade, seguido de D. Manuel de Lima, e de D. João de Mascarenhas. Rumecão depois de retirar offerece nova batalha, é derrotado pelo Governador, e morre no campo. Quantidade do exercito inimigo, parabens da victoria, e despojos d'ella. Perda que o inimigo teve, e os nossos. Parte D. Alvaro para Goa. O Governador reedifica a fortaleza, e empenha para isso os cabellos da barba. Os cidadãos de Gôa reenviam-lhos, D. Manuel de Lima continua a guerra de Cambaya, com boa fortuna. Depois d'abrasar a cidade de Goga, embarca, e soffre perigosa tormenta. Destroe Gandar, e recolhe-se a Dio. D. João de Mascarenhas quer deixar a praça, e D. Manuel de Lima offerece-se para o substituir. Antonio Moniz toma algumas náos. Barbara vingança d'El-Rei de Cambaya. Participações d'Ormuz. Fortificam-se os Turcos em Baçorá. D. Manuel de Lima parte para Ormuz. D. João de Mascarenhas torna a ficar em Dio. O Governador deixa n'aquella costa a D. Jorge, e parte para Goa. Entra aqui em triumpho.

Nos fins de Septembro (*), tendo D. João de Castro entregado o governo da cidade ao Bispo D. João d'Albuquerque, e a D. Diogo d'Almeida Freire, partiu em direitura a Baçaim, com a intenção de receber aqui alguns soccorros, e mantimentos, e seguir depois para Dio.

Compunha-se a expedição de doze *galeões* d'alto bordo, cuja Capitania era o S. Diniz, em que hia o Governador;

(*) *Andrad. part. 4 cap. 14. Lucen. livr. 6 cap. 1.*

eram Capitães dos outros Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manuel da Silveira, Manuel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manuel Alabastro, e Luiz Alvares de Sousa. Os navios de remo eram sessenta, sendo seus principaes Capitães D. Manuel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Sottomaior, o secretario Antonio Carneiro, Alvaro Peres d'Andrade, D. Manuel Deça, Luiz Figueira de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandes, Manuel Lobo, Francisco d'Azevedo, Pero Attayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosme de Paiva, e Vasco Fernandes Tanadar mór de Gôa, Commandante de quinze barcos de véla e remos, em que hiam os Canarins de Gôa, e d'outras embarcações de Cochim, e Cananôr.

Ao cabo de seis dias aportou a Baçaim, onde foi recebido por D. Jeronimo de Menezes seu cunhado, com muitas demonstrações d'alegria. Passadas algumas horas depois do desembarque, mandou o Governador sahir D. Manuel de Lima com seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya aprezasse algumas embarcações, que viessem bastecer o campo contrario. Consistiu o successo d'esta sahida, em se tomarem sessenta *cotias* carregadas de mantimentos, sendo suas tripulações mortas, e os corpos lançados nas bôcas dos rios. O Governador tendo grande contentamento; com este preldûio da guerra, tornou a mandar sahir D. Manuel de Lima com trinta vasos, dando-lhe ordem para que fizesse os maiores estragos nas margens de Cambaya.

Por este tempo aportou a Cochim Lourenço Pires de Távora, Capitão mór das náos do Reino, com alguns navios; sabendo ahi do cêrco de Dio, seguiu logo viagem para Gôa, esperando encontrar alli o Governador; porém, informado de que elle tinha partido com toda a armada na

direcção de Dio, foi demandar esta praça, hindo em sua companhia D. Antonio de Noronha, filho do Vice-Rei D. Garcia, com sessenta soldados a seu soldo, e muitos outros fidalgos, que nunca haviam pisado terras da India. Ao encontrar-se com o Governador, o que teve logar em Dio, entregou-lhe cartas (*) d'El-Rei, da Rainha, e do Cardeal Infante, de que fôra portador.

(*) Passaremos a inserir essa correspondencia para melhor illustração da Historia; advertindo, porém, que uma das duas cartas que o Governador recebeu então d'El Rei, sem duvida muito importante, já se acha impressa n'este 5.º *volume* desde *paginas* 16 até 28. = Resta-nos agora observar, que, dizendo *Jacinto Freire* no *livro* 3.º § 4., que Lourenço Pires de Távora entregára n'esta occasião ao Governador uma carta do Infante D. Luiz, que insére em seguida, commettera um erro mui grave; por quanto, sendo a dita carta datada, como é, de 26 de Março de 1547, é óbvio que de maneira alguma podia ser recebida na India, em Outubro de 1546, isto é, *anno e meio antes de ser escripta!* —

Dom Johão de Crasto Amiguo. Eu elRei vos emvio muito saudar, per via de Hierusalem recebi cartas do Preste Iohão, que dahi me trouxerão estes frades, e assi por Miguel de Castanhoso, em que me dá conta do falecimento delRei seu pai, e do estado de suas cousas e que nellas o ainde e fauoreça, e assi me pede que lhe faça saber o que sei de Iohão bermudez, que por elRei seu pai foi emviado a my por embaixador por elle la husar de cousas mui contrarias á fee, e a seruiço de nosso senhor, e a tudo lhe respondo o que vereis pelo treslado da carta que vos emvio, e aos Portuguoses, que ainda lá estão, mando que se não venhão, por no elle assi mandar pedir, como assi mesmo vereis pella carta que lhe escrevo; e porque aquella terra toda he de christãos, como sabeis, os quaes postoque algũs erros tenhão na fee, estão tam dispostos e aparelhados a se tirarem delles, se ouver quem

os doctrine, e emsine nas cousas dela, que devo eu de ajudar e procurar sempre polla defensão de sua terra; e porque o tempo não daa podello aguora fazer com mais que com lhe mostrar o deseio que eu disso tenho, e responderlhe a suas cartas e a seus trabalhos com tanta quentura, como convêm pera ele conhecer este meu deseio e minha boa vontade, folgarei avendo algũa bõa embarcação, em que estes frades possão hir, de os emviardes loguo nella, dandolhe ho necessario pera sua viajem, e tratando hos em tudo mui bem, como hei por certo que o fareis, e nao avendo, ou avendoa, e nam parecendo tam segura, que os possais mandar nella, avisareis loguo o dito preste Iohão, de como ali estão os ditos frades com minha reposta, e que esperais embarcação segura pera lhos emviardes nella, com todas as bõas palavras comformes a este meu proposito, que acima vos diguo, e do que fizerdes mo avisareis. escripta em almeirim a XIII de março. Lopo Rodrigues a fez. Anno de M. D. XXXX. VI. E porque poderá ser que pera virem demandar as costas, que vereys pelo trelado da carta que escrevo aos portuguezes, lhes será necesario alguũs instrumentos, e agulhas, e cartas de marear, e estrelabios; lhos emviarês e asy huũ regimento do modo que teram em descobrir e escrever as derrotas e alturas do que caminharem «Rey» A dom Johaõ de Crasto sobre a embarcação dos frades»

Copias, a que se refere a carta antecedente.

1.ª — Fidalguos e criados meus, e homẽs darmas, que estais nas terras do Preste Johaõ rei dos abexis, e que de maçua com Dom Christovão da gama fostes emviados por dom estevao da gama seu irmão, meu capitão mór e governador pera ajudardes o dicto rei na defensão de seus Reinos e senhorios, contra seus imiguos: Eu elRei vos emvio muito saudar. Por cartas do dito Rei que me escreueo por via de Hierusalem, e depois por miguel de Castanhoso soube novas do que era passado nas ditas guerras, e

da morte de Dom christovão e doutros Portugueses meus vassalos de vossa companhia, das quaes recebi o descontentamento que hera rezão, perdendo tantos e tão boõs vassallos; mas vendo como forão mortos em seruiço de nosso senhor, e na defensão daquellas terras, que de sua fee tem tanto conhecimento, e tão aparelhadas estão a virem no verdadeiro della; ouve suas vidas por bem empreguadas e dei muitas graças a nosso senhor por ser seruido que por meyo deles a terra se não perdesse, nem fosse ganhada de tam grandes imiguos seus, e spero nelle que sempre a defenda pera nella ser seruido e conhecido como desejo: mas pois os passeis por seruiço de n. senhor, e o dito Rei não esta ainda tam pacifico como conuèm, e elle assi mo pede, receberei eu mui grande contentamento não vos virdes, e de o ajudardes e seruirdes naquellas cousas, em que lhe for necessarea v. ajuda e seruiço: e assi vos emcomemdo muito e mando que o façaes porque ho averei por muito meu seruiço: e eu lhe escreuo aguora que em vossas necessidades e em tudo o mais, que uos comprir, vos ajude pera o suprimento delas, como he obriguado ao fazer, o que tenho por mui certo que fará e pera ho anno que vem, aprazendo a n. senhor, espero de emviar hũa pesoa e por ella vos escreuerei mais larguamente. E porque são imformado que facilmente se poderia achar caminho que viesse ter ha costa de Melinde, ou a algũa outra parte daquela banda, por onde podesse hauer antre o dito Rei e my mayor cõmunicação, e mais breuemente podesse saber de suas cousas, lhe escreuo que o mande buscar e descubrir; tereis cuidado de lhe fazer disso lembrança, e parecendolhe bem algũs de vos outros fazerdes o descubrimento deste caminho, averei por meu seruiço emtenderdes nisso, e espero que me seruireis nesse negocio como eu de vós confio. E porque pode ser que a terra do Abexi venha tanto pera oeste, e a de manicongo va tanto pera o leste, que não seja grande distancia de huma terra ha outra, e podendo-se fazer caminho da terra do abexi pera manicongo, ou pera qualquer outro Rio do Cabo da bõa esperança pera qua, seria muito meu seruiço; vos mando que

procureis que se descubra lembrandoo a elRei pera que ho mande fazer, ou se a ele lhe parecer bem que algũs de vós outros o fação, o fareis; porque he cousa de que eu receberei muito contentamento, e me averei por muito seruiço dos que ho fizerem, e lhe farei a merce que for rezão, e emtendendo-se neste descobrimento não se deixará de fazer o outro que acima he dito. Scripta em almeirim a XV de março. Lopo roiz. a fez ano de M. D. XXXX. VI. « Aos fidalguos e seus criados e gente darmas que estão nas terras do Preste. »

(*Em lugar desobrescrito*) Trelado da carta que sua Alteza escreve aos portuguezes que estam com o preste João »

2.ª — Muito poderoso Rei. Eu Dom Johão per graça de deos Rei de Portugal vos emvio muito saudar. Vi a carta que me escreuestes em que me dais conta do çoscedimento de vossas cousas e do falicimento delRei v. pai, de que muito me desaprouve, e pois nosso senhor disso foi seruido deueis de comformar no que ele ordena vossa vontade com a sua, e dar lhe por isso tantas graças e louvores como se lhe deuem por todas suas obras, esperando nele que após tamanha perda e tam grandes trabalhos vos dará o descanso e contentamento que vós desejais e que ele sempre daa aqueles que tanto o desejaõ seruir. E quanto ao que me dizeis que vos aiude e favoreça contra vossos imiguos, eu estimo tanto vossas cousas, e tenho pera ellas tam bõa vontade, que nunqua minha ajuda e fauor vos pode ser necessaria, que a não acheis em my e em meus capitaẽs mores, e muito me pesa de não aver caminho polo qual eu possa tantas vezes, como desejo, saber o estado de v. cousas, e o çoscedimento delas, e do soccorro e ajuda que recebestes do meu capitão mór e meu governador da india, e do que meus vassalos fizerão em v. seruiço, do que tomei mais largua imformação da que tinha por miguel do castanhoso, polo qual assi mesmo recehi outra carta v., tive eu mui grande contentamento, e posto que a perda deles seja tanto pera sentir, ei hos por bem empregados, pois acabaram em seruiço de n. s. e em defensão do v. estado que eu tenho na conta de proprio meu,

e podeis ser mui certo que sempre de my e de minhas gentes e capitaes sereis ajudado comforme a esta minha vontade, e amor que vos tenho, e quanto aos vossos naturaes, que dizeis que estão cativos em poder dos portugueses, e que os vendem a mouros, eu mando ao meu capitão mór e governador que o não consinta fazer; e do que lá tem feito ioam bermudez, que elRei v. pai emviou a mi por seu embaixador, me desaprouve muito porque são cousas muito contrarias ao seruiço de n. s. pera as quaes sabido he que lhe náo podia dar algum fauor nem ajuda, nem dele conheço mais que ser hum clerigno simpres, e dos poderes, que diz que o sancto Padre lhe concedeo, não sei nada, e polos breues de s. sanctidade sabereis milhor o que nisso he passado; e aindaque por isso mereça tam grande castiguo, não me parece que lho deueis de mandar dar, senão de tal maneira, que ficando com vida, fique com a pena devida a seus erros; porque sendo ella outra, e usando já desta dignidade de Patriarcha, que ele sem lhe ninguem dar quis tomar, e de tais poderes postoque tão indiuidamente, seria grande descredito na christandade saberse que doutra maneira o mandavais castiguar, e porque eu desejo que todas vossas cousas sejaõ tambem acertadas que no efecto dellas se veia a tenção, com que as fazeis, e tambem porque dalguãs que tocão á nossa sancta fee catholica se dê o remedio necessario e conveniente ao que compre ao verdadeiro conhecimento dela, e á saluação das almas, determino de mandar a vós, e a vosso reigno para o ano que vem, deus querendo, hũa pesoa por Patriarcha, que seja tal e de tal zelo, e bom exemplo de vida, que nestas cousas todas possa e saiba seruir bem nosso senhor, e de que vós recebais muito contentamento, e com que possais praticar mais larguamente as cousas de ioaõ bermudez, e tomar acerqua dele a determinação que vos bem parecer, e pera que qua possa saber de vós e do estado de v. cousas mais breuemente deveis de mandar saber por lá dalgũ caminho ou navegação que de v. terras e senhorios possa vir ter á costa de milinde, ou a qualquer outra parte daquella banda, donde com mais breuidade possa aver en-

tre nós esta cõmunicação, que segundo imformação que tenho parece que será mui facil de achar, e eu mando aos portugueses meus vassallos que la ficaram que se não venhão e vos siruão em todas as cousas que tocarem a vosso estado, e folguem de assi o fazer como o farião em meu seruiço; e porque he razão que quando eles isto fizerem recebam de vós ajuda pera suprimento de suas necessidades, que teram tão grandes, como as deuem ter estando tam apartados de sua natureza vos roguo que os subtenteis e olheis por eles assi como o deueis a vassalos meus e que com suas vidas vos tem tambem seruido, e ajudado a defender v. reinos de v. imiguos. n. s. aja sempre v. pesoa e real estado em sua santa guarda: escrita em almeirim. Lopo Roiz. a fez a XIII de março A. M, D. XXXX. VI. »

(*Em o lugar de sobrescrito*) «Trelado da carta que Sua Alteza escreue ao preste João.»

Dom João de Castro: eu a Rainha vos emuio muyto saudar. Vy a carta que me escrepuestes de maçanbique polla naao de garcia de saa, e da boa viajem que noso senhor vos deu receby gramde comtemtamemto, e lhe dou por yso muytas graças e louuores, e espero nelle que vos ajude a seruilo, e a elrey meu senhor em tude, como ey por certo que lhe pedis e desejaees, e na lembramça, que aly tiuestes, de oulhar pello que compria a seu seruiço, e defemsão daquella terra, se vio bem: e maior a tereis das cousas, que mais primcipalmente tocarem a seu seruiço: e nesta materia de moçanbique vos responde S. A. o que vereis por sua carta. Nas cousas dos xpãos e da conuersão da jemte da terra vos escreve S. A. muy emcarregadamente, e como em çousa que tamto toqua a seruiço de noso senhor, e acrecemtamento de sua fee: a qual por ser desta callidade, e de tão gramde obrigação pera S. A. em nenhũa outra o podeis seruir mais, nem lhe dar maior comtemtamento: e eu vos quisera sobre ysso tambem espreuer, mas pera voos, ey-o por escusado, porque sey que este seraa o voso primcipal cuidado.

Do falecimento do Doutor francisco de maris, e do desempa-ro, em que fiqna sua molher e filhos, me desaprouue muito e tenho por muy certo que no que em voos for pera lhe dardes alguum remedio o farees e tereis della lembrança que deueis e sois obrigado, e eu vos emcomendo muito que ho façaes asy, porque receberey diso muyto contentamento.

A lembrança que leuaes das cousas, que vos encomendey, que desas partes me emuiasseis vos agradeço muito, e folgarey de tomardes diso aquelle cuidado, que eu de voos confio, e quamto mais cedo mas podesdes emuiar, tamto maior prazer receberey, e a esta vosa carta nam haa necesidade de reposta, e por outra vos espreuerei mais larguo acerqua destas cousas que me aueis de mamdar e do mais que niso aveis de fazer. Esprita em almeirim em XV dias do mes de março de 1546 «Rainha»

(*No fundo da pagina*) Para dom João de crasto.

(*Sobrescrito*) Por a Rainha — A dom João de castro, capitam mo e gouernador da India.

—

Honrado gouernador. Depois de vosa partida receby duas cartas vosas, a que nam haa que responder, senam que uos nam pareça que me podem ellas ocupar tempo, antes podeis crer, que folgo muito com ellas; por yso nam deixeis de mescreuer tudo o que uos parecer necesareo.

E porque me pondes em muito grande obrigaçam com me agardecer o que eu nam tenho feito, mas desejo de fazer, e o aueis de ter por muy certo, quando de mym uos comprir, vos deuo de lembrar a obrigaçam, que tendes, de servir a noso senhor nesse cargo, e a sua A., como se de vós espera, e eu comfio; e porque a principal parte he o que toca ao exalçamemto da fee e salvaçam das almas, vo la lembro mais principalmente e pera se niso fazer o que compre a seruiço de noso senhor, sua A. prouco o milhor que se pôde, como uereis poloque vos escreue, e uos diraa o vigairo miguel uãz: seraa ysto princypio pera se hyr fazen-

Tendo D. Manuel de Lima partido de Baçaim, entrou de noite no rio *Surrate*, e navegando por elle com a maré, avistou uma povoação não pequena, que não sendo habitada por Abexins, tinha d'estes o nome. Estava ella situada ao *Levante*, n'uma extensa planicie, tinha dous mil habitantes, e a sua fortificação consistia n'algumas fracas trincheiras. Desembarcaram os nossos, e na ordem em que o faziam, hiam acommettendo os inimigos; estes opposeram mui fraca resistencia, e cuidaram logo em fugir em debandada, morrendo muitos na fuga. D. Manuel mandou depois passar á espada todos os prisioneiros, sem differença de sexo, nem d'idade, e pôr fogo ás casas, e fazendas.

Ultimado isto sahiu do rio a esquadra, e cruzando dous dias naquella costa, avistou a cidade d'*Antote*, cujo commercio marítimo tornára mui ricos seus moradores. Estes previnidos pelo estrago dos visinhos, juraram defender-se até perderem as vidas. Vieram pois hostilisar o desembarque dos nossos, com muita ousadia; mas como combatessem sem ordem, divididos em magotes, tiveram que hir fugindo diante de nossos golpes, até que estes os fizeram encerrar na cidade. O combate durou ainda aqui alguns mo-

do cadaues milhor o que obriga tamanha disposiçam, e dar noso senhor em noso tempo poder-se-lhe fazer tamanho seruiço, e nós deueis destimar muito começar-se isto a sentir mais, e fazerse em voso tempo, pollo que com muito cuidado, diligencia, e feruor deueis de enderençar o que elrey meu senhor ordena, e vos manda: e o que de quá nam pode prouer, ou em quanto nam poder prouer, de vossa parte deueis de tazer como se consiga este tamanho effeito, e que sua A. tanto deseja: e pera yso o que comprir sempre auisardesme vos encomendo que o façaes: e porque o mais sobristo nos diraa o vigayro, a elle me remeto. Jorge Coelho secretario a fez em Almeirim, XVI de março de 1546 «O Cardeal Iffante »

(*Sobrescrito*) Ao honrado dom Joham de crasto, gouernador da india, por elrey meu senhor, e do seu conselho.

mentos, terminando por ficarem os nossos senhores da cidade; esta foi logo entregue ás chammas, e aquelles de seus habitantes que ficaram em poder dos vencedores, receberam todos a morte da ponta da nossa lança.

D. Manuel de Lima depois de redusir a cinzas muitos outros lugares da enseada de Cambaya, fez-se na volta de Baçaim; encontrou o Governador já na Ilha dos Mortos, com toda a armada reunida, a qual no dia seguinte, que era o de 6 de Novembro, chegou a Dio.

Mal que da fortaleza descubriram tão grande esquadra, mandou o Capitão mór embandeirar todos os fortes, e disparar toda a artilheria, reinando em toda a praça universal contentamento. Toda a esquadra respondeu com uma estrondosa salva, e finda esta, tocaram alegres musicas a bórdo.

D. João de Castro não desembarcou n'aquella noite, e mandou chamar ao seu navio o Capitão mór, Jorge Cabral, Garcia de Sá, Manuel de Sousa e Supulveda, e outros fidalgos mui valentes, e atilados; aos quaes disse, que vinha resolvido a peleijar, sob o que, não admittia parecer estranho; que se desembainhava a espada era para castigar, não para se defender; que o aconselhassem todos, como acommetteria o inimigo. Garcia de Sá approvou-lhe esta resolução, servindo-se d'argumentos, que o Governador muito apreciou, por ter na maior conta a pessoa que os proferira. Foi discutido o plano d'ataque, e aquelle em que se assentou, ficou occulto até se executar. Nas trez noites seguintes, passou a gente recem-chegada para a fortaleza, sendo subido o muro por escadas de corda, sem que o inimigo o percebesse.

Vira Rumecão, e todos os seus, ancorar a armada

junto da fortaleza; e mostrando-se mui ousado na proximidade do perigo, disse aos seus: «Se o Governador quizer «peleijar no campo, entraremos nós na fortaleza pelas por«tas, e não pelas muralhas; com as bandeiras Portugue«zes espero eu varrer a casa do Profeta; peleijamos pela «liberdade de tantos Principes, que gemem opprimidos do «peso da servidão, e tributos; os nossos inimigos já não «podem com tantas victorias; a fortuna tral-os agora aqui «juntos, para os acabarmos com um só golpe.» Em seguida a estas arrogantes palavras, mandou o General inimigo dobrar o sôldo a todos os seus soldados. Subia a mais de quarenta mil homens o exercito inimigo, tendo em suas fileiras muitos Officiaes Turcos, e soldados velhos de bom nome; sem contar um soccorro de setecentos Janizaros, que pouco antes lhe havia chegado.

Recolhida toda a nossa gente na fortaleza, gastou o Governador aquella tarde em dispor os soldados, para combaterem no dia seguinte. Ordenou que as embarcações da esquadra, mal se ouvissem estalar trez foguetes na praça, partissem a ameaçar um desembarque onde o inimigo mais se receava; para que chamando-o alli á attenção, os nossos podessem entretanto sahir da fortaleza.

Amanheceu o dia onze de Novembro, e ao seu primeiro alvorescer, appareceu o Governador na esplanada da praça, vestido d'armas brancas, e empunhando o bastão de General. Celebrou-se Missa n'um altar portatil, commungando D. João de Castro, e a maior parte dos soldados. Findo este acto, fez-se o almoço para a guarnição, com as portas da fortaleza, para que a confiança do General, e a não esperança de refugio, fizessem peleijar os soldados, não só por ambição de gloria, mas ainda por necessidade. O Governador mandando depois formar os nossos valentes, dis-se-lhes o seguinte:

« Soldados, vamos entrar em uma batalha, onde ven-« cidos, seremos bemditos de Deos entregando-lhe as vi-« das; vencedores honraremos nosso Rei com a victoria. O « exercito inimigo, tem em si grande numero de Turcos, e « Janizaros, que como soldados mercenarios, buscam a guerra « aborrecem a peleija. A outra parte compoem-se de povos « differentes, o soldo os obriga a estar juntos, mas não a « estar accórdes. Não são estes mais valentes que seus pais, « e avós, não serão mais felizes; a todos sujeitaram nossas « armas. Este Imperio da Asia é filho de nossas victorias, « criámol-o em seu primeiro berço, sustentemol-o agora já « robusto, que depois de largas idades nos ha-de mostrar ao « mundo, com o dedo, a fama d'este dia. Animar a bata-« lha, fora esquecer-me de que somos Portuguezes. »

Havia o Governador devidido as nossas forças em trez columnas. Compunha-se a primeira de quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, e quinhentos Naires; seu Commandante era D. João de Mascarenhas. A segunda era composta de quinhentos Portuguezes, entrando n'este numero, todos os fidalgos, e Capitães, que tinham vindo na esquadra de D. Alvaro; esta columna era commandada por este. A terceira era do commando do proprio Governador, e compunha-se de oitocentos Portuguezes, e d'alguns Canarins, e Malabares.

Acabava de chegar ao campo inimigo um soccorro de cinco mil soldados, commandados por Alucão, e Mujatecão.

Feito o signal á esquadra com os foguetes, partiram as embarcações á voga arrancada, a arrimar-se á praia; chegando aqui, deram todas uma *banda* contra as fortificações inimigas. Rumecão mal ouviu o horrivel estrondo da nossa artilheria, pensou que taes descargas, eram para cobrir algum desembarque nosso, e carregou com a maior

parte das forças áquella parte do mar. O Governador operou então a sua sahida da fortaleza, mandando condusir algumas escadas para se subir ao muro. A columna de D. João de Mascarenhas foi torneando o fôsso, procurando subir pela parte onde estava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia n'esta avançada, entregou a sua escada a trez valerosos soldados, que tinham vindo do Reino com Lourenço Pires de Távora, que eram naturaes da villa de Torrão, e traziam cartas a Moniz de sua mãi, que muito lh'os recommendava. Estes trez intrépidos foram os proprios que pediram a Moniz, confiasse d'elles a referida escada; mas apenas a hiam a encostar ao muro, um tiro inimigo lhes espedaçou as cabeças!

D. João Manuel ao tocar o cimo do muro, foram-lhe decepadas as mãos, e logo a cabeça! João Falcão querendo vingar-lhe a morte, pereceu igualmente ás cutiladas! Perdidas estas duas vidas preciosas, poude a columna de D. João de Mascarenhas salvar a muralha, tendo a gloria de se defender por muito tempo no campo contra immensas forças inimigas, em quanto a não foram soccorrer a gente do Governador, e a de D. Alvaro.

Havia o inimigo assestado muitas bocas de fogo na ponte, julgando a sua posse de muita importancia. D. João de Castro atacando-a a peito descuberto, por debaixo d'uma abóbeda de balas, viu-se alli no maior risco; por isso que os Turcos além da artilheria que jogavam, defendiam-se com descargas de fuzilaria, com panelas de polvora, e lanças d'arremesso, retardando por tal arte o ímpeto dos nossos. Alguns d'estes começavam já a voltar costas aos pelouros, e a debandar, quando o Governador acompanhado d'alalguns bravos, correu para os inimigos, bradando em alta vóz: « Victoria, fogem os Turcos! » Os écos d'este grito heroico, fizeram com que os nossos *fugitivos* voltassem a bus-

car a sua bandeira, e que, unidos aos que a não tinham abandonado, cahissem sob os inimigos com furia inaudita, semeando-lhes nas fileiras o terror, e o susto.

Abrira o intrépido General a porta da victoria; e não querendo demorar-se em a proseguir, foi atravessando o campo contrario por cima de cadáveres, continuando a acclamar-se victorioso!

Rumecão vendo a desordenada fuga dos seus, correu com um forte batalhão Turco a retardar a furia dos nossos, o que conseguiu por largo espaço de tempo, pela sua superioridade numérica. — Tornou-se então igual a batalha! — Por duas vezes foi derribada a nossa bandeira Real, o que fez gritar ao Governador: «Que é isto Portuguezes? Tiram-«vos das mãos a victoria? Roubam-vos as sagradas Qui-«nas?» E dizendo isto, arremetteu o inimigo coberto com uma adarga, na qual trazia cravadas duas settas, animando os soldados de maneira tal, que os Mouros amedrontados de tão pezados golpes, retrocederam em debandada.

D. Alvaro de Castro, e D. Manuel de Lima, não estavam ociosos no campo da peleija; acommetteram Alucão e Mujatecão, com tanto valor e ousadia, que se fizeram invejar de seus soldados, e mesmo dos inimigos. Tendo já as armas tintas de sangue, ganharam diversas estancias aos inimigos, fazendo-os retirar confusos, e aterrados. D. João de Mascarenhas, intrépido como sempre, desalojou a Jusarcão do posto que occupava, com bastante fortuna. Rumecão, não perdendo o animo, nem o tino, em presença d'estas perdas, formou novamente seus esquadrões em campo descuberto, tentando recuperar os pontos que perdera. O Governador reunindo a si o pequeno exercito; e dando a vanguarda a seu filho, arremetteu com a presteza do raio ao inimigo, que o esperou em ordem, e a pé firme. Acha-

vam-se as forças contrarias formadas em meio circulo, cujas extremidades se foram estendendo á investida dos nossos, e vieram cingindo a nossa infanteria. Mal o inimigo começou a praticar esta manobra, logo D. Alvaro o atacou com tanta valentia, que um dos pelotões Mouriscos não podendo resistir a golpes tão pesados, abriu franca passagem ao denodado filho do Governador. D'ahi a pouco, começaram as de mais forças contrarias a retirar-se espavoridas; mas Rumecão vindo com um batalhão de Janizaros, fazer frente aos nossos, impediu por muito tempo que uma victoria completa, coroasse as armas Portuguezas.

D. Alvaro achou-se aqui no mais terrivel apuro; porque tendo hido alguns de seus soldados no alcance dos fugitivos, os que tinha junto a si não podendo resistir contra tão grandes forças, entraram a abandonal-o, sem que as vozes que soltava, e o valor com que combatia, fizesse conter uns, ou ordenar outros. Frei Antonio do Casal arvorando então um Crucifixo, reprehendeu, e animou os nossos, com razões de muito peso, o que fez com que todos elles entrassem na ordem, possuidos de nova couragem. Continuando a peleija, foi tanta a valentia com que os nossos se portaram, que Rumecão teve que retirar-se desbaratado, entrando D. Alvaro conjunctamente com elle na cidade, em companhia de D. Manuel de Lima, que se lhe reunira. Não tardou que D. João de Mascarenhas désse tambem alli entrada, por uma outra parte; os trez fidalgos, e seus subordinados fizeram horriveis estragos na povoação, deixando-lhes os inimigos as armas, para fugirem mais promptamente.

O Governador combatia ainda no campo, quando lhe chegou a participação, de que a cidade estava entregue. Pouco depois vieram D. Alvaro, D. João de Mascarenhas, e D. Manuel de Lima congratular-se com elle da victoria,

ao tempo que Rumecão se appresentava no campo com oito mil soldados, resolvido a dar, ou a esperar nova batalha. D. João de Castro, ordenou immediatamente, que dous pelotões o fossem acommetter pelos flancos, reservando para si um terceiro, para o atacar pela frente. O inimigo oppoz mui fraca resistencia a este ataque, pela razão de combater tímida e desconfiadamente; não tardando muito, que nos não fosse deixando o campo. Finalmente, uma hora não era ainda passada, quando os Mouros principiaram a fugir em todas as direcções, abandonando as armas, e mais utensílios militares, como objectos que poderiam redobrar a nossa vingança, sendo-lhes encontrados. Rumecão ao ver tudo perdido, e não nutrindo esperança alguma de remedio, escondeu-se entre os mortos, vestido com uma pobre *cabaya*; porém uma pedra despedida por mão desconhecida, foi alli mesmo tirar-lhe a vida!

Mui de proposito historiámos tão importante batalha, sem particulisar os immensos rasgos d'heroismo Portuguez, que n'ella se praticáram, por entendermos que basta dizer-se, para elles se avaliarem, *que trez mil e tantos Lusitanos derrotaram n'uma acção campal a sessenta mil Mouros, e Turcos aguerridos, sendo estes commandados por officiaes bravos, e intelligentes; que em resultado d'esta derrota fora levantado o cérco a uma fortaleza, e ganha uma cidade:* dada esta explicação, julgamos ter dito tanto em *louvor* dos Valentes Portuguezes, que assistiram á mencionada batalha, quanto se não possa dizer em grossos volumes!..

Consistiram os despojos d'esta memoravel victoria, em muitas bandeiras, quarenta peças d'artilheria, (*) grande

(*) Uma d'estas peças veio para o Reino, e foi collocada na Torre de S. Gião, ou de S. Julião, não sabemos ao certo se ainda alli existe.

quantidade d'espingardas, espadas, e lanças, e seiscentos prisioneiros. Ficaram cinco mil inimigos mortos no campo, contando-se n'este número Rumecão, Alucão, e Accedecão; dos nossos morreram trinta, e ficaram feridos tresentos. A cidade foi entregue ao saque.

Passados cinco dias, isto é, sendo quinze de Novembro, (*) participou o Governador aos Vereadores, Juizes, e Povo de Gôa, a victoria que as nossas armas acabavam d'alcançar; o portador d'esta bôa nova foi seu filho D. Alvaro.

Achava-se arrasada a fortaleza; D. João de Castro querendo reedifical-a de novo, cuidou em desenhar a nova fábrica em fórma differente da antiga, dando-lhe maior extensão á circumferencia, e mais grossura ás muralhas, e determinando que os baluartes, se approximassem mais uns dos outros. Porém, faltando-lhe os recursos para a compra, e conducção dos materiaes, e para pagar as férias aos architetos, pedreiros, e trabalhadores; por isso que todas as rendas do Estado se haviam empenhado, para as despezas de tão aturada guerra, deu tratos á imaginação para descubrir um meio, que o fizesse sahir de similhante difficuldade. O primeiro que lhe occorreu, foi, *entregar os ossos de seu filho D. Fernando á cidade de Goa*, e haver sob garanthia d'elles um emprestimo; mas como visse que a terra lhe não tinha ainda consumido o cadáver, *cortou alguns cabéllos da barba, e pediu sob elles vinte mil pardáus á Camara de Goa!* — Esta portentosa *acção*, não tem igual nos annáes da remota Grecia, nem nos da antiga Roma; excede a tudo quanto elles mencionam de Sublime, Grande, e Heroico! — O singular, e valioso penhor, foi acompanhado pela seguinte carta:

(*) *Chron. m.ª da India por Gaspar Corrêa. Tom. 4. pag.* 392.

Carta que o Governador D. João de Castro escreveo de Dio á Cidade de Góa.

«Senhores Vereadores, Juizes, e Povo, da muito no-«bre, e sempre leal Cidade de Goa; os dias passados vos es-«crevi por Simão Alvarez cidadão d'essa Cidade, as novas «da victoria, que me nosso Senhor deu contra os Capitães «d'elRey de Cambaya, e callei na carta os trabalhos, e «grandes necessidades em que ficava, porque lograsseis mais «inteiramente o prazer, e contentamento da victoria; mas «ja agora me pareceo necessario não dissimular mais tempo, «e darvos conta dos trabalhos em que fico, e pedirvos aju-«da para poder supprir, e remediar tamanhas cousas, como «tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio «derribada até o cimento, sem se poder aproveitar hum «só palmo de parede; de maneira, que não sómente he ne-«cessario fabricala este verão de novo, mas ainda de tal «arte, e maneira, que perca as esperanças elRey de Cam-«baya, de em nenhum tempo a poder tomar. E com este «trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos «para mim muito mais incomportavel de todos, que são as «grandes oppressões, e continuos achaques, que me dão os «Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, «porque d'outra maneira se me irião todos, e ficarei só nes-«ta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande «perigo, e por esse respeito toda a India, como quer que os «Capitães d'ElRey de Cambaya com a gente que ficou do «desbarato, estão em Suna, que he duas legoas d'esta forta-«leza, e elRey lhes manda cada dia engrossar seu campo «com gente de pé, e de cavallo, fazendo muitas amostras «de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra bata-«lha; para as quaes cousas me he grandemente necessario «certa somma de dinheiro, pelo que vos peço muito por «mercê, que por quanto isto importa ao serviço d'elRei nos-«so Senhor, e por quanto cumpre a vossas honras, e leal-

«dades, levardes avante vosso antigo costume, e grande «virtude, que he acodirdes sempre ás estremas necessida- «des de S. Alteza, como bons, e leaes vassalos seus, e «polo grande, e entranhavel amor, que a todos vos tenho, «me queirais emprestar vinte mil pardáos, os quaes vos «prometto como Cavalleiro, e vos faço juramento dos San- «ctos Evangelhos de volos mandar pagar antes de hum an- «no, posto que tenha, e me venham de novo outras op- «pressões, e necessidades maiores, que das que ao pre- «sente estou cercado. Eu mandei desenterrar Dom Fernan- «do meu filho, que os Mouros matárão nesta fortaleza, «peleijando por serviço de Deus, e d'elRey nosso Senhor, «para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharãono «de tal maneira, que não foi licito inda agora de o tirar «da terra; polo que me não ficou outro penhor, salvo as «minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo «Rodriguez de Azevedo; porque como ja deveis ter sabido, «eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa «alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazen- «das, sómente huma verdade seeca, e breve, que me nos- «so Senhor deu. Mas para que tenhais por mais certo vos- «so pagamento, e não pareça a algumas pessoas, que por «alguma maneira pódem ficar sem elle, como outras vezes «aconteceo, vos mando aqui huma provisão para o The- «soureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos «vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem «rendendo, até serdes pagos. E o modo que neste paga- «mento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por es- «cusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais «os trabalhos em que fico, porque tenho por muito certo, «por todos os respeitos, que asima digo, haverdes de fa- «zer nesta parte tudo, e mais do que puderdes, sem entre- «vir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costuma- «das, e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. En- «comendome, senhores, em vossas mercês. De Dio a vinte

«e tres de Novembro de mil quinhentos quarenta e seis.

Tendo a Camara de Gôa recebido esta carta; e sendo auxiliada pelo Povo da cidade com maior quantia de dinheiro, que a que lhe fora pedida, remetteu logo este ao Governador, reenviando-lhe o honroso penhor que elle lhe mandára, e escrevendo-lhe uma importantissima carta, (*) que passâmos a transcrever na sua íntegra. Servirá ella para demonstrar a nossos leitores, que os nossos antepassados d'aquellas felices éras faziam *do Amor da Patria um Culto*, e que pugnávam pela conservação de seus foros, e regalias com coragem, honra, e dignidade, proprias d'homens livres.

(*) Ilustrysymo e excelemte capitão geral e gouernador da ymdia pelo muito Alto e muito poderoso e muito ecelemte primcipe Ellrei noso senhor.

Dioguo Rodrigez dazeuedo chegou a esta cidade segumda feira seis dìas do mes de dezembro, e o dia seguymte deu em camara huũa carta de sua Ilustrysima senhoria, que foy lyda com muito prazer e gramde comtemtamento, por sabermos de sua saude. A quoal bõa nova sempre queryamos saber, e muito melhores lhe desejamos. E por ela a cidade e todo este pouo em jeral e em especial damos muitas graças a nosso senhor, e temos esta esperamça em nossa senhora Virgem maria madre de deos nossa avogada, que temdo os pouos da ymdia V. S. ylustrysyma por seu duque e gouernador, que em nossas afromtas e trabalhos numca careceremos de ajudas diuinaes por o merecimento de seu catoliquo e modesto viuer, em auto e obras de muitas e louvadas vertudes: e com esta esperamça vyvemos em nouo repouso por o que a presemte e gloryosa vitorya que per seu prudemte comselho e gramde esforço e cavalarya vemceo e descercou a fortalleza de dio, e desbaratar e destroir o poder delrei de cambaya com mais outros vimte mil homens mouros, turcos, rumes, coraçones, e chrystaõs arrenegados da fee de noso senhor, alemães, venezianos, Jenue-

zes, framceses, e asy doutras muitas e diuersas nações, dos quoaes gram parte delles foram moortos a ferro de lamça e espada, de que a cidade tem certeza de pesoas de bem, que de vista foram presemtes os quoaes bõs socesos nos mostram craros synaes que ao diamte, prazemdo a nosso senhor, e o seu emparo, nam temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresentam do proprio rey de cambaya com outro novo poder e outros reys e senhores, nossos comarcãos, e os de toda a ymdia que são de certo imigos nosos, de muitas ymisades, allem de serem ynfieis e ymigos de nosa sam ta fee catoliqua, dos quoaes huũs e outros nam temos segura nem firme paaz, amtes temos synaes de fallsas e emganosas amizades.

E porque estes trabalhos em que V. S. estaa que muito custaram e cada dia se muito mais semtem foram de muitos dias do gramdes ymdustryas e deligemcias ao preposyto pemsadas per nossos ymigos, pera o mesmo cerquo da fortaleza de dio, pera outros senhores desta terra nosos imigos se leuantarem a nos fazerem gerras, o que a esperyemcia do tempo nos mostra o avermos asy por certo, e nos avisar pera com a ajuda de Deos nos provermos: e por quoamto elrrei noso senhor em o reyno nom he destas novidades emformado da maneira que elas são, e o muito que ymportam a seu real estado, e ao bem comum de seus pouos da ymdia; a cidade com todo deuydo acatamento, que deuemos, os vereadores, e oficiaes, em nome do pouo, lhe pedimos por merce que o escreua a S. A. E estes nouos socesos, que nam sam bõs, mas amtes muy perjudiciaes, com o mais que se nos represemta, e as mudamças que estes reys e senhores nosos ymigos tem mostrado e o temos visto per obra este anno em que estamos, e vosa ylustrysyma senhoria com comselho e gramdes ymdustrias darte de gerra e gramde prudemcia e com adjutoryo e graça de Deos o talhou, e remediou, pella quoal causa lhe faaz a cidade estas lembramças, por que sabemos que ele com seu claro juizo tem compremdido em este caso tuudo o que pode soceder de bem e de milhor; por tamto, senhor, per especial lembrança lho escreuemos, e asy lho muito pidimos por merce.

E por quoamto S. A. não escreveo este anno há cidade, e aos mesteres escreveo per lembramças e apomtamentos, em que temos bem que dizer, e asy muito menos lembra a S. A., que os primcipaes moradores desta cidade o vão seruir em os gramdes peryguos e morrem em seu seruiço, e os filhos fiquam pobres em desemparo, e o anno traspasado foram com seu gouernador martim afonso de souza ao pagode perto de cem cavaleiros, com cavallos e armas adereçados com gramdes e riquos arreos, e outros atauyos, e vestidos e armas riquas tuudo em gramde perfeição e com muito gasto de suas fazendas, e asy foram na dita armada muitos homens darmas moradores da cidade, e este cerquo de dio tem feito nesta cidade pasamte de cimquoenta viuvas, cavaleiros e escudeiros homrrados, e asy allguũs fidallguos de merecimento conhecidos; e nam escrever S. A. a esta cidade o muito symtimos, e com trysteza e paixão o comportamos, e temos que S. R. A. tem da cidade comtrayra e não boa emformação da verdade, o que de rezão nam deuya de ser pelo muito que lhe merecem nosos seruyços e pelo amor e vomtade comque o seruymos honde cumpre, e o ymos seruir, e por seu seruiço morrer com as vidas, e com as fazemdas gastados, sem premios e deuidos gallardoẽs, e per cima disto asy ser como he notoryo, e V. Y. S. he diso boa testemunha, S. A. nam faz comta desta cidade, e dos bõs e leaes vasallos que em ela tem, e por este agrauo e desfauor, em que estamos, por S. A. nam escrever há cidade como de rezão deuia ser, e faz comta dos mesteres, sobre este caso tyvemos por acordo nam escrever a S. A. se o caso o não obrigara e as necesydades muitas do tempo nos costrangem a fazelo. E o fazemos a V. S. e pidimos de muita merce que este pomto que tamto ymporta há homra desta cidade e dos homrrados fidallguos e caualeiros, que nela viuem avemdo respeito ao muito amor que lhe tem e gramde desejo de o seruir, que tome deste caso per nossa parte aquelle semtimento que se pode tomar e o escreva a elrei nosso senhor pera que se correga a esta cidade este gramde agrauo em que estamos, temdo nosos seruiços e boas lealdades merecimentos de gramdes merces e gallardoẽs, o que asy pidimos a V. S. que em esta parte nos ajude por especial merce.

E quoamto ao emprestimo que em nome delrey noso senhor nos manda pedir: Respomde a cidade, que os moradores fazemos de prezemte, e sempre que cumprir seruirmos S. A. com as fazemdas e vidas e com as allmas, e a ysto asy ser de bem o milhor o nom estrovaraa causas nem rezoēs de agrauos que tenhamos, e posamos ter, como vasallos afastados da presemça de seu rey e senhor quatro mil e tantas legoas: e pospostos os agrauos a de parte, vsaremos e faremos o que sempre fizemos como suditos obrigados a toda seruydam, pera que V. S. sayba e seja certo, que esta cidade e os moradores homrrados della, em seruir e morrer por seu rey e senhor natural, am de fazer avamtajēs a todas outras naçōes de xpãos, e desta fedelidade e lealldade daram testemunhos os muitos mortos a ferro e foguo neste cerquo de dio e em outros feitos notaueis destas partes, homde os moradores fidalgos e cavaleiros desta cidade foram e vão com liberaes vomtades há custa de suas fazemdas, e la morreram e morrem, tuudo por seruyr elrrey noso senhor, em o quoal estaa todo noso bem e o principal preposyto de noso fumdamento.

E porque a temção da cidade e de todos he seruir V. Y. S., avemdo respeito que o emprestimo cumpre muito ao seruiço delrrey noso senhor, cuja a cidade he, e todos somos, com muita deligemcia e cuydado daquele dia que Dioguo rodrigues dazevedo deo o recado atee o fazer desta, que sam vimtasete de dezembro se ajumtaram vimte mil cemto coremta e seis pardáos e huña tamga, de cimquo tamgas o pardão: os quoaes emprestou esta cidade, scilicet, cidadãos e o pouo, e esy os bramenes, mercadores, gamcares, e ouryvez, scilicet, emprestaram os gemtios todos noue mil e dozentos e tamtos pardáos, e todo o mais emprestou a cidade que faz tuudo a dita comtia dos ditos vimte mil cemto coremta e seis pardáos e huña tamga, do quoall dinheiro fica na camera feito liuro e registo das pesoas que o emprestaram pera se lhes tornar quando V. S. ordenar e mandar os quoaes emprestaram o dito dinheiro huūs e outros foram chamados e sem constrangymento allguū e de suas liberaes vomtades eada huum deu o que

quiz e teue por bem e alguũs ouue que deram duas vezes por seruir elrrey noso senhor e V. S., e por homrra da cidade o que he muito para estimar darse o dito emprestimo de graciosa vomtade sem apresam nem fadiga.

Escrevemos em certo a vossa senhoria que esta cidade e os homrrados moradores polo seruir temos obrigaçam de pôr a vida e as fazemdas com milhor vomtade do que o faremos por nosas proprias homrras e ymtereses; e por tamto senhor lhe pidimos por merce e lhe fazemos espicial lembramça, que a esta cidade e a todos tenha em sua emcomemda, pera nos fazer merce em nome delrrey noso senhor nos goardar os preuylegios que de S. A. temos, e os vsos e custumes, em que estamos, de sempre que foy ganhada pellos moradores ateegora, e esto senhor evemdo respeito que os moradores ganharam a cidade com muitas mortes e samgue derramado e que pera o diamte como bõs e leaes vasallos avemos de morrer por noso rey e senhor.

E quoamto senhor aos penhores que nos manda, a cidade e moradores nos temos por agravados de V. S. ter tam pouca comfiamça em noos e em nosas lealldades que pera cousa, que tamto comprya ao seruiço delrrey noso senhor e a seu estado real nam hera necesaryo tão homrrados e ylustres penhores, porque nosa lealdade nos obrigua ao seruiço delrrey e a presemte necesydade, e depois diso as obrigações em que somos, e a gramde afeyção e muito amor que V. S. tem a cidade e moradores, e por elo e tuudo o mais, que neste caso lhe semtimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a noso senhor que lhe dê perfeyta saude e o prospere de muita homrra e gramdes victorias contra os ymigos de nossa santa fee. E todavia, senhor, Dioguo rodrigues dazauedo lhe torna a leuar os seus penhores, e asy lhe leuam ele e bertolameu bispo precurador da cidade o dito dinheiro, que lhe a cidade e pouo dela emprestaram de sua boa e liure vomtade, e asy lhe leuam mais a provisam que qua mandou pera o tezoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por merce que tuudo aceyte co-

mo de leaes vasallos que somos elrrey noso senhor e a V. S. muito obrigados: e asy lhe pidimos que o pagamento deste dinheiro mande fazer juntamente há cidade, pera a cidade o tornar a pagar aas propias pesoas que o emprestaram, sem se fazerem outras mais provisões nem porem verbas, em que as partes recebiam gramdes fadigas, e gastos, e apresões, em tal maneira que o emprestimo que a cidade fez ao visorrey, allguũs ficaram por pagar: por tamto, Senhor, V. S. goardando ordem e estillo de fazemda, mandaraa receitar o dito dinheiro, que a cidade empresta, tuudo jumto em soma sobre o ofecial que lhe bem parecer, que pera yso ordenar; e ha cidade passaraa somemte hũa provisam, em que ha por bem de mandar pagar o dito dinheiro há cidade, asy como lho empresta jumtamente, em o tezouro, e no tempo que a V. S. bem parecer, em maneira que o pouo seja pago do seu. E a Dioguo rodrigues dazeuedo por nos trazer tam bõ recado da saude de V. S. lhe pedimos por merce que o aja por emcomendado pera lhe fazer bem e merce como ele per seus seruiços merece.

E quoamto, Senhor, a bertolameu bispo procurador que hora he da cidade, e ora laa vay com este emprestimo, he homem de vymte e oyto annos de seruiço em estas partes, que continuadamente com muitos trabalhos e despeza de sua fazenda amdou nas armadas delrrey noso senhor por capitão de fustas e galeotas, e avido sempre por muy bom cavaleiro e por taal he conhecido: tem elle requerymento com V. S. ácerqua da tanadarya de bardés, que ja lhe pidio em a vagamte de Vasquo fernandes que Deos perdoe: pede a cidade a V. S. que o dito carreguo faça delle merce a bertolameu bispo, porque he ele homem que ho bem merece por seus seruiços e a cidade lho teraa em asynada merce.

Faz a cidade lembrança a V. S. que os gemtios moradores mercadores e gameares fizeram parte deste emprestimo, como lhe ja dizemos: e nam averemos por mnito aver aos homens vertuosos, que faram crer a S. A., que nam seruem de nada, e que he bem que os lancem fora desta terra: avemos por escusado mui-

Para se poder bem avaliar quão grande foi o contentamento que houve em Gôa, depois de recebida alli a noticia da ultima victoria, alcançada em Dio, vamos ainda transcrever textoalmente duas cartas (*) dirigidas ao Governador por pessoas de mui elevada posição no Estado, e da maior verdade. Contém ellas uma relação fiel das festividades civís, e religiosas, com que então foi celebrada a referida victoria, e demonstram exuberantemente quanto D. João de Castro era estimado pelos seus governados.

---

tas pallavras ácerqua deste negocio porque V. S. o semte muy bem. Escripta em camara a 27 de dezembro de 547. E eu Luis tremessão escryvão da camera o mandey escrever e sobescrever por licemça que pera elo tenho — Pero gnodinho — Joam rodriguez paaez — Rui gonsalves de caminha — Ruy Dias — Jorge Rybeiro — Bertolameu bispo.

(*) Senhor: a quem deos tem feito tamanhas merces, e tão estremadas victorias, qnaes numqua lemos, aimda que lemos dos rromães e de outros muitos; e a quem elle tem dado tamanhas homras, tenho eu pera my, que lhas tem elle majores, em ha gloria gardadas, pera as dar a V. S. que pois asy pasa, ha vosa alma parece que he aprazivel a noso senhor Jhũ Xpo: *soli deo honor et gloria*; nam vos poso contar, senhor, as festas, he prazeres, he presyçoẽs, e jugar canas, he correr de touros, que qua se fazem por vosa vytoria: sam os homẽs muito consolados e comtentes que casy as pedras das casas se querem alevamtar e fazer festa; nem tampouco vos poso, senhor, contar as comtinuas he muitas presiçoẽs, que se faziam em esta cidade amtes da vitoria, asy de dia, como de noyte, nam sómente em as igrejas, he relegião, he da misericordia, mas dos menynos das escollas, de noyte, com camdeias nas mãos, deceprinando se nas costas com toda sua imnocemcia, que em verdade falamdo com V. S., estas palauras, mal notadas, nam se podem dizer sem lagrymas: aguora acabei de crer o fio do amor, he afeiçam que toda esta ci-

dade vos tem: fauoreça porque lhe deueis: he muito mais vos deue ella a vós.

Ho homem que la mandey me deu hũa carta de vosa senhoria: ha comsolaçam he homrra, que eu receby com ella, deus volla pague; minhas forças nam sâo pera seruir: e asemta meu coraçam em ho que nella me dizeis, he em tudo ho que me mamdar seguirei seu comselho porque me parece que seguirei ho de deus porque vejo as obras suas em as de V. S. nam me parece, senhor, quamdo vejo hua regra vosa, senam que espiritos se me alevantão pera cyma, qua me contou este homem quamta merce lhe V. S. fez, e entre outras fazello V. S. cavaleiro demtro em sua fusta: de lá me escreverão que pellejou bem, pesoa de credito: as cousas, pue falla quá, estamos com as boquas abertas, em especial da serenidade de V. S. em ordenar voso exercito, e as manhas discretas com que vos ouvestes com esa samta vitoria. Jhũ xpo lhe dê muita vida a seu seruiço pois que ha perpetua memoria, he immortal, qua ha de ficar delle, e despois lhe dê a sua gloria amem. de guoa aos XIII dias de novembro de 546 anos «orador de V. S. o bispo de goa»

(*Subrescrito*) Ao senhor gouernador da Imdia &c. do bispo.

Senhor. O nome de uoso senhor Jhũu xpo seja para sempre louvado, que tamanha merce nos fez a todos per vosa senhoria, na gloriosa vitoria, que lhe deu contra tamtos imfieis, e tam podrosos, como estavão, per suas muy eycelemtes virtudes, esforço e prudencia. De lá escrevem, e asy o comtaõ os que de lá vem, que se não pode escrever, nem comtar, nem debuxar a maneira de como estavão fortes pera ofemderem a vosa senhoria, e a todo seu exercito, e pera se defemderem dele. Os que qua ficarão, asy frades, como o senhor bispo, com sua cleresia, e apostolicos de são paulo, e irmãos da misericordia, e todo o povo em gerall, depois de V. S. partido, vemdo que com suas pesoas e armas ho nam podiam seruir, e acompanhar em tam samta romaria, continuamemte ho emcomemdarão ao senhor deos, fazemdo

sempre muytas precições, e se hos homẽs ese cuydado tiverão, certamente que as molheres não se esquecerão em suas casas, e da maneira, que emtemdião que poderia aprazer ao senhor deos, pera as ouuir.

Esta cydade foy posta em tamanho allvoroço de prazer, quando os synos começarão ha pobricar as alegres novas a oras, que acabavam de correr o syno, como as taes novas merecião, louvamdo por isso muyto a noso senhor, e rogando lhe pola vida de V. S. Hos frades sayrão loguo do seu moesteiro com a cruz, em precição, camtamdo *te deum laudamos*, acompanhados de muyta gemte que acodio ao repicar dos synos: forão á casa da misericordia, domde tornarão na mesma ordenamça, começando *laudate domine ones gemtes*; e se tornarão ao moesteiro. Em amanhecendo, sayo da see o senhor bispo com ho cabydo de toda a cleresya, em ordenada preciçam com ho povo desta cidade: forão a nosa senhora da serra, bemdizemdo, e louvamdo o senhor por tamanha vytoria. dina de muita memoria; e dahy se tornarão na mesma hordenamça ha see. E recolhendo-se o senhor bispo pera sua casa, forão a elle o procurador da cidade, e escriuão da camera dizer lhe, que hos vereadores determinavam fazer o dya seguimte precisam solene, como dia de *corpos xpy*, e mamdar que se não trabalhasse atee dia de bemaventurada samta catarina, fazemdo sempre muytas festas, que pediam a s. senhoria, que ho ouuesse por bem, e elle o comcedeo, louvando muyto sua temção: e asy se fez o dia seguymte a procisão solene com ha bandeira da cidade e as dos officios dela, com folias, pélas, damças despadas, e outras emvemções: e até os diabos, e diabretes tyverão sua parte de prazer. Tudo se pasa em escaramuças e carreyras na rua direita, as quaes o senhor capitão gramgêa gramdemente com muito comtemtamento, o qual pera iso tynha jaa a rua direita toda cavada, e bem arcada. Pois os canarys e gemte da terra, eu certifico a V. S. que não amostrão menos prazer com a gloriosa vytoria, fazemdo muytas festas, e escaramuças, a sua gysa: e comtudo de quam alegres elles e nós andamos, tam

tristes e quebrados dos corações amdão os mouros: prazerá a noso senhor, que com muyta vyda, e saude, e obrãs de V. S. os terão eles de todo muy cedo quebrados, com muito acrecemtamento da nossa fee catolica.

E comtudo, senhor, por cima de todos estes prazeres, muytos dos que qua qua fycarão são muy descomtentes, por se não acharem com V. S. em tamanho feyto, e de tão dina memoria, e por melhor ouverão acabar nelle com tamta homrra, e louvor de noso senhor que vyverem todos hos dias de suas vydas com este descomtemtamento.

Eu crêo, senhor, que V. S. usamdo de suas muy eycelemtes virtudes, escrepverá a elrey noso senhor dos moradores desta cidade, que com elle forão, e com ho senhor dom alluaro e dom fernamdo, que samta gloria aja, tam bemaventurado no bom morrer, forão a este soccorro de dio: e não sey quamto rezam teria de ho fazer dos que qua ficarão; mas V. S. bem sabe, que desejey eu de hir com elle, e pera isso lhe pedy por mercê que me dese licemça, por ter mamdado apregoar que nenhũu morador desta cidade fosse sem ella: e V. S. o nãm ouue por bem, mamdando-me ficar pelas causas, e respeitos que elle sabe. Beyjarey as mãaos a V. S, escrepvelo asy a S. A., quando escrepver dos que ao dito socorro forão. Esta mercê lhe peço alem das muitas que me tem feytas e deseja de me fazer, porque me aproveytará muito pera medramça de meus filhos, primcipallmente pera a do ho ano pasado mamdey, que espero em nosso senhor que pela carta de V. S. será jaa de S. A.

Bastião lopez lobato meu cunhado me mamdou esa carta que ha dése a V. S., o asy dous caixões gramdes de marmelos, hum pera V. S., e outro pera o senhor dom alluaro, com que eu não fuy pouco ledo, cuydando de lhos mamdar a tempo que V. S. follgaria muito com elles: abry os caixões, e todos vynhão podres, de tall maneira que hũu soo se não achou que ho não fosse, como dirá jeronimo pardo a V. S. que hos vyo. Noso senhor dee mui-

Progredia a reedificação da fortaleza com summa rapidez, por isso que os operarios que n'ella trabalhavam, o faziam gostosamente, pela razão de se lhes pagarem pontualmente suas ferias. Não faltavam recursos para este pagamento, nem para o dos soldados; poisque além do emprestimo, que Gôa havia feito, as damas da mesma cidade tinham enviado ao Governador todas as suas joias, para serem empregadas nas referidas despezas.

Não querendo o Governador que os inimigos estivessem um instante, sem nos soffrer os golpes, mandou que D. Manuel de Lima sahisse com trinta embarcações, a arrasar todas as povoações da costa de Cambaya; ordenando-lhe, porém, que não entrasse na cidade de *Goga*, por se ter recolhido n'ella a gente que escapára da batalha. D. Manuel, partiu; mas, como soffresse depois d'alguns dias de viagem grande temporal, não poude deixar de se abrigar no porto, que se lhe prohibíra demandar. Apenas fundeára, todos os habitantes da dita cidade, a desampararam, fugindo para o sertão desordenadamente. Desejando D. Manuel saltar em terra; e não querendo quebrantar as ordens superiores, que recebera, expoz o negocio em conselho, que decidiu se desembarcasse, visto que as instrucções dadas pelo Governador, não podiam abranger todos os accidentes. Executou-se immediatamente o parecer do conselho, sendo a cidade saqueada, e redusida depois a cinzas.

Não se satisfizeram os nossos simplesmente com o sa-

---

ta vida e saude a V. S. pera acrecemtamento de sua samta fee, e do estado dellrey noso senhor nestas partes, e da homrra dos portugeses, que certo, depois do senhor Deos, a V. S. são atribuydas tamanhas maravilhas, como temos vistas, e cada vez mais per elle esperamos de ver. De goa a XIX de novembro de 1546. «Amtonio fernandez»

que dos bens, e com a destruição dos edificios; era-lhes precizo, que não ficasse um só morador da arrasada cidade, com vida; e para o conseguirem foram assaltal-os no proprio local, onde os desgraçados se tinham refugiado, e ahi passaram uns á espada, e enforcaram outros, degollando-lhes depois o gado, e queimando-lhes os *pagódes!*

Ultimados estes estragos, tornaram os nossos a cortar a enseada, onde estiveram quasi soçobrados sem tormenta, por causa da impetuosidade do fluxo, e refluxo das ondas. Passando mais adiante, avistaram a cidade de Gandar, habitada por mercadores Gentios, rica pelo seu muito commercio, mas fraca pelos seus moradores. D. Manuel de Lima determinou, que ella fosse investida, e em resultado foi logo rendida, e queimada, ficando todos os seus habitantes sem vida.

D. Manuel depois de ter feito soffrer igual sorte, a muitas outras povoações d'aquella enseada, voltou a Dio, onde encontrou o Governador mui occupado com o crescimento da nova fábrica, o qual augmentava a olhos vistos. D. João de Castro desejava deixar a fortaleza bem defendida, porque o chamavam a Gôa negocios importantes. D. João de Mascarenhas, porém, ou fosse por se achar cançado, ou por estar satisfeito com a gloria que alcançára no cêrco, resolveu-se a deixar a praça antes de acabar o tempo, querendo n'aquelle mesmo anno partir para o Reino. O Governador empenhou-se em o fazer mudar de resolução, receando, que nenhum outro bravo o quizesse render, pela razão de se julgar a fortaleza livre de perigo. Mas D. João de Mascarenhas continuou a instar pela sua dimissão, dizendo, que queria passar ao Reino nas náos de Lourenço Pires de Távora, e obrigou ao Governador a procurar Capitão para a praça, cargo, que alguns fidalgos já haviam recusado, talvez por conhecerem quanto era perigoso, *subs-*

tituir Varão tão excellente...; porém o valente D. Manuel de Lima, ou por attenção para com o Governador, ou por confiar em si mesmo, offereceu-se para ficar na fortaleza.

Em quanto o Governador se preparava para passar a Gôa, mandou que Antonio Moniz Barreto fosse com alguns navios esperar as náos de Cambaya, que deviam visitar as costas de Pór, e Mangalor; as ditas náos foram effectivamente encontradas, tomadas, e condusidas a Dio, servindo a sua mui importante carga, de grande utilidade ao Estado. Em vingança d'esta, e d'outras perdas, mandou El-Rei de Cambaya matar dous prisioneiros nossos, que tinha em seu poder; mostrando com desfórra semelhante, qual era a mesquinhez, e vilanía da sua alma.

A este tempo participaram d'Ormuz ao Governador, que os Turcos haviam expulsado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel alliado nosso: e que este Principe requisitava o nosso auxilio, para resistir ao inimigo commum. D. João de Castro teve em muita conta esta participação, por isso que, conhecia que Baçorá estando em poder d'um inimigo nosso, nos poderia ser mui prejudicial.

Contém Baçorá quatro mil habitantes, e é situada na Arabia felix, em altura de vinte e quatro gráos para a banda do Norte; aparta-se do rio Eufrates em pequena distancia. Dista da fortaleza d'Ormuz duzentas leguas, e de Babylonia pouco mais de quarenta. D'Ormuz a ella navega-se ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, e aguadas. Mal que os Turcos se fortificaram na Ilha, que é povoada de Mouros, entraram a ganhar os A'rabes visinhos, já com as armas, já com beneficios; e levantaram em Baçorá um novo Principe, descendente dos antigos Reis do mesmo Paiz.

Foi n'esta conjunctura, que o Governador despachou a D. Manuel de Lima para a fortaleza d'Ormuz, que lhe pertencia em virtude da morte de D. Manuel da Silveira, encarregando-o ao mesmo tempo de fazer a guerra aos Turcos. Logo que o novo despachado partiu para o seu destino, offereceu-se D. João de Mascarenhas para ficar aquelle inverno na praça, exercendo novamente o cargo de Capitão mór, em que tanta gloria alcançára; este rasgo de patriotismo foi muito agradecido pelo Governador.

D. João de Castro achando-se descançado a respeito do governo, bastecimento, e defesa de Dio, deixou n'aquelle porto a D. Jorge de Menezes com seis embarcações, para *crusar* o resto do verão pela enseada de Cambaya. Mandou convidar por um pregão a todos os Mouros, e Gentios, que divagavam pelos lugares comarcãos, a que tornassem a estabelecer-se na Ilha, onde suas pessoas, e bens estariam em perfeita segurança. Este convite teve o melhor resultado, poisque os Gentios tornaram a collocar-se ao abrigo de nossas armas, e de nossas leis, vindo com elles grande quantidade de commerciantes, e visinhos engrossar o nosso commercio.

Tomadas estas medidas embarcou o Governador para Gôa, onde o aguardava uma recepção brilhantissima, em premio de suas *milagrosas* victorias. Aportou alli depois de poucos dias de viagem, (*) sendo logo visitado no mar pe-

(*) *Andrade* na *chron. part. 4.ª cap.* 19, diz que o Governador chegára a Gôa a 19 de Abril de 1547, e que d'ahi a trez dias entrara na mesma cidade. *Lucena*, *vida* de *Xavier livr.* 6.º *cap.* 1.º, mostra ser da mesma opinião, quando diz que a dita entrada tivéra lugar a 22 do referido mez, e anno. *Diogo de Couto*, porém na *dec.* 6.ª *livr.* 4.º *cap.* 6.º, e *Jacintho Freire*, *livr.* 3.º §. 40, dizem que D. João de Castro chegára a Gôa a

lo Bispo; Capitão mór, e Regentes, que lhe pediram se dignasse demorar-se em Pangim, em quanto se não dispunha o triumpho com que a Cidade pertendia recebel-o.

Não podia o Governador deixar de annuir a tão honroso pedido; poisque deixando de o attender faria uma grave offensa aos benemeritos, que o haviam ajudado a bem merecer uma fama gloriosa; disse pois aos visitantes, que se demoraria a bordo todo o tempo, que a Cidade quizesse, e elles voltaram para terra a pôr em ordem os preparativos, para a referida recepção: estes concluiram-se effectivamente dentro em trez dias, e consistiram no seguinte.

Foi rasgada a porta da Cidade até ao cimo do muro, collocando-se-lhe no tôpo dois leões dourados, sustentando as Ruélas dos Castros. As muralhas vestiram-se de ricos brocados. Fabricou-se no Bazar de Santa Catharina um espaçoso cáes, cujas láges eram cobertas com ricas alcatifas. Um comprido bosque d'arvoredo bordava o cáes, para abrigar do sol aos espectadores. No terreiro do paço estava erguida uma fortaleza semelhante á de Dio, guarnecida de bombardas carregadas de polvora sêcca, e d'outros instrumentos de fogo; e dentro d'ella occultavam-se curiosas danças, que não cessavam d'entoar concertados canticos, em louvor do Governador. O mar achava-se coalhado de náos, e galeões, de fustas, e outras embarcações, que haviam concorrido das Ilhas visinhas, todas engrinaldadas de bandeiras. Finalmente as ruas da Cidade, demonstravam assaz

11 de Abril do dito anno, e que desembarcára a 15. Nós em face d'esta discordancia entendemos, que devemos reputar inexactas as datas de *Couto*, e *Freire*, e verdadeiras as de *Andrade*, e *Lucena*, bazeando-nos n'uma carta que temos presente, e que fora escripta de Gôa a D. João de Castro, em data de 12 de Abril.

o luxo do Oriente; poisque a armação dos edificios, e o vestuario dos moradores, eram d'um gosto, e riqueza difficeis de classificar.

No dia 22 de Abril partiu de Pangim o Governador em uma riquissima galeota, levando em sua companhia os antigos fidalgos que o ocompanharam na viagem, e na batalha. Na sua vanguarda vinham os galeões da armada, seguidos das embarcações de remo com as velas soltas, e todas adornadas de verdes ramos. Apenas avistaram a fortaleza deram uma estrondosa salva, sendo esta correspondida pela artilheria de terra; depois do que abriu a armada aos lados, para passar a galeota do Governador. Este trazia vestida uma roupa Franceza de setim carmesim, com troçáes de ouro, tomando-lhe os golpes; e como não quizesse deixar de parecer soldado, vestia uma couraça de laminas assentada em brocado com tachões de prata, gôrra com plumas, e espada com guarnições de ouro. Ao dezembarcar no cáes foi ahi recebido pelos Officiaes da milicia, Nobreza, e Regimento da Cidade; e tendo entrado a primeira porta, recitou-lhe um Vereador um panegyrico em Latim, no qual appareceram desenhadas todas as suas virtudes, bem como todos os serviços que o Rei, a Religião, e o Povo, lhe deviam!

Logo que o Orador terminou a sua tarefa, alegres e acordes musicas soaram aos ouvidos dos espectadores. D. João de Castro foi então recebido pela Camara debaixo do páleo, e logo um Cidadão de elevada cathegoria se inclinou diante d'elle, tirou-lhe a gôrra da cabeça, pondo-lhe n'esta uma corôa triumphal, e na mão uma palma. Feito isto seguiu o préstito para a Cathedral, na ordem seguinte:

Na frente hia o Custodio dos Religiosos Franciscanos, levando alçada a Santa Cruz, que trouxera na batalha. Se-

guia-se-lhe a Gloriosa Bandeira Real Portugueza, que tão respeitada era n'aquelles felices tempos, em todas as partes do mundo. Após ella hiam os estandartes de Cambaya varrendo a terra, o que era visto por Jusarcão, e outros Capitães inimigos manietados. Seguiam-se seiscentos prisioneiros pesando-lhes nos pulços grossas cadêas, muitas peças d'artilheria, e grande quantidade d'espingardas, lanças, espadas, broqueis &c. &c., tudo tomado ao inimigo nas differentes batalhas de Dio. Foi o Governador recebido na Sé pelo Bispo, e Clero, entoando-se na sua entrada o *Te Deum Laudamus*; e depois de ter agradecido ao Senhor Deos dos Exercitos, as victorias que elle concedera ás nossas armas, recolheu-se ao seu palacio entre numerosissimas acclamações Populares.

Não se póde descrever o enthusiasmo que reinou em Gôa, durante não poucos dias. Todos os individuos sem distincção de séxo, ou de classe se esmeravam, em demonstrar publicamente o contentamento, que a chegada do Governador, lhe originára. Este, além dos immensos parabens recebidos no palacio do governo, era levado em triumpho nos braços do Povo, que em altas vozes lhe chamava seu *Regenerador*, e *Amigo*! Illuminaram-se os edificios da Cidade, durante muitas noites, conservando-se por muito tempo vestidos de lindas sedas, e d'outras drogas de preço. Bem ensaiadas danças precorriam as ruas, bailando, e cantando d'espaço a espaço. Nos Templos succediam-se as festividades de maior estrondo, entoando-se hymnos d'agradecimento ao Altissimo, por salvar de tantos perigos a uma vida tão preciosa, qual era a de D. João de Castro.

Quão gratas não deviam ser ao coração d'este Grande Homem, estas ovações espontâneas, filhas d'uma estima sincera, e pura! Que momentos de prazer não fariam ellas gozar, a quem, em recompensa d'uma carreira gover-

nativa sem *mancha*, tanto as merecia! Se, aquelles a quem o destino confiára o encargo de reger Nações, prezassem, como deviam, este reconhecimento publico, ou estas demonstrações d'amor para com as suas pessoas, não teriam immensos Paizes desapparecido da face da terra, nem a Historia nos narraria um sem numero de revoluções, e consequentemente de desgraças, e de crimes.

Se pois o Grande D. João de Castro foi o Pai, e o Bemfeitor dos nossos Concidadãos da India, tambem estes lhe souberam ser sempre gratos, tributando-lhe o maior respeito, veneração, e estima, segundo acabamos de mostrar. — Gloria a tão SUBLIME PORTUGUEZ, por tão imparcial e justiceiramente governar Povos, detestando até a menor sombra de peculato, e de injustiça! Gloria aos seus felices GOVERNADOS, por apreciarem tanto, quem tanto os felicitára! —

FIM DO 5.º VOLUME.

ERRATAS DESTE 5.º VOLUME.

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
28.	18.	no seu accaso.	no seu occaso.
29.	22.	*Buzarucos.*	*Bazarucos.*
«	30.	intrinsico.	intrínseco.
30.	18.	com a guerra.	por effeito da guerra.
«	20.	conclusão.	resposta.
31.	1.	esenção.	isenções.
35.	8.	pretestava.	pretextava.
37.	19.	que não.	quem não.
46.	10.	as nossarm as.	as nossas armas.
49.	14.	entrasse a cahir.	entrou a cahir.
«	31.	e com ella.	e como ella.
51.	28.	ou por velio.	ou por odio.
55.	3.	feitas.	que se faziam.
75.	23.	discripção.	discrição.
87.	5.	fastejar.	festejar.
165.	29.	desemparam.	desamparam.

OS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA E OCEANIA

OU

HISTORIA CHRONOLOGICA

DOS

Descobrimentos,
Navegações, Viagens, Explorações e Conquistas dos Portuguezes
nos paizes ultramarinos

DESDE O PRINCIPIO DO SECULO XV

CONTINUADA ATÉ Á ACTUALIDADE

POR

PINHEIRO CHAGAS

TOMO VI

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1890

RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

CAPITULO I.

ANNO DE 1547.

Entram alguns Religiosos Franciscanos na Ilha de Ceilão. Vão prégar a Fé a Cândea, e conseguem que o Rei d'esta se baptise. O novo convertido mostra inconstancia, e é animado pelos mesmos Religiosos. Resolução que aquelle toma. Esta conversão é mui estimada pelo Governador, o qual manda Antonio Moniz Barreto com um soccorro a Candea. Discripção da Cidade de Baroche, e commercio de seus habitantes. Quem era seu senhor. D. Jorge entra n'ella de noite, manda-a saquear, e queimar, e toma d'ella o apellido.

Acode-lhe o Maluco mui tarde. O Rei de Cotta faz persuadir ao de Cândea, que deve tornar a ser idólatra, no que este consente. Viagem de Antonio Moniz, sua chegada a Cândea, e como achando tudo alli mudado, cuida em retirar-se. E' depois atacado pelos inimigos, e acha-se em muito risco. Modera os seus com muita prudencia, peleija com muito valor, e retira-se. O Rei de Cândea arrepende-se, e manda um mensageiro a Moniz. Este quer voltar para Cândea, mas os seus não lh'o consentem, e recolhem-se com elle a bórdo da esquadra. O Hidalcão manda atacar as terras firmes, e os atacantes retiram-se com susto dos nossos. Manda depois outra gente, e quer elle vir em pessoa. El-Rei Aeyro é preso em Góa, e depois absolvido pelo Governador, levado a Ternate, e restituido aos seus.

Nunca as nossas armas estiveram occiosas na India, em quanto D. João de Castro a governou; por isso que, bem poucas foram as Nações do Oriente, que então não encommodaram aquelle Estado; já como inimigas em campo armado, já chamando nossas forças a intervir em suas reciprocas dissenções.

Enviára El-Rei D. João III. alguns Religiosos Franciscanos á Ilha de Ceilão, para alli prégarem a Santa Lei do Cruxificado; e estes foram recebidos pelo Soberano de *Cotta*, com muita benignidade. Partindo depois para a Côrte d'El-Rei de *Cândea*, instruiram este Principe nos mysterios da nossa crença, conseguindo a final que elle lavasse as manchas da idolatria, nas aguas do Baptismo. Edificaram alli uma Igreija, fornecendo-se-lhes todos os materiaes para a sua construcção.

Mostrava-se o novo convertido obediente aos preceitos Evangelicos; mas tratava de occultar em publico essa obediencia, com receio de indispor contra si os vassallos; o que sendo percebido pelos Missionarios, se empenharam em lhe assegurar, que se despisse de semelhantes temores; pois que se rebentasse alguma sedição contra a sua pessoa, tanto esta, como seu Throno, seriam defendidos pelas nossas armas.

O Rei escutando attentamente esta proposta, respondeu: «Que se o Governador lhe mandasse soccorro, não só «professaria a Fé, porém que até a prégaria a seus sub«ditos.» Partiu immediatamente para Gôa um Religioso, a informar o Governador d'esta resposta. Este, satisfazendo-o muito a conversão d'aquelle Principe, cuidou logo em mandar sahir Antonio Moniz Barreto com sete embarcações, authorisando-o para levar comsigo as que encontrasse na sua derrota, e entregando-lhe diversas cartas, e alguns presentes para o mesmo Principe. — Em quanto vai navegando esta esquadrilha, vamos fallar da tomada de *Baroche*. —

Dissemos já no volume antecedente, que o Governador quando partira de Dio, deixára alli D. Jorge de Menezes com alguns navios, para cruzar na enseada de Cambaya, e fazer em seus portos todos os estragos possiveis: narraremos agora os resultados d'esta empreza.

D. Jorge tendo aprezado algumas embarcações, que condusiam mantimentos para alguns portos inimigos, avistou uma tarde a Cidade de *Baroche*, que pela elegancia de seus edificios, lhe pareceu uma povoação Européa. Estava ella situada n'uma eminencia, e cingiam-na muralhas aladrilhadas, que mais serviam para contentamento da vista, que para defensa. Apezar d'isto haviam alli bastantes for-

tes guarnecidos de muitas bocas de fogo, e que dominavam as embocaduras da barra.

A este tempo tomaram os nossos um barco de pescadores naturaes da terra, os quaes disseram a D. Jorge: que o commercio da cidade consistia na exportação de finissimas sedas, para muitos portos do Oriente, por cujo motivo havia n'ella homens mui abastados; que lhe eram tributarias muitas aldêas visinhas, e que tinham por senhor a Madre Maluco; que ao presente não havia n'ella tropa regular, e que só estava defendida por alguns paizanos; pois que toda a sua guarnição tinha marchado com Madre Maluco, para *Amadabá*, Corte do Soltão.

Fizeram estas informações resolver D. Jorge a assaltar a Cidade, não obstante conhecer que tinha mui poucas forças, para o poder levar a effeito. Fez-se pois na volta do mar, para mostrar que seguia differente rumo, levando comsigo os pescadores para lhe servirem de guias no desembarque. Chegada a noute tornou a esquadra a demandar o porto, e logo os nossos desembarcaram em terra, sem se lhes oppôr resistencia alguma; por isso que os Mouros além de serem fracos, estavam tão desapercebidos, que só conheceram o perigo quando se viram cortados pelo nosso ferro. Foi a Cidade saqueada, e redusida a cinzas, e aquelles de seus desgraçados habitantes, que as nossas lanças e espadas haviam deixado com vida, perderam-na ao depois entre as chammas. Embarcou-se alguma artilheria de pequeno calibre, e rebentou-se a mais grossa. Esta facção tornou-se tão célebre entre os nossos, que estes ficaram dando a Menezes o appellido de *Baroche*.

Chegára o *Maluco* com cinco mil cavallos em soccorro da Cidade, já quando ella se achava destruida pelo fogo; e como visse que nada aproveitava a sua vinda, correu a

noticiar a El-Rei de Cambaya o horrivel estrago, que presenciára. Deplorou o Soltão esta nova desgraça, jurando vingar-se, atacando outra vez a Dio. — Passaremos agora a tratar das cousas de *Cândea*. —

Desconfiára Madune Rei de *Cotta*, que o de *Cândea* havia mudado de Religião, para merecer a protecção do nosso Estado; e como estes Gentios zelam muito a observancia de seus erros, não descançou em quanto o não fez persuadir, de que a idolatria lhe era necessaria á Corôa, asseverando-lhe: «que com a nova crença tomaria seus vas-«sallos desobedientes, e os Reis inimigos, e seria ingrato «a seus antigos ídolos, que tanto haviam protegido o Thro-«no de *Cândea* desde seus antigos ascendentes; que D. «João de Castro era o mais insolente homem, pois que «não soffria que o mundo tivesse outro Deos, e outro Rei, «se não os que elle adorava, e servia; que não negava «ser a Religião dos Portuguezes, ou melhor, ou mais fe-«lice, pois cultivavam o Deos das victorias; porém que a «elle lhe bastava adorar aos Deoses da patria, em que «nascera, sem desejar melhor posteridade, ou mais am-«biciosa fortuna, que os que lhe precederam. Que talvez «o Governador se fizesse piedoso, para lhe usurpar o cep-«tro; que não desse quartel a homens tão valerosos, que «em nenhuma parte queriam estar senão como senhores; «que se os Frangues lhe promettiam trazer a casa melhor «Lei, e augmentar-lhe o estado, quem com inteiro juizo «havia de dar crédito a tão nova bondade de homens, que «nunca vira; e muito mais quando estes não eram tão «despresadores do humano, que não viessem do fim do «mundo a dominar a Asia? que lhe aconselhava, como «Rei, e amigo, que devia degollar o soccorro dos Fran-«gues, que esperava, para dar satisfação a seus antigos «Deoses, justamente irritados de os querer desamparar «por Divindade estranha.»

O desgraçado Rei de *Cândea* deixando-se vencer das razões do enganoso amigo, por não ter ainda a nova Religião bastante arreigada no coração, annuiu promptamente aos projectos traiçoeiros de Madune, que consistiam em dar a morte a todos os nossos, que alli fossem desembarcar a titulo de soccorro.

Antonio Moniz Barreto tendo partido de Gôa encontrou alguns navios nossos, que em cumprimento da ordem que levava, reuniu á sua esquadra. Depois de dobrar o cabo de Comorim, e passar os baixos de Manar, seguiu para *Baticalou*, para d'aqui entrar em *Cândea*, marchando por terra. Tirou cento e vinte soldados escolhidos das doze embarcações de remo, que levava, e foi caminhando com esta força na direcção de *Cândea*. Chegado aqui, logo suspeitou da traição premeditada, tanto pelos avisos que teve, como por se tentar dividir-lhe a pequena columna de seu commando, para com mais facilidade lhe poderem matar os soldados. Reconhecendo então que estava em terra de inimigos, e não de amigos, sahiu logo para fóra da Cidade; e dando ordem a que se queimassem todas as bagagens, para o tornar mais desembaraçado para a defensa, e para a retirada, formou os soldados e disse-lhes:

«Companheiros, e amigos, sabeis todos a traição, que «nos tem ordenado este Rei infiel, a quem viemos soccor- «rer, e servir; entendo, que nos accommetterão com for- «ça descoberta, pois tem agora uma rasão, ou causa mais «para nos offender, que é, havermos conhecido seu en- «gano. Nenhum de nós terá mais vida, que em quanto a «souber defender. Pode salvar-nos o valor, e a conformi- «dade; soccorros não os esperamos de fóra, pois estão em «nós mesmos; e estes barbaros não se empenharão na trai- «ção, se virem que lhe custa leval-a a effeito; e que muito façâ- «mos nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a fazer por el-

« lé, que é derramar o sangue? Os caminhos, que guiam a « *Batecalou*, onde está a nossa esquadra, devem estar oc- « cupados pelo inimigo, pelo que nos parece, que vamos « procurar o Rei de *Ceitavaca*, fiel amigo do Estado, onde « acharemos hospedagem, e abrigo seguro para d'ahi hirmos « a buscar os nossos navios. »

Mal que a nossa força começou a marchar, vieram tropas inimigas acommettel-a com settas, dardos, pedras e outras armas semelhantes, conseguindo ferir-nos alguns soldados. O corpo inimigo parecia compor-se d'uns oito mil homens, e era commandado por Officiaes *Modeliares*, mui habeis n'aquella maneira d'atacar; e tanto por esta circumstancia, como pela superioridade de numero, teriam sem duvida acabado com todos os nossos, se estes lhe não fizessem repetidas descargas de fuzilaria. Os barbaros vendo que o nosso fogo lhes causava muitas mortes, não deixaram, é verdade, de nos picar a rectaguarda todo o dia, mas faziam-no mui tímida e cautamente.

Chegada a noute fizeram alto os nossos, e passaram-na sempre em desassocego; por isso que os inimigos não cessavam de os hostilisar com tiros vagos, e incertos, sem que elles podessem mesmo sob as armas gosar algum repouso. Rompendo o dia seguinte, como os barbaros houvessem já perdido o primeiro susto, atacaram-nos tão atrevidamente, que chegaram mesmo a ferir-nos com armas curtas. Antonio Moniz ordenando então algumas contra-marchas, morreram alguns inimigos, ficando outros prisioneiros, e entre estes um *Modeliar*, que dava todos os indicios de ser o primeiro Chefe. Seus subordinados, ou companheiros, fizeram altas diligencias para o resgatar, atacando repetida e ousadamente a nossa columna, com o que soffreram bastante perda; porém os nossos cançados de tanta fadiga, e trabalho, já lhes resistiam com muito custo.

Proposeram alguns, que se fizesse frente ao inimigo, e se livrassem combatendo, ou morressem vingados; porém, seu bravo Commandante respondeu-lhes: «que o verdadei-«ro esforço era o soffrimento; que só este os podia salvar; «que marchando acautellados, e unidos, não poderiam re-«ceber grande estrago; que, quanto maior fosse o perigo, «maior seria depois o praser, quando o recontassem glo-«riosos, em segurança.» Estas razões do Capitão enfrearam a desesperação dos soldados, e geraram n'estes uma prudente couragem, até que chegando a noite, e achando-se os barbaros igualmente fatigados, poderam lograr alguns momentos de descanço. Porém, tão depressa amanheceu, recomeçaram os inimigos a seguir a presa mais furiosos, por encontrarem tão valerosa resistencia, em forças tão pequenas.

Mandou Antonio Moniz partir as pernas ao *Modeliar* prisioneiro, e abandonou-o na estrada; os subordinados d'este, ou companheiros, deixando então o combate, detiveram-se a prantear o seu miseravel estado; porém, impellidos subitamente por um sentimento de piedade, ou de vingança, atacaram desesperadamente os nossos em um desfiladeiro, que hia terminar n'uma ponte formada sob um grande rio, que não era vadeavel. Antonio Moniz portou-se n'este lance terrivel, com heroica valentia, sustentando e mais nove guerreiros todo o peso do ataque, em quanto seus soldados passavam; e mal que isto se effeituou, demoliu um lanço da ponte, findando com esta industria a persiguição dos inimigos. Chegaram finalmente a *Ceitavaca*, onde foram mui bem acolhidos, reparando-se da fome e curando as feridas, e offerecendo-se-lhes forças para punir o aggravo, que se lhes fizera.

Arrependido o Rei de *Cândea* da traição que commettera, por conselho do Régulo visinho, mandou entregar a

Antonio Moniz dez mil pardáos para gastos da expedição, e uma carta em que lhe pedia mil perdões pelo seu comportamento, e que o soccorresse; porque estava prompto a offerecer os bens pelo soccorro, e a vida pela Fé.

Antonio Moniz tendo lido esta carta, resolveu-se a voltar para *Cândea*; porém, os soldados bemdizendo a táboa de salvação, em que se tinham livrado, recusaram-se a deixar o abrigo do Rei de *Ceitavaca* dizendo: « que o primeiro « engano fôra de traidor infame, e o segundo seria do Ca- « pitão crédulo, e incauto; que se não queriam tornar a « ficar na víbora, que uma vez os mordêra; porque se os « quizera matar quando lhes hiam prestar soccorro, que « faria, quando se achava offendido com a affronta, que « soffrera o seu exercito? Que antes queriam agradecer a « Deos um milagre, do que pedir outro; que não foram « mandados pelo Governador como Apóstolos, mas sim como « soldados; que a sua vocação era defender a Fé com a « espada, e não prégal-a. » Estas razões obrigaram Antonio Moniz a mudar de resolução, e fizeram-no embarcar na esquadra com a sua gente; em quanto elle segue a sua viagem, passaremos a tratar dos acontecimentos de *Balagate*, cuja narração se acha retardada.

Assustando-se o Hidalcão com a estada de Méale em Gôa, cuidou em affugentar estes sustos por via das armas, confiando em que não encontraria resistencia da parte do Estado, por se achar ausente o Governador, e porque a guerra de Dio nos teria mui cançados. Acommetteu pois as terras de *Bardez*, e *Salsete*, que se achavam desguarnecidas de tropa, por se fiarem na paz, mandando-as occupar por quatro mil soldados, cujo commandante cobrou todos os fóros annuaes que os moradores pagavam ao nosso Estado, e mandou que os agricultores lhe entregassem todos os fructos. Deu grande cuidado em Gôa a noticia d'es-

te acommettimento, por faltarem tropas para marchar contra o inimigo. Resolveram pois esperar a chegada do Governador, guarnecendo no entanto a fortaleza de *Rachol* para enfrear as incursões do inimigo.

Apenas D. João de Castro chegou a Gôa, partiu immediatamente para *Agaçaim*, donde despediu a D. Diogo d'Almeida Freire, com novecentos homens, para atacar ao inimigo, que se achava com quatro mil soldados nas aldêas próximas. Mal que os Mouros souberam da marcha d'esta nossa columna, não esperaram que ella se lhes approximasse, e recolheram-se logo ao sertão. Esta retirada sujeitou-nos outra vez os campos á obediencia, gosando-se com os receios da guerra uma paz mal segura, qual se podia esperar d'um Principe queixoso, e visinho.

Reputára o Hidalcão uma affronta propria, a fuga de seus soldados; e jurando reconquistar o credito de suas armas, mandou que oito mil homens fossem occupar as terras da contenda, em quanto reunia forças maiores, para alli conduzir em pessoa. — Fallaremos agora das cousas de *Mataca, e Maluco*, que principiaram na governança de D. João de Castro, e que elle terminou com muita fortuna. —

Achava-se Bernardim de Sousa despachado para o governo das *Malucas*, Ilhas, que sendo tão distantes de Gôa, eram por isso governadas a aprazimento de seus Governadores, quasi independentemente dos do Estado. Havia Jordão de Freitas remettido prezo para Gôa a El-Rei Aeyro, amarrado como se fôra um facinoroso, e com uma accusação de crimes mui alheios da verdade. Tendo o pobre Rei justificado plenamente a sua innocencia, em relação a todos os delictos de que era arguido, hospedou-o D. João de Castro com tratamento Real, restaurou-lhe com honras, e favores as injurias recebidas, e mandou a Bernardim de Sou-

sa, que lhe fosse dar posse em seu Reino com maior reverencia, do que aquella com que seus antepassados eram recebidos pelos nossos Governadores.

Aportando Bernardim de Sousa, á Ilha de *Ternate*, saltou em terra, e foi-se metter na fortaleza, sem o ceremonial com que o luxo d'aquelles povos costuma receber os seus Governadores. Jordão de Freitas, que na inesperada chegada do successor, e nas culpas que commettera, estava lendo o processo de suas criminosas faltas, ficou sob modo assustado, por conhecer que D. João de Castro sendo, como era, tão integro, não deixaria de o castigar pelas injurias feitas a Aeyro; por isso que este não se poderia ter justificado sem o condemnar a elle Freitas. Sem embargo d'isso entregou a Bernardim de Sousa a fortaleza, onde logo appareceram os filhos de Aeyro; mais para saberem dos castigos do pai, que para esperal-o. Bernardim de Sousa, respondeu-lhes: «que o fossem desembarcar da «não, tão honrado, que parecia, que mais fora representar «serviços, que responder a culpas.» Os filhos duvidando ainda da certeza de tão inesperada nova, correram á praia acompanhados d'immenso povo, que avaliava como cousa rara, a justiça feita contra um poderoso, admirando-se de que nossas leis para castigar, ou premiar, não destinguissem nacionaes, de estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo: «que nossos braços lhe deram a victoria de nós «mesmos; e que da sublimidade do Governador da India «fallaria sempre com respeito, e veneração»

Foi por via d'um proceder tão nobre, e justiceiro, que D. João de Castro conseguiu, que aquellas Ilhas não quebrassem mais a obediencia durante o seu governo, e que continuassem n'esse estado pacifico por muitos annos.

CAPITULO II.

ANNO DE 1547.

Colligam-se varios Reis contra Malaca. Que faz o Capitão d'esta. O Achem desembarca, e recolhe-se logo. Parte uma esquadra nossa a procural-o; seu Commandante tem noticias d'elle, e quer seguil-o; mas os soldados amotinam-se, e elle applaca-os. Avistam, e acommettem o inimigo. Tomam-lhe a Capitania. Embaixada dos Reis colligados, e resposta do Capitão de Malaca. Faltam n'esta noticias da esquadra. Murmurios do Povo, que o P. Xavier socega, prognosticando a victoria. Cuidados do Hidalcão. Manda tropa á terra firme. D. Diogo d'Almeida vai ao seu encontro. Ordena o Governador que se recolha. Esta guerra é posta em conselho, e addia-se para mais tarde. D. João de Castro rece-

be participações de Dio; communica-as ao Senado, e pede-lhe ajuda. Este offerece-lhe quanto pussue, e as senhoras suas joyas. Faz igual communicação a Chaul, e Baçaim. Chegam náos do Reino. Resolve-se a guerra contra o Hidalcão. Chegam a Goa Embaixadores do Canará; o Governador ouve-os, e despede-os. O Hidalcão retira a sua gente; o Governador segue-a, peleijando D. Alvaro na vanguarda. Fogem os Mouros para o sertão. O Governador volta a Goa, e torna a Dio. Chega a Baçaim, e manda seu filho a Surrate. D. Alvaro destaca da sua esquadra a D. Jorge, e outros Capitães. Que acontece a estes. Voltam a unir-se a D. Alvaro. O Goveruador está em Baçaim, onde se junta com seu filho. Apresenta batalha ao Soltão, e falla aos soldados. Responde-lhe os fidalgos. Torna a embarcar com as forças. Estragos que fez. Aporta a Dio; e D. João de Mascarenhas deixa o commando d'esta praça, sendo substituido por Luiz Falcão. O Governador parte na direcção de Baçaim, e causa n'esta viagem muitos damnos ao inimigo. Demora se em Baçaim, e recommenda d'aqui a El-Rei os que o serviram

---

Achava-se *Malaca* na melhor intelligencia com os Principes visinhos, o que a fazia disfructar uma serena paz; mas, El-Rei de *Viantana* considerando-se em circumstancias de poder intentar grandes cousas, pertendeu vingar algumas offensas esquecidas, que os Reis de *Pataue* haviam feito aos seus antepassados; e, como estava em relações amigaveis com os Principes de *Quedá*, *Pam*, e outros confinantes, poude sem custo chamal-os ao seu partido, tornando-os parciaes na vingança que projectava. Estes preparam logo uma poderosa armada, ajustando, que o de *Viantana* se satisfaria com a vingança que queria tomar, e que

elles ficariam com os despojos da guerra, em recompensa d'ajudarem a vingar injurias alheias.

Simão de Mello, que então era Capitão de *Malaca*, mal soube o que expendido fica, escreveu a Diogo Soares de Mello, que estava no porto de *Patane*, pedindo-lhe que viesse áquella fortaleza; porque como todos aquelles Reis eram amigos do Estado, queria antes ser medianeiro, que parcial em suas contendas.

Diogo Soares não despresando esta participação, mandou sahir alguns navios de carga para a China, e partiu com duas galeotas para Malaca. Andava então o Achem com vinte embarcações grandes, fazendo o officio de corsario. Aprezou alguns juncos carregados de mantimentos, e insultou a muitos outros navios de Nações amigas. Tanto lhe cresceu a audacia com a fortuna, que chegou a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que pisára terra de nossa obediencia, tornando a embarcar mui ufano com esta gloria.

Pressintindo-se na Cidade este desembarque, sem embargo de ser feito mui furtivamente, tocou-se n'ella a rebate. D. Francisco d'Eça entrou com alguns soldados na povoação dos Chelins, por ordem do Capitão mór; mas o inimigo já então tinha embarcado, sem nenhum outro despojo mais, que a vaidade de haver saltado em terra! Simão de Mello sentindo a covardia do Achem, como se fôra uma injuria, mandou logo uma embarcação ligeira, espiar a armada inimiga, em quanto se aprestavam dous caravelões, e seis fustas, para partirem em sua perseguição. Chegou então Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, soccorro que veio muito a proposito, para reforçar a esquadra de que se tratava. Sahiu esta levando D. Francisco d'Eça por Commandante, com ordem, para

que, se em dez dias não encontrasse o inimigo, recolher ao porto, por não levar mantimentos para mais tempo.

Navegaram outo dias sem avistar a armada contraria, e chegados a uma Ilha, tiveram noticias de que estava ancorada em *Quedá*, a dous dias de viagem. Quiz D. Francisco passar á vante, porém os soldados amotinaram-se, dizendo: «que era de Capitão novato seguir a quem «fugia; que as rações estavam acabadas; que elles não «hiam a peleijar com a fome; que se o regimento do Ca-«pitão mór se estreitava a dez dias, melhor era a obedien-«cia, que a victoria, Diogo Soares de Mello, respondeu: «que todo o Official que se voltasse, havia de combater com «elle primeiro; porque maior serviço faria a El-Rei em «metter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atre-«vidos.» Estas razões fizeram serenar os amotinados, e a esquadra navegou para *Quedá*, onde souberam, que o inimigo se achava a oito legoas de distancia; D. Francisco resolveu-se a seguil-o, visto estar tão proximo.

Avistou-se n'aquella mesma tarde a Cidade de *Parlés*, em cujo porto estava o inimigo ancorado em uma enseada, pouco distante da mesma Cidade. O Capitão mór tendo mandado sondar o rio, conheceu que as caravelas podiam dar fundo, e ordenou que ellas entrassem a tempo, que duas galés inimigas, e outros navios as vinham procurar, pensando que eram embarcações mercantes, pela razão de haverem visto de terra os galeões sómente. Trazia o inimigo as ditas galés na vanguarda, as quaes escoltavam muitas fustas. Logo que viu soldados, onde julgava encontrar mercadores, quiz retroceder; mas como o rio fosse mui estreito, não o poude fazer, sem que os nossos chegassem a posição de o poderem abordar, o que dentro em pouco effeituaram. Diogo Soares entrou a galé Capitania com cincoenta bravos, e achou nos Mouros tão por-

fiada resistencia, que todos foram mortos, mas nenhum ficou prisioneiro. Combateu-se com a mesma valentia nas demais embarcações inimigas, ficando todas em nosso poder depois d'entulhadas de cadaveres.

Em quanto isto se passava, El-Rei de *Viantana*, e os mais colligados, receberam tantas satisfações do de *Patane*, que assentaram com todas as seguranças a paz. Vendo estes sahir a nossa armada; e ajuisando que a fortaleza ficaria sem guarnição alguma, julgaram esta occasião propicia para nos tirar Malaca, tentando disfarçar-nos a guerra com o semblante da paz. Mandaram um enviado mui sagaz a Simão de Mello, significar-lhe, o sentimento, que tinham de haver o Achem dasbaratado a nossa esquadra; que sabiam, que este satisfeito com a victoria, juntava grandes forças para cahir sob a fortaleza e que, como esta tinha poucos defensores, era forçoso que o valor cedesse ao grande numero; que para nos livrar-nos de tão certa ruina, elles pediam licença para desembarcar n'aquelle porto, e remirem com seu sangue a fortaleza, d'esse infallivel estrago. Além d'esta ardilosa mensagem, vinha o enviado incumbido de contar os soldados que tinha a fortaleza, e de notar o effeito que fazia no Capitão a mencionada noticia.

Porém, Simão de Mello entendendo, que semelhante offerta era traiçoeira, e o mensageiro espião, determinou-se a oppôr enganos contra enganos. Agradeceu pois os importantes soccorros que lhe offereciam, pedindo alviçaras da victoria, que os seus navios alcançaram contra o Achem, e que acabava de lhe ser participada; que na fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem sahira d'aquelle porto fugindo; que os Portuguezes tiveram difficuldade em no alcançar, mas nenhuma na victoria. Accreditou o Mouro as palavras do Capitão, e foi dizer aos seus que, ou se lhe entendera o ardil, ou se despresára o medo.

Achava-se Simão de Mello com muito cuidado, pela tardança da esquadra, chegando a accusar-se a si proprio de temerario, por haver empenhado as forças d'aquella praça contra um inimigo, de cuja paz não tiravamos fructo, nem gloria da ruina. Assim discorria elle, quando as mulheres, e filhos dos que haviam partido na mesma expedição, começaram a queixar-se contra o Capitão, por ter querido comprar fama com o sangue alheio; sendo mais conviniente ao Estado uma paz duradoura, que uma victoria inutil. Vivia então alli o Mestre Francisco Xavier, (*) ao qual se deveu o não progredirem estes murmurios populares, que podiam ter péssimos resultados. No mesmo dia em que se deu a batalha, estando o mesmo Religioso á vista d'immenso povo, ensinando-lhe o bom caminho da vida, teve a inspiração divina, de bradar aos ouvintes: «Dêmos todos graças ao Author das victorias, porque n'es- «ta hora desbaratou Deos com os nossos braços a armada «inimiga!» O Povo ouvio esta exclamação com muita reverencia, e passou dos extremos do pezar, á mais segura alegria. — Fosse acaso, ou dom prophetico, Xavier não se enganou; no mesmo momento em que elle noticiava a victoria ao Povo, acabavam as nossas armas de a ganhar: assim o affirmam todos os sabios Chronistas, que tem escrevido as nossas proesas na Asia. —

Ficou Malaca gosando uma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador Geral em Gôa, ainda bem não tinha acabado de ganhar uma batalha, já o chamavam a outras.

Entre o Hidalcão, e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que já mencionamos, de que D. João de Castro lhe não podia dar satisfação sem

(*) E' hoje venerado como Santo.

affronta, nem negar-lh'a, sem guerra. Tendo-se os Mouros retirado de *Bardêz*, e *Salsete*, tornaram estas á nossa obediencia, florescendo o seu commercio, e agricultura, quasi debaixo das armas com que as defendiamos. O Hidalcão, como visse que continuavamos a pussuir esta parte dos seus dominios, e reputasse esta retenção injusta, cada dia nos recordava com as armas o seu direito, sobresaltado juntamente com a presença de Meale em Gôa, que era veneno que lhe acommettia o coração do Reino; e conhecendo que com as correrias sûbitas, e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado, decediu-se a fazer-nos a guerra em campo descoberto. Mandou logo occupar as terras da contenda por outo mil soldados, em quanto preparava forças maiores para sustentar, o que aquellas ganhassem.

Mal o Governador teve aviso d'esta entrada, ordenou, que D. Diogo d'Almeida Freire fosse com novecentos Portuguezes, alguns Canarins, e uma companhia de cavallaria encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da tropa, cazo o Hidalcão viesse pessoalmente. D. Diogo d'Almeida marchou com esta gente, e fez alto na fortaleza de *Rachol*, a cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo o qual não quiz aceitar a batalha, que lhe offereciamos, talvez conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta por falta de mantimentos, e por ser o terreno pantanôso, e retalhado em esteiros, onde não podiamos estabelecer acampamento enxuto, nem manobrar com a cavallaria em todos os lugares da campanha; uns, por serem mui alagadiços, outros muito ásperos; obstaculos que os Mouros conseguiam vencer, pois que sendo naturaes d'aquelles sitios, sabiam bem os passos, e estavam affeitos ao trabalho de pizar os pântanos, com summa agilidade. Demais a mais, eram bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois, D. Diogo, que lhe faltavam mantimentos, e

que o inimigo tinha a escolher o peleijar, ou retirar-se, consultou o Governador, e este lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de *Rachol*, em quanto resolvia o que se devia obrar.

Voltou o Governador para Gôa, onde expoz n'um conselho o estado das cousas, patenteando os desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pezada, para evitar os damnos que tão repetidos acommettimentos, nos causavam. Todo o conselho foi d'opinião, que a guerra se differisse para o verão seguinte, em cuja estação podiam os nossos campear já no terreno enxuto, reforçados com os soldados do Reino, que as náos de viagem deveriam trazer.

O Governador não teve remedio senão sujeitar-se a este parecer, esperando occasião em que podesse castigar rigorosamente os atrevimentos do inimigo. Em consequencia do que, ordenou a D. Diogo que se retirasse com a sua gente, deixando comtudo a fortaleza de *Rachol* sufficientemente guarnecida, para oppôr ás correrias do inimigo este pequeno freio. Como fosse incansavel no exercicio das armas, todos os dias mandava formar a tropa, e sahia com ella ao campo, onde mandava que os soldados atirassem ao alvo, e que se exercitassem em todas as manobras militares d'aquella época. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz, viu n'uma casa terrea grande quantidade d'armas em um cabide, mui limpas, aceiadas, e bem dispostas em ordem; e tendo parado o cavallo, perguntou, quem morava alli. Acodiu o proprio dono a responder-lhe, que era Francisco Gonçalves, soldado de fortuna. O Governador mandou-lhe dar trinta pardáos, louvando-lhe muito a sua curiosidade.

Tinha já começado o mez d'Agosto; e D. João de

Castro, sempre previdente, e cauteloso, não cessava de municionar a armada, quando aportou a Goa Francisco de Moraes, Capitão d'um catur, com cartas de D. João de Mascarenhas. Dizia-se n'estas, que o Soltão de Cambaya reunia todas as tropas de seus Reinos, com intenção de sitiar segunda vez a fortaleza de Dio; que conviria muito mostrar-lhe n'este verão as armas, para que attento á segurança de sua mesma casa, deixasse de inquietar a alheia. O Governador reunio logo o governo da Cidade, e entregando-lhe cópia da carta de D. João de Mascarenhas, pediu-lhe que o ajudassem com alguns soccorros, para acabar de debellar o inimigo. Este seu pedido foi tão bem acolhido, que todos lhe offereceram os bens, e as proprias vidas. Agradecida por elle esta heroica dedicação, pediu então dez mil pardáos, quantia, que o povo lhe forneceu promptamente. As senhoras d'alguns cidadãos ricos mandaram-lhe grande quantidade de joias, queixando-se-lhe n'uma honrosa carta, de que as não houvesse aceitado, nem dispendido na sua anterior offerta; igual rasgo praticaram as de *Chaul*, ainda em maior escala. Porém, o Governador escasso no dispendio de tão importantes donativos, reenviou-os a suas illustres donas, recompensando-lhes tão opportuno serviço, com encher de honras os maridos, e filhos. Participou aos habitantes de *Baçaim*, e *Chaul* as noticias chegadas de Dio, e fez-lhes saber quaes as despesas, que exigia a armada, e o quanto precisava que o ajudassem: obteve por resposta um offerecimento identico ao de Gôa.

Corria o dia 23 de Septembro d'este anno de 1547, e o Governador andava mui occupado com os apréstos da armada, quando fundearam no porto de Gôa duas náos do Reino, que se haviam apartado da conserva d'outras. Tinham partido aquelle anno do Tejo seis, sem Capitão mór; eram Commandantes das que chegaram, Balthasar Lobo

de Sousa, e Francisco de Gouvêa; das quatro que faltavam, D. Francisco de Lima, em S. Filippe, e vinha provido na Capitania de Gôa; Francisco da Cunha, no Zambuco; Bernardo Nazer, na Burgaleza; estas trez invernaram em Socotorá, e aportaram a Gôa nos fins de Maio do anno seguinte. (*) Perdeu-se uma outra nas Ilhas *d'Angoxa* por culpa de seu piloto, e era commandada por D. Pedro da Silva da Gama filho do Conde Almirante, despachado para *Malaca*; salvou-se porém a tripulação, a qual passou depois a Moçambique, e chegou á India em outras embarcações. N'estas náos vieram cartas (**) d'El-Rei, da Rainha, e do Infante D. Luiz, para o Governador, as quaes passamos a transcrever.

(*) *Couto*, *dec.* 6.ª *liv.* 5.º *cap.* 3.

(**) Dom Joham: amigo. eu elrey vos emvio muyto saudar. A my me foy qua apontado que seria muyto meu seruiço mandar vender ao Idalquão as terras firmes de goa, que me ele alargou, asy porque a vendo as de soster, me custarião muyto, como por ser cousa dificil o poderense elas bem defender; e tambem, que nunqua em algũu tempo que delas quisese o peraque elas dizem que me são necesarias, deixarião aqueles, cujas elas fosem de dar causa por onde elas com rezam tornasem a ser mynhas; e que vendendo-as agora ao dito Idalquão, ou ao Inazamaluquo, ou a qualquer outro seu vezinho, ficaria diso huũa grande soma de dinheiro, que cada huũ deles me daria por elas. Estas rezões me pareceram todas de muyto meu seruiço; mas porque em todas as cousas ha sempre rezões por huũa parte e pela outra, e nas de tam longe nam se deve nada determinar, nem me parece bem fazelo, ouue por milhor avisarvos de tudo, e tomar niso primeiro voso parecer, crendo que mo dareys com aquele respeito e consideraçam em tudo, que em semelhantes cousas se deve de ter. e porem porque poderia acomtecer parecervos bem, e meu seruiço venderem-se estas terras,

Considerando D. João de Castro, que o Hidalcão poderia perturbar o Estado na sua ausencia, por não ficarem em Gôa forças sufficientes, para o repellir, resolveu-se a procural-o no interior do sertão, á testa de trez mil soldados Portuguezes, para o forçar a aceitar batalha. Tendo communicado esta resolução a todas as authoridades da Cidade, tanto civis como militares, pareceu a todos que devia ser levada a effeito. O Governador dividiu immediatamente a dita força em cinco columnas, nomeando para seus Commandantes a seu filho D. Alvaro, D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo d'Almeida Freire com du-

---

pareceo-me necesario falarvos neste caso mais declarada e resolutamente asy como deve de ser em cousa que eu ey por tamanha como esta he.

A venda destas terras he muy importante, e pode ser de muy grande meu seruiço, e he cousa em que priucipalmente convem ter se muy grande segredo: e postoque a confiança, que eu em vós tenho seja a que vós mereceys, e que se requere que eu tenha em pesoa que nese carego e lugar me serve; todavia ainda este negocio he tam grande, que nam compria a meu seruiço cometelo a outrem: mas porque, como digo, no de tam longe poderia acontecer ocasiam em que eu podese ser bem servido, tendo vós comisam minha pera o fazerdes, o que nam poderia tambem ser quando a nam tiveseis, e ouueseis desperar por meu recado: como cousa que asy pode acontecer, e tendo em vos esta confiança, pareceo-me meu seruiço dizervos o quanto averia por bem que as deseys, que he de sete centos mil cruzados pera cima quanto mais podeseys; porque daquy pera baixo nam averey por meu serviço venderense, visto a calidade delas, e quam importantes podem ser a quem as comprar: e ainda em serem vendidas mais a cada huũ dos outros que ao

zentos cavallos, e os cazados de Gôa, aos quaes se aggregaram os peões da terra, em numero de mil e quinhentos. A fortaleza de *Rachol* achava-se guarnecida por tresentos Portuguezes, e alguma infanteria dos naturaes; e era governada por Francisco de Mello, a quem o Governador mandou intimar para se lhe reunir na villa de *Margão*.

Neste tempo mandou o Rei do *Canará* uma embaixada a Gôa, propondo uma confederação com o Estado, para ter este como auxiliar n'uma guerra contra o Hidalcão seu visinho. O Governador recebeu os Embaixadores com um ceremonial d'estrondo; e tendo-lhes prestado a maior attenção, logo capitulou com elles um tratado d'alliança mui

---

Idalquão, pode ser que se acrecente no preço, e que seja milhor pera tudo. Mas asy vos deveys vos aver niso que quem as ficar comprando ainda que vos dee por elas o que digo, ou mais, fique sempre cuidando que lhe fizestes na venda muyta amizade: e porem tanto por tanto vereys se averá mais rezões de ficarem antes com o Idalquão, cujas elas primeiro foram; aindaque tambem deveys de ponderar muyto nisto, qual deles será menos perjudicial a meu serviço terdes nelas por vezinho. Neste negocio isto he o que averey por meu serviço que façaes. O como nele me aveis de servir tenho eu muyta confiança que seja como de vós espero. E parecendovos bem dardes disto conta a alguña pesoa, faloeys como de cousa, que vós mesmo a moveys, e trabalhareys por se ter niso muy grande segredo até o dito negocio se acabar de concluir; porque asy compre muito a meu serviço. Pero dalçaçoua carneiro a fez em almeirim a XIII dias de março de 1547 «Rey»

(*No fundo*) Pera dom João de crasto sobre as terras firmes de goa.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom João de crasto, do seu conselho, e seu capitam mor e gouernador da India.

vantajoso a uma, e outra Corôa. O Hidalcão tanto que penetrou as intenções do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, procurando evitar a nossa invasão.

Constou a D. João de Castro, que os Mouros se haviam recolhido a Pondá, onde estavam abrigados com a artilheria do seu forte; alguns Officiaes foram de opinião, que se não seguisse o fugitivo inimigo; porém, o Governador mandou immediatamente marchar ávante. Tendo as nossas forças andado duas legoas, avistaram já sob a tarde o inimigo, que as esperava da outra margem d'uma ribeira, para lhes impedir a passagem, com um corpo de dous mil homens.

2.ª Dom Joham de castro: eu a Rainha vos enuio muito saudar, Vy as cartas que me escreuestes, e dou muitas graças e louuores a nosso senhor, pela mercê, que vos fez em vos liurar de tamanho periguo, como foy o que dizeis que vos aconteceo na viagem; e espero nele que será pera nessas partes lhe fazerdes tantos seruiço, e como sey que desejais. E de saber de vossa chegada a esas partes, e de como nelas fostes bem recebido, recebi muito contentamento, e das obras que começais a fazer, e tendes feitas no seruiço delrey meu senhor, e tem sua alteza muy grande, e eu asy mesmo pela muito boa vontade que vos tenho.

E quanto aas orfaãs que leuastes, por certo tenho, que sendo cousa de tanto seruiço de deos, e de que sua alteza e eu temos o gosto que vós sabeis, as agazalharieis tambem, e procurarieis tanto seus casamentos, como me escreueis; e aas pessoas que as tem em suas casas escreuo, e dou disso os agradecimentos, que dizeis que se lhe deuem, e vós tambem lhos day de minha parte, porque me prazerá disso.

E o cuidado que teuestes de mandar dioguo vaz ourivez a ceilam pera se loguo começarem a fazer as cousas, a que o mandey, istimo muito, e he muy conforme aa confiança, que tenho,

A nossa vanguarda, que era commandada por D. Alvaro de Castro, conseguiu vadear o rio, não obstante o vivo fogo d'arcabusaria, que lhe dirigia o inimigo. Os outros Capitães fizeram o mesmo com as suas respectivas columnas; mas quando chegaram á outra parte do rio, já os inimigos se hiam retirando para a referida fortaleza de *Pondá*, mui bem escarmentados de nosso ferro. Foram elles seguidos por ordem do Governador, o que teve lugar por cima d'alguns estrépes, que encravaram a muitos dos nossos; ao chegar-se a Pondá, viram-se os Capitães do Hidalcão em ordem de batalha, ou para a dar, ou para a aceitar. O Governador mandou acommettel-os; mas os Mouros suspeitando então, que vinha alli D. João de Castro em pessoa, e receando tu-

---

que asy folgareis sempre de o fazer em tudo, o que for de meu seruiço. E a bras daraujo escreuo, como soube per vossa carta o que me nela escreueis da boa vontade, com que trabalhou de aver os dous mil quinhentos xeraffins, que pera isso mandastes buscar emprestados, e trabalha de aviar tudo o mais, que he necessario, e lho agradeço muito.

E de as pipas do moesteiro de faram, que leuastes a carreguo, serem de tam maao vinho, me pesou, pelo desgosto que disso terieis: mas comtudo ainda se nelas fez proueito, e bem creyo que seria pelo cuidado, que tomastes, de as aproueitar, e muito vo lo agradeço.

E com o beijoim de boninas, e com todas as mais cousas, que me enuiastes, folgey muito, e era tudo muy boõ, e o istimo como he rezam, e se deue aa muito boa vontade, comque sey que foy enuiado.

E de achardes a gente desas partes tam contraira ao serniço delrey meu senhor, me pesa mais do que me espanto, porque lhe virá de longe esa desordem; mas espero em nosso senhor, e confio de vós que o ordenareis e fareis como sua alteza seja inteiramente seruido: e nam vos deue lembrar que podeis por isso ter

do da fama de seu nome, abandonaram o campo, retirando-se para o sertão. D. Alvaro entrou na fortaleza, a qual se achava desamparada; foram muitos de voto, que ella se demolisse; porém D. João de Castro, mandou que se deixasse aquelle abrigo aos miseraveis fugitivos.

O Governador recolheu-se logo a bordo d'uma frota, composta de sessenta fustas, de que eram Commandantes D. Alvaro de Castro, D. Roque Tello, D. Pedro da Silva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge d'Eça, D. Bernardo da Silva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Silva de Menezes, D. Jorge de Menezes o Baroche, Manuel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duar-

---

algũus immigos, pois está tam certo que de immizades tam injustas se vos nam pode seguir nenhũu danno, e de fazerdes o que deueis, e nam consentirdes que ninguem faça o que nam deue se vos segue ante deos e ante sua alteza muito merecimento: e podeis estar descansado que quando comprisse terei a lembrança, que me pediis, de tudo o que tocar a vossa honrra e descanço.

E o cuidado que dizeis que tendes, que dos quinhentos quintaes de pimenta, de que me elrey meu senhor fez merce, pera mandar a bengala, se faça o mais proueito que poder ser, istimo muito, e folgey de pera a feitoria disso escolherdes manuel da gama, pela muito boa conta em que o tenho, e do fauor e boas obras, que sey que fazeis a elle, e a todos os outros meus cryados tenho muito contentamento, e vos roguo, que aos que o merecerem e fizerem o que deuem, folgeis de o fazer asy sempre, porque me averey nisso por muito seruida de vós.

E das nouas que me dais que elrey de tanor vos enuiou dizer, que se queria fazer xpãao, recebi muito contentamento: prazerá a nosso senhor que o traria a efeito, e se siguirá disso muy grande seu seruiço no acrescentamento de sua santa fee catholica, e e que será causa de o seu santo nome em todas esas partes ser

te Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodrigues de Távora, D. João de Attayde, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeida, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeida, Pedro de Atayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Corrêa, Sebastião Lopes Lobato, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manuel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodrigues Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varella, Luiz de Almei-

---

muito mais alcuantado. E sinaes sam eses muy claros que se há ele por seruido disso, pelo que lhe dou muitas graças e louuores e vós asy lhas deueis dar por isto ser em vosso tempo, e trabalhar quanto em vós for pera que de vossa parte nam fique nada por fazer nesta tam santa obra, como creyo que tereis feito e fareis.

E do modo que marty afonso teue conuosquo pera vos nam deixar o dinheiro que vos ficou e prometeo de dar pera a carrega de pimenta, me desaprouue pelo descontentamento que sey que disso terieis, e pela falta, que vos poderia fazer no serviço delrey meu senhor: mas eu confio de vós e de vossa prudencia e virtude, que a supririeis muy bem, e que nosso senhor vos ajudaria nisso e o primitiria asy pera que mais claro se mostre a vontade, e o desejo que tendes de seruir a sua alteza, e pera muito mais vosso merecimente e louuor. Pero fernandez a fez em almeiry a XIII dias de março de 1547 «Raynha»

(*No fundo da pagina*) Reposta a dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por a Rainha. — A dom Joham de crasto, do conselho delrey seu senhor e seu capitammor, e gouernador da India — 2.ª via.

da, Francisco de Brito, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pires, João Fernandes de Vasconcellos, Fernand'Alvares, João Soares, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunes Homem, João Lopes, Lopo de Faria, Manuel Pinto, Lopo Soares, Manuel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manuel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leão, Pero de Cáceres, Pero de Moura, Ruy Pires, Pero Affonso, Pero Preto, Luiz Lobato, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardes, Thomé Branco Patrão mór da ribeira, e Coge Percole, lingua. Haviam tambem algumas embarcações vindas

---

3.ª Honrado gouernador. Pellas cartas que escreuestes a ElRey meu senhor, e a mim, vi o discurso de uossa viagem despois da partida de Moçambique ate chegar á India, e o que nella fizeste até a partida das naáos, e o estado em que achastes a terra, e a condição dos homeẽs, e devassidão dos tratos, e a fraqueza d'armada, e como vos ouuestes co Idalcão nas cousas de meale, e assi nas cousas d'urmuz, e com os fidalgos que tinhão licenças de Marti Afonso pera leuarem lá drogas, e tudo o mais que per uossas cartas dizeẽs: e porque ElRey meu senhor vos responde a todas estas cousas em particular, o nom farei eu senão em soma; e porem nom deixarei de dizer quanto me assombrou, ca em terra, o perigo que passastes atraués da ilha do Comaro, por que verdadeiramente foi acontecimento mui grande e temeroso; e porèm eu o tomo por boõa estreea, porque me parece que vos quis nosso senhor mostrar nisto, que vos ha de saluar dos perigos da terra da India pera que he necessario tanto milagre como vsou com vosco em uos saluar de tamanho perigo, pello que lhe eu dou muitas graças e folguei de saber que dom hieronimo de Noronha vos teue companhia neste perigo, pois nosso senhor tambem o saluou delle; e he cousa de homem tão honrado, como elle

de *Cochim*, cujos Commandantes eram nossos, bem como alguns navios de particulares, que em attenção ao Governador serviram gratuitamente o Estado.

D. João de Castro aportou com toda esta esquadra a *Baçaim*, mandando d'aqui algumas espias a Cambaya, para reconhecerem as forças, e designios do inimigo. Sabendo depois, que Caracem genro de Coge Çofar se achava na fortaleza de *Surrate*, com alguma tropa; e querendo atacar algumas das praças, que escudavam o inimigo, mandou alli a seu filho D. Alvaro com sessenta velas, para que subindo o respectivo rio, desembarcasse em terra alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza a todos

---

he, participar dos perigos e trabalhos de seu Capitão. Quanto as mais cousas, que mescreuecês, porque ElRey meu senhor vos responde a todas em particular, e eu fui presente ás mesmas respostas, me parece escusado tornaruolas a referir; porque per suas cartas vereês o contentamento que tem de como nessas partes o começaes a seruir, e a boõa opinião, que agente tem de vós, e o que particularmente vos manda que façaes em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer he que estou mui contente do modo que leuaes nas cousas dessa terra, e do que nella fazeês, e dizeês; porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas vos não mudou de quem creês, e da conta em que uos eu sempre tiue, porque nom vos contentaes de mostrar isto assi per obras, mas alem disso vos iis sempre penhorando com palauras e demostrações a fazer o mesmo, o que eu tenho por mui certo, que vós sempre fareês inteiramente, quanto humanamente se pode fazer.

Do modo que escreuestes a sualteza nom estou menos contente, porque vierão nossas cartas mui bem ordenadas, e escritas, e nellas todallas cousas necessarias, e nenhũas superfluas, e bem se vee nellas o mesmo qué acima digo, e que entendeis as cousas dessa terra, e que tendes zelo e desejo de as fazer sem

os respeitos; e que no caso de lhe parecer que a podia tomar por assalto, a atacasse logo, que elle Governador immediatamente o soccorreria.

D. Alvaro ao chegar com a esquadra á entrada do rio, mandou reconhecer a fortaleza por D. Jorge de Menezes Baroche, com seis fustas. D. Jorge subiu pelo rio, remando á voga surda, até que vendo-o da fortaleza, lhe atiraram alguns tiros de peça. Mal isto aconteceu, logo as embarcações que o acompanhavam viraram de bórdo, ou por timidez, ou por cautella, sem embargo d'elle lhes gritar, que esperassem. Foi então que d'uma povoação d'Abexins, que havia n'aquella paragem, se fez algum fogo d artilheria

---

respeito temporal damor, nem interesse, o que muito folgo de uos ouuir, porque inda que eu tenho por certo que o fareês assi, parece hũa grande auondança de coração, e da uirtude que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer. Pello que eu espero em nosso senhor que nos ha de cumprir uossos boõs desejos, e que vos ha de trazer dessa terra com muito uosso contentamento, e honra, porque nom pode deixar de soceder isto a quem nhũa cousa procura senão o seruiço de deos, e de seu Rey. E aindaque vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembrouos que nelles está o merecimento das cousas, e que a Christo conueeo passalos pera entrar na sua gloria: e se uos parecerem as cousas dificiles, lembreuos que estas são as em que deos poem a mão, e o que ajuda a quem o serue nellas com a tenção, com que vós o sazeês; e os homeês nom podem poor mais de sua casa, que a vontade e a diligencia; e por isso são Paulo não atribuia a si mais que o plantar das cousas, porque deos ha de dar o incremento: e assi o cará elle em todas vossas cousas, como as plantardes com o zelo, que eu confiio, que nós tendes em todas: e por isso não uos espantem as grandes, nem teubaes em pouco as pequenas; fazee igual ponderação, e os fijs dellas remetteeos a uosso senhor;

sob os nossos; o que visto por D. Jorge, saltou em terra, tomou todas as peças, e mandou-as condusir para as fustas.

Apenas D. Alvaro despedira a D. Jorge, com a frotilha mencionada, mandou na sua rectaguarda mais duas fustas, commandadas por Francisco da Silva de Menezes, e João Fernandes de Vasconcellos. Estes desejando tomar algum *lingua* em terra, surgiram proximo da dita povoação d'Abexins, donde mandaram desembarcar alguns marinheiros, para fazerem aguada. Caracem, mal ouvira o fogo dos Abexins, que temos referido, destacou a quinhentos Turcos em seu soccorro, os quaes acháram os reductos perdidos, e a artilheria embarcada; e passando mais ávante foram vistos

---

e posto que alguũs vos nom saião como desejaes, nunca entre em uas desconfiança, em quanto fazerdes as cousas com justo zelo e limpa tenção, porque muitas vezes permite nosso senhor aos que o mais seruem que fação erros pera que mereção na pacieneia, e na confiança delle, e se expertem mais nas cousas, e se acrecentem em mayor perfeição. Fazee justiça como a entenderdes, tomando sempre conselho e parecer nas cousas como fazeẽs. Conseruaiuos na limpeza de uossa pessoa, que vsaes acerca dos combates dos gostos temporaes e interesses dessa terra: e com isto venha o que vier, porque tudo sera pera bom fim.

Nas cousas, que tocão ao culto diuino, na conuersão dos infiees, vos esmerai muito, porque estas sâo as armas, que principalmente hão de defender a India: procurai de lançar dessa terra as despesas sobejas dos homeẽs, e as branduras e delicadezas de que vsão, e os vestidos e paramentos de casas que tratão, despondoos pera estas cousas branda e suauemente com o exemplo que lhe daes, e de uossos filhos, e com fazer fauor e merce aos que vsão do contrario: e se estas cousas logo nom poderdes emmendar nom uos espanteẽs disso, porque asique se dauão com tempo, com tempo se hão de tornar a emmendar, e nom se podem remediar

dos marinheiros, que, como dissemos, faziam aguada; os marinheiros bradáram então a Francisco da Silva, dizendo, que havia inimigos no campo. Francisco da Silva voou logo a soccorrel-os, em companhia de João Fernandes de Vasconcellos, e ambos cahiram sob os inimigos com um pelotão cerrado, destroçando-os completamente. Concorreu muito para este bom resultado, a ajuda de D. Jorge, o qual como se fosse recolhendo, visse as duas fustas surtas, e que os nossos peleijavam, em terra, desembarcou ainda a tempo de os auxiliar. Os inimigos tiveram muitos mortos n'este ataque; porém da nossa parte houve a perda d'um soldado.

Ganha esta victoria, partiram todos os nossos a de-

---

dimprouiso. por isso hi continuando em uosso boõ proposito, e fazendo as cousas segundo a disposição do tempo, e o sogeifo das pessoas em que aueẽs d'obrar, que com isto espero em nosso senhor que encaminhe todas vossas cousas a seu seruiço, e a o del-Rey meu senhor, e a vossa honra, como desejaes.

Quanto ao que me dizeẽs que procure que vossa estada seja lá breue, bem vejo que tendes muita razão de o desejar assi; e me parece mui bem desejardelo; e porem desta materia me parece que se nom pode tratar até nom uer as uossas cartas que este ano embora virão, e por isso deixo a resposta deste ponto pera o anno, que emboora virá.

E acerca do que me escreueẽs de dom aluaro vosso filho, eu falei a sualteza naquelle negocio, e sualteza o conhece bem e estaa bem informado das calidades de sua pessoa, e deseja de lhe fazer honra e merce; e porém por algũas razões que uos sualteza manda escreuer, e porque este ano escreue que nom manda lá nhum despacho, ouue por bem deferir este pera responder a elle o anno que vem; e por entre tanto lhe manda fazer a merce que vereẽs per suas prouisoẽs. A mim me fica mui bõo cuidado de lembrar tudo o que a uossos filhos toca, e espero em nosso senhor que

mandar a armada. D. Jorge referindo a D. Alvaro o successo, e as indagações que fizera, todos os Officiaes foram de opinião, que não podia praticar-se a facção ordenada pelo Governador, visto achar-se a esquadra descoberta. Só D. Jorge, cujo animo não tinha limite, sustentou o contrario com muita tenacidade; porém sendo o seu parecer contrariado vivamente, seguiu-se o voto do maior numero.

Durante que D. Alvaro esteve no rio de *Surrate*, resolvera o Governador differentes negocios; e como além do seu valor, tinha muita bizarria, fez espalhar, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde mesmo na presença da sua guarda, o havia *assar vivo*. Passados poucos

---

se faça de maneira, que elles recebão honra e merce de sualteza, como vossos filhos, a quem deseja fazer o que lhe vós merecêes; e podeês ter por certo que sualteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com que o seruiis, e mui contente do modo de que o tendes feito até qui.

Eu faley a Sualteza em Afonso de rojas, e por uosso respeito lhe fizera logo a merce, que lhe eu pedi; mas porque, como digo, manda dizer ás pessoas, que andão na India, que este anno nom manda la nhum despacho, diferio o d'afonso de rojas pera o anno que vem, e diz que pera então lhe fará merce: eu terey cuidado, se a deos aprouuer, de uos mandar a prouisão, e folgo eu muito das booas nouas que me daes d'afonso de Rojas, e de crer he, que sendo irmão de mestre olmedo, e estando em uossa companhia nom pode deixar de ser homem de bem. O que me mandastes nas naãos que vierão me foi dado, e com tudo folguey por ser cousa de uossa mão: agradeçouolo muito: escrita em Almeirim a XVI de março de 47. «Infante dom Luis»

(*Sobrescrito*) Ao honrado Dom Johão de Crasto, do conselho del-Rey meu senhor, Capitão moor e gouernador nas partes da India — 1.ª via. —

dias foi reunir-se a seu filho na barra de *Surrate*, onde soube que a fortaleza se achava guarnecida. Seguiu depois com a armada junta a direcção de *Baroche*. Chegado a este porto despediu a Francisco de Sequeira Capitão dos Nayres de *Cochim*, para sondar o rio, e informar-se do estado da fortaleza. Este bravo Official navegou pelo rio até avistar o exercito do Soltão acampado n'um extenso campo, e que, segundo se dizia, se cumpunha de duzentos mil soldados! Sequeira virou de bordo, e veio referir ao Governador o que vira; o qual ufanando-se muito por se vêr tão temido, quiz vêr as forças inimigas por crédito de sua mesma fama. Immediatamente mandou levantar âncoras á armada, e foi fundear na frente do exercito contrario. Desembarcou a sua força em terra, metteu-a em ordem, e offereceu batalha ao Soltão. Este nem aceitou, nem recusou a acção; esperou ser acommettido, como fôra procurado. D. João de Castro vendo a indecisão do inimigo, chamou perante si os Officiaes, e fidalgos, que o acompanhavam, e disse-lhes:

«Temos presente o maior Rei da Asia, com um gran-«de exercito; anda buscando a fortuna occasiões de nos «tornar famosos, para que sobre esta victoria, na obedien-«cia do Oriente, descansemos as armas. Bem reconheço «que ha grande desigualdade entre o poder inimigo, e o «nosso; porém as nossas esquadras não se contam pelo nu-«mero, senão pelo valor. Aquelles são os mesmos que ha «poucos dias destroçámos em Dio, não precisamos fazer-«lhes novas feridas, rasguemo-lhes mais as que ainda tem «abertas. Seu immenso numero os torna mais assustados, «pois que lhe embaraça os caminhos para poderem escapar-«se; se hontem nos abandonaram o campo, tendo-nos si-«tiados, como é que hão de resistir-nos agora victoriosos? «Mal sustentarão a honra de seu Rei, os que perderam «a sua. Maior é o nosso poder, que o do inimigo; escuda-

«nos a fama, e a victoria. Não acredito, que haja quem «engeite a gloria d'este dia.»

Todos os que ouviram estas razões dissuadiram o Governador, de tão arriscado acommettimento, dizendo-lhe: «que os homens grandes obravam mais em virtude da ra- «zão, que da fortuna; que olhasse pela conservação da glo- «ria adquirida, pois já lhe sobejava fama; que muito era haver «desembarcado, e offerecer batalha ao Soltão, pisando sua «mesma terra.» Deixou-se o Governador vencer d'estes raciocinios, receando mais as arguições, que o risco. O valente D. Jorge pediu-lhe quinhentos soldados infantes, para com elles dar algum rebate ao inimigo; mas D. João de Castro, não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Como visse depois de esperar trez horas no campo, que o inimigo não se movia, mandou embarcar os soldados; o que se fez com tanta ordem, e segurança, como se aquelle porto fôra do Estado.

Navegou o Governador para Baroche, atravessando d'aqui para Dio, e ordenou que alguns navios seguissem pela enseada de Cambaya, a destruir as povoações d'aquella costa. Esta expedição talou hortas, e palmares plantados para recreio, e sustento de seus donos, abrasou muitas embarcações, e derribou soberbos edificios.

Chegou o Governador a Dio, onde o Capitão mór o veio receber á praia, e foi muito festejado pelos habitantes da Ilha. D. João de Mascarenhas recordou-lhe a licença que já tinha para passar ao Reino, a qual D. João de Castro lhe não quisera conceder, nem podia negar. Haviam já alguns fidalgos engeitado a Capitania d'aquella praça, quando chegou a ella Luiz Falcão, que acabava de governar Ormuz. O Governador tendo recebido algumas queixas contra o procedimento d'este fidalgo; e vendo que ellas não di-

ziam respeito ao seu valor, nem á justiça de sua governança, chamou-o, e participou-lhe as accusações que se lhe faziam, accrescentando: «que se o podia desculpar como amigo, o não podia fazer como superior; que porém se lhe «facilitava occasião de fazer esquecer defeitos passados, fi-«cando n'aquella fortaleza, em que S. Alteza, e o mundo ti-«nham postos os olhos.» Luiz Falcão aceitou esta proposta agradecendo ao Governador tão honrosa punição, e jurando que dispenderia na praça toda a riqueza qne adquirira em Ormuz, e a que pussuia no Reino. D. João de Castro louvou-lhe muito este brio, até mesmo com obsequios publicos.

Postas em ordem as cousas de Dio, partiu o Governador em direitura a Baçaim, causando durante esta viagem os maiores damnos ao inimigo, segundo passamos a demonstrar. Abrasou as Cidades de Pate, e de Patane na costa de Pór, e Mangalor, fazendo fugir para o sertão os respectivos moradores, com parte das suas fazendas. Muitos outros lugares da dita costa tiveram a mesma sorte, ardendo em seus portos cento e oitenta embarcações. Foi tal a fra, que presidiu a estes estragos, que mui poucos despojos couberam aos nossos; por isso que o fogo redusio a cinzas os edificios, os navios, e as fazendas!

Aportou o Governador a Baçaim, resolvido a gastar o restante do verão na guerra contra Cambaya. Mandou logo alguns individuos espiar os passos do inimigo, os quaes cumpriram tão bem a sua missão, que voltaram dentro em pouco informados do que se pertendia saber: Disseram elles a D. João de Castro, que na Corte de Amdabá havia sentimento geral por causa das muitas perdas, que as nossas armas lhe haviam causado; que o Soltão prohibira por um decreto, que se não fallasse no cêrco, e batalha de Dio, para atalhar os murmurios do povo; e que as fortalezas de Sur-

rate, e Baroche se haviam desguarnecido assim que avistaram a armada de D. Alvaro, o qual as teria tomado por assalto, se seus subalternos não se lhe oppozessem. D. João de Castro lastimou tanto que se houvesse prohibido a seu filho, o juntar mais um novo laurél á sua corôa de gloria, que chegou a accusar os Capitães da armada de covardes, e de remissos.

Occupou-se o Governador durante este breve tempo, que esteve em Baçaim, em escrever para o Reino, recommendando a El-Rei os homens que bem o haviam servido, no que mostrava gratidão para com os beneméritos, cujos feitos sublimes o haviam ajudado a ganhar um Nome glorioso. — Esta virtude é tão rara entre os chamados grandes da terra, que, se D. João de Castro não possuisse outras, bastaria esta para lhe adquirir da parte da posteridade o maior respeito, e veneração. —

CAPITULO III.

ANNO DE 1547 ATE' JUNHO DE 1548.

Renova o Hidalcão a guerra. O Capitão mór de Gôa quer hir ao seu encontro, mas a Cidade prohibe-lh'o. O dito Capitão avisa d'isto ao Governador. Este embarca logo na direcção de Dabul, onde D. Alvaro desembarca seguido de seu pai. E' tomada a dita Cidade. o Governador chega a Agaçaim, envéste os inimigos, e estes fogem. D. Alvaro segue-os, e elles fazem-lhe frente. Empenha-se a peleija, em que toma parte o Governador. Alcançam os nossos a victoria. Partem as náos do Reino, e vai n'uma d'ellas D. João de Mascarenhas. O Governador continua a guerra, assola Dabul o de cima, e tala os campos. Vai a Baçaim, e causa novos estragos a Cambaya. Rax Solimão chega a Adem, e degolla o Rax.

Sitia a Cidade, e vem a occupal-a. Os moradores offerecem-na a El-Rei de Campal. Este aceita a offerta, e resolve-se a atacar os Turcos. Que fazem estes. Os habitantes de Adem mandam um mensageiro a Ormuz. Este encontra a D. Paio de Noronha, o qual segue para Adem, onde não se conduz bem. Os moradores de Adem pedem auxilio ao Governador. Este manda-lhe seu filho com uma esquadra. D. João de Castro recebe uma embaixada de Caxem. Resposta que dá. O que se passou em Adem. Chegam Turcos a por-lhe cerco. D. Paio manda recolher os nossos. Que fazem os A'rabes. Successo de D. João de Attayde. Viagem de D. Alvaro. Faz conselho, e vai a Xael, que intenta escalar. Os A'rabes combatem até á morte. Os nossos ganham a victoria. Chega Lourenço Pires de Távora a Lisboa. Festejam aqui as novas de Dio. Manda El-Rei seis náas á India. Uma d'ellas chega a Goa, e traz para D. João de Castro a nomeação de Vice-Rei, além de muitas outras mercês. Adoece o Vice-Rei, e deixa o governo. Falla, e juramento, que faz aos do Conselho. Recolhe-se com o P. Xavier. Sua morte. Enterro, que se lhe faz. Vem seus ossos para o Reino, e são depositados em S. Domingos de Lisboa, até que se trasladam para S. Domingos de Bemfica.

Corria o dia 20 de Novembro de 1547, quando alguma cavallaria, e infanteria do Hidalcão, tornou a occupar as terras firmes de *Salsete*, e *Bardez*. Era General d'estas forças Cala Bateção, Turco valente natural da Dalmacia, e mui experiente nas linguas, e tactica militar da Europa. Effeituou elle a dita entrada, sem encontrar a menor resistencia, recolhendo-se os poucos soldados nossos, que alli estavam, á fortaleza de *Rachol*, donde participaram para Gôa, o acontecido.

Chegada esta participação Aquella Cidade, resolveu-se D. Diogo de Almeida por conselho do Bispo, que governava, e d'alguns fidalgos, e soldados, a hir desalojar os inimigos, antes que se fortificassem, e que crescendo em audacia, e forças viessem tocar as muralhas de Gôa. Porém, quando hia a marchar com alguma gente, requereram-lhe (*) os Vereadores, e governo da Cidade, que não sahisse com forças tão pequenas, pois do contrario arriscaria a segurança da cabeça do Estado; que estando o Governador em *Baçaim* com muitos soldados valentes, e victoriosos, melhor era avisal-o do que se passava, que elle voaria promptamente a castigar o inimigo.

Houve uma longa altercação entre cidadãos, e soldados,

(*) Sobre o que, por esta occasião, occorreu em Goa, devem ler-se as quatro cartas seguintes; o que tornará o leitor sufficientemente esclarecido, das menores particularidades dos factos em questão.

1.ª Senhor. Muito mais folgará de pagar a V. S. quam boas novas nos manda cada dia com lhe mandar de qua alguas boas destes mouros do balagate, he nam requerimentos, huns em contrario dos outros. Eu polo regimento, que me V. S. deixou, provi as tranqueiras de todo o necessario; he por me V. S. mamdar, que se os mouros entrasem nas terras de salsete, que então me fose á camara, he com hos veadores da fazenda, he vereadores, procuradores do povo, he cidadõis omrrados tomase aquordo, he com os seos pareceres fizese o que compria ao seruiço delrrey e ao regimento que V. S. me deixou; ho qual eu fiz asi por ter por novas dalvaro de caminha he cartas suas, que laa mamdo a V. S., como os mouros estavão junto do pagode de margão, que he no meo das terras, as quais cartas he novas lhes mostrei he lhes dise que eles me desem seos pareceres, se devia dir botar estes mouros fora, que polas cartas sabião a jente que era; he pelos

pugnando uns pela segurança da Cidade, e outros pela honra militar. Alfim serenaram os animos, com a condição de se dar parte de tudo ao Governador, visto achar-se tão proximo. Feita esta participação, entendeu D. João de Castro, que a authoridade civil pertendia dirigir os negocios da guerra, e reprehendeu-a por isso mui severamente. Agradeceu a D. Diogo de Almeida, a sua briosa conducta, approvou-lhe a resolução de sahir em busca do inimigo, e deu-lhe ordem para o hir esperar com a tropa a Pangim, onde elle Governador não tardaria a encontral-o.

Acabava D. João de Castro de depôr a penna, com que escrevera para o Reino, quando teve de empunhar a

---

mais deles me foi dito, he asi pelo veador da fazenda, que era presente, que devia dir laa botalos fora, mas que era necesario tomar alguas espias he saber ha nova mais certa, e com ela sabida, que concordava hũa com outra, que então fosemos em nome de deos: ho qual eu puz logo per obra, que mandei per eses pasos, he pelo rrio catures, em que hia payo rodrigues, he cristovão douria, em outro: he do paso dagacim me vierão duas espias que os filhos do tanadar tomarão, que dizem ho mesmo que alvaro de caminha diz nas suas cartas, que laa mamdo a V. S. que hos catures não são inda vindos; he dizendo-lhes o que dizião as espias, he acabada a pricisão, lhes dise que me vinha pera casa pera me fazer prestes pera ir dormir a agacim, he logo mamdei lamçar pregão que todo o soldado viese tomar polvora he chumbo, he se viese pera dom pedro dalmeida que era capitão da yfantaria, ao qual pregão nam acodio nimguem, nem lasquarim, nem casado; he eu estava em minha casa dando cavalos a homẽs que os nam tinhão, hos quais tomava sobre minha fazenda: he estando nisto me entrou pela porta hos juizes, he procuradores da cidade, com hum requerimento dos vereadores, he todos os que nele mais sam asinados, he asi estava no presente o veador da fa-

espada. No dia seguinte áquelle, em que recebeu o mencionado aviso, mandou levantar ferro á armada, e sahiu com esta do porto de Baçaim. Tendo navegado algumas milhas deu vista da Cidade de Dabul, o melhor dos portos do Hidalcão. Contava ella quatro mil habitantes, tinha dous fortes, e alguns reductos, que lhe defendiam a barra, e mesmo de longe se lhe viam muitos jardins, hortas, e ricos edificios: o seu acommettimento precisava ser mui discutido; porém o Governador resolveu-se a effeitual-o.

Toda aquella tarde andou a esquadra pairando em vista da mesma Cidade, notando os ancoradouros, e obras de defeza. Ao romper d'alva do dia seguinte, mandou o Go-

---

zenda, de que nam digo nada porque V. S. o saberá, he me fizerao hum rrequerimento da parte de deos, he delrrei, he de V. S., que nam pasase á terra firme como o dia dantes tinha asentado, he as rezõis que pera iso davão, V. S. as verá laa pelo requerimento, he se nam achar Johão da costa asinado, foi por lhe morrer hũa filha, mas está pera asinar logo, por que todos vierão á camara com pregão que a cidade mandou lançar com pena de cimquoenta pardaos, he nela ouve muitas diferenças, he pode V. S. crer que numqa se vio tam pouca vontade em jente de gerra, como nesta que fiqou em goa, tirando algũs fidalgos he cavaleiros, hos quaes herão tam pouqos que se nam podem nomear: asi que he o que qua se pasa: quanto ás tranqueiras elas estão bem providas, he eu as proverei he visitarei cadadia: de laa devia V. S. de mamdar algũs quatures pera lhe fazerem a gerra per estes rrios, he se a V. S. parecer bem mandar o senhor dom alvaro com alguns quinhentos ou seis centos homẽs peraque entre pelo rrio do sal, he a mim mandarme pera entrar pelo paso dagacim; he crea V. S. que lhe daremos muito bom qoqe: nisto nam falo porque V. S. determinará ho que for mais seruiço delrrei, he seu: he eu estando tomando o primeiro acordo sobre ir a terra firme,

vernador saltar em terra dous mil homens, commandados por seu filho D. Alvaro. Os inimigos opposeram forte resistencia a este desembarque; mas os nossos concluiram-no, não obstante o immenso fogo que se lhes fazia. Travou-se depois em terra a mais encarniçada batalha; de ambas as partes se derramava sangue, e se peleijava com valor, o que tornou o successo duvidoso por muito tempo. O Governador tendo acudido com o resto da tropa, carregou o inimigo de maneira tal, que o obrigou a largar-nos o campo, e a fugir em debandada para a Cidade. Esta foi tomada immediatamente; e depois de serem passados á espada muitos de seus moradores, foi saqueada, e reduzida a cinzas dentro em poucas horas, ficando segunda vez lastimosas suas

---

como acima digo, me pedirão, he me requererão que lhes amostrase o rregimento que me V. S. deixara: eu o fiz porque fui mui apertado pera iso, porque doutra maneira não ho ouvera de fazer: asi que V. S. determine agora de laa o que quer que se faça porque eu estou mui prestes com minha pesoa he fazenda pera servir elrrey, he V. S. no que me mandar, he pesa-me porque vou sendo muito mofino com estas terras firmes, mas parece-me que tudo noso senhor goarda pera V. S., ao qual noso senhor goarde he acrecente vida he estado; de goa a XXV de novembro de 47. «Seruydor de Vosa S. dom diogo dalmeida.»

(*No sobrescrito*) Aa o senhor governador meu senhor» de dom diogo dalmeida.

2.ª Senhor — Estes negros de pondá não hestão satisfeitos com ho castigo que lhe vosa senhoria foi dar; e parece-me que armão cousas com que os castigue melhor. Tanto que se vosa senhoria partio, por se fazerem valentes a quem hos mamdou, sempre estiverão reinamdo esta malicia, que hagora cometerão, e averá tres dias que pasarão a salsete, e estão defronte do pagode de margão, com suas temdas asentadas, e não fazem mais mal na terra, e asy dizem que são pasados outros comtra as terras de

ruinas, por isso que já havia experimentado uma outra, tão horrivel estrago.

Ultimada esta proeza, na qual perdemos cinco soldados, e o inimigo duzentos, reembarcou-se o Governador, e seguiu para Agaçaim, onde o esperava D. Diogo de Almeida com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com muitos barcos para passar a gente. Demorou-se o Governador aqui um dia, em que se informou dos designios, e forças do inimigo; e no seguinte, que havia ser o de 20 de Dezembro, resolveu-se a atacar os Mouros.

Occupava o inimigo a Villa de Morgão, mui pouco

---

bardês. O capitão mamdou chamar a camara, os honrados desta cidade, e outros, entre os quaes eu fui, e aly pareceo bem a todos que fosemos lá, e os deitasemos fora; e fazendose prestes ho capitão, e eu com ele, pera pasarmos, oje, dia de santa caterina, á tarde, na procisão foi ho murmurar tanto dalgũs, de lhe parecer mal nosa ida, que fezerão outra vez fazer camara, onde eu não fui, e os que lá forão asentarão de fazer hum requerimento ao capitão, que não fose sem recado de vosa senhoria. Asy que hos mouros fiquam nas terras, e nós em nosas casas, até vermos recado de vosa senhoria: e meu parecer he que vosa senhoria ordene de começar de castigar de la, destroindo todos seus rios, e asy mandarnos que façamos nós de qua houtro tanto: e pois eu fui tam mofino, que me nom pude la achar com vosa senhoria neses feitos, estou muy prestes pera fazer qua tudo o que me vosa senhoria mamdar por seruiço delrey e seu.... mais a vossa senhoria, cuja vida e estado noso senhor acrecemte por muitos anos. Oje XXIIII de novembro» a seruiço de vosa senhoria — Jorge *cabrall?*

3.ª Senhor — homtem bespora de samta caterina escreveo aluaro de caminha ao capitaão desta cidade, como heraão emtrados

distante de Agaçaim; e sabendo isto o Governador, mandou dividir a sua gente em duas columnas. Compôz a primeira dos Naires de Cochim, e dos cazados de Gôa, e deu o commando d'ella a seu filho D. Alvaro, companheiro de seus triunfos. Reservou para sí a segunda; formando-a de todos os Fidalgos, e soldados da marinha, mandando-lhe guarnecer os flancos pela cavallaria da Cidade. Rompeu a marcha n'esta ordem, destacando um piquete de cavallaria para a frente, para descobrir campo.

Os Mouros, como não temessem o inimigo, ou o não esperassem, achavam-se espalhados pelo campo em desordem; porém logo que alguns divisaram nossas bandeiras,

---

os negros em salsete, e que tinhãao asemtado no campo de margãao dezasete temdas, quimze brancas, e hũa vermelha, e que elle com doze portuguezes e alguũs piães da terra fora saber quamta gemte hera, e que por seu olho vira que serião duzemtos de cavallo, e obra de mill piães, e os vio de tall maneira que quiz trauar em huña pomta delles escaramuça, e lhe matou dous ou tres de cauallo; e algũs de pée, e lhe trouxe toucas e lamças, e alguũas cousas outras de despojo, escreuendo ao capitão que prouese como lhe milhor paresese; pella quall rezãao o capitão nos mandou chamar a camara, aos vereadores, e os da gouernança e ao viador da fazemda, e aly se praticou o que aluaro de caminha escreuia e se leo sua carta, e se tomou parecer de todos se pasaria o capitao lla; e postoque ouuese pareceres diferemtes e alguus que não devia de hir, todavia foraão mais vozes que pasase loguo, e os fose deitar fora, com primeiro mandar espias, e se tornar afirmar da gemte que era, e feyto auto disto, em que todos asynamos, e pregões lamçados que se fizesem prestes, prae loguo pasarem, oje dia de samta caterina tornou a responder aluaro de caminha que a gemte nãao era mais da que tinha escrito, e que niso se afirmaua, e que emtemdia nelles que estauão

perceberam que eram buscados pelo Governador, correram atemorisados a dar parte a Cala Bateção, encarecendo as nossas forças, que o temor, ou a distancia augmentava muito mais. O Turco vendo já sobre si tão victoriosas armas, e pussuindo-se de terror por este facto, retirou immediatamente com o seu exercito. Deixaram os inimigos as barracas, bastimentos, e bagagens, e até a propria ceia, já quasi cozinhada, o que serviu para reparar aos nossos o cansaço da marcha. O Governador começou logo a tomar posse das terras, e da victoria.

Passaram-se os Mouros á outra margem d'um rio caudaloso, o qual não se podia atravessar senão por umas

---

tão fracos, que naão avião desperar, como soubessem, que abalaua de quaa a nosa gemte. E o capitaão, estando prestes, com ter toda a gemte requerida, e buscado cauallos pera algus que os nãao tinhão, com se obrigar a pagar os que llaa perigasem, ou matasem; tornou á camara com parecer do lecemceado manuell mergulhão, que se nãao deuia fazer nada te primeiro o fazerem saber a vossa senhoria, e fizerãao hum requerimento ao capitão, que nãao fose, em que asynarãao esses que se acharãao acabado a precisaão: pelloque o capitão deixou de bir, e todos escreuem agora a V. S., e porque pode ser que de hua parte ou doutra se estemdão na emformação em mais do que pasou, o escreuo a V. S. e lhe certefiquo que asy pasa isto pomtuallmente, e a mim me pesa de elles o remeterem a V. S. que bem lhe abasta seus trabalhos, e o negocio parece que estaua quaa de feyção com que os negros se poderãao bem deitar fora: mais o capitão sospemdese niso pello requerimento da camara, que a sua vomtade boa era de pasar. He agora necesario que V. S. proveja nisto, pois tudo lhe fuerem lamçar ás costas. Noso senhor acreceute a uida e estado de V. S., como deseja. De Goa dia de santa caterina de quinhentos e quaremta e sete anos. «Francisco toscano.» (*Sobrescrito*) Para o senhor governador.

trincheiras, que formavam uma ponte. Esta, foi cortada pelos inimigos; mas como o fizessem com muita pressa, não poderam evitar que ficasse em pé uma parte d'ella, para dar passagem aos nossos. Estes, pois, entraram, ainda que com difficuldade, a passar o rio em seguimento dos fugitivos; mas como o não podessem fazer senão a mui poucos, e poucos, e fosse reconhecido pelo inimigo, que podia pelejar com vantagem, voltaram os Mouros a fazer-nos frente, mostrando-nos, que se haviam retirado por estrategia.

Os primeiros dos nossos, que conseguiram pisar a outra margem, não poderam resistir á furia com que eram acommettidos, e retrocederam não sem derramar sangue.

4.ª Senhor — Oje que são vymte symquo de novembro chegou dom Jo. mascarenhas a esta cydade, e receby hũa carta de uosa s. que porey á comta com as outras muitas e gramdes merces, que me tem feitas, pelas quais lhe noso senhor acresemte por muitos anos seus dias de vida e estado.

Os panos de pomda ambos tenho acabados, e dom Jo. mascarenhas hos leuará, he hũa vya será sua, e outra dará ao viador da fazenda, peraque mamde em outra não por outra vya. Não nos gabo a V. S. porque são parte. Dom bernaldo e o padre costodio vyrão ja hum acabado amtes que daquy partisem: eles o poderão dizer como testemunhas de uista, e uosa S. o poderá julguar pelo que ... feito, quando embora V. S. vyer.

Nouas de qua não espreuo a V. S. porque as que me fora lycyto espreuer são as da obrygação de meu cargo, em que a prezemte não ha que dizer; porque armas e fazenda numqua forão boas amygas. Estamdo com o allforje feito pera salsete, se mudou o conselho da ida por requyrymento dos vereadores e dos que nele asynarão, que vosa S. la uerá, e não achará a my, de que me nada peza; porque não fuy, nem são de tall pareser. Dizem os butyquairos que com receita de mestres se emxaroparão estes

O Governador, que n'este terrivel conflicto se achava mui impaciente, mandou então passar o rio por differentes partes. D. Diogo de Almeida vadeou-o logo com alguma cavallaria, achando por aquella parte melhor vão, e melhor fortuna, pois que se encontrou com o General inimigo, e o atacou com muita galhardia; tanto assim, que conseguiu desmontal-o no primeiro acommettimento. Como o Turco não perdesse os sentidos ao cahir por terra, levantou-se, metteu mão ao alfange, e envestiu a D. Diogo, que ainda que não perdeu o estribo, ficou desarmado com a força do golpe, durante pequeno espaço; mas tornando a cobrar animo, cahiu segunda vez sob o Turco, ajudado por dous soldados, e deixou-o estendido no campo ferido mui gravemente.

Os de mais Capitães atravessaram o rio, ainda que com bastante custo, estimulados do exemplo do Governador, que andava peleijando entre os inimigos. Logo que se effeituou a passagem de toda a nossa gente, foi carregado o inimigo com tal valentia, que não poude resistir ao peso da batalha, e foi abandonando o campo. O Governador, vendo que os Mouros fraquejavam tímidos, e em desordem, foi-os apertando tanto, que dentro em pouco concluiu a victoria.

Tivemos n'esta memoravel acção mui poucos mortos, mas bastantes feridos; o exercito contrario soffreu grande perda, mui principalmente na fugida; os nossos não fize-

---

dous dias muytos omẽs. Noso senhor acresemte por muitos anos os dias de vida e estado ha vosa S., a que beijo muitas vezes as mãos. De guoa oje XXV de novembro de 547 » Seruidor e feytura de v. s. — Amtonio fernamdes —

(*Sobreescrito*) Ao senhor governador meu senhor. —

ram prisioneiro algum, pois que a todos os inimigos que se rendiam, tiravam a vida. Não ha a particularisar rasgo algum de qualquer dos Fidalgos, e Cavalleiros, que assistiram a esta batalha, porque tendo todos elles peleijado com igual valor, seriamos injustos se não dissessemos, que todos adquiriram uma fama gloriosa, tornando-se dignos do maior respeito, e veneração da posteridade!

Terminados que foram os trabalhos, e fadigas da peleija, deu o Governador algum descanso á sua tropa, e partiu depois para Pangim, escusando-se de entrar logo em Gôa, como quem pertendia fugir ás honras do triunfo. Chegado aqui tratou de despachar as náos de carga, que haviam voltar para o Reino, n'uma das quaes foi embarcado D. João de Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Aportando ao Téjo, foi recebido na Côrte com honras não vulgares. Foi Conselheiro d'Estado no curto reinado d'El-Rei D. Sebastião, e depois um dos Governadores do Reino.

Parecera a D. João de Castro, que o Hidalcão ainda não estava bastantemente castigado, e por isso se resolveu a fazer-lhe soffrer mais dura guerra. Mandou guarnecer as terras de Salsete por maior força, a qual se compunha de cento e vinte cavallos, e mil milicianos da terra, tudo commandado por D. Diogo de Almeida. Ordenou que ficassem alguns navios nos rios de Rachol, para defensa das Aldèas visinhas; pois que seus lavradores fugiam de cultivar os campos, em consequencia das repetidas invasões inimigas. Depois de pôr em prática estas, e outras disposições, entendeu o Governador, que com muita facilidade prostaria um Reino declinado, e foi continuando a guerra contra o Hidalcão. Tendo embarcado os soldados, que encontrava sempre promptos para o acompanharem a todas as empresas, mandou soltar as vélas, e foi navegando por aquella costa

inimiga, deixando por toda ella signaes indeléveis da sua passagem, por isso que arrasou immensas povoações.

Havia a duas leguas de distancia da praia outro *Dabul*, chamado de — Cima — que por se achar situado no interior, tinha em si depositadas as fazendas de muitos; não lhe valeu porém, o achar-se affastado da margem do rio, para deixar de soffrer os estragos, que tantos outros lugares haviam soffrido; porque o Governador mandou marchar na sua direcção, entregando a vanguarda a seu filho D. Alvaro. Este, quando alli chegou, já os habitantes tinham fugido para o sertão, levando comsigo as riquezas. Consequentemente, não encontraram os nossos, objectos para saquear, mas sim cousas que servissem para saciar a sede dos estragos; porque não servindo os edificios para despójos, pagaram com a ruina. Arderam até as Mesquitas, e Pagodes, e os Idolos foram feitos em pedaços, chorando os Mouros, e Gentios, tanto a miseria de seus deoses, como as suas proprias. Foram talados os campos, destruidos os palmares, e mortos os gados, para que a fome viesse a matar os inimigos, que a guerra poupasse. Emfim, ficou tudo tão assolado, que os olhos não differençavam as povoações das campinas, pela razão de se acharem tão razas umas como outras.

Recolheu-se o Governador a Baçaim, donde começou a fazer a guerra a Cambaya, mandando sahir algumas embarcações em busca das náos de Meca, que vinham fundear nos portos da enseada; no que D. Antonio de Noronha, e D. Jorge Baroche se houveram com tanta felicidade, que apresaram as ditas náos, e muitos outros navios, alcançando com isso grande reputação, e forças para o Estado. Estas, e outras victorias, que havemos relatado, fizeram nossas armas tão temidas, e respeitadas durante a governança de D. João de Castro, que a maior parte dos

Principes da Asia, voluntariamente se declararam então tributarios do Estado, para que amparados pelo nosso poder podessem defender, ou assegurar os dominios. O acontecido com os Reis de Campar, e Caxem documenta assaz esta verdade.

Todos os nossos Chronistas, e ainda mesmo os estrangeiros, escrevem com muito espanto, aquelle famoso cêrco de Dio, defendido pelo Grande Antonio da Silveira, de quem as armas Turcas receberam na India, ou a primeira, ou a maior affronta. O General que então commandou o exercito inimigo, foi Rax Solimão, que depois de haver perdido no sitio grande parte da sua esquadra, fugiu com susto das nossas embarcações, que ainda estavam fundeadas no porto, deixando em terra as bagagens, e os feridos. Porém, ao pôr em pratica esta fuga, fez tenção de não hir apresentar-se a seu Soberano; por isso que, tendo-lhe promettido tomar Dio a todo o custo, e não o tendo conseguido, receava que se lhe fizesse cortar a cabeça, em despreso de todas e quaesquer desculpas, que produzisse em sua defeza. Assim, quiz antes arriscar a fidelidade, que a vida. Entrou por tanto no porto de Adem com mostras de amigo, onde, apesar de se tornar suspeitoso ao Rei respectivo, recebeu d'elle o mais obsequioso acolhimento. Rax Solimão vendo sua traição temida, ou descoberta, resolveu-se a acommetter a Cidade por escala, mas temeu o fogo das suas fortalezas, e o valor dos A'rabes: recorreu pois a outro ardil mais vil, mas de mais seguro resultado. Consistiu elle em mandar dizer ao Rei, que visto não poder entrar na Cidade, por causa de não perder a monção, se dignasse de vir fallar-lhe a bordo, porque tinha a communicar-lhe negocios do Grão Senhor, de muito interesse para o seu Reino. O desgraçado Rei, acreditando, como sincero, tão falçario pedido, partiu a encontrar-se no mar com o Baxá; mas este monstro calcando aos pés a gratidão, a

fé, e a humanidade, mandou-lhe immediatamente cortar a cabeça, insultando-o antes com muitas chufas, e mofas.

Perpetrado que foi tão horrivel attentado, poude o malvado assassino occupar a Cidade sem custo, pois que toda ella se achava mui atterrada, em consequencia da violenta morte de seu Principe. E porque a dita Cidade nos custou tantos cuidados, e tanto sangue, passaremos a fazer a sua descripção.

Existe ella situada na costa da Arabia Felix em altura de doze gráos, e um quarto, do Polo Artico, abrigada d'uma pequena serra, onde estão collocados alguns fortes, que lhe defendem a entrada. Está assente na bocca do Estreito, o porto é limpo, e podem ancorar n'elle navios de todo o lote, ainda que descobertos aos *Ponentes*, ventos que alli cruzam nas monções do Estio. A arte, e a natureza tornaram-na defensavel por terra, assegurando-a da ambição dos Régulos visinhos, bem como das incursões dos camponezes A'rabes. Ha no porto uma pequena Ilha escassamente fortificada, á qual os naturaes chamam *Cirá*; fica-lhe fronteiro um outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde fundeam as náos que navegam para Meca. Não ha alli fontes nem rios, que reguem as terras, e em quanto a chuvas, passam-se dous e trez annos sem as haver; e remedeia-se esta terrivel falta, com virem muitas caravanas de camelos carregados d'agua de sitios remotos. A droga principal da terra é ruiva; mas o que mais lhe importa é a ancoragem das embarcações que navegam pelo Estreito. Os moradores são bellicosos, e crueis, seguem a guerra mais pelos despojos, que pela victoria. —

Achando-se o Baxá de posse da Cidade, segundo já dissemos, e vendo-se, ainda que intruso, obedecido, entrou a enfraquecer o Povo com diversas vexações, entendendo que

melhor o sujeitaria á sua tyrannia, tirando-lhe as forças. Mandou degollar os homens ricos, e confiscar-lhes os bens, sendo a vida culpa, e a riqueza delicto. Emfim, o tyranno sempre incansavel em praticar toda a casta de flagello, para massacrar os pobres miseraveis, que uma nefanda traição havia submettido ao seu jugo, tinha-se tornado o horroroso objecto de mil pragas, e maldições. Succedeu-lhe Marzão no dominio da Cidade, e tambem na crueldade. Dentro em pouco, cansaram-se os infelices habitantes de soffrer este segundo monstro; e tendo meios de offerecer a El-Rei de Campar a Cidade, e a obediencia, assim o fizeram, dizendo-lhe: «que com qualquer soccorro acometteriam os «Turcos; que estes pensando que suas victimas haviam per«dido a idéa de liberdade, e a lembrança das suas inju«rias, gosavam descuidados o seu intruso dominio, julgan«do-o quasi hereditario; que achando-se pois entregues a «esse descuido, podiam mui bem ser vencidos.»

Foi acceite esta offerta pelo Rei visinho, ou fosse por ambição, ou por humanidade. Em consequencia do que, escolheu mil soldados d'entre os seus, que julgou capazes de empreza tão grande, querendo elle mesmo ser seu companheiro, e seu Commandante. Partiu esta pequena columna no silencio da noute, e chegando á Cidade, entrou por uma porta, que os conjurados lhe abriram, e tomou posse do Castello com fraca resistencia. Marzão fez-se forte no palacio com quinhentos Turcos, conhecendo melhor o perigo, que suas causas, e authores.

Apenas rompeu a alva, appareceu o Rei de Campar á testa dos seus, e logo enviou um clarim a Marzão, dizendo: «que aquella Cidade era sua por antigos ajustes, «reforçados agora pela eleição dos proprios habitantes, que «opprimidos pela intrusão do Baxá, e sua tyrannia, não po«deram pronunciar livremente o nome de seu Principe na-

« tural; que elle os vinha soccorrer como a afflictos, e co-« mo a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, os tra-« taria como amigos, concedendo-lhes que levassem as ar-« mas, e roupa que tivessem; do contrario, a justiça, e a « victoria, o fariam duas vezes senhor de seus mesmos vas-« sallos. »

Conheceu o Turco a conspiração, que se effeituára, e entendeu, que lhe faltavam forças, e bastimentos para se defender, o que o obrigou a obedecer á mencionada intimação. Sahiu, pois, com as bandeiras despregadas, e tocando caixas, e foi occupar um Castello, que havia na distancia de oito leguas, do qual procurou ainda retomar a Cidade, com os soccorros de Baçorá. Começou por assaltar as caravanas, que basteciam a Cidade de Adem, que recebendo agua, e mantimentos do Sertão, não tardou a soffrer grandes necessidades, pois que só a muito custo podia receber diminutos comestiveis. O desgraçado povo como se achasse a braços com a fome, pesava esta com a tyrannia n'uma mesma balança, e pussuido de desesperação chegava a optar pela ultima.

Não cessava o tyranno de engrossar o seu partido com repetidos soccorros; o Rei, vendo que não podia oppor-lhe forças iguaes, pediu conselho aos maioraes da Cidade, sob a gravidade das cousas, e todos elles foram de accordo, que se invocasse a protecção de nossas armas, como unica taboa de salvação. Em consequencia do que, mandaram requisitar auxilio ao Cpitão de Ormuz, que era então D. Manoel de Lima, offerecendo uma Fortaleza, e os rendimentos da Alfandega, e ponderando qual seria o perigo do Estado, se os Turcos se chegassem e estabelecer n'aquella praça.

Era voz geral, que o Marzão em breve receberia de Baçorá importantes soccorros; e que tão depressa isto tives-

se lugar, tomaria a offensiva contra a Cidade. O Rei de Campar informado das intenções do inimigo, cuidou logo em lhe cercar a Fortaleza com trez mil homens escolhidos, o que emprehendeu com mais resolução, que fortuna, por isso que foi morto n'um dos primeiros assaltos. Esta morte cortou tanto de temor aos A'rabes, que estes deixaram o cerco, para sepultarem o seu Rei, como se n'aquella occasião devessem antes exercer actos de piedade, que uma vinga justa...

A embarcação que navegava para Ormuz, hindo a montar o cabo de Rosalguete, encontrou-se com D. Payo de Noronha, que cruzava n'aquelle Estreito com doze navios de remo. O mensageiro A'rabe revelou então a D. Payo, a natureza da sua missão, e este parecendo-lhe este soccorro digno de todo o grande soldado, escreveu ao Capitão de Ormuz, pedindo-lhe: «que se não houvesse de tomar esta «honra para si, lha não negasse a elle.» D. Manoel satisfez este pedido, mandando a D. Payo dous navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; e aconselhou ao Embaixador d'El-Rei de Campar, depois de o haver tratado mui honradamente, que pedisse ao Governador da India uma esquadra, na certeza de que a alcançaria; pois que D. João de Castro nunca negaria amparo aos amigos do Estado, principalmente contra Turcos, cuja destruição era herança nossa.

Aportou D. Payo a Adem, cujos moradores o receberam com as mesmas honras que tributariam a seu proprio Principe, e lhe entregaram a Cidade, tanto para a defender, como para a governar. Uma bandeira nossa foi logo arvorada pelos mesmos moradores, jurando estes sob ella, que defenderiam aquella Cidade, como membros do Estado, do qual já se consideravam subditos fieis.

Porém, D. Payo portou-se de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente: calaremos aqui o que elle então praticou, em honra dos anteriores feitos de similhante varão.

Desamparados os de Adem por D. Payo, nem assim perderam a dedicação, que haviam jurado ao Estado, pois que continuaram a defender a Cidade com a voz de Portugal na boca; e como não tinham, ou não quizeram outro abrigo, senão o de nossas armas, resolveram-se a enviar um membro da familia Real ao Governador, para lhe significar o estado em que se achavam; de cujas miserias podiamos colher nova fama; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leis, e a Corôa, de quem se faria feudatario pagando-lhe um grato, e honesto tributo.

D. João de Castro alegrou-se por ver soar seu nome, e suas victorias aos ouvidos dos Principes remotos, fazendo-os não só reverentes, mas sujeitos. Houve em Gôa grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna tornava ao Estado as felicidades da primitiva India, pois onde outras armas mal haviam chegado por noticia, as suas chegavam por imperio.

Entregou o Governador esta empreza a seu filho D. Alvaro, tão benemerito de todas, que a eleição não pareceu de pai, mas de ministro. Querendo muitos fidalgos velhos embarcar-se com elle, ordenou-lhes o Governador, que ficassem em Gôa, porque necessitava d'elles para cousas maiores; era porém tão grande o gosto da viagem, que receberam esta ordem como aggravo de todos. O Governador contentou-os, alegre de ver aquelles espiritos creados debaixo da sua disciplina. Mandou logo bastecer trinta navios de remo, e nomeou para seus Capitães a D. Antonio de Noronha, filho do Vice-Rei D. Garcia, Antonio Moniz Barreto, que

hia provido na fortaleza que se havia fazer em Adem, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, D. João de Attayde, Alvaro Paes de Sottomaior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pedro Botelho Porca, irmão de Diogo Botelho de caza do Infante D. Luiz, Alvaro Serrão, Luiz Homem, Melchior Botelho, Veador da Fazenda, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Corrêa, Diogo Corrêa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

Julgamos muito a proposito o observar n'este lugar, que El-Rei de Cambaya achando-se a este tempo cansado da continua guerra, que nossas armas lhe faziam, pertendeu celebrar pazes com o nosso Estado; e que para effeituar esta sua pertenção deu poderes a Cyde Amede, homem de grande importancia na sua Corte, para encetar as respectivas negociações com Luiz Falcão, que então era Capitão mór de Dio; que este bravo Portuguez annuiu ao convite do dito Rei, por cuja razão houve algumas entrevistas nossas com o mencionado plenipotenciario, participando Falcão circumstanciadamente (*) ao Governador, quanto hia occurrendo ácerca de tão importante negocio.

(*) Esta participação contem-se em quatro das seguintes cartas, que passamos a transcrever, pelas julgarmos dignas da maior consideração, e n'uma outra assignada por Antonio Mendes de Castro, valente fidalgo nosso.

1.ª Senhor — Per Francisco dallmeyda espreuy ha vosa S. como cide hamede vyera fallar comyguo, e trouxera hum formão dellrey, em que dizya que avya por bem que se fallase nas pazes, e que pera iso mamdarya hũa pesoa aseyta ha elle ha huna, pera se comsertarem has pazes, e que lhe lleuase hum espryto

Antes de partir a expedição, que mencionada fica chegou a Gôa um Embaixador do Rei de Caxem, a quem os Fartaques visinhos tinham usurpado a maior parte do Reino. Este, como reinava na outra contra-costa da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida pelas nossas armas, pensando que o podiamos restaurar com a mesma esquadra, escreveu ao Governador, *que não seria acção menos meritoria fazer-lhe restituir o Reino, que defender Adem. Recordava a fiel hospedajem, que acharam nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que ancoraram alli em differentes épocas, por cuja razão elle se tornava suspeito aos Turcos; e concluia por offerecer além da fidelidade moderado tributo.*

Entendendo o Governador que estes soccorros davam

---

meu pera lloguo ho mamdar. Aguora me tornou eyde hamede com resposta, que ellrey lhe espreuera que dom gironemo capitão de baçaym espreuera ao bramalluquo, que tynha poderes de vosa S. pera fallar na paz; que lhe tinha respondido; e que tamto que lhe vyese recado, lhe mamdarya dizer ho que avya de fazer. Foy gramde dita emcarreguar-se dom gironemo deste neguocio; porque allem de ho elle tambem saber neguocear, he muyto mays perto caminho de cambaya ha baçaym, que ha dio. Como isto soube llevey mão de fallar mays neste neguoceo, por não danar, e parecer que desejamos tamto esta paz: e porque me temy de ser este seu recado dillação pera poderem ter tempo de mamdarem allgũas naos, mamdey dous catures ha mamguallor, por ter nova, que llamçauão duas naos ao mar, e que veyo hy ter dormuz duas terradas carreguadas demxofre. Esta fortalleza tem necesydade de navyos; porque estes, que mamdey, estavão nesta couraça feytos em pedaços, que custou bem de trabalho comsertaremse.

Dom manoell de llyma houve-se tão mall com hum navyo, que lla mamdey, e fez tam más ũdallguias nos meus he em myuha fazemda, que não housarey de mamdar lla buscar mamtymemtos de que tenho nesesydade pera esta fortalleza sem huma fortycema pro-

maior lustre ao nosso nome, e que creavam amigos ao Estado, assentou que se auxiliassem os de Caxem com a mesma armada, que estava a partir, visto ser a mesma viagem, e não augmentar a despeza. E porque os de Adem, como sitiados, precisavam de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustando o intento, e os gastos, despachou logo a D. João de Attayde com quatro embarcações, para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro. D. João de Attayde, partiu, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou-se-lhe um dos navios, que arribou destroçado, em quanto os mais foram seguindo a sua viagem.

Em quanto isto se passava, peleijavam em Adem obsti-

---

uysão de vosa S , ha quall me vosa S. fará merce de ma mamdar por que me he nesesareo mamdar ha ormuz ha tempo que me posa qua vyr emvernar. Noso senhor acresemte vyda e estado de vosa S. por muytos dias. Desta fortalleza de dio aos quymze dias de janeiro de 548 «luis falcam. »

(*Sobrescrito*) Pera ho senhor gouernador — meu senhor.

2.ª Senhor. Pareceome bem mamdar amtonio memdez com recado a V. S. do que pasou com modoretequam; e porque de tudo o que com ele pasou dará meuda conta a V. S., nam direy neste capitulo mais.

Com toda a cortesia he acatamento que deuo, confiamdo em quam leal seruidor e amiguo temdes em mym ousey de fazer esta lembramça a V. S., ainda que pera yso nam tiuese seu poder: mas, como diguo, na confiamça de ser mais voso seruidor, que de nenhum outro gouernador que fose em men tempo, me salua da pena, se esta confiança se pode chamar erro.

Primeiramente alembro a V. S. que soo os vemcedores podem fazelapaz, como quiserem; e que V. S. tem avido em seu tempo has mores vitorias, que nestas partes temos vistas, despoys que sam descubertas, e se dixer que muito mayores das que

nadamente os sitiadores, e os sitiados, derramando-se d'ambas as partes muito sangue. Carregava o pezo d'esta guerra sob alguns Portuguezes da armada de D. Payo, que mostraram valor illustre defendendo um Reino estranho, como se combatessem pela sua Patria.

Achando-se as cousas de Adem no estado referido, appareceu a armada Turca, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeotas. Deu ella vista da Cidade, e surgindo fora da enseada, saltaram os Turcos em terra, armaram barracas, fortificaram o acampamento, e avisaram ao Baxá que se lhes aggregasse com a sua tropa. Os A'rabes, que viram sob si tão grandes forças, acodiam remissos á defensa, ou

---

ouve roma, despois que ha romullo fundou, não erraria; como cousa ouve no mundo, como apresentar batalha a elrrey do guzarate nos campos de baroche, e matarlhe dous capitaes, e fazelo fogir, sem ousar de pelejar com V. S. com vimte soldados, que com mays se nam achou na dianteira, pois por menos vitoria se deue dauer desbaratar cymquo capitaes de Idalcão com vimte e cymquo de cavallo, digo que o ey por muito mayor feito, e mais glorioso vemcimento que o delrrey dom affonso amrriquez no campo dorique: deixo descerquar dio com morte de tamtas ymfinidades de gentes, e outras mui grandes vitorias, que vos noso senhor cadadia daa dos imigos da sua santa fee: tudo isto trago á memoria a V. S., peraque lhe alembre, que nam tem mais que fazer, pera o S. A. fazer duque, ou marquez de colares, que paz ao presemte; e aquy hacabo o primeyro pomto.

Em segundo lembro a V. S. que ha mercê que nos deos fez em nos dar adem que foy muy grande, e muito pera lha agardecermos, porque elle que nolla deu, nos dará poder pera a defendermos: mas V. S. tenha por muy certo, que se nos ordenou hũa muy trabalhosa contenda porque ho turquo alhe de ser muy nojosa ha nova da tomada dadem, e nessa mesma ora áde prover

por susto, ou por desconfiança, parecendo-lhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos. Formavam já reuniões particulares, onde accusavam em seu Rei a ambição de dilatar o Reino á custa do sangue do Povo. Porém os Portuguezes, que em sua companhia estavam, vendo, que dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçaram os A'rabes, mostrando-lhes que a resistencia era necessaria, e possivel, e offerecendo-se de novo por camaradas voluntarios da sua fortuna; o que fez crear-lhes outros espiritos novos, com que juraram morrer na defensa, menos pela obrigação, que pelo exemplo.

Foi a Cidade sitiada pelos Turcos, formando estes duas

---

no estreyto per causa de mequa e de sua romagem porque hos romeiros nam amde housar de navegar com temor das nosas armadas, ainda que em adem nam aja mais que hũa so fortaleza: asy que he de crer que daquy nacerá contenda trabalhosa: ora nós nom somos tamtos pera nos repartirmos em tamtas partes, nem os rreis nosos vezinhos nam tem recebido de nós tam bõas hobras, que esperemos deles ajuda em nosos trabalhos; per onde parece ser ao presente necesaria a paz, e concemtir V. S. nella, posto que nam seja com as avantages, que hos purtugeses desejaram, mas ao tempo e ala sazam se conforme, diz o rrifam. Deste atreuimento que tomey seja perdoado pois tudo o que dixer e fizer he a fim de servir V. S. a quem noso senhor acresente por muitos dias a vida e estado. De dio, oje terça feira XXVII de feuereiro de 548 «Luis falcam»

(*Sobrescrito*) Ao senhor gouernador: meu senhor.

3.ª Senhor — Amtonio memdes de crasto foy ha Vnaa: pasarão ele, e motaremocão muytas palavras que são escusadas dizer a vosa S. fynallmente que lhe nam póde arrymcar mays dos bofes, que ha capaz do vysorey, nem tem poder dellrey pera mais. Meu parecer hera que Vosa S. me deve de dar lyceemça

batarias com algumas peças de grosso calibre, inclusivé duas que chamam Quartaos, e que jogavam balas de quatro palmos de circumferencia. Começou a artilheria a bater os muros, fazendo-lhes grandes ruinas, ás quaes os cercados oppunham reparos, e travezes por dentro, com que entretinham, e rebatiam os assaltos, e faziam aos Turcos duvidosa, e custosa a victoria. Porém D. Payo de Noronha, (arrastrado por algum fatal destino) privou os A'rabes do triunfo, e os nossos da honra, mandando avisar secretamente a todos os Portuguezes, que viessem reunir-se a elle, desamparando a defensa do Principe feudatario, e amigo, faltando ás obrigações do cargo, e do sangue. Obedeceram-lhe os Portuguezes, exceptuando Manoel Pereira, e Francisco Vieira

---

pera mamdar amtonio memdez e cyde amede, porque per algũas mostras que amtonio memdes vyo nestes mouros, parece que se fará a paz de muita aventage, do que se aquy fará com estes cães; e a omra deste negocio deve destar no proveyto. Ellrey de cãmbaya he gram senhor, e muy cheo de vaydade, e com lheu espreuer que não quero fazer a paz com os seus capytaes, senam com sua A., porque se neste negocyo lhe fyzer algum servyço, a ele quero que seja feyto; parece-me, que será camynho pera se este negocyo fazer mylhor. Se o vosa S. ouver asy por bem, he necesaryo levar amtonio memdes algũ presente, que de ser hum par de cavalos, e uese baçaym os nam ouver, eu os tenho muito bõos. Ho mota remocão estava ja pera se partyr quamdo amtonio memdes chegou, e aguora ao despedir-se dele lhe pydio que ha resposta lhe mandase loguo, porque com ela se havya olguo de partyr. Vosa S. me deve de mandar, o mays cedo que puder, resposta, porque a que lhe eu ouver de mamdar será com tamtos vagares, como hos eles tem em todas suas cousas.

A rezao porque aquy diguo que va cyde amede em companhya damtonio memdes he por ser testemunha de não querer fazer a paz com motaremocão, e mamdarmelos ambos louvar em

ra soldados de fortuna, os quaes responderam: «que aquel-«la Cidade era d'El-Rei de Portugal, e que na defensa d'el-«la haviam de perder as vidas.» Sustentaram estes a Cidade até ao ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruina, que os Turcos na victoria.

Apenas os A'rabes souberam, que Portuguezes se haviam retirado, começaram logo a tratar de capitulações; mas o Principe não quiz ouvir fallar em tal, dizendo: «que «antes sahiria da Cidade desbaratado, que rendido; que «aquella bandeira d'El-Rei de Portugal não havia deixar «ganhal-a aos Turcos, sem nódoas de sangue:» este proceder era digno, sem duvida, de ser melhor auxiliado pe-

---

sua A., pera que ele dê a sentença neste negocyo, e cyde amede como pera teyra he o que deseja este camynho, porque sabe de nos ha que nam poderemos fazer a paz senam com a pesoa dellrey e a my asy mo parece pelo que tenho conhecydo de mouros e de suas vaydades: mas como vosa S. emtemde todas estas cousas mylhor que nynguem, não ha mays que neste negocyo lhespreo uer. Noso senhor acrecente a vyda e estado de vosa S. por muitos anos. De dio a seis de março de 548 «Luis falcam»

(*Sobrescrito*) Ao seuhor guovernador — meu senhor.

4.ª Senhor — Se deixei despreuer a vosa S. todas as palavras, que pasey em vnaa com motaremocão, foy por me parecer cousa justa deixalo a luys falcam, pera o ele esprever a vosa s., mas se o deixou de fazer seria por saber que vosa s. estaua doente, e não no quererya emfadar com tamtas palavras como mouros dizem: mas comtudo peço perdão a vosa s. de lhe nam esprever o que com eles pasey, porque verdadeiramente que me pareceo que nam fazya nysto erro, e a merce que quero de vosa s. he que me perdoe este, com portestação de nunca cayr em outro desta calydade.

O que pasey depoys de vyr de baçaym foi chegamdo a esta

las nossas armas. Continuou o inimigo os seus assaltos, mas os moradores resistiam fracamente, e tornavam a fallar em entregar-se, ao que o Principe se oppôz sempre, fiel á sua palavra. Até que o perigo, a fome, e a desconfiança dobraram alguns dos ditos moradores para abrirem uma porta secreta ao inimigo, por onde este entrou na Cidade. O Principe desempenhou com a perca da vida, a fidelidade promettida ao Estado, combatendo com estupendo valor. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvaram a um Infante, que conduziram a Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

D. João de Attayde, que deixámos no mar com trez

---

fortaleza esprever hũa carta ao motaremocão em como eu era chegado de baçaym, e que achara aquy hũa carta do cyde mamede, que viera depoys deu ser partydo, em que mespreuya, que lhe mandase a reposta do que luys falcam dizya, e que sua merce que estava pera se yr, pelo quoall o queria yr ver amtes que se peratyse: e loguo ao outro dia me mamdou hũa chapa sua pera poder ir seguro, ou e os que comyguo fosem. E com este seguro fuy sem ficar nesta fortaleza mays premda, nem pareceo necesaryo, por m' ele da outra vez ter dito, que sem refeēs, nem seguro podia yr eu e os que comygo fosem, seguramente, asy a vnaa, como hamadavade, se compryse, porque este hera o custume dellrey de cãobaya, que estamdo tão mall hele, e o mouuor, comestyverão, e temdolhe tomado ho reyno, hyão e vynhão recados dũa parte, e doutra sem nunca se fazer nojo aos que nysto amdavão.

Depois de chegar ha vnaa me dixe o motaremocão, que tardara muitos dias, e que ja estaua com as temdas fora do lugar pera se yr, quamdo a mynha carta lhe chegáraa, e o que eu soube era ter mamdado recado a ellrey do que pasara comyguo, e esperar per reposta, e nam lhe ser ymda vymdo; e a causa de tar-

navios, foi fazendo viagem, e como encontrou ventos de servir, viu dentro em poucos dias a costa da Arabia, e foi demandar a Cidade de Adem. Ao entrar a remo na bahia d'esta, viu que as galés Turcas estavam alli surtas; e por que ainda sopravam os Levantes, tornou a sahir para o mar. Os Turcos, mal viram os nossos navios, levantaram as âncoras, e foram-nos seguindo apressadamente; dando-lhes os remos tanta vantagem sob os nossos, que sem duvida aprezariam os navios de Gomes da Silva, e de Antonio da Veiga com toda a tripulação, se estes Capitães ao verem que nem podiam fugir nem resistir, não houvessem varado os navios em terra, que lhe ficava perto, salvando depois as vidas.

D. João de Attayde, como hia em melhor embarcação,

---

dar tamto he por ellrey estar muito anojado de se lhe yr hum capytão per nome hetenyde-cão, que hera muito seu privado, e muito aseyto a ele, dizem que se foy pera os patanes, o ellrey o tem mamdado buscar per muitas partes pera o desagravar, e o seu agravo dizem que foy sobre ellrey lhe tomar huns lugares que lhe tinha dados: asy que com esta vollta não he vymda a reposta ao motaremocão, nem se yrá de vnaa ate lhe nam vyr, e ysto soube dos seus propyos paremtes e cryados.

Pergumton-me o motaremocão que poys fôra a baçaym, que lhe dixese se estaua vosa S. achegado a rezão, e que era o que dizya neste negocyo da paz. A ysto lhe respomdy que quamdo vosa s. mouvyo o que heles dyzyão acerca das pazes, que asemtara o visorey, que samta glorya aja, e que hesas farya aguora ellrey de cambaya, que vosa s. se vyra disto, e mais semdo a cydade nosa, e temdo-a ganhada pela pomta da espada. Dizeme que parecia que vosa s. querya fazer as pazes á sua vomtade, e nam como fose rezão; e que ellrey de cambaya hera o que estaua arrezoado, e nós outros muito fora da razão: de maneira que pasamdo estas e muitas outras palavras, a que lhe eu respomdy o que me pareceo que comprya pera este negocyo, lhe dixe o que me

foi mettendo de ló tudo quanto poude, vendo-se muitas vezes perdido, até que sobre-vindo a noite fez-se na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no Ilhéo de Mete, que faz frente ás Cidades de Barbara, e Zeila. Os que se salvaram em terra, foram buscar o abrigo de El-Rei de Campar, onde encontraram a Manoel Pereira, e a Francisco Vieira, de quem souberam os successos, que temos referido. Foram hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

Partira D. Alvaro de Castro, com toda a esquadra reunida; e como navegasse com o vento em popa, fez a viagem tão breve, e tanto ávante, que encontrou D. João de At-

---

luys fallcam mamdou, scilicet, que foy, se ellrey de cãobaya nos dese estas allfandegas e cydade, e as terras de manora, que fae ryamos a paz, e ysto lhe tinha ja dito da outra vaz que lá fuy: ao que me respomdeo que não fora nesesaryo esperar em vnaa tamtos dias, nem heu tornar lla, se a reposta avya de ser aquela; porque ellrey de cãobaya amtes avemturarya todo o seu poder e estado, que perder a jurdição e nome de dio ser seu. Asyque ao que vyemos per derradeiro foy, que pois ele dizya que ellrey não farya paz com perder a jurdição de dio, e nome que tinha de ser seu, que vosa s. lhe daria ametade das allfamdegas, e a jurdição. comtamto que ellrey de cãobaya tornase a dar a vosa S. as terras de manora, que ja o soltão bador dera a nuno da cunha, quamdo lhe deu baçaym, e guora as tinhão os capitaês dellrey de cambaya em seu poder; e tornando-lhe estas terras, que vosa S. lhas daria na cidade a parte que atrás diguo, e que faria hese seruiço, e amizade a ellrey de cambaya.

Respomdeo-me a isto que ellrey hera gramde senhor, e que se nós o seruisemos, que muito mores merces nos faria; mas que ateguora os seruiços que lhe tinhamos feitos por nos dar baçaym com todas suas remdas, e depois a fortaleza em dio, e após isto

tayde, nos Ilhéos de Canecanim. Contou-lhe este fidalgo tudo que acabamos de narrar a respeito de Adem, e que se livrára das galés Turcas com o favor da noite. Foi esta triste nova mui lastimada por D. Alvaro, e mais Capitães, e Soldados, tendo todos em menos conta a perda d'aquelle Reino, que o desar de nossas armas. O Embaixador, e parente d'El-Rei de Campar, que hia na armada, sentiu extremamente a morte do cunhado, e do sobrinho, consolando-se porém muito com saber que não ficaram devendo nada á honra, nem á fidelidade que haviam jurado ao nosso Estado.

Decediu-se n'um Conselho convocado por D. Alvaro,

---

a remda e parte nallfamdegua, fôra matarmos o soltão bador, e roubarmoslhe a sua cydade e tomarmoslhe toda a sua armada e artelharya e que hatéguora não tinhão vistos outros seruiços nosos per onde merecesemos ellrey fazermos de novo mercê, e que o seruysemos doutra maneira, e que era muito pouco fazer ellrey o que nós queryamos: mas que aguora visto ellrey ter de nós recebidos tamtos agravos, que deviamos deseytar a paz como ha tiuhão feita com ho visorey; e depois diso que mamdase vosa S. a corte a vigitar ellrey, e que tudo o mais faria ellrei como semtise em nós vomtade de o seruirmos.

A isto lhe respomdi o que heu sabia destas cousas, que hera sermos nós a causa dellrey de cambaya ser oje em dia rei; porque se nam fora com ajuda de uuno da cunha os moguores numca foram llançados de cambaya; e que se ellrey se fora pera meca como se ia, e nuno da cunha o nam aconselharia, que se nam fose, e nam ajudara; que tarde tornára a restaurarse em seu reino, e que hele nos tinha armado traição pera matar nuno da cunha, e tomarnos a fortaleza; e que por isto lhe dera deus o paguo: e que quamto aceitarmos a paz que fizera o visorey, que nam fallase niso; porque depois tiveramos até o tempo da guerra o meio das

que visto não se poder soccorrer Adem, se navegasse em direitura a Caxem, segundo a instrucção que trazia a armada, e em attenção a terem os Fartaques visinhos tomado a fortaleza de Xael, parte integrante do mesmo Reino de Caxem.

Seguiu a armada para Xael, e tendo surgido em frente do castello, receberam-na os Fartaques com mostras de amizade, sem duvida por causa do medo que os pussuia. O forte tinha tão poucas obras de defeza, e era tão pequeno, que estava só guarnecido por trinta e tantos Soldados. Estes ficaram mui aterrados com a chegada dos nossos navios, e apressaram-se a mandar-nos um parlamentario, que fallava Por-

---

allfamdegas, e que haguora estava vosa S. mui arrezoado, por nam pedyr mays, que as terras de manora que forão nosas, e eles nysto não davão nada, poysera tornaremnos o que o soltão bodor nos dera: e que se ele a ysto não tynha mays que dizer, que ho que me ja tynha dito, que me dese licemça pera me tornar pera dio. Dixeme que me vyese embora, e que dese comta dysto ao capytão, porque ele não tinha licemça dellrey pera mais que pera a paz do visorey, e que lhe mandase a reposta do que ho capytão dezia, porque com ela se queria yr.

Eu vim a esta fortaleza e dei disto comta a lluys fallcão. Dixeme que respomdese a cyde amede, e a reposta que lhe mamdei foi, que eu dera comta ao capitão do que com ele e motaremocão pasara, e que o capitão se espantára muito diso, porque ele cy de amede lhe tinha dito, por muitas vezes, que ellrey de cambaya faria a paz como nós fosemos comtemtes, e que haguora falavão mui fóra de preposito: que se motaremocão tinha mais poder dellrey, do que me tinha dito, pera poder falar ueste negocio da paz, que mo espreuese. A isto me respomdeo cyde amede, que hele, nem o cão não tinhão mais poderes, que ho que me tinhão ja dito; mas que ymda nam viera a reposta dellrey: e que

tuguez, e que levado á presença do Capitão mór, disse-lhe — «que os Fartaques tinham muita sympatia pelo Estado; que se vinha-mos a conquistar aquella fortaleza, nol-a largariam logo.» — Foram muitos dos nossos de opinião, que se acceitasse esta proposta, mas votaram outros, que por authoridade de nossas armas, se ordenasse aos preponentes, que se entregassem á discrição.

O parlamentario logo que entendeu esta resolução, disse— «que os Fartaques haviam de morrer defendendo as vidas, «e o castello.» — Os Mouros cumpriram á risca esta promessa de seu enviado, pois que tendo D. Alvaro mandado acommetter a fortaleza por escala, e por differentes partes

---

por ele, e eu nam perdermos o trabalho, que tinhamos llevadoa que lhe parecia bem irmos ambos a ellrey, e que hele do seu dinheiro daria huũ cavallo, e que eu dese outro, e com isto faria, ellrey tudo o que fose rezão, e nós quigesemos; porque ellrey de cambaya hera grande senhor, e muito vão, e que nam queria mais que verem huũ portuges em hamadavade, pera na propia ora se acabarem dasemtar as pazes, como fose rezão; e que muito milhor se avião dasemtar com ellrey, que com o motaremoção. A isto lhe tornei a respomder, que eu nam ousara de fallar nisto ao capitão; que hele podia qua vir se quigese e que o dixese ao capitão e que eu o ajudaria no que pudese; mas soo que me não hatervia por arrecear mandarme o capitão premder, se lhe nisto falase: e domimguo XI de março ja muito tarde me tornou a esprever hũa carta, que querya qua vyr fallar ao capytão, e que veria terça feira até quarta. Asi que fica a cousa desta maneira, e pelo homem que me trouxe a carta soube nam ser inda vimda a reposta dellrey, e a rezão he pela ida do itemidecão, que nam ousão a fallar a ellrey em negocios. Asi que isto he o que ate hoje treze de março pasei: e a vollta da carta do cyde amede me trouxerão hũas poncas de cinouras, que mamdo a vosa S. Praze-

oppozeram a mais heroica resistencia, ficando a final todos mortos. Concluida que foi esta conquista, entregou-a D. Alvaro ao Embaixador d'El-Rei de Caxem, cujo beneficio agradeceu, fornecendo a esquadra de todo o necessario, e com a sincera amizade que depois tributou ao Estado. Feito isto partiu D. Alvaro para Gôa, onde foi recebido com as mais honrosas demonstrações de alegria.

Chegára Lourenço Pires de Távora ao porto de Lisboa com as cinco náos da sua conserva, depois de uma curta, e prospera viagem. Dissemos já que n'uma d'ellas vinha D. João de Mascarenhas, cheio de fama, e de merecimentos. As novas de Dio derramaram-se logo pelo povo, ajuizando

---

rá a noso seuhor, que o tomarão ja em desposição que posa comer delas. Noso senhor acrecemte a vida e estado de vosa S. por muitos anos, e lhe de muita saude. De dio a XIII de março de 548 «Amtonio memdes de crasto.»

(*Sobrescrito*) Ao senhor guovernador — meu senhor.

5.ª Senhor — Quinta feira demdoemças mesprèueo cyde amede hũa carta, em que me dizia que hera ja vimdo recado dellrey, o quoall estaua muito menencorio por nós deribarmos a sua fortaleza e todas as casas de dyo; mas comtudo que me fose ver com ele a naguina, que he ha hũas duas pallmeiras, homde os rumes fizeram agoada, quamdo se foram: á quall lhe respomdi o que V. S. verá pelo terlado da que lhespreui: e ao dia de pascoa veo ter a gogolla, e com eu estar doemte de febres, fui ter com ele, homde pasamos muitas palavras, amtre os quoaes foi tornar-lhe a certeficar que como ellrei de cambaia não dese a vosa S. as terras de manora, e ametade destas allfamdegas, que nam faria vosa S. a paz, como fose menos disto hũm só quilate. A isto me respomdeo que ellrei nos daria os dous quimtos das allfamdegas: dixe-lhe que estaua mall desposto; que não gastase tempo deballde; e que me queria tornar pera a fortaleza. E ao que veo por

cada um como entendia, da paciencia do cerco, e da resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa aos louvores de D. João de Castro, como gente sem inveja das pessoas, e de fortunas maiores. Os fidalgos, e grandes do Reino tambem tomaram parte n'este regosijo universal; e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Vestiram galas a Familia Real, e a Côrte, determinando El-Rei o dia para dar graças na Capella, cuja festa solemne se fez com o maior estrondo, havendo offertas pias, e Reaes. El-Rei participou a victoria ao Summo Pontifice, e aos maiores Principes da Europa, e todos a celebraram,

---

derradeiro foi que ele como homem que tinha trabalhado neste negocio, á hum ano, desejaua fazerse a paz, não que ellrey lhe mamdase dizer isto, que hera que nos darião ametade das allfamdegas com comdição, quê nós da nosa parte desemos algũa cousa pera ajuda de se comsertarem as casas dellrey, que nós derribaramos: e quamdo isto nam quigesemos, que fose mamdarmos cada hano a ellrey algũs cavalos. A isto lhe respomdi, que ellrey noso senhor nam pagava pareas a nimguem, amtes nesta terra lhas pagavão muitos reys: que se querião fazer a paz, que falase em cousas, que podesem ser, e nam nestas tão fora de rezão. Dixeme que dese comta disto a luis fallcão, e lhe mamdase a reposta, porque hele que desejaua muito fazer-se esta paz, e mais aguora, que ho idallcão mamdara de novo embaxadores a ellrey de cambaia pera jurarem em seu nome de não fazer paz com portugueses demtro em cimco anos, e que se mamda disculpar de não fazer a guerra a goa, quamdo a qua fizerão em dio; que se o deixou de fazer foi pela guerra que trazia com ho zamaluco: asi que por isto queria muito ver esta paz feita comnosco. Esprevo isto que me dixe a vosa s., porque pode muito bem ser que não sejão mais que feros, como os mouros custumão a fazer, e que nam será

como a mais illustre façanha do Oriente. Na carta, que D. João de Castro escrevera a El-Rei, pedia-lhe licença para regressar ao Reino, e que em compensação de seus serviços, Sua Magestade houvesse por bem dar-lhe duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Cintra, e rematam em um pequeno cabeço, chamado ainda hoje o monte das Alviçaras. D. João III. tendo entendido pelas participações recebidas, que a segurança da India precisava de ter sempre forças promptas para todas as occorrencias do Estado, fez logo aprestar quatro náos, e duas caravelas com oitocentos soldados, as quaes para maior commodidade dividiu em duas esquadras. Commandou a primeira Martim Corrêa da Silva, embarcado na Urca; e os outros Com-

---

verdade nada do que diz cyde amede. Eu por nam deixar de esprever tudo o que me dixe, o faço nesta. O comque me despedi dele foi, que vosa s. tinha destroido todos os portos e terras do idallcão, e tinha jurado de nam fazer pazes com ele, mas amtes esperava em maio por muita gemte de portugall, e que nam avia de descamsar ate que lhe nam fose tomar bilguão porque todas as outras terras per derredor do goa lhe vosa s. tinha ja tomadas; e com isto me vim pera esta fortaleza e dei disto comta a luis falcão, e tardei dous dias em lhe respomder, e no fim deles, que foi a segunda oitava de pascoa, veo hum abexim de cyde amede a matacavalo, ter a gogolla com hũa carta sua pera mi espamtamdo-se de lhe nam respomder ao que pasára comiguo em gogolla: e que depois dele de qua ir, viera outro recado dellrei, em que mandava que se nam fizesem pazes senam com lhe darem os dous terços nallfamdega, como mais meudamente vosa s. verá pelos terlados asi das cartas de cyde amede, como da reposta que lheu mamdei, os quoaes são estes que com esta mamdo a vosa s. E a sete dabrill veo d'una hũm pyão per quem lhe mamdei hus frascos d'agoa rozada; me tornou a esprever outra carta, em que me diz que ho que falou comiguo em gogolla, que se avia

mandantes eram Christovam de Sá, da caravela Rosario, e Antonio Pereira da outra caravela. Por estes navios escreveu El-Rei a D. João de Castro, mandando-lhe a patente de Vice-Rei, e prorogação de mais trez annos de Governo, e fazendo-lhe mercê de dez mil cruzados para pagar as suas dividas! e a seu filho D. Alvaro de Castro nomeou General do mar d'aquelle Estado, com dous mil cruzados de ajuda de custo.

Martim Corrêa da Silva sahiu no primeiro de Novembro de mil quinhentos quarenta e sete, e espalhando-se-lhe os navios no começo da viagem, tornou-os a reunir em Moçambique. Partiram d'aqui a quinze de Março d'este anno de

---

de fazer, porque hera muito bom; e isto que me tornou a espreuer foi depois de lhe ter esprito o desengano, e que se fosem muito embora. Ele e o cão imda estão em unaa, e verdadeiramente que me parece pelo que vejo nas cartas do cide amede que se nam hão dir d'unaa até lhe nam vir resposta delrey; porque cyde amede lhespreveo o que aguora pasara comiguo em gogolla: por que seles nam tiveraõ mais poder delrey do que me cyde amede espreveo, depois de vir a gogolla, que elirey mandára, não ousára a tornarme de novo a esprever sobre o que falamos em gogolla. Prazerá a noso senhor, que ordenara isto, como for seu serviço, e delrey noso senhor, e mais homra de vosa s. A gemte da terra da per novas matarem os resbutos certos capitaẽs a elirey de cambaya, e querem dizer, que emtra neles cara asem, e o bor moluco, he isto se diz ha doze ou quinze dias. Prazerá a deos, que serão estas novas certas, he que poucos he poucos hos destroirá a todos: e porque pelas cartas que cyde amede mespreveo, de que mamdo o terllado a v. s., e asi da minha reposta verá todos as palavras, que mespreveo, e eu a ele, não diguo nesta mais, senam pedir a noso senhor, que acrecemte a vida, e estado de vosa s. por muitos anos. De dio a IX dabril de 548 » Amtonio memdes de crasto.

mil quinhentos quarenta e oito, e achando calmarias na Linha, dilataram-se muito. Antonio Pereira levado pelas correntes de Socotorá, vendo-se já no fim de Abril, aportou a Ormuz no mez de Maio, onde invernou. Corrêa da Silva chegou a Angediva a vinte oito do mesmo mez, e ficou alli invernando, remettendo os doentes, e os officios para Gôa. Christovam de Sá tendo seguido melhor rumo, entrou em Gôa em vinte e dous de Maio.

A segunda esquadra, sahiu de Lisboa no principio de Dezembro do dito anno de quarenta e sete, sendo commandada por Francisco Barreto, embarcado na náo S. Salvador; D. Heytor Aranha, e Pedro de Mesquita eram os outros Commandantes, o primeiro a bordo do S. Diniz, e o segundo em Santa Catharina. Invernou toda ella em Moçambique, por haver chegado tarde, e em Agosto do anno seguinte é que entrou a barra de Gôa.

Apenas D. João de Castro soube, que chegára embarcação do Reino, (a caravela Rosario) mandou desembarcar os doentes, e foi em pessoa visital-os, provendo-os de todo o necessario. Ao saber das mercês, que El-Rei D. João lhe fizera, e a seu filho D. Alvaro, declarou serem ellas de muito maior valor, que o de seus serviços, exaltando as obsequiosas expressões, que o mesmo Soberano lhe dirigira. Tambem se não pagou menos das honrosas cartas, que nessa mesma occasião recebeu da Rainha D. Catherina e do Infante D. Luiz; e nós para não privarmos nossos leitores, da leitura de tão importantes documentos, passamos a transcrevel-os.

Carta d'El-Rei D. João III.

«Viso-Rey amigo. Eu elRey vos envio muito saudar. «A victoria, que Nosso Senhor vos deu contra os Capitães

«de elRey de Cambaya, foi de tão grande contentamento «para mim, como era razão, que eu tivesse por tal, e ta- «manho vencimento, e por quão grandes mercês, e ajudas «nisso recebestes de Nosso Senhor, pelas quaes elle seja «muito louvado; e muito se deve á vossa prudencia, e «grande animo, que naquelle dia mostrastes; e assi no «que fizestes no grande, e apressado soccorro, que man- «dastes á fortaleza de Dio em tão desvairado tempo, of- «ferecendo ao mar vossos filhos, em que se vio quanto mais «pode com vosco o que importa a meu serviço, que o af- «fecto natural de pay; o que eu assi estimo, como he ra- «zão, vendo, que não sómente desbaratastes tão grande po- «der de inimigos, mas ainda déstes muita segurança a to- «da a India, no grande receo, que aos inimigos d'ella fi- «ca com tamanha victoria; cujo serviço assi he razão, que «eu tenha na conta que elle merece, como que tenha d'el- «le o contentamento, que se requere. E do fallecimento de «vosso filho Dom Fernando recebi mui grande desprazer, «assi por ser elle vosso filho, como porque hia bem mos- «trando naquella idade, quem houvera de ser em toda a «outra; e pois acabou tão honradamente, e em tão gran- «de serviço de Nosso Senhor, e meu, deveis de sentir me- «nos sua perda, e dar graças a Nosso Senhor por como «foi servido, que acabasse; o que sei, que vós fizestes, «mostrando ainda no esquecimento da morte do filho, a «lembrança do que cumpria a meu serviço; das quaes cou- «sas assi serei sempre lembrado, que não sómente volas «conhecerei com grande contentamento d'ellas mas ainda «com muita mercè; a que agora quiz dar principio nas que «faço a vós, e a vosso filho Dom Alvaro, guardando o re- «mate d'ellas para o cabo de vosso serviço, que eu con- «fio, e tenho por mui certo, que será tal, como forão os «que ategora me tendes feitos; e com esta confiança, e «com a experiencia, que eu d'isso tenho, desejando mui- «to neste tempo vos fazer mercè em tudo, considerando

« porèm quanto isto cumpria a meu serviço, e vendo por « vossas obras, quanta mais conta tinheis com elle, que « com todas vossas cousas, houve por bem de vos não dar « licença para vos virdes, como me pedieis. Polo que vos « encommendo muito, e mando, que o hajais assi por bem, « e que nesse carrego me queirais ainda servir outros tres « annos, no fim dos quaes vos mandarei licença para vos « virdes embora. E eu espero em Nosso Senhor, que vos « dè mui boa disposição para o fazerdes. Porèm se por si- « ma do que tanto cumpre a meu serviço, como he ficar- « desme ainda servindo nessas partes por este tempo, vos « a vós parecer, que tendes todavia necessidade de vos vir- « des, folgarei de mo escreverdes, e entretanto esperareis « minha reposta. Pero de Alcaçova Carneiro a fez em Lis- « boa a vinte de Outubro de mil quinhentos quarenta e se- « te. = REY.

Carta da Rainha Dona Catherina.

« Viso-Rey. Eu a Rainha vos envio muito saudar. Vi « a carta, que me escrevestes, na qual particularmente me « dais conta do que tendes feito, e provido em todas as « cousas, que vos pareceo, que cumprião ao serviço d'el- « Rei meu senhor, e á defensão, e segurança d'essas par- « tes; e de tudo ser tão conforme a quem vós sois, e á « grande confiança que S. Alteza de vós tem, recebo tanto « contentamento, como he razão, assi por ver, que S. Al- « teza he de vós tão bem servido, como pola muita honra, « que nisso tendes ganhada. E quanto ao cuidado, e dili- « gencia, com que logo entendestes no corregimento, e « provimento da armada, foi grande principio, e mui ne- « cessario para remedio de tamanhas cousas, como depois « se offerecèrão; e por certo tenho, que por mui grande, « que fosse o trabalho, que nisso levastes, seria maior o « contentamento, que terieis de ser tão bem empregado.

«E á guerra, que fizestes ao Hidalcão, foi cousa mui bem «acertada, pois tão claro se vio nella o contrario da opinião, «que dizeis se tinha, que da guerra dos Portuguezes lhe «não podia vir dano; o que seria causa de a mover tantas «vezes, nem de sua paz se lhe seguia proveito, polo que «não estimaria quebrala. E se elle soubera quem vós sois, «e quanto mais vos lembra a honra, que o proveito, nem «curará de vos fazer o offerecimento, que vos fez ácerca «de Meale; mas a pouca impressão, que fez em vós, e «vosso claro desengano, lho daria a conhecer. E quanto «ao negocio do cerco, e guerra da fortaleza de Dio, foi «mui grande mercè de Nosso Senhor a victoria, que vos «alli deu contra tamanho poder, e numero de inimigos «de sua sancta Fé Catholica, que de tão diversas partes «alli erão juntos, e mui claro sinal de elle ter de sua mão «o Estado de essas partes, e lhe dou por tudo tantos lou- «vores, como he razão, e lhe devo. E muito acrescenta «no grande contentamento, que elRey meu senhor, e eu «temos de tamanho vencimento, ver com quanta pruden- «cia, e discrição provestes em todas as cousas, que para «se poder alcançar, erão necessarias, e quão animosamen- «te vos houvestes no dia da batalha, e com quanta pres- «teza soccorrestes aquella fortaleza, offerecendo a isso vos- «sos filhos em tão fortes tempos; o conhecimento, que S. «Alteza, e eu temos de todas estas obras, e do grande «fructo, que d'ellas se seguio, he mui conforme á quali- «dade, e grandeza d'ellas; e assi confio, que o S. Alteza «mostre, na honra, e mercè que vos fará, e porque tudo «se vos deve; e bem o deu a entender no gosto, e con- «tentamento, com que logo quiz dar a isso principio, nas «que agora fez a vós, e a vosso filho Dom Alvaro, segun- «do vereis por sua carta. E do fallecimento de Dom Fer- «nando vosso filho, recebi mui grande desprazer, assi por «quanto sei, que o havieis de sentir, como pola perda de «sua pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle feito,

« se póde bem ver, que foi grande; mas eu tenho tal co-
« nhecimento de vós, e de vossa muita prudencia, e vir-
« tude, que sei certo, que em todo tempo, em que Nosso
« Senhor o levára para si, vos conformáreis vós com sua
« vontade, e tomáreis de sua mão; quanto mais sendo na-
« quelle, em que por defensão de sua Fé, e em tamanho
« serviço de S. Alteza, tão honradamente acabou, e cum-
« prio com a obrigação de quem era, que são razões mui
« grandes para vós muito o deverdes fazer assi, e muito
« menos sentirdes sua morte. E quanto ao que me pedis
« acerca de vossa vinda, em que Dona Leonor vossa mu-
« lher (que eu muito folguei de ver polo merecimento de
« sua pessoa, e virtudes, e pola muito boa vontade que
« lhe tenho) me fallou de vossa parte, como em cousa que
« tanto deseja; estimára eu muito de bom gosto, e conten-
« tamento de elRey meu senhor, poder nisso satisfazer a
« vós, e a ella; mas polo muito, que S. Alteza tem de
« vosso tão bom serviço, e pola grande falta, que lá poderia
« fazer em tal tempo vossa pessoa, houve por bem de se
« servir ainda lá de vós, outros tres annos, segundo por
« sua carta vereis. E tenho por muito certo, que por todas
« estas razões o havereis assi por bem, e vos rogo muito,
« que assi seja, e espero em Nosso Senhor, que vos dará
« saude, e forças para o poderdes fazer, e vos ajudará, e
« esforçará em todos vossos trabalhos, pois d'elles se segue
« tanto seu serviço; e pois sabe, que o principal respeito,
« porque S. Alteza o ha assi por bem, he saber, que será
« elle lá de vós inteiramente servido. E na lembrança,
« que entre tamanhos trabalhos, e tão importantes nego-
« cios, tivestes d'aquellas cousas minhas, que levastes a
« cargo, se vê bem, quanto desejo tendes de nisso, e em
« tudo me servir, o qual eu estimo, como he razão. E
« quanto o que toca a Diogo Vaz, por outra carta vos es-
« crevo o que nisso folgarei, que se faça. Com o benjoim
« de boninas, e com todas as mais cousas, que me envias-

«tes por Lourenço Pirez de Tavora, recebi muito prazer, por «ser tudo tão bom, que bem parece ser enviado com tão boa «vontade, a qual eu ainda mais estimo, e tudo vos agrade- «ço muito. E dos criados meus, e pessoas, que me escre- «veis, que lá tem bem servido, e assi das cousas, em que «vos parece necessario prover, farei lembrança a elRey meu «senhor, como pedis, que faça. O que S. Alteza houver de «prover, assi nas mercês, que houver de fazer a todos os «que lá o servem, ha de ter tanto respeito ao que vós em «tudo lhe escreverdes, e pedirdes, como he razão, que se- «ja; e muito vos agradeço a boa informação, que a S. Al- «teza dais dos meus criados, que naquelle feito de Dio se «achárão, e assi o muito favor, e boas obras, que sei, que «a todos lá fazeis por meu respeito. Pero Fernandez a fez em «Lisboa a trinta dias de Outubro de mil quinhentos quaren- «ta e sete. — A Rainha.

Carta do Infante Dom Luiz.

«Honrado Viso-Rey. Recebi vossa carta, que veo nes- «ta armada de Lourenço Pirez de Tavora, em que me di- «zeis, que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos «mandei; e agradeçovos muito dizerdesme, que vos parecê- «rão bem as lembranças, que vos fazia, e muito mais o por- «delas em obra; e bastava para o eu crer, que seria assi, «ainda que vos eu não conhecêra, ouvir o que lá fazeis, e «ver, que com a boca chea me escreveis vossos trabalhos, «pobreza, e abstinencia, cousas com que se vence o Diabo, «o Mundo, e a Carne, que nessas partes da India tem tanto «poder; o que he maior victoria, que a d'elRey de Cam- «baya, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em «quanto viverdes não deveis de temer cousa alguma, mas «antes esperai em Nosso Senhor, que vos ajudará, como «agora fez na defensão, e batalha de Dio, em cuja victo- «ria vós tendes muito que lhe louvar, pois vos fez instru-

«mento de tanto serviço seu, e d'elRey meu senhor, e de «tanta honra vossa, e de todos os Portugueses, assi dos «que se achárão com vosco, como dos que estivérão ausen- «tes. E certo, que vós tendes feito nesta jornada desde pri- «meiro dia, que tivestes novas do cerco de Dio, até o de «vossa, e nossa victoria, tudo o que entendo, que hum «valeroso, e astuto Capitão podia fazer, assi na presteza «dos soccorros, como em pordes vossos filhos por balisas da «fortuna, e perigos do inverno, e mares da India, para «que os outros os tivessem em menos; no que se mostra «bem claro, quanta mais parte tem em vós o serviço d'el- «Rey meu senhor, e a obrigação de vosso cargo, que os «effeitos naturaes de pay, que são os que mais forção a «natureza. E no sofrimento, que mostrastes na morte de Dom «Fernando de Castro vosso filho, se confirma bem esta o- «pinião; e certo, que eu o senti por mim, e por vós, e «houve por mui grande perda, por quão certos sinaes nel- «le via de seu grande esforço, e creo, que nisso lho quiz «Deos pagar com o tirar de vida tão trabalhosa por meios «tão honrados, e de tanta gloria sua, que deve ser gran- «de causa de vossa consolação. Dom Alvaro de Castro vos- «so filho não empregou mal sua jornada, pois com tantos «trabalhos, e perigos soccorreo a fortaleza de Dio, a tem- «po, que sua chegada foi por então o remedio d'ella; e de «como se nisto houve, e no dar nas estancias dos inimigos, «e em tudo o mais lhe lanço muitas bençõs por vossa par- «te, e minha. E tornando a vossa determinação de aven- «turardes vossa pessoa, e o Estado da India, por soccor- «rerdes Dio, foi mui boa, pois de o não fazerdes estava «tanto mais aventurado; e o chegardes a Dio, e ordenar- «des vossa embarcação, e mandardes, que os navios co- «mettessem a terra a tempo que havieis de dar a batalha, «e o modo de cometter, que nisso tivestes, tudo me pa- «receo digno de agora, e sempre darmos muitas graças a «Deos Nosso Senhor, e de S. Alteza vos fazer muitas mer-

«cês, a que agora dá principio, como vereis acerca de vós,
«e de vosso filho, e assi o deve fazer, e fará aos fidalgos,
«e Cavalleiros que nessa jornada com vosco o servirão, em
«especial a Dom João Mascarenhas, que se houve no pe-
«so d'esse cerco, como honrado Capitão, e esforçado Ca-
«valleiro. Folguei muito de ver o modo, que tivestes no
«escrever a S. Alteza sobre os serviços, que os fidalgos e
«Cavalleiros, que nessas partes andão, lhe fizérão no ne-
«gocio de Dio, no que se vio, que tinheis com seus tra-
«balhos conta. Isto fazei sempre por amor de mim; e fol-
«gai de louvar os homens, porque ja que está certo, não
«faltar quem diga d'elles os males (que haveis de castigar
«os que nelles sentirdes) razão he tambem, que os bons os
«levanteis, para que os que lá não poderdes galardoar, S.
«Alteza por vossa informação o faça. Eu fallei sobre vossa
«vinda, como me escrevestes, que me elle não concedeo,
«e me deu para isso duas razões, que a meu parecer ain-
«da que vós tenhais muitas para vos desejardes de vir, S.
«Alteza tem muitas mais para vos mandar rogar, que o sir-
«vais nesse governo outros tres annos, o que haveis de fol-
«gar de fazer por servirdes a Nosso Senhor pola grande
«mercè, que vos tem feito, e a S. Alteza pola confiança,
«que de vós tem, e contentamento de vosso serviço. E con-
«fiai em Deos, que vos dará forças para poderdes com os
«grandes trabalhos, e desordens da India, e eu espero nel-
«le, que fazendoo vós assi, venhais encher estes picos da
«serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victorias, e que
«as visiteis, e logreis com muito descanso vosso. Nas cou-
«sas particulares vos não fallo, porque elRey meu senhor
«vos escreve o que ha por seu serviço em reposta da car-
«ta geral, que lhe escrevestes, que vinha em muito bom
«estylo, e em muito boa ordem. Escrita em Lisboa a vin-
«te e dous de Outubro de mil quinhentos quarenta e sete.»
—O Infante Dom Luis.

Pouco tempo se gosou D. João de Castro do titulo de Vice-Rei, porque não tardou que enfermasse gravemente. Como a doença désse logo indicios de mortal, e elle o reconhecesse, chamou á sua presença o Bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, Chanceller Mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobatto, seu Ouvidor Geral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha, Veador da Fazenda, aos quaes entregou o governo do Estado. Ordenou tambem que se lhe apresentassem os Membros do governo popular da Cidade, o Guardião de S. Francisco, Fr. Antonio do Casal, S. Francisco Xavier, e os Officiaes da Fazenda d'El-Rei, e fallou perante elles nos seguintes termos:

« Não terei, senhores, pejo de vos dizer, que ao Vi-« ce-Rei da India, faltam n'esta doença as commodidades, que « acha nos hospitaes o mais pobre soldado (!!) Vim a servir, « não vim a commerciar ao Oriente, a vós mesmos quiz em-« penhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da « barba, porque para vos assegurar, não tinha outras ta-« peçarias, nem baixellas. Hoje não houve n'esta casa di-« nheiro, com que se me comprasse uma gallinha; porque « nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os sa-« larios do Governador, que os soldos do seu Rei; e não é « de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Pe-« ço-vos, que em quanto durar esta doença, me ordeneis « da fazenda Real uma honesta despeza, e pessoa por vós de-« terminada, que com modesta taixa me alimente. » Pediu logo um Missal, e jurou sobre os Evangelhos, que até ao momento presente, não era devedor á fazenda Real de um só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de Christão, Judeu, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaias, que as que trouxera do Portugal; e que a mesma prata, que no Reino fizera, tinha já gasto, nem tivera jámais possibilidade para

comprar outra colcha, que a que na cama viam; que só a seu filho D. Alvaro mandára fazer uma espada guarnecida de pedras inferiores, para passar ao Reino. Que d'isto lhe pedia mandassem lavrar o respectivo termo, para que se n'algum tempo se achasse outra cousa, El-Rei, como a perjuro, o castigasse. (*) Esta prática escreveu-se nos livros da Cidade, onde ainda se pode lêr, e reverenciar como regimento governativo preciosissimo, deixado por tão Illustre Varão aos seus successores.

Conhecera o Vice-Rei, que os seus ultimos momentos de vida tinham chegado; por isso apartando da ideia todos os cuidados mundanos, recolheu-se com S. Francisco Xavier, procurando para tão duvidosa viagem tão déstro piloto. Como na India não adquirira riquezas, de que dispôr de novo, não precisou fazer outro testamento; declarou que já o havia feito no Reino, e que elle existia nas mãos do Bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro. E tendo recebido os Sacramentos da Igreja, entregou a alma a Deos no dia seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito annos de sua idade. Acharam-se na sua camera trez tangas larins, e umas disciplinas, com signaes de muito uso, e os cabellos da barba, que havia empenhado. Seu corpo, em consequencia de sua ultima vontade, foi

---

(*) Mui felizes seriam as Nações, se todos os homens em cujas mãos é depositada a authoridade publica, caprixassem em não tirar proveito pessoal do poder que exercem, como fizera o Grande D. João de Castro; dizemos felizes, porque a receita publica chegaria sempre para a despeza de seus precisos encargos, de que resultaria não pezarem enormes dividas internas, e externas sob o thesouro respectivo, e consequentemente não morrerem á mingoa nove décimos dos funccionarios do Estado, conforme se tem visto por esse Mundo, e se continua a ver...

depositado em Francisco de Gôa, para que d'alli se trasladassem os ossos á sua Capella de Cintra. Teve lugar o respectivo funeral com a maior solemnidade, derramando copiosissimas lagrimas todas as classes do Estado, tanto as illustres como as plebeas.

Passados alguns annos vieram seus ossos para o Reino, onde foram recebidos com reverente, e piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas ha recebido a patria. Foram depositados no convento de S. Domingos de Lisboa, celebrando-se-lhe sumptuosas exequias. Foram d'aqui trasladados para a Igreja de S. Domingos de Bemfica, onde estiveram alguns annos em Capella estranha, até que seu neto o Imquisidor Geral D. Francisco de Castro, lhes mandou fazer sepultura propria, não excedida na traça, e na esculptura, por nenhuma outra.

CAPITULO IV.

ANNO DE 1548 A 1549.

Garcia de Sá é nomeado em Góa Governador d'aquelle Estado. Manda-lhe o Hidalcão uma embaixada, queixando-se-lhe contra D. João de Castro. O novo Governador ajusta a paz com o dito Rei, com outros Principes da Asia, e com o proprio Sultão de Cambaya. Manda El-Rei D. João III. partir 11 Náos para a India. Chegam estas a Góa. Aporta aqui uma outra esquadra vinda do Reino. Determina o mesmo Soberano Portuguez, que se reforme o systema de colonisar o Brazil. Thomé de Sousa é nomeado Governador Geral d'este Estado, parte para alli com algumas embarcações, onde desembarca depois de feliz viagem.

Decide-se El-Rei D. João III. a diminuir o numero das praças da Barberia, e primeiro que tudo a abandonar Arzilla. Luiz Loureiro é encarregado d'esta delicada missão, e parte para alli com uma armada. Emprehende o Capitão Francisco Orelhassa a conquista do rio Amazonas, porém é mal succedido na empresa. Tenta Luiz de Mello da Silva o mesmo, porém não é mais feliz que Orelhassa. Morre Luiz Falcão Capitão mór de Dio, bem como o Governador Garcia de Sá.

Abertas as successões segundo as formalidades do costume, acharam-se nomeados na primeira, e na segunda D. João de Mascarenhas, e D. Jorge Tello de Menezes. Porém, como um e outro houvessem voltado para o Reino, abriram a terceira, que estava toda a favor de Garcia de Sá, e foi este logo aclamado, entregando-se-lhe a posse do governo. Fôra mui acertada similhante escolha, por isso que o illustre Cavalheiro em quem recahira, era assaz digno de exercer tão importante cargo. Havia elle vivido sempre na India, até á idade de setenta annos, que então contava, e tinha alli adquirido uma grande experiencia dos negocios publicos, uma alta reputação no campo da batalha, e merecia a confiança, e a estimação geral dos Portuguezes, e dos Indios, pelas muitas virtudes, que adornavam a sua pessoa.

O primeiro dos effeitos d'esta estimação, foi a paz que se celebrou com o Hidalcão. Apenas este Principe fôra informado da morte do Vice-Rei, e da elevação do seu successor, mandou a este uma embaixada queixando-se da conducta de D. João de Castro para com elle, e tornando novamente a renovar as propostas, que já havia feito a res-

peito de Meale. Garcia de Sá dirigiu esta negociação com tanta sabedoria, que o Hidalcão confirmou a doação das terras de Bardez, e Salsete, mediante a obrigação de Meale ficar guardado em Gôa, e não poder ser transportado a outra parte sem seu consentimento. Seguiu-se a esta paz a renovação dos tratados antigos que havia com Çamorim, Nizamaluco, Cotamaluco, e outros Principes da India.

Achava-se El-Rei de Cambaya constantemente em armas, ameaçando hostilidades contra o Estado, por cujo motivo o Governador se decidiu a hir atacal-o em seu mesmo Reino, embarcando n'uma poderosa armada no principio do anno de 1549. Mas logo que aportou a Baçaim, chegaram alli Embaixadores do Sultão Mahamud, pedindo-lhe a paz. Foi esta concluida quasi com as mesmas condições dos tratados precedentes, exceptuando a do muro de separação entre a Cidade de Dio, e sua fortaleza, e a da partilha nos direitos de transito, de que o Governador não quiz ouvir fallar, sendo preciso que o mesmo Sultão desistisse d'essa exigencia.

Ficou então a India em perfeita tranquillidade, com grandes vantagens dos Portuguezes, e muita gloria para o novo Governador, o qual tinha conseguido mais no seu pouco tempo de governo, que muitos dos seus antecessores.

Sem embargo dos reforços mandados á India em 1547, ordenou El-Rei D. João III no seguinte anno outro armamento, que constava de onze naus, com mil soldados a bordo, divididas em trez esquadras; a primeira de cinco, e cada uma das outras de trez. (*)

(*) *Chronica de D. João III, Part, 4. Cap.* 30. — *Barreto de Rezende Couto, Dec.* 6. *Liv.* 7. *C.* 2. — *Faria, Asia Portugueza.*

Sahiu a primeira esquadra nos principios de Março, compondo-se das naus Trindade, Santa Catharina, Ajuda, Santa Maria a Nova, e S. Sebastião, das quaes eram Commandantes Manuel de Mendonça, Jorge de Mendonça, Alvaro de Mendonça, Manuel Rodrigues Coutinho, e Sebastião de Attayde. — Compunha a segunda das naus Esperança, Gallega, e Flor do Mar; eram seus Commandantes João Henrique, Aires Moniz Barreto, e Antonio de Azambuja. — Constava a terceira das naus S. Pedro, Victoria, e Espirito Santo, commandadas por João de Mendonça, Fernão Alvares da Cunha, e Rodrigo Rebello: estas duas ultimas esquadras sahiram do Tèjo até 20 de Março do dito anno de 1548.

Todas estas embarcações aportaram a Gôa em Septembro com prospera viagem, á excepção da nau Gallega, que na travessa de Moçambique para a India abriu tanta agua, que não a podendo vencer, tratava já a sua tripulação de deitar a lancha fóra, para se salvarem os que n'ella coubessem, quando parando subitamente a agua, seguiu sua viagem, e chegou a Gôa na fim de Outubro.

Conhecera El-Rei D. João III. por experiencia, que o systema estabelecido para colonisar o Brazil precisava reformado, pelas mudanças acontecidas no estado politico do Paiz, achando-se fundadas varias Colonias, mais ou menos prósperas, em S. Vicente (Santos), Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, e Pernambuco, além d'outras, determinou crear n'aquelle continente um Governo central, de que dependessem todos os Donatarios, que por si, ou seus procuradores regiam as suas particulares Capitanias. Para conseguir este importantissimo fim, revogou as authoridades criminal, e civil de que gosavam, e ás vezes abusavam os Donatarios, e as reuniu todas na pessoa do Governador Geral, com amplos regimentos, e instrucções

para a direcção, e manejo dos negocios publicos. Como fosse necessario escolher-se o ponto mais vantajoso para estabelecer a nova Capital, julgou-se com razão, dever-se dar preferencia á Bahia de todos os Santos, onde Francisco Pereira Coutinho, primeiro Donatario d'aquella Capitania, havia muito antes organisado uma Colonia dentro da Ponta do Padrão, ou Ponta de Santo Antonio, a que se chamou depois Villa Velha, e na qual sustentou encarniçadas guerras com os Tupinambas, acabando tragicamente por elles devorado.

Nomeou El-Rei a Thomé de Sousa, fidalgo de muita probidade, e talentos, para exercer o dito cargo de Governador Geral, e deu-lhe uma pequena esquadra composta de trez náus, duas caravelas, e um bergantim, com trezentos e vinte soldados, e muitos artifices de todas as classes. Foi igualmente nomeado Pedro Borges para Ouvidor Geral, Pedro de Goes para Chefe da Marinha, Antonio Cardoso de Barros para Vedor da Fazenda, e muitos outros individuos para Officiaes Civis precisos para o bom regimen da Cidade.

Partiu Thomé de Sousa, de Lisboa no 1.° de Fevereiro de 1549, e chegou a 28 de Março seguinte á Bahia, onde duas caravelas que El-Rei tinha feito partir adiante, já haviam noticiado a sua hida. Os poucos Portuguezes que alli se achavam, receberam-no com muita alegria; por quanto, não obstante viverem em paz com os Indios, receavam os effeitos do seu caracter inconstante.

Trez dias depois desembarcou o Governador, com toda a tropa, e este desembarque infundiu muito terror nos naturaes da terra, que acudiram a vêl-o em multidão, e sem arcos. O Governador, logo que acabou de examinar o local de Vilha Velha, onde levava ordem de edificar a Ci-

dade, não o julgou capaz para a nova fabrica, e resolveu levantal-a em outro sitio, por não ser aquelle accommodado para preencher as intenções d'El-Rei, como o haviam informado em Portugal. Não querendo porém tomar sob si a responsabilidade d'esta contravenção d'ordens, pôz o negocio em conselho, e todos concordaram em que a Cidade se deveria construir meia legua ao Norte d'aquella Povoação, n'um lugar conveniente para defensa propria contra os ataques inimigos, ou estes viessem por mar, ou por terra. Em cumprimento d'esta decisão poseram-se logo mãos á obra com tanta efficacia, que no ultimo dia de Abril estava prompto um forte de madeira, e terra, guarnecido de artilheria, e a Cidade quasi toda cercada de paliçadas, e construidas as officinas necessarias. Tal foi o principio da Cidade de S. Salvador, assim chamada por determinação d'El-Rei. —

N'este mesmo anno (*); depois de muitos Conselhos, resolveu El-Rei diminuir o numero das praças, que occupavamos na Barberia, tanto para economisar despezas, como porque algumas d'ellas já não preenchiam os fins para que haviam sido adquiridas; e mesmo porque havendo o Xarife Muley Hamet, Principe guerreiro, conquistado proximamente o Reino de Féz, creando assim uma Potencia formidavel, havia grande difficuldade em sustentarmos parte das mesmas praças, pela rasão de estarem sujeitas a ser invadidas por inimigo tão poderosos.

Para obstar aos seus projectos contra a fortaleza de Alcacer, de que era Governador Alvaro de Carvalho, e que por estar pouco fortificada, se achava muito expos-

(*) *Chronica d'El-Rei D. João IIIo Part. 4. Cap. 34. 39. e 43.*

ta, augmentou-se-lhe um forte sob um monte que a dominava. El-Rei encarregou esta obra a D. Affonso de Noronha, Governador de Ceuta, ao qual revestiu de amplos poderes, e enviou um reforço de quatro mil soldados, parte Portuguezes, e parte Hespanhoes, alistados na Andaluzia, com mil e tresentos artifices, e trabalhadores, tudo em muitos navios de guerra, que sahiram a barra de Lisboa em Abril de 1549. D. Pedro de Mascarenhas partiu em seguida com trez embarcações de guerra, sendo duas d'ellas commandadas por Thomé de Sousa, e Manuel Jaques, e levando em sua companhia o grande D. João de Mascarenhas ex-Capitão mór de Dio, e os engenheiros Manuel da Arruda, e Diogo Telles. Consistiam as ordens dadas a D. Pedro de Mascarenhas, em examinar novamente o estado das praças de Africa, incluindo Alcacer, para com verdadeiro conhecimento de causa se poderem escolher as fortalezas, que seria conveniente conservar.

Como se concordasse depois em se abandonar Arzilla, pela ruindade do seu porto, tratou El-Rei de assim o levar a effeito. Ordenou, pois, a Luiz do Loureiro, official mui distincto, que partisse com uma nau, e vinte e cinco navios de guerra, e de transporte, que reunisse ao seu commando a esquadra, que cruzava no Estreito de Gibraltar commandada por Luiz Coutinho, e que constava de seis caravelas bem armadas; e que afretando mais embarcações até prefazer o numero de sessenta, passasse a Arzilla, recolhesse os militares, e habitantes, que deviam hir estabelecer-se em Tanger, bem como as munições, artilheria, e mantimentos, arruinando depois com minas castello, muralhas da Villa, e as Igrejas.

Estava-se no mez de Junho, quando Luiz do Loureiro partiu a executar esta delicada commissão; porém, chegando logo noticia a El-Rei de que Dragut, pertendia pas-

sar o Estreito com uma numerosa armada de galés, mandou apressadas ordens a D. Pedro de Mascarenhas, para que suspendesse a evacuação de Arzilla, reunisse os seus navios aos do commando de Luiz do Loureiro, e se dirigissem ao porto de Santa Maria, e ajuntando-se com D. Bernardino de Mendonça, General das galés do Imperador Carlos 5.º, procurassem o Almirante Othomano, e lhe dessem batalha. Enviou-lhe ao mesmo tempo uma náu grande, e mui bem guarnecida, prevenindo-o, que se precisasse mais forças o avisasse logo, porque não tardaria a reforçal-o com outras embarcações. Porém a noticia da armada Turca foi falsa, e proseguiu-se na empresa de Arzilla.

A 11 de Maio d'este mesmo anno de 1549, (*) sahiu de S. Lucar o Capitão Francisco Orelhassa com trez navios, nos quaes hiam quinhentos homens de tropa, para emprehender a conquista do rio das Amazonas. Ao tocar nas Ilhas de Cabo-Verde, e das Canarias, adoeceram-lhe muitos soldados; chegado ao Amazonas, pertendeu subir por elle, mas perdeu gente e navios; por fim acabou de trabalhos e desgostos, recolhendo-se a Marguerita aquelles dos seus, que escaparam á doença, e ao naufragio.

Em seguida a este triste acontecimento, vagava pela costa de Pernambuco Luiz de Mello da Silva, fidalgo mui ousado, e de espirito aventureiro, em um navio armado á sua custa, com o projecto de fazer descubrimentos. Tendo aportado a Marguerita, impellido pelos ventos, e correntes, deram-lhe alguns soldados de Orelhassa noticias do rio Amazonas, persuadindo-o a vir a Portugal pedir licença a El-Rei para fazer aquelle reconhecimento, e

(*) *Annaes Historicos do Maranhão liv.* 1.º

conquista. Luiz de Mello seguiu effectivamente para Lisboa; e tendo obtido a Capitania, de que João de Barros desistira, sahiu do Téjo com trez navios redondos, e duas caravelas, e foi-se perder nos mesmos baixos, em que naufragára aquelle grande Historiador, não escapando mais que uma só caravela, onde elle se recolheu a nado, e voltou para o Reino. —

A este mesmo tempo parecia levantar-se uma tempestade da parte de Ormuz, que dava alli bastante cuidado. Um Abexim chamado Abdalla, homem de reputação, tinha-se revolucionado contra o Rei, fazia corsos, roubava as caravanas, e embaraçava o commercio. D. Manuel de Lima Capitão mór d'aquella praça, havia enviado contra elle diversos destacamentos; mas Abdalla tinha desbaratado alguns, e escapado a outros. O negocio estava mui serio; porém Lima vendo que a força descuberta não lhe aproveitaria, julgou ser-lhe licito pôr em pratica um ardil. Mandou a um soldado seu, que fosse apresentar-se áquelle rebelde como desertor, e que depois de lhe haver ganho a amizade, o apunhalasse: este engano teve o resultado que Lima pertendia.

Socegára esta morte o Governador Geral Garcia de Sá, a respeito das cousas de Ormuz; mas o seguinte acontecimento fêl-o pussuir de bastante mágua. Luiz Falcão Capitão mór de Dio, estando sentado á sua porta perto da noute, foi morto com um tiro de arcabuz que lhe fizeram de fóra, sem que nunca se podesse descubrir o author d'este assassinato, apesar das muitas diligencias que se fizeram. O Governador enviou para alli Martim Corrêa da Silva, e depois partiu para Gôa. Chegado aqui entrou a occupar-se do bem do Estado fazendo reparar os armazens, e espalmar os navios, dando em tudo provas d'uma grande capacidade, e d'um grande zelo pelo bem publico;

porém, quando elle assim cumpria tão dignamente os deveres de seu cargo, perdeu a vida em consequencia d'um ataque de cólica, a que era sugeito, aos 13 de Julho de 1549. Foi geralmente lastimada a sua morte, pois que as pessoas de todas as classes tinham fundado n'elle grandes esperanças; já pelas suas muitas virtudes, já pelo seu grande talento, e actividade.

Havia-se elle despojado de todos os seus bens em favor de suas duas filhas, as quaes tinham cazado pouco antes da sua morte, uma com Manuel de Sousa e Sepulveda, e outra com D. Affonso de Noronha, o mais bello cavalheiro que havia na India, mas que viveu pouco. Cada uma d'ellas teve de dote 20:000 cruzados. D. Leonor de Sá era já celebrada pelo voto, que tinha feito de cazar com um simples soldado n'uma tempestade; porém ainda o veio a ser muito mais pelo horrivel naufragio, de que para o diante faremos menção.

CAPITULO V.

ANNO DE 1549 A 1551.

Jorge Cabral Capitão mór de Baçaim, succede a Garcia de Sá no Governo da India. Desembarcam Castelhanos nas Malucas. Sollicita o Rei de Cota o soccorro de nossas armas, contra um seu irmão. Jorge Cabral vai a Cochim, e volta depois de diversos acontecimentos para Gôa. Desintelligencia entre os Reis de Pimenta, e de Cochim. Assenhorea-se o primeiro da Ilha de Bardelle, auxiliado pelo Çamorim. Combate entre os dous referidos Reis desintellegentes, sendo o de Cochim coadjuvado por alguns Portuguezes. O Rei de Pimenta morre queimado no seu palacio. Pertendem os Naires vingar-lhe a morte, e conseguem apunhalar

o Rei de Cochim. D. Affonso de Noronha é nomeado Vice-Rei da India por El-Rei D. João III, e parte de Lisboa com uma esquadra para Góa. Marcha o Çamorim com um exercito a tomar posse de Bardelle, e consegue-o. O Capitão mór de Cochim, participa este acontecimento a Jorge Cabral. Este prepara uma grande armada para hir encontrar uma esquadra Turca. Esta é desarmada, por isso não tem logar o dito encontro. Manuel de Sousa e Sepulveda é mandado bloquear Bardelle, com quatro vasos. Jorge Cabral parte com uma poderosa esquadra em direitura a esta mesma Ilha, queima diversas Cidades inimigas na sua viagem, e aporta depois a Cochim. Quer que dezoito Principes, que se haviam colligado com o Çamorim, se lhe entreguem. Recebe o dito Governador a noticia da chegada do Vice-Rei D. Affonso de Noronha a Coulão. Encontram-se este com Jorge Cabral em Cochim, e começa a exercer o seu novo cargo. Embarca Jorge Cabral para Lisboa, e tem aqui distincto recebimento.

Em consequencia da quarta successão, aberta por morte de Garcia de Sá, foi Jorge Cabral declarado seu successor. Achava-se elle então exercendo o cargo de Capitão mór de Baçaim, para onde lhe foi logo dirigido o aviso da sua nova nomeação. Não lhe causou admiração alguma esta noticia, pois que sabia ser o primeiro a pertencer-lhe aquelle cargo depois do fallecimento de Garcia de Sá. Esteve indeciso por muito tempo na acceitação do dito emprego, tanto porque temia perder quatro annos de soldos, que lhe deviam, como por ter receio de que passado um mez, ou o mais tardar um anno, lhe fosse dado um successor, segundo o estilo que tinha tomado a Côrte de Por-

tugal; o que de certo lhe acabaria de arruinar os poucos teres, por não lhe dar tempo para se aproveitar dos interesses do cargo de Governador Geral. Estas razões solidas, que venciam o seu animo, cederam comtudo á vaidade de sua esposa, que sendo formosa, moça, e ambiciosa, preferiu o goso de uma honra vã, e o gosto de se vêr a primeira senhora da India, a outras vantagens de maior pezo.

Partiu pois, de Baçaim para Gôa, onde foi recebido com todas as honras devidas á sua importante dignidade, bem como com todas as demonstrações de alegria, que correspondiam á ideia, que já se fazia do seu merecimento pessoal. Estas demonstrações justificou-as o tempo, pois que o seu governo ainda que curto, assim como o do seu antecessor, foi um dos mais singulares, que teve a India. Governou sempre com muita justiça, e desinteresse; foi assaz zeloso pelo bem do serviço, aborrecia o fausto; era facil em dar audiencias, e prompto em impedir os murmurios da tropa, pagando-lhes pontualmente á custa da sua bolça, quando faltava o dinheiro de El-Rei. Além de todas estas excellentes qualidades, tinha mais outras condições particulares, que lhe adquiriram a confiança de toda a gente. Consistia a primeira na facilidade que tinha de tomar conselho ácerca dos negocios publicos, mandando até fazer caixas para se lançarem os pareceres, que lhe quizessem dar desconhecidamente, e permittindo tambem que isso tivesse lugar, por cartas anónimas. Consistia a segunda, em entreter sempre no povo um espirito de alegria, procurando-lhe divertimentos, que fazia succeder uns aos outros continuamente. Para conseguir este fim, dividiu todos os generos de trabalhos, pôz na frente officiaes de consideração, e formou assim diversos bandos de obreiros, que das suas obras passavam ás danças, e aos jogos, que elle animava com o gôsto, que n'isso mostrava ter.

Não lhe faltaram negocios de ponderação de que tra-

tar, quando tomou posse do governo. Corriam as cousas muito mal nas Malucas, e era preciso cuidar em remedial-as. Os Castelhanos haviam tornado a ellas; e os Portuguezes que alli se achavam, não só andavam discordes entre si, mas até estavam em muito má intelligencia com os Reis das mesmas Ilhas. Uma nova desharmonia entre os Reis de Cochim, e o Çamorim, obrigou Jorge Cabral a tomar partido contra sua vontade, e a começar uma nova guerra. O Rei de Cota na Ilha de Ceilão, implorou logo o seu soccorro contra seu irmão. O Soberano de Candêa na mesma Ilha, fingindo, que queria fazer-se Christão, pediu-lhe igualmente tropas para se fortificar contra os vassallos, a quem a mudança de Religião, não podia deixar de desagradar. Em fim, tinha-se tambem divulgado o rumor, de que os Turcos aprestando uma poderosa armada em Suéz, queriam vir atacar alguma das nossas fortalezas.

Jorge Cabral, tendo pezado maduramente tão delicados negocios, transportou-se a Cochim, onde a sua presença era necessaria: a sua viagem foi curta, mas pouco feliz. Inimisou-se com o Rei de Cochim, pela facilidade que teve em consentir, que Francisco da Silva Capitão mór da fortaleza, homem imprudente, e fogoso, fosse saquear o Pagode de Palurt, d'onde julgava tirar um grande thesouro. Esta empresa temeraria foi tão mal executada, quanto tinha sido injustamente emprehendida. O thesouro não se achou, e os Indios escandalisados d'uma tentativa, que lhes pareceu tão sacrilega como injusta, tomaram as armas contra os nossos. Morreram n'este conflicto alguns Portuguezes, e muitos outros ficaram feridos. A indignação de que o Rei de Cochim se pussuira, por motivos d'este acontecimento, fez que o Governador não podesse regular os negocios, que alli o haviam chamado; e esta circumstancia junta aos avisos que elle recebêra da proxima chegada dos Rumes, forçaram-no a voltar para Gôa.

Apenas partira o Governador, o Rei de Cochim, como se achasse mui precisado de soccorros, não teve remedio senão reconciliar-se com Francisco da Silva: esta reconciliação, porém, serviu mais para perturbar o estado das cousas, que para as acommodar.

Havia nas visinhanças de Cochim um pequeno Principe, a quem os Portuguezes chamavam — Rei de Pimenta — porque dos seus Estados é que tiravam todos os annos para Portugal, a maior quantidade d'aquella especearia. Era elle vassallo do Soberano de Cochim, e tinha para com este uma especie de filiação, fundada sob os principios da sua Religião, e da Nação. O Rei de Cochim tratando-o mais como senhor, que como pai, tinha-lhe feito muitas injustiças, de que elle se havia queixado inutilmente. Não podendo pois obter justiça, havia-se ligado com o Çamorim, em virtude do que devia este Principe succeder ao dito Rei de Pimenta no caso de morte, e este succeder a Çamorim, na falta de seus sobrinhos.

Formada esta alliança, foi o Rei de Pimenta soccorrido pelo Çamorim com dez mil Naires, e atacou com esta força a Ilha de Bardelle, que fazia o motivo da dissenção, e assenhoreou-se d'ella. O Rei de Cochim, e Silva pozeram-se logo em campo com as suas tropas, em cujo numero entravam seiscentos Portuguezes.

Antes de haver o menor combate entre as duas forças, annuiu o Rei de Pimenta a ter uma conferencia com Silva; e como só desejasse um ajuste, consentiu em tudo, convindo mesmo em se entregar nas mãos do Capitão mór, e em vir a Cochim, e á fortaleza, com tanto que alli estivesse debaixo da fiança do mesmo Silva: porém, este, teimou sempre em querer que elle se entregasse á discripção do Rei de Cochim. Uma proposição tão extravagante,

e fóra de razão, escandalisou tanto o conquistador de Bardelle, que o fez logo partir para os seus, voltando as costas a Silva. Então este pussuido d'um furor sem limite, nem esperou que a sua tropa acabasse de desembarcar, para a pôr em ordem de batalha, o cahir sob os soldados do Principe com muita impetuosidade. O combate foi mui encarniçado; porém, sendo ferido o Principe, pozeram-se os Naires em retirada até ao seu palacio, no qual tendo-lhe os Portuguezes lançado fogo, morreu queimado o Principe, e suas proprias mulheres.

Os Indios, que militavam debaixo das ordens de Silva, advertiram-lhe muito a tempo que se retirasse, antes que uma multidão de desesperados o viesse acommetter: mas Silva era mui pouco prudente para se render a esta advertencia. Não tardou que o inimigo o viesse atacar com furia tal, que os nossos soldados não podendo resistir a esta primeira envestida, fugiram na mais completa debandada. Silva, assim abandonado dos seus, combateu como um desesperado, até perder a vida, traspassado de muitas feridas. Cincoenta Portuguezes cuja fuga precipitada não poude salvar, tiveram a mesma sorte. O Rei de Cochim cobriu-se de muita gloria, pois que apezar da sua pouca idade, conseguiu pela sua muita prudencia, salvar do perigo a muitos dos seus soldados.

Ainda não constava publicamente a morte do Rei de Pimenta, quando cinco mil Naires, seus affeiçoados, cortaram metade da barba, e dos cabellos, para, segundo o seu antigo uso, mostrarem a vontade de morrerem, vingando o seu Soberano. Estes homens furiosos, tendo a vida na menor conta, marcharam sob Cochim, e foram dar um assalto no bairro dos Indios, que era situado nos suburbios. Henrique de Sousa, que então commandava na fortaleza, fez-lhes frente, e matou-lhes quinhentos, mas estas vidas foram vendidas por grande preço.

Augmentára-se o furor dos Naires com esta perda, e muito mais quando lhes constou que o Çamorim preparava um grande exercito, para vingar a morte de seu amigo. As contínuas correrias que os mesmos Naires faziam até ás portas da Cidade, espalharam alli tal terror, que o Rei de Cochim, não se julgando seguro em seu palacio, passou para a fortaleza com grande parte da sua côrte. —

El-Rei D. João III, logo que teve noticia da morte de D. João de Castro, e de que este fôra substituido no governo por Garcia de Sá, fidalgo de avançada idade, nomeou para Vice-Rei da India a D. Affonso de Noronha, segundo filho do Marquez de Villa Real: (*) acontecia isto no anno de 1550.

A esquadra que devia acompanhar o Vice-Rei, constava de cinco náus com dois mil soldados, entre os quaes se contavam trinta e tantas pessoas da primeira grandeza. Embarcou D. Affonso de Noronha no galeão S. João; e os outros Commandantes D. Alvaro de Attayde da Gama, no S. Pedro; D. Jorge de Menezes, na Santa Cruz; D. Diogo de Noronha, na Flor do Mar; e Lopo de Sousa, no galeão Biscainho. No fim de Março fez-se a esquadra de véla, e hindo a embarcação chefe só, com o traquete, começou a deitar tanto á banda, que foi obrigada a dar fundo. Convocou-se então uma vistoria de mestres, e pilotos, á qual assistiram o Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda, o Vice-Rei, e o Provedor dos Armazens. Concordou-se em que o defeito procedia do pouco lastro, e muita carga, que o navio tinha na coberta. Tirou-se-lhe, pois,

---

(*) *Faria, na Asia Portugueza, Pedro Barreto, Chronica de El-Rei D. João III. Parte 4.ª Capitulos 69 até 75.*

parte d'essa carregação, ordenando El-Rei a D. Affonso de Noronha, que se até á Ilha da Madeira se conhecesse que o galeão corria perigo; se passasse para a náu S. Pedro, e ficasse o Commandante d'esta com o galeão na mesma Ilha, para o reparar, e seguir depois viagem.

Começou então a ventar do mar, e só a 15 de Abril se poude mover a esquadra; porém antes de sahir a barra, tornou o vento ao mar, o que obrigou o Vice-Rei a surgir na enseada de Santa Catharina. Conheceu-se n'esta curta digressão, que o galeão estava incapaz de seguir viagem, sem se alastrar de novo, por cujo motivo passou o Vice-Rei para o S. Pedro, e elle ficou em Lisboa para se lhe fazer o concerto necessario. O vento mareiro durou até 3 de Maio, que a esquadra poude sahir, e o galeão sahiu a 27 do mesmo.

Em seguida a esta sahida, (*) mandou El-Rei a Jeronimo Ferreira, e a Francisco Machado com duas boas caravelas, que levavam cem soldados, para andarem de guarda-costa de Cabo Verde para Guiné.

Partiu igualmente para o Algarve D. Pedro da Cunha com cinco caravelas, e quatro bergantins, indo a bordo d'estas embarcações quatrocentos soldados. Após esta esquadra sahiram a 3 de Junho duas caravelas commandadas por Simão Rodrigues, e Ruy Fernandes, com instrucções para se reunirem na Ilha Terceira a outras trez, que Pedro Annes de Castro estava aprestando, e a um galeão que alli se reparava; e o commando d'esta esquadra foi dado a João da Silva Couto, filho do dito Annes de Castro, sendo os seus navios guarnecidos por mais de qui-

(*) Chronica de El-Rei D. João III.

nhentos soldados. O seu destino era cruzar nos Açôres até chegarem as náus de torna-viagem da India, para as escoltar a Lisboa como se fazia todos os annos.

Corria ainda o referido anno de 1550, quando achando-se em Lisboa o Soberano de Belez, (*) e querendo retirar-se, mandou El-Rei trez navios bem armados para o transportar, cujo commando deu a Ignacio Nunes Gato, o qual se devia reforçar na viagem com duas caravelas, que cruzavam no estreito de Gibraltar. Chegada esta pequena esquadra ao porto de Belez, e salvando com toda a artilheria no desembarque do Rei, aconteceu achar-se nas lagunas, perto de Belez, o Rei de Argel Arde-Arrais, acabando de espalmar vinte e quatro galés, e ouvindo o ruido da salva, se embarcou a toda a pressa; e chegando a Belez, viu a esquadra Portugueza ancorada. Ignacio Nunes, que não podia mandar velejar, por estar calmaria podre, metteu á espia, e reboque os seus navios em linha o melhor que lhe foi possivel; e como as galés tinham a vantagem do remo, tomaram as posições convenientes, cercaram os nossos navios, e atacaram-nos simultaneamente. Era impossivel resistir a forças tão superiores; mas os nossos bravos oppozeram uma resistencia tão obstinada, que a victoria custou muito, e muito cara aos inimigos. Afinal todas as nossas embarcações foram tomadas, e condusidas para Argel, onde os captivos foram depois resgatados por El-Rei. — Continuaremos a narração das dissenções entre o Çamorim, e o Rei de Cochim. —

Apenas o Çamorim soube da morte do Rei de Pimenta, poz-se em campo com um exercito de cento e quarenta mil homens, auxiliado pelos Principes seus feudatarios, e partiu a tomar posse da Ilha de Bardelle, e dos Estados

(*) *Chronica de D. João III. Parte 4.ª Cap.* 66.

do Principe defuncto, de que fez reconhecer o sobrinho por herdeiro. Os Capitães móres de Cochim, e de Cananor fizeram quanto poderam para lhe estorvar todas as passagens; mas não impediram com isso, que elle se apoderasse de Bardelle, onde fez entrar quarenta mil Naires, commandados por dezoito dos seus Principes alliados: convém observar, que entre estes mesmos Principes havia alguns vassallos do Rei de Cochim, os quaes se recusaram então a servil-o, pela razão de Martim Affonso de Sousa os ter privado de certas pensões, com que El-Rei de Portugal os remunerára, por serviços que elles, e seus antecessores nos haviam feito nas primeiras guerras contra o Çamorim.

Henrique de Sousa Capitão mór de Cochim, mandou logo participar para Gôa, tudo quanto se passava. Ordenou ao mesmo tempo a Antonio Corrêa, seu cunhado, que sahisse para o mar com trinta embarcações de remo, e que impedisse que os Principes fechados na Ilha, se communicassem com o Çamorim, que estava da parte de Chambé.

O Governador Geral Jorge Cabral, preparava a este tempo uma grande armada para hir ao encontro de uma outra Turca, que segundo os immensos avisos que a toda a hora recebia, não poderia tardar a sulcar aquelles mares. Todas as Cidades da India lhe testemunharam n'esta occasião, a muita estima que lhe consagravam, pois cada uma d'ellas engrossou esta expedição com muitas embarcações á sua custa, pela impossibilidade em que elle estava de o poder fazer á custa de El-Rei. Achava-se já a referida armada prompta para se fazer de vêla, quando o Governador Geral recebeu participação official, de que as galeras Turcas se haviam desarmado em Suéz, por ordem do Grão Senhor; consequentemente não poude ter lugar a expedição.

Jorge Cabral vendo-se livre por aquelle lado de todo

o temor; e tendo recebido o aviso, que lhe fizera Henrique de Sousa, fez partir Manuel de Sousa de Sepulveda com quatro navios para as aguas de Bardelle, ordenando-lhe que bloqueasse esta Ilha o mais estreitamente possivel, até elle mesmo alli chegar: a frotilha de Sousa foi seguida de mais doze embarcações, commandadas por Gonçalo Vaz de Tavora. Sousa cumpriu tambem a sua missão, que a Ilha foi logo redusida ás ultimas necessidades, vindo os soldados inimigos entregar-se-nos, opprimidos pela fome.

Não tardou que Jorge Cabral se embarcasse, constando a sua armada de perto de cem vélas, nas quaes entravam vinte galeões, muitas caravelas, galeras, fustas, bergantins, e outras embarcações de remos, com quatro mil homens de desembarque. Na sua derrota queimou Tiracol, Coulete, e Pananes, Cidades que pertenciam ao Çamorim; e igual sorte teria feito soffrer a Calicut, se o seu conselho não lhe representasse — «que era muito mais «importante para elle, aportar quanto antes a Bardelle, «onde tinha como em seu poder todas as Potencias do Ma«labar.» — Seguindo este parecer fez força de véla, e foi surgir na barra de Cochim, onde o respectivo Rei o esperava com quarenta mil homens pagos. Tomou tambem dois mil Portuguezes, e logo no dia seguinte se foi collocar em frente da dita Ilha, que fez cercar por todas as embarcações ligeiras. Estando já regulada a ordem do ataque, e hindo este a começar-se, arvoraram os inimigos uma bandeira branca, pedindo capitulação. Começaram as respectivas negociações, mas como os sitiados achassem mui duras as condições, que os nossos lhes propunham, nada se decidiu pelo espaço de trez dias. Em fim, a ultima exigencia do Governador, foi, que se entregassem os dezoito Principes nas suas mãos, salvas as vidas, e que depois se regulariam os outros artigos do tratado nos termos da honra, e da amizade. Como os Pricipes se recusassem a aceitar uma proposição tão terrivel, resolveu-se o Go-

vernador a atacal-os ao amanhecer do dia seguinte. Aconteceu, porém, receber elle n'essa mesma noute um aviso de D. Affonso de Noronha, em que este lhe participava que havia chegado a Coulão revestido da authoridade de Vice-Rei, e lhe ordenava que não fizesse nem paz, nem guerra, em quanto elle não se unisse á armada. Foi isto um raio para Cabral, pois via roubarem-lhe a gloria da mais bella acção, que se podia dar nas Indias, e da qual se podiam colher os melhores resultados.

Não obstante a participação recebida, todos os Officiaes queriam que elle passasse ávante, e que se aproveitasse da occasião que a fortuna lhe deparava, para se immortalisar. Tendo elle reflectido um pouco, respondeu-lhes: «Agradeço-vos, senhores, o interesse que tomais pela mi-«nha gloria; porém, pensando bem, eu não poderia ter «gosto algum n'uma victoria, que vos deve inimisar com «o Vice-Rei, ao qual não podereis agradar, começando «por lhe desobedecer. Não preciso poupal-o para mim; mas «necessito muito poupal-o para vós. Fazendo-vos eu este «serviço, pode ser que adquira mais gloria, do que se ti-«vera vencido uma grande batalha.»

Tendo D. Affonso de Noronha chegado a Cochim, Cabral logo o foi alli encontrar, sendo recebido por elle mui friamente. Cabral não deu o menor signal de ressentimento, e cuidou só em apressar a sua partida para o Reino, excusando-se ao convite que o Vice-Rei lhe fizera, de hir em sua companhia concluir o negocio de Bardolle. Pediu-lhe depois o Vice-Rei, que cuidasse na carga dos navios, que segundo as ordens de El-Rei, deviam voltar para Portugal, mas tambem se recusou a fazel-o, e só quiz ter cuidado no que era seu. Guardou comtudo as maiores attenções para com o Vice-Rei, até o momento de se embarcar para Lisboa, onde foi honrosamente recebido por El-Rei, e pela Côrte; o que elle assaz merecia, em premio da distincta maneira porque governára.

CAPITULO VI.

ANNO DE 1551 A 1554.

O Vice-Rei D. Affonso de Noronha, recebe embaixada do Çamorim. Manda que partam para Portugal os navios de carregação, n'um dos quaes se embarca Jorge Cabral. O mesmo Vice-Rei faz a sua entrada em Góa. Cochim é novamente acommettida pelos subditos do defuncto Rei de Pimenta. Renova-se a guerra na Ilha de Ceilão. O Rei de Cota é morto com um tiro de arcabuz. Madune seu irmão apodera-se-lhe do Reino, em prejuizo de Bramabella seu sobrinho. O Vice-Rei tem noticia d'esta usurpação, e vai a Ceilão disposto a combatel-a. Pratica alli não poucas extorsões, combate a Madune, e saqueia a Cidade de Ceita-

vaca. Regressa a Gôa, deixando João Henriques incombido de lhe prender Tribuli Pandar pai de Dramabella. João Henriques morre sem cumprir esta ordem, porém um fuão Deça executa-a, Tribuli Pandar livra-se da prisão por astucia de sua esposa, e tira uma vingança horrivel do mal que soffrêra. Traição de Deça. Pandar conclue um tratado com Madune, que se não executa. Fernando Carvalho succede a Deça no emprego, e na conducta. Parte de Cochim uma esquadra para Portugal, commandando uma das respectivas embarcações Manuel de Sousa de Sepulveda. Narração do tremendo naufragio d'este infeliz Capitão. El-Rei D. João III. indigna-se muito contra o proceder de D. Affonso de Noronha, para com o Soberano de Cota, e manda restituir a este tudo quanto aquelle lhe extorquira. D. Affonso de Noronha combate o Rei de Cambe. Luiz Figueira é aprizionado no mar por um armador Turco, e depois morto. Solimão Imperador da Turquia manda sitiar Ormuz com poderoso exercito. O Vice-Rei decide-se a hir fazer levantar este cêrco, mas tendo noticia em Dio de que elle se levantára, volta para Gôa. Morad-beg vai a Baçorá. Valor extraordinario de Gonçalo Pereira Marramaque. Alechelubi corsario Turco vai a Baçorá. Combate junto de Moscate com uma frota Portugueza, e esta alcança victoria. Apodera-se um pirata Turco de Punicial, fortaleza nossa. Que se seguiu a esta tomada. O Vice-Rei vai a Cochim com uma grande esquadra. O Sultão Mahamud é assassinado por um dos seus fidalgos. O que se segue a este acontecimento. D. Affonso de Noronha, termina o seu Vice-Reinado por ordem Real, sendo substituido por D. Pedro de Mascarenhas.

---

novo Vice-Rei não tratou de concluir a brilhante empresa, que Jorge Cabral começára, pois que partiu pa-

ra Gôa, sem fazer a guerra, nem a paz com os Principes colligados, excepto com o Çamorim, de quem recebeu os Embaixadores. Ignorou-se comtudo as condições com que essa paz fôra celebrada, bem como o que Noronha passava na Ilha de Ceilão com um filho de Madune Rei de Ceitavaca, a quem concedêra uma audiencia particular.

Antes porém, de fazer-se á véla, proveu os differentes postos, que se achavam vagos, expediu os navios de carregação, n'um dos quaes se embarcou Jorge Cabral. Despachou ao mesmo tempo cinco navios para o estreito de Méca, dando a Luiz Figueira o commando d'esta frota, depois de o tirar a Jeronimo de Castello Branco, o qual estimulado d'isso desafiou a D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, pelo haver pedido para o dito Luiz Figueira. Tendo-se despedido do Rei de Cochim, embarcou, e visitou de passagem as fortalezas de Challa, e Cananor, deixando D. Antonio de Noronha filho do Vice-Rei Garcia de Sá, com vinte embarcações de remo para cruzar na costa do Malabar. Dirigiu-se depois para Gôa, onde foi recebido com todas as honras, e festejos publicos, que em taes occasiões se prodigalisam a quem de novo vem.

Os Naires, que eram affeiçoados ao fallecido Rei de Pimenta, accommetteram ainda uma vez a Cidade de Cochim, logo depois da partida do Vice-Rei, no que derramaram muito sangue, e practicaram muitas crueldades. Acudindo porém, os Portuguezes, foram os inimigos escarmentados, o que nos custou a perca de cincoenta vidas.

Renovara-se a guerra na Ilha de Ceilão. Madune, que só havia esperado que partisse o Vice-Rei, achava-se no campo, e fazia grandes estragos. Achavam-se só cem Portuguezes em Cota, e Columbo, ás ordens de Gaspar d'Azevedo, que servia de Feitor, e Alcaide mór. O Rei logo

os fez armar, e nomeou para General do seu exercito a Tribuli Pandar seu cunhado. Partiu este a procurar o inimigo, e depois de varios encontros em que sempre o vencera, forçou-o a passar o rio de Calasse, e ficou acampado na margem d'aquem. Como a armada estivesse fundeada perto do mesmo rio, foi o Rei de Cota ao acampamento, levado da curiosidade de ver comer os Portuguezes n'um terraço, ou varanda onde se achavam; mas quando hia a chegar a uma fresta, foi morto por um tiro de arcabuz.

Por muito tempo se atribuiu aos Portuguezes uma tão grande aleivosia; nem se duvida que Madune houvesse peitado algum para o praticar; porém, para os desculpar, disse-se depois, que um dos mesmos Portuguezes chamado Antonio Barcellos, confessára á hora da morte, que havia morto o Rei de Cota, por acaso, fazendo pontaria a um pombo bravo.

Causára a dita morte grande abalo nos espiritos; mas como se ignorava quem fôra o author, não se cuidou na sua vingança. Não ficou nos corações mais do que odio, odio proporcionado á gravidade do crime, e á horrivel ingratidão a respeito d'um Rei, que não havia feito outra cousa, senão bem aos Portuguezes; mas as circumstancias em que se achavam os vassallos da victima, obrigou-os a dissimular.

Tribuli Pandar levantou logo o campo para tornar para Gôa, e fazer alli as ultimas honras ao defuncto cunhado. Queria depois d'isto collocar no Throno o Principe Dramabella o mais velho de seus proprios filhos, o qual tendo nascido d'uma irmã do Rei morto, devia succeder-lhe, segundo as leis de successão estabelecidas na mesma Ilha. Tinha elle sido já reconhecido em Portugal, havia alguns annos. Seu tio ao fazer-se vassallo da Corôa Portu-

gueza, enviou a El-Rei D. João III. um busto de Dramabella, e um Diadema de pedras, supplicando-lhe que o fizesse coroar, e confirmasse como seu legitimo herdeiro: a ceremonia foi celebrada em Lisboa, com muito apparato.

Isto não impediu Madune, de se declarar herdeiro. Pertendeu que o Reino lhe estava devoluto pela morte de seu irmão, com preferencia a seu sobrinho: cuidou em chamar os grandes a seu partido, mas inutilmente. Tribuli Pandar, que além de ser primeiro Ministro, se achava á frente de um exercito, sustentou os direitos de seu filho com as armas, e fel-o com fortuna.

Instruido o Vice-Rei d'esta revolução, e pedindo-lhe o novo Rei, que o soccorresse, pôz no mar uma poderosa esquadra para passar á Ilha de Ceilão. Mostrou porém pela sua conducta, que tinha sido levado menos pela justiça da causa d'este Principe, do que por uma avareza insaciavel, da qual ha poucos exemplos, segundo vâmos demonstral-o. Apenas desembarcou em Columbo, começou a inquirir violentamente onde estavam os thesouros do defuncto Rei, como se elles lhe pertencessem de direito. Não satisfeita ainda a sua ávida curiosidade, metteu em ferros os principaes Modeliares, ou fidalgos, e á força de tormentos procurou que elles confessassem, o que não sabiam.

Este proceder bárbaro, e iniquo alienou furiosamente os naturaes da Ilha, e obrigou seiscentos dos mais principaes a passarem para o campo contrario. Como elle não encontrasse o que procurava, mandou dar busca ao palacio do Rei, e fez-lhe tirar todo o ouro, prata, joias, e pedras, que alli se acharam. A quantia de dinheiro excedeu a cem mil cruzados, afóra o que se desencaminhou. Concluida uma tão violenta extorsão, que nenhum titulo decente justificava, o Vice-Rei tirou ainda a este desgraça-

do Principe vinte mil pardaus em compensação das despezas, que havia feito para esta guerra; cem mil pagos logo, e os outros depois, sem limitação de tempo, ajustando que ambos reuniriam as suas tropas, para hirem combater Madune, o qual não abandonariam sem o destruirem completamente. Foi igualmente regulado, que o Vice-Rei repartiria com o Rei os despojos, que se tirassem ao inimigo. Em execução d'este tratado, o Rei de Cota vendeu logo as joias, e pedras preciosas, a baixela de ouro, e a prata de seu serviço, que salvára do roubo do seu palacio com este pretexto. Esta venda produziu-lhe oitenta mil pardaus, que entregou a D. Affonso de Noronha.

O exercito forte de quatro mil Ilhéos, e de trez mil Portuguezes, tendo o Rei de Cota, e o Vice-Rei á sua frente; pôz-se em marcha. Foram tomados os desfiladeiros em que Madune se havia fortificado, e este Principe salvou-se nas montanhas acompanhado simplesmente por cem homens. A Cidade de Ceitavaca vendo-se sem o seu Rei para a defender, abriu as portas ao Vice-Rei, e foi posta por este a saque, como se houvera sido tomada por assalto. D. Affonso de Noronha alojou-se no palacio Real, e fez n'elle o mesmo, que tinha feito no de Cota, e de Columbo. Saqueou o pagóde, que tinha n'outro tempo respeitado, e que encerrava em si riquezas immensas, taes como Idolos de ouro, e de prata adornados de muitas pedrarias, e muitos outros moveis do mesmo metal, e valor, destinados para o serviço do culto gentilico. Todas estas preciosidades foram carregadas nos livros de conta do Estado; porém tão confusamente, que ficou um vasto campo para satisfazer o interesse pessoal, de quem pertendesse praticar extorsões.

Metade da pilhagem pertencia ao Rei de Cota, em cumprimento do ajustado; porém D. Affonso de Noronha negou-se a esta entrega, pretextando, que havia esgotado

o thesouro da India, com a poderosa armada, que tinha posto no mar para soccorrer o mesmo Soberano. Madune, não deixava de se restabelecer, e de tornar a começar a guerra com mais força, que nunca. O Rei de Cota pediu a Noronha quinhentos homens para seguir o inimigo, mas recusaram-lh'os, por elle não estar em circunstancias de pagar os vinte mil pardaus, que faltavam para os cem mil, que devia ter dado.

Servindo-se o Vice-Rei d'este pretexto para faltar á sua palavra, e fingindo pressa de hir dar ordens aos navios de transporte, que deviam partir para Portugal, tomou o caminho de Columbo. Antes porém de se embarcar, quiz ser pago dos vinte mil pardaus, que se lhe não deviam, e fez altas diligencias para haver ás mãos Tribuli Pandar, pai do Rei, o qual sendo d'isto avisado salvou-se. Em falta d'este, mandou Noronha prender o Vigario Geral, que fôra achado só, e fêl-o responsavel pela dita quantia. O Vigario, se quiz sahir da prizão, foi obrigado a vender um cinto de ouro por cinco mil pardaus, os quaes entregou, e obrigou-se por escripto a satisfazer os outros quinze mil.

Finalmente. D. Affonso antes de partir quiz obrigar o Rei a fazer-se Christão, como se tudo quanto elle acabára de praticar, não obrigasse este Principe a desprezar uma Religião, que um de seus crentes revestido da maior authoridade desacreditava com excessos, que faziam horror aos proprios Gentios. O Rei de Cota, porém, escusando-se por seu Throno estar ainda vacilante, por ser atacado por um competidor tal como seu tio, e porque obraria contra todas as leis da politica, e se exporia a uma revolução, fez comtudo que um de seus parentes se baptisasse, mostrando por este facto, que desejaria muito fazer-se Christão. Estas razões foram aprovadas pelo Vice-

Rei, o qual levou comsigo o recem-baptisado ao partir para Gôa.

João Henriques, a quem o Vice-Rei ordenára que prendesse o pai de Dramabella, e que lho enviasse para Gôa, tentou no principio fazêl-o; porém o Rei penetrando as suas intenções, rogou-lhe: — «que suspendesse a «execução d'uma tal ordem, e que attendesse á circuns- «tancia dos tempos. Que seu pai estava actualmente com «o Principe de Colas seu primo, contractando o seu ca- «samento com uma filha d'este mesmo Principe. Que com «o favor d'esta nova alliança tudo se reuniria contra Ma- «dune, que tinha invadido os seus Estados, ameaçando-o «com uma nova guerra.» — Henriques, como fosse homem honrado, capacitou-se d'estas razões, e deu um salvo conducto para Tribuli Pandar, que voltou logo para Cota, e marchou contra o inimigo para o impedir de se fortificar mais.

Morrendo João Henriques, Diogo de Mello, que occupou o seu cargo, não respeitou a alliança contrahida; e attrahindo o pai de Dramabella a Cota, prendeu-o na torre onde guardavam a polvora. Trez dias depois d'esta prizão, foi Diogo de Mello substituido no cargo por Duarte Deça; e a mãi do Rei, mulher de grande valor, e que indignada do tratamento feito a seu esposo, tinha sahido de Cota, levando tropa, procurou tratar amigavelmente do seu livramento. Porém Deça não escutou as suas propostas, e tornou a sorte do prezo mais cruel. O Rei, e sua mãi não se desanimaram; e crêndo que, se Tribuli Pandar se fizesse Christão, conseguiriam livral-o dos ferros, pediram aos padres de S. Francisco, que diligenciassem convertel-o. Estes religiosos concluiram esta tarefa, baptizando-o occultamente, receando, que Deça a isso se oppozesse. Effectivamente este indignou-se tanto,

quando soube este acontecimento, que augmentou os tormentos ao infeliz prisioneiro, prohibindo até aos ditos religiosos, que o vissem.

A Rainha mãi seduzindo então alguns Portuguezes á força de dinheiro, estes, fazendo rebentar uma mina junto do Convento dos Franciscanos, tiraram Tribuli Pandar da prizão. Tanto que elle se viu em liberdade, collocou-se á frente das tropas, que sua esposa lhe tinha apromptado, espalhou-se como uma torrente por toda a costa de Galle, arrasou todas as Igrejas, passou á espada todos os Ilhéos Christãos, que cahiram em seu poder, queimou um navio Portuguez, que estava prompto no estaleiro, e poz-se em estado de guerrear os Portuguezes a ferro, e a fogo.

Deça abismado d'uma vingança tão espantosa, escutou com mais facilidade as representâções de Dramabella, o qual lhe fez comprehender, que o arriscava a perder uma Corôa que conservava a fé, e homenagem da de Portugal, do que resultaria grave prejuizo ao Rei seu senhor, e a todos os Portuguezes. A paz foi feita, e jurada, e logo Dramabella fez entregar a Deça mil cruzados, em recompensa da obrigação que este contractou, de o soccorrer com cincoenta homens. Deça tendo recebido a dita somma reduziu esta força a vinte homens, e a final não quiz conceder nenhum, e praticou novas extorsões.

O mais infame dos actos, que então praticou Deça, foi, vender-se n'este mesmo tempo a Madune, recebendo d'este Principe valiosos presentes. Esta venda não foi tão secreta, que Dramabella não fosse logo avisado d'ella, o que o obrigou a retirar as suas tropas com temor de alguma traição. Comtudo, o pai do Rei vendo esta intelligencia do Capitão Portuguez, e de Madune, e temendo ser victima d'ella, procurou reconciliar-se com o ultimo, e fez com

elle um tractado em virtude do qual uma néta de Madune devia esposar um seu segundo filho, irmão do Rei de Cota.

Dramabella sabendo d'este tratado, e vendo-se abandonado de seu proprio pai, sentiu bem que este redusido a uma triste situação, trabalhasse menos na segurança da sua pessoa, que a metter-se elle mesmo no perigo de ser desapossado dos seus Estados. Mas este tractado, não se cumpriu então: a avó de Dramabella, mãi de Madune, impediu-lhe a execução, hindo ella mesma procurar Tribuli Pandar, ao qual fez comprehender as consenquencias terriveis d'uma tal alliança.

Fernando Carvalho, que succedôra a Deça, igualou este na conducta; pois que recebendo quinhentos cruzados para dar cincoenta soldados, não deu estes, nem restituiu o dinheiro, que havia recebido. O Rei de Cota não contando senão com as suas proprias forças, desbaratou com ellas as de Madune, obrigando este a recorrer á sua clemencia; ao que segiu fazer-se a paz entre estes dous Principes. —

A 3 de Fevereiro do anno de 1552 (*) sahiram de Cochim para Portugal seis náus, das quaes chegaram quatro a salvamento. As outras duas eram o S. Jeronimo, Capitão Lopo de Sousa, que nunca mais appareceu, e o galeão S. João, que commandava Manuel de Sousa de Sepulveda, fidalgo, que se havia tornado mui benemerito na India, e levava comsigo sua esposa D. Leonor de Sá, com dous filhos de peito. Esta náu, cuja carga excedia o valor de um milhão, vinha mui mal fabricada, com uma unica andaina de panno, e essa em tal estado, que de contínuo

(*) *Historia Tragico — Maritima Tom.* 1.°

se arreavam as vélas para se remendarem, perdendo assim as occasiões de aproveitar os bons ventos, que teve para adiantar caminho, e dobrar o Cabo da Boa-Esperança em monção favoravel.

Tendo dado vista da Costa de Africa, seguiu ao longo d'ella prumando com tempo bonançoso até ao Cabo das Agulhas, e a 12 de Abril estava a vinte e cinco leguas ao mar d'ella N. E., S. O.; e no dia seguinte ao anoutecer passou o vento a O., e O. N. O. com cerração, e fuzís, dando signaes de Inverno; por cuja causa arribou, e correu cento e trinta leguas, onde o vento saltou ao N. E. com tanta furia, que o forçou a voltar para o Sul. O mar, combatido então de dous ventos oppostos, cresceu tanto, que o galeão, apezar de ser o maior navio da carreira da India, quando se achava entre duas vagas cruzadas, mettia agua por ambos os bordos. Trez dias correram assim com as bombas na mão, e no fim do quarto acalmou o vento, ficando o mar mui grosso, e banzeiro, o que fazia jogar tanto o galeão de pôpa á prôa, e de bombordo a estibordo, que se lhe partiram trez machos do leme, dous dos quaes eram da cabeça.

O vento saltou então mui rijo a Leste, e o galeão querendo arribar em pôpa, não deu pelo leme, antes veio todo de ló, levando-lhe uma rajada a véla grande pelos ares. Os Officiaes correram a carregar o traquete, para o não perderem; mas o galeão ficou atravessado sem seguimento, e recebeu trez mares tão fortes, que com os balanços que deu, rebentaram-lhe os ovens, e costaneiras do mastro grande, da banda de bombordo, ficando-lhe só trez ovens. Cortou-se o mastro, para se evitarem as avarias, que poderia causar a sua queda; e depois com uma antenna, e uma verga armaram uma guindola, em que largaram uma véla feita de pedaços de lona velha; e por

fim conseguiram arribar, posto que o galeão não governava pelo mau estado do leme. Correram d'este modo com o tempo; mas tornando a crescer o vento, destruiu-lhe a guindola, e levou o velacho; e atravessando-se o galeão, deitou o leme fora, ficando-lhe os machos mettidos nas fêmeas; desarvorou do gorupés, e começou a fazer agua.

Os navegantes, julgando-se n'este critico estado a vinte leguas de terra, trabalharam com muito afinco em armar outra guindola, aproveitando um intervallo de bonança, em fazer outro leme, no que gastaram dez dias; porêm o galeão não poude governar com elle, por sahir curto, e ficou por tanto á mercê das ondas.

No dia 8 de Junho houveram vista da Costa: Manuel de Sousa de Sepulveda chamou a conselho os Officiaes, e resolveu-se unanimemente encalhar no lugar mais proprio para salvar as vidas. Em consequencia do que, mandou-se um escaler a examinar a terra, hindo o galeão entretanto rolando para ella com quinze palmos de agua no porão. Estando a menos de meia legua da Costa, voltou o escaler, e disse a tripulação, que defronte da paragem onde estavam, havia uma boa praia, e tudo o mais era penedia. Foram pois governando com a guindola até acharem sete braças, em que deram fundo, e arriando a amarra, largaram outra âncora a tiro de fuzil da praia, tendo o vento abonançado. Deitou-se a lancha fóra, e assentou-se em conselho, que se fortificassem alli, e das madeiras, e mais cousas do galeão construissem um caravelão, em que podessem hir para Moçambique, ou Sofala, ou mandarem pedir auxilio a qualquer d'aquellas Praças.

Tomada esta resolução, e reunidos na tolda, e tombadilho os mantimentos, armas, polvora, e roupas, que

se poderam tirar das cobertas, embarcou-se primeiro Manuel de Sousa com sua esposa, e filhos, e trinta pessoas das principaes, ficando a bordo o Mestre Christovam Fernandes, o Piloto André Váz, o Contra-Mestre Duarte Fernandes, e o Guardião. Desembarcados em terra os primeiros, voltou a lancha, e o escaler a buscar mais gente, e fizeram trez, ou quatro caminhos, em um dos quaes se voltou o escaler, afogando-se algumas pessôas. Durou esta faina trez dias, que parecia tempo sufficiente para salvar toda a guarnição, e munições necessarias; mas não aconteceu assim, porque passado este prazo, crescendo o vento, faltou a amarra do mar, e o Mestre, e o Piloto embarcaram-se na lancha, a qual chegou a terra despedaçada, ficando ainda a bórdo do galeão dusentos Portuguezes, e trezentos escravos. O galeão continuou a cahir sobre a outra âncora até tocar, e em breve se desfêz todo, cobrindo-se o mar de fardos, caixotes, e madeiras, e morrendo afogados quarenta Portuguezes, e setenta escravos!

Sepulveda convocou então os Officiaes, e pessoas principaes para deliberarem ácerca do que convinha fazer, pois que o navio se havia inteiramente desfeito, e não era já possivel construir embarcação alguma das suas reliquias, nem tão pouco havia lancha. Concordaram todos que se devia marchar por terra a buscar a Bahia de Lourenço Marques, á qual vinha todos os annos um navio de Moçambique a negociar marfim; e que como os feridos, e doentes eram bastantes, se dilatassem n'aquella praia até se restabelecerem. O Piloto, observando o Sol, achou que estavam em 31° de latitude Sul. Passados trez dias, apparecêram ao longe alguns Cafres, que não quizeram chegar á falla; e mandando Sousa dous homens a reconhecer o Paiz, andaram quarenta e oito horas sem acharem mais do que algumas cabanas abandonadas.

Tornaram depois d'isto sete Cafres com uma vacca, os quaes estando já em preço para a vender, surdiram outros de um monte, que os obrigaram a retirar; o que se consentiu pelos não escandalizar. Dez dias se demoraram os naufrágos n'este lugar, e convalescidos os doentes, fez-lhes Sousa um discurso enérgico, e acabou rogando-lhes, que tivessem attenção nas fadigas que hiam supportar, á fraquesa de sua esposa, e de seus filhos. Sousa teve sobejos motivos de louvar a obediencia, e amisade de tantos infelizes, determinados a executar quanto elle lhes ordenasse.

As penas, e os trabalhos, que soffreram na jornada podem facilmente avaliar-se, quando se saiba que tinham a percorrer uma distancia de cento e oitenta leguas, para chegarem á referida Bahia de Lourenço Marques, e isto por caminhos intranzitaveis, e que na sua maior quantidade eram habitados por antropóphagos. Foram pois caminhando, sempre com a morte diante dos olhos; e para maior fatalidade, quando lhes não faltavam mais do que trinta leguas a andar, torrentes despenhadas, rochedos inaccessiveis os obrigaram a fazer taes rodeios, que o resto da viagem excedeu a cem leguas.

Findos trez mezes chegaram á terra d'um Rei, chamado Oinhaca, que vivia já perto do rio tão desejado, e foram acolhidos por elle benignamente. Havia já commerciado muito com os Portuguezes, e teve cuidado em prevenir Sousa, de que o seu visinho, que se chamava Fumo, e por cujo territorio hiam tranzitar, era um homem perverso, e cruel. O desejo ardente de chegar a um estabelecimento Europeu foi superior a esta salutar advertencia, e impelliu os Portuguezes a passar o segundo dos trez braços, pelos quaes este rio entra no mar. Bem depressa viram, que se dirigiam a elles duzentos Cafres bem ar-

mados, e apesar da sua extrema fraqueza, puzeram-se em defensa. Os inimigos recorreram então á dissimulação, para se apossarem sem combate de todos os seus despojos. Convencionou-se, que os nossos esperariam em lugar prefixo as ordens do Rei, que os bárbaros afiançavam serem favoraveis.

Haviam-se demorado alguns dias, quando Fumo lhes mandou communicar, que independente da falta de viveres, que tinha obstado até então á sua boa vontade, havia sido embaraçado tambem pelo terror, que as armas de fogo inspiravam á sua Povoação. Promettia-lhes toda a segurança, e auxilio, se em prova das suas pacificas intenções, se deliberassem a entregal-as.

Consentiu Sousa n'esta insidiosa proposta, e tentou persuadir os seus a entregarem as armas, declarando ao mesmo tempo, que elle ficava com a sua familia; e os que quizessem passar adiante o podiam fazer. Votaram alguns dos circunstantes pela entrega das armas; outros não; e D. Leonor disse a seu marido: «Que nas armas estava «todo o seu remedio, e que lhe pedia pelo amor de Deus, «que tal não fizesse.» Porém, as faculdades intellectuaes de Sousa estavam alteradas, este entregou as armas, e por fatalidade fizeram todos o mesmo, conhecendo o seu estado de *demencia*. Concluida esta entrega, repartiu Fumo os Portuguezes pelos Ancoses, ou Chefes das Povoações, os quaes antes de chegarem a ellas os despojaram de tudo no caminho, e ás pancadas os expulsaram para longe. Manuel de Sousa, e os da sua companhia ficaram na Aldeia do Régulo, que lhes fez igual tratamento, e dizia-se, que lhes tirára mais de cem mil cruzados de joias; e em seguida a isto ordenou, que sahissem da mesma Aldeia.

Então D. Leonor, dirigiu algumas ternas queixas a

seu marido, e seus companheiros, por causa da sua funesta confiança, e recommendando-lhes sua memoria se elles fossem tão ditosos, que podessem ainda regressar á sua patria commum, cravou-se na areia, bem resolvida a achar alli a sepultura. Esta scena dolorosa gerou no coração de Sousa a maior desesperação; e como não havia de acontecer assim, se elle era esposo, e pai!.. Mas bem depressa tornando a si, da estúpida immobilidade em que ficára, corre de todos os lados a procurar algum alimento para sua mulher, e filhos. Nú, desarmado, debaixo d'um céu de fogo, e entre povos tão ferozes, que poderia elle encontrar? Volta depois de mil inuteis fadigas, e encontra Leonor morta de fome, bem como a seus filhos! Então elle parte desesperado pelos áridos dezertos, e nunca mais houve noticia d'elle.

Os Portuguezes que se haviam opposto, a que os Cafres lhes tirassem os vestidos, foram assassinados; outros muitos expiraram de fome; e só oito, e quatorze escravos restavam, de perto de quatrocentos d'uns, e outros, que tinham escapado do naufragio. Estes restantes, guiou-os a Providencia ao territorio de outros Cafres mais humanos, que lhes deram algum milho, de que viveram muito tempo, até que chegou ao rio de Inhanbane um pangaio de Moçambique, commandado por um parente de Diogo de Mesquita, Governador d'esta Ilha, que vinha comprar marfim; e sabendo pelos naturaes, que no sertão andavam alguns naufragos Portuguezes, destacou pessôas intelligentes com missangas, que os resgataram.

O Commandante do pangaio recebeu-os depois com o maior affecto, e caridade, vestindo-os, e curando-os a todos, e providos do necessario os transportou a Moçambique, onde chegaram a 25 de Maio de 1553; e o Governador não menos humano, e generoso, os veio rece-

ber á praia; e hospedando em sua casa a Pantaleão de Sá, que já havia governado aquella Praça, bem como a Tristão de Sousa, entregou os outros aos moradores mais abastados, e todos se restabeleceram em breve das fadigas passadas. Pantaleão de Sá, e Tristão de Sousa passaram á India; correram depois as cousas de tal sorte, que fallecendo Diogo de Mesquita, casou Pantaleão com a sua viuva, e foi segunda vez Governador de Moçambique. — Continuaremos a tratar das cousas da Ilha de Ceilão. —

El-Rei D. João III. possuira-se de muita indignação contra a conducta, que D. Affonso de Noronha tinha tido com o Rei de Cota; e attendendo ás queixas, que este Principe lhe havia dirigido, ordenou, que tudo lhe fosse restituido. Porém, esta ordem foi tão mal executada, que Dramabella não cobrou senão vinte mil pardaus em differentes prazos, e davam-lhos com a mão direita para lhos tornarem a tirar com a esquerda. Foi isto causa de que os Commandantes, que se succediam em Ceilão, aproveitando-se do máu exemplo, que lhe déra o Vice-Rei, e da falta de punição, que o governo da Metrópole dava a tão grandes excessos, excediam muito os seus predecessores em extorsões, injustiças, e perfidias. Tanto assim, que Affonso Pereira de Lacerda, que substituira Fernando de Carvalho, ajustou-se ainda mais claramente com o inimigo, recebendo dinheiro de ambas as partes, resultando d'esta traição, que Madune sendo velhaco, e sagaz em extremo, conseguiu accender a discordia entre os Portuguezes, e augmentou as esperanças que concebêra de expulsar uns, e submetter inteiramente os outros.

N'este mesmo tempo, impedia o Rei de Cambe a carregação dos nossos navios, que deviam voltar para Portugal, occupando os rios, e dando caça a todos aquelles, que trasiam mercadorias para Cochim. Apenas o Vice-Rei o sou-

be, cuidou em formar uma armada de todas as embarcações pequenas, que havia por aquellas paragens, embarcou n'ella 4,000 Portuguezes, e foi procurar o inimigo, que tinha um campo de 20,000 homens, e que tentou em vão imperdir-nos o desembarque.

A vanguarda Portugueza, que D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei commandava, fez recuar os inimigos; e ganhando o terreno, todo o resto das forças desembarcou sem trabalho. Houve alli comtudo um combate não pequeno, morrendo n'elle alguns quarenta dos nossos, em cujo numero entraram algumas pessoas de distincção. Os vencedores saquearam as Cidades, e principalmente os pagodes, cortaram as palmeiras, e dessolaram as terras. O Vice-Rei, contente d'esta expedição, partiu para Cochim, e d'alli para Gôa, deixando n'aquella D. Fernando de Menezes com 500 homens, e mandando commandar a esquadra que andava a côrso na Costa do Malabar, por D. Antonio de Noronha filho do ex-Vice-Rei Garcia de Sá.

Luiz Figueira, que havia sido enviado com cinco fustas para o estreito, para ter noticias dos Erotas dos Turcos, deixando escapar a ocasião de combater um célebre armador Turco por nome Zafar, que corria por estes mares com cinco galiotas, encontrou-o depois para infelicidade sua. Figueira atacou Zafar mui denodadamente; porém abandonando-o os Capitães das outras quatro fustas, foi morto, e a sua embarcação tomada pelo inimigo. Um d'estes quatro cobardes não ousando mais tornar ás Indias, navegou para a Costa da Abissinia, onde entrou ao serviço do Imperador da Ethiopia. Os outros tendo aportado a Gôa, foram presos, e passado tempo livres; porém viveram sempre no despreso da sua Nação, a qual não supporta os fracos. Estes miseraveis tiveram depois companheiros da sua infamia, por um caso todo similhante.

Solimão Imperador dos Turcos, um dos maiores Principes Musulmanos, altivo com as prosperidades d'um longo reinado, e com os progressos rapidos, que havia feito nas trez partes do antigo Mundo, estava cuidando em estender as suas conquistas da parte da Arabia, e da Persia. Lisongeando-se muito com a tomada de Adem, e de Baçorá, havia concebido a esperança de se tornar senhor de todo o gôlfo Pérsico. Dissemos já, que no fim do vice-reinado de D. João de Castro, é que os Turcos haviam entrado n'esta ultima Praça, auxiliados por alguns Principes A'rabes. Bem reconheceram os Portuguezes, quão fatal lhes poderia ser a visinhança de inimigo tão poderoso; mas elles deixaram de tomar as medidas necessarias para o affastar. Porém, a tomada de Catife, que o Bachá de Baçorá effeituou igualmente por intelligencia secreta, despertou-os do lethárgo em que jaziam. A Praça pertencia então ao Rei de Ormuz; e este Principe perdendo alli um grande rendimento, devia temer a Ilha de Baharem.

D. Affonso de Noronha tendo sido avisado do acontecido em Catife, despachou seu sobrinho D. Antonio de Noronha para Ormuz, entregando-lhe 1,200 homens, sete galeões, e quarenta e duas embarcações de remos.

D. Antonio logo que chegou a Ormuz, reforçou a sua força com trez mil soldados do Rei respectivo, commandados por Seraph, que era alli primeiro ministro. Marchou este exercito sobre Catife, cuja guarnição se defendeu corajosamente pelo espaço de oito dias; mas que vendo a final muitas brexas nas muralhas, retirou de noute sem isso se lhe perceber, senão quando não era já tempo de se persiguir. Entrada a Praça, sem maior efusão de sangue, foi logo destruida, pois que Seraph não se quiz obrigar a defendel-a, nem a têl-a guarnecida. Quarenta Portuguezes perdêram a vida n'esta destruição, por ter sido mui precipitada a explosão das minas.

Por este tempo, tratava Solimão de fazer armar vinte e cinco galeras em Suéz; e logo que estiveram promptas, entregou o seu commando a um Official de reputação, chamado Pirbec, dando-lhe ordem de condusir aquella esquadra ao gôlfo Persico, sem commetter as menores hostilidades, mui principalmente contra Portuguezes, aos quaes elle devia pelo contrario occultar-se, se fosse possivel, até á sua chegada a Baçorá, onde encontraria novas instrucções. Estas, consistiam n'uma ordem enviada ao respectivo Bachá, para elle reunir as suas forças ás de Pirbec, e hirem ambos depois pôr cêrco a Ormuz, com o maior segredo possivel, e não o levantarem sem tomar a Praça.

Pirbec partiu a cumprir a missão, que lhe havia sido ordenada, mas não seguiu á risca as instrucções que recebêra; por isso que, ou por se estimular de o submetterem ás determinações do Bachá, ou por se deixar possuir da ambição de fazer alguma prêza, ou finalmente por se julgar habilitado para executar elle só grandes empresas, foi acommetter Mascate, que então era nossa. João de Lisboa, que alli commandava, não tendo ás suas ordens senão sessenta Portuguezes, entregou-lhe a Praça com condições, que o bárbaro não cumpriu, pois que os fez pôr todos a ferros, depois de lhes prometter a liberdade.

Apenas se soube em Ormuz, da chegada dos Turcos a Mascate, derramou-se alli tão grande terror, que a Cidade foi logo abandonada. Os moradores mais abastados retiraram-se para a Ilha de Queixome, ou para os campos; porém fizeram isto com tal precipitação, que não levaram a maior parte das suas riquezas. O Rei, recolheu-se á fortaleza, com as suas mulheres, filhos, e os principaes Ministros. D. Alvaro de Noronha seu Capitão mór, tinha perto de 900 homens para a defender, e tinha-a municiado sobejamente.

Dentro em poucos dias chegou Pirbec á Cidade, e tendo-a achado abandonada, saqueou-a, e redusiu-a a ruinas. Começou depois a sitiar a fortaleza, e logo que teve estabelecido as precisas baterias, entrou a dirigir contra ella contínuo fogo de artilheria. Este era respondido com igual vigor, e com bastante felicidade, pois que um artilheiro nosso fazia pontarias tão certeiras, que introduziu muitas balas pelas bôcas dos canhões inimigos, e desmontou muitos outros.

Pirbec, vendo a final que todos os esforços que empregava para tomar a fortaleza, seriam baldados, e tendo-lhe os nossos tiros dizimado muitas vidas, resolveu-se a levantar o cêrco; porém antes de o fazer, mandou um parlamentario ás portas da mesma fortaleza, para negociar o resgate dos Portuguezes aprisionados em Mascate. Este parlamentario era um Comitre Italiano, em cuja companhia vinha a mulher de João Lisboa, e dous velhos, que haviam sido aprisionados com ella n'uma embarcação, onde seu marido a embarcára antes do cêrco, para a salvar. Pirbec mandava entregar este trez prisioneiros a D. Alvaro, por civilidade; mas estes negou-se a recebel-os, por pensar que João Lisboa se havia rendido por cobardia. Querendo comtudo mostrar-se reconhecido a esta generosidade do General inimigo, enviou-lhe alguns Turcos, que conservava em seu poder; e Pirbec apreciando muito este comportamento de D. Alvaro, fez-se á véla para a Ilha de Queixome. Chegando aqui sem ser esperado, fez uma preza importante, e seguiu depois para Baçorá.

Informado ao Vice-Rei do cêrco de Ormuz, dispôz-se a hir pessoalmente fazêl-o levantar, para o que se embarcou n'uma esquadra de oitenta vélas; mas tendo aportado a Dio, soube alli da retirada de Pirbec. Em consequencia do que se decidíra n'um conselho, voltou para Gôa, donde

fez partir diversas embarcações para cruzarem n'estes mares, até a Abril, e cujo commando entregou a seu sobrinho D. Antonio de Noronha.

Conseguira Pirbec escapar-se a duas frotas nossas, que o observavam, e chegar a salvo a Constantinopla, onde foi recebido com insultos, e apupadas geraes, por isso que já alli se sabia da sua desobediencia, e de tudo quanto obrára no desempenho da sua commissão: o Grão Senhor, fez-lhe logo cortar a cabeça. Por esta mesma occasião constou n'aquella Côrte, que duas poderosas esquadras nossas andavam no mar, uma d'ellas cruzando no golfo Persico, e a outra no estreito de Meca. O Grão Senhor mandou partir immediatamente a Morad-beg, para Baçorá, dando-lhe ordem para tomar alli quinze galeras, que deixára Pirbec, e hir guardar depois as gargantas do mar Rouxo.

Morad-beg tendo chegado a Baçorá no fim de Julho de 1552, não tardou a pôr-se no mar com as embarcações referidas, que guarneceu de melhor artilheria, e gente experimentada, e forneceu de muitas munições de guerra, e de bôca. Diogo de Noronha, que havia succedido a D. Antonio, e que reunira a sua frota á de D. Pedro de Attayde, tinha-se feito á véla no principio do mesmo mez. Navegando da Costa da Arabia para o golfo Persico, encontrou-se aqui com as galeras de Morad-beg, e acommetteu-as. Começado o combate, não tardou que o galião em que hia D. Diogo, soffresse um rombo ao lume de agua; o que o fez hir a pique, tendo passado o General antes disso para um outro. Como calasse o vento pelas dez horas da manhã, ficaram as nossas embarcações em calmaria podre, e muito affastadas umas das outras, sem poderem manobrar nem soccorrer-se. O inimigo aproveitando-se então da sua superioridade, investiu o galião de Gonçalo Pereira Marramaque, que se achava mui separado dos outros, e tor-

nou-o dentro em pouco tão razo, que lhe não restava senão a carcassa. Pereira defendeu-se como um heróe, e tanto elle como toda a sua gente, ficaram cobertos de feridas.

Refrescára o vento sobre a tarde; e Morad-beg satisfeito com a sua jornada, mandou velejar para o Euphrates, onde a nossa frota o não poude seguir. Noronha tornou para Ormuz, sem ter feito mais do que dar caça a um navio que Pirbec nos tomára, até o fazer encalhar, e despedaçar.

Morad-beg não tendo passado á vante, para hir ao lugar, a que era destinado, mereceu por isso severas reprehensões do Grão Senhor, e não recebeu louvor algum pelo que fizéra. Alechelubi famoso corsario, homem de immensa riquesa, e mui acreditado em Constantinopla, ambicionando substituil-o, censurou altamente a escolha que d'elle Morad-beg se fêz, dizendo: «Que não deviam «ter esperado outra cousa d'um homem, que tinha defen«dido tão mal Catife, e que o abandonára cobardemente.» Correspondeu o resultado d'esta accusação aos desejos de Alechelubi, pois que foi nomeado para a commissão, que tanto ambicionava, sendo mandado logo a Baçorá.

Achava-se D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei cruzando perto do estreito de Meca, com ordem de tornar depois d'um certo tempo a Ormuz, para vigiar as ditas galeras Turcas; no que se houve tão bem, que foi instruido muito a proposito da sua sahida. Bernardino de Sousa, que então governava Ormuz, concertou-se de tal modo com Menezes, que logo que as referidas galeras entraram no golfo Persico, foi occupar a embocadura do Euphrates com um galião, e cinco navios mercantes, que armára á sua custa, a fim de lhes cortar a passagem, e a esperança da retirada, no caso que D. Fernando conseguisse cortar-lhes o caminho, e obrigal-as a retroceder.

A frota inimiga, porém, passou o estreito de Ormuz, e entrou no mar da Arabia. D. Fernando seguiu-a, e offereceu-lhe batalha junto de Mascate. Alechelubi mostrou recusal-a, e encostou-se á terra o mais que lhe foi possivel, ficando fechado pela nossa esquadra. A maior difficuldade, que o General inimigo tinha a vencer, era a de dobrar um cabo. Conseguiu a final, que nove das suas galeras o dobrassem, mas as seis restantes foram-lhe cortadas, e abordadas pelas nossas caravelas, ficando em poder dos nossos depois d'um encarniçado combate.

Reconhecendo Alechelubi, que se fosse aportar a Constantinopla, ser-lhe-hia cortada a cabeça, não ousou seguir a derrota d'aquelle porto, e velejou para Cambaya; perseguido sempre pela nossa esquadra. Sete das suas galeras entraram no porto de Surrate, e estiveram alli bloqueadas por Jeronimo de Castello Branco, Nuno de Castro, e Manuel Mascarenhas, até que por um ajuste feito com Caracem Commandante da mesma Cidade, foram despedaçadas. Igual sorte tiveram as outras duas na costa de Damão, e de Daru, em resultado da persiguição que lhe fez D. Fernando de Monroi, e Antonio Valadares; de sorte, que nem sequer escapou uma das quinze embarcações, que compunham a armada inimiga.

Não cessavam os Principes alliados do Malabar, de estar em armas, causando sempre grande quebra ao nosso commercio; tanto assim, que os nossos navios de transporte não podiam metter carga, e eram obrigados a voltar sem ella, ou a carregarem por conta dos particulares, em prejuiso do Estado. Para acabar com este mal, mandou o Vice-Rei a Cochim Francisco Barreto. A usual pericia, e valentia d'este benemerito Capitão, foram vencidas n'esta empresa pela estrategia d'um Malabar de Nação, e Christão chamado Vasco. Achava-se este homem ao serviço dos

ditos alliados; commandava uma infinidade de pequenos catures armados em guerra, com os quaes corria sobre todos os bateis, que conduziam especiarias, e os aprezava; zombava de toda a persiguição que se lhe fazia, por isso que sendo Cochim um composto de terras alagadiças, e de uma immensidade de Ilhotas, fechadas por pequenos canaes, escapava-se por entre os escondrijos d'este labyrintho, com tanta felicidade, que se achava em toda a parte onde tinha prêsa que fazer, e dasapparecia aos olhos de quantos o procuravam; o que fazia possuir Barreto da maior desesperação.

Por este mesmo tempo um pirata Turco, que andava a côrso com quatorze embarcações, foi cahir sobre os Paravás nas Costas da pescaria, e tomou depois Punicial, onde commandava Manuel Rodrigues Coutinho, que tinha ás suas ordens uma guarnição de setenta Portuguezes. Estes defenderam-se com heroico valor, até que não podendo já resistir contra forças tão superiores, retiraram-se para os dominios d'um Naique visinho, que violando a respeito d'elles a fé publica, os metteu em ferros. Apenas chegou a Cochim a nova d'este infeliz successo, pediu Gil Fernandes de Carvalho á Cidade, que lhe fornecesse embarcações para o vingar, que elle se encarregava de as municiar á sua custa. Satisfez-se-lhe o pedido, e elle partiu a procurar o inimigo; e logo que o encontrou, soffreu um grande revéz. O navio de Lourenço Coelho tocou sobre uma ponta, que Carvalho não poude dobrar, e toda a sua gente foi passada á espada, sem poder ser soccorrida!

No dia seguinte, que foi o de 15 de Agosto de 1554, o corsario offereceu o combate. Peleijou-se de ambas as partes com muito valor, porém a victoria pertenceu aos nossos, ficando os inimigos completamente destruidos. O perfido Naique consentiu então no resgate dos seus pre-

sioneiros, e Manuel Coutinho voltando a exercer o seu cargo, recobrou grande parte dos objectos, que o corsario lhe havia roubado.

A pouca felicidade que Barreto tinha em Cochim, obrigou o Vice-Rei a hir alli pessoalmente. Consequentemente, partiu n'uma poderosa armada, e encontrou a pequena distancia a de Diogo de Noronha, o qual voltava de Ormuz em companhia de Gonçalo Pereira Marramaque. Decidiu-se n'um Conselho, que então teve lugar, que para se castigarem os Principes alliados, se fosse fazer estrago em certas Ilhas do Principe de Bardelle, que se denominavam — Mergulhadas — o que se effeituou com a maior presteza. Concluida esta destruição voltou o Vice-Rei para Gôa, deixando Gomes da Silva para continuar a guerra. Este fez as cousas com menos gente, e mais vantagem, devido isso á moderação, com que se portára. Obrigou o inimigo a pedir a paz, que lhe foi concedida com as obrigações, que se lhe quizeram impôr.

Havia perto de Dio uma Cidade pertencente ao Rei de Cambaya, chamada Novadaguer. Abix-Cão, Abexim de Nação, que a commandava, começou a inquietar os Portuguezes, que alli se achavam estabelecidos; e quanto mais elles se queixavam, mais elle os massacrava. D. Diogo de Almeida, que então era Capitão mór de Dio, fez uma irrupção na Cidade inimiga com 500 homens, e depois de a ter alagado em sangue, entregou-a ao saque. Abix-Cão mudou então de conducta para com os nossos, pediu perdão a D. Diogo, que alcançou, e mostrou-se-nos mui agradecido durante que alli governou; mas Cid-Elal, seu successor, renovou as insolencias contra os nossos.

D. Diogo de Noronha Corcós, que tambem a este tempo havia succedido a Almeida, não foi maior paciente

do que seu antecessor; cahiu sobre Novadaguer com 600 homens, e atacou Cid-Elal, que se achava mui bem fortificado n'um ponto importante, o qual estando para ser escalado, foi rendido por ajuste, ficando os sitiados com as vidas salvas. Abix-Cão correu a soccorrer os seus com 4,000 homens, e poude ainda perturbar a vantagem, que Noronha alcançára; pois que Fernando Castanhoso tendo sido mandado ao seu encontro com 120 homens; e havendo-lhe cahido em cima tresentos cavallos da vanguarda inimiga, teve que mandar retirar, e foi degolado com dezesete soldados! Noronha tendo depois feito retirar a cavallaria inimiga, destruiu a fortificação do mencionado ponto, fez fechar as portas da Cidade, e dispôz a sua tropa, e a artilheria sobre as muralhas, rompendo com isto todas as medidas de Abix-Cão, que se apresentou no seguinte dia inutilmente.

Governava D. Affonso de Noronha a India havia quatro annos, quando El-Rei D. João III. lhe enviou um successor, cujo merecimento era capaz de fazer sombra a qualquer outro Vice-Rei dos mais benemeritos. Era este D. Pedro Mascarenhas, que já havia concorrido para o mesmo governo com Lopo de Sampaio, o qual depois de haver sido longo tempo o terror dos Mouros em Africa, no governo de Azamor, veio a final naufragar sobre as Costas de Portugal.

O Vice-Reinado das Indias, que para outro qualquer seria uma grande recompensa, foi para D. Pedro uma desgraça, e uma especie de desterro. Encarregado da educação do Infante D. João herdeiro da Corôa, o seu caracter exemplar acommodando-se pouco com a idade d'um Principe, que começava a tornar-se ríspido, desagradou pelo mesmo motivo, que devia tornal-o bem acceito do Rei. As Indias abriram uma porta honrada para

o affastarem. Escusou-se elle pela sua idade de 70 annos; mas tanto as suas representações como as lagrimas de sua esposa fôram inuteis, e elle foi forçado a fazer um novo sacrificio da sua obediencia.

Chegou pois, a Gôa, para alli morrer passados quatro mezes e sete dias de Vice-Reinado, não tendo tempo para fazer mais do que começar os negocios, que o seu successor resolveu, conforme logo diremos.

CAPITULO VII.

ANNO DE 1555 A 1558.

Francisco Barreto toma posse do governo da India, por ordem das successões. Ardem dez galiões, que estavam no Arsenal de Gôa. Vai o Governador a Pondá. Deixa aqui D. Fernando de Monroi, e volta a Gôa. D. Alvaro da Silveira guerreia o Çamorim; e logo que este requer paz ao Governador, vai destruir a Cidade de Mangalor. Miguel Rodrigues Coutinho, causa iguaes estragos nas Costas de Cambaya. Francisco Barreto sahe de Gôa com uma poderosa armada, e vai a Chaul e Baçaim §. §. Recebe perto de Damão uma embaixada do Rei de Dulcine. Toma Pedro Barreto Rolim a Cidade de Tata. Soffre uma hor-

rivel tempestade. Queima a Cidade de Dabul, em companhia de Antonio Brandão, e recolhe-se a Gôa. Guerra com o Hidalcão. Francisco Barreto parte a combater o inimigo. Peleija-se perto de Pondá. Volta Francisco Barreto a Gôa, e celebra a paz com o Hidalcão. Pede permissão a Nizamaluco, para mandar construir uma fortaleza junto de Chaul. Este Principe retarda-lhe a resposta, e é elle quem manda fazer uma fortaleza. O Governador Geral manda impedir esta obra, e a final vai elle mesmo em pessoa. Nizamaluco manda-lhe uma embaixada amigavel. Resultado que ella teve. Tem fallecido El-Rei D. João III.; succede-lhe o Principe D. Sebastião ainda menor, ficando a Rainha D. Catharina Regente, bem como o Cardeal Infante D. Henrique. Chega a Gôa D. Constantino de Bragança revestido da dignidade de Vice-Rei.

Francisco Barreto era digno pelas suas muitas virtudes, de exercer o cargo de Governador Geral da India; por isso tendo sido nomeado para succeder a D. Pedro Mascarenhas, foi muito applaudida esta nomeação. Desde o primeiro momento em que tomou posse, tratou de justificar o alto conceito em que era tido; pois que as primeiras cousas que fez, foi proteger todas as creaturas, e domésticos de seu antecessor, e confirmar tudo quanto elle havia ordenado.

Quiz porém, a desgraça, que logo n'um dos primeiros dias da sua governança, ardessem dez galiões, que se achavam no Arsenal, inutilisando-se todos os immensos esforços que se fizeram para apagar o fogo, desde o seu começo.

Governava ainda o Estado D. Pedro Mascarenhas, quando alguns vassallos do Hidalcão, se revoltaram contra este Principe, e que para justificarem esta revolta enviaram uma embaixada ao mesmo Vice-Rei, pedindo-lhe a entrega de Meale, que queriam restabelecer sobre o seu Throno usurpado. Meale, que segundo já dissemos, se achava retirado em Gôa, deu mais força á dita embaixada offerecendo o territorio de Conção, e todas as suas rendas, que chegavam a um milhão, caso se annuisse á exigencia de seus partidarios. Uma offerta tão vantajosa para a Corôa Portugueza, fez com que se acceitassem as propostas dos conjurados, e Meale foi declarado em Gôa Rei do Visapur. Feito isto, foi Meale conduzido a Pondá pelo Vice-Rei em pessoa, com toda a pompa possivel, e entregue nas mãos dos seus partidarios, que o fôram coroar a Bilagam, com magnificencia conforme aos seus usos.

Tendo tido lugar a morte de Mascarenhas logo em seguida a este successo, dirigiu-se Francisco Barreto a Pondá, onde Meale o veio encontrar, e confirmou o tratado do fallecido Vice-Rei. O Governador Geral voltou depois para Gôa, deixando Fernando de Monroi junto a Meale, e mandando D. Antonio de Noronha para Conção, a receber alli os respectivos direitos.

A fortuna de Meale passou como um relampago; pois que o Hidalcão tendo obtido poderosos auxilios de Nizamaluco Rei de Narfinga, conseguiu sem muito custo desbaratar as pequenas forças do seu adversario. Meale, e Inelmaluco, e Salabateção seus Ministros, passaram para os dominios de Nizamaluco depois de alcançarem um salvo-conducto. Porém, este Rei quebrou logo a fé jurada, mandando matar a Inelmaluco, e a Salabateção; e posto que não mandasse fazer o mesmo a Meale, conservou-o comtudo na posição de prisioneiro.

Francisco Barreto temeu ter a combater todas as forças do Hidalcão, por causa da protecção, que o Estado havia dispensado a Meale. Effectivamente não tardou a saber, que o exercito de Cambaya engrossava todos os dias, e que já algumas tropas vinham marchando para territorio nosso; pelo que, receando que acontecesse alguma desgraça a D. Fernando de Monroi, e a D. Antonio de Noronha, mandou-lhes ordem, que viessem para Gôa, e abandonassem os seus póstos, adiantando elle mesmo alguma tropa para os sustentar. Monroi, e Noronha obedeceram com repugnancia ao segundo aviso do Governador, e retiraram em boa ordem á vista do inimigo, o qual não ousou perturbal-os na sua marcha.

D. Alvaro da Silveira, que o Governador mandou então a cruzar sobre a Costa do Malabar, fez uma guerra activissima ao Çamorim. Occupou-lhe no principio a entrada dos rios, para lhe cortar as provisões de bôca; e desembarcou depois em diversas Povoações, reduzindo-as todas a cinzas, chegando esta destruição a fazer sentir os horrores da fome aos Gentios, representaram estes o seu miseravel estado ao Çamorim, por cujo motivo este Principe fez pedir a paz a Silveira, que commetteu a decisão d'este negocio ao Governador. Silveira suspendeu desde logo as hostilidades contra o Çamorim, e partiu a punir a Rainha d'Olla, que havia alguns annos que não pagava o devido tributo á Corôa Portugueza. Em consequencia do que, saqueou, e queimou em parte a Cidade de Mangalor, bem como a dous celebres Pagodes. Voltou depois a reunir-se ao Intendente da Fazenda, que o Governador havia enviado com poderes para se concluir a paz, e esta foi feita em presença do Çamorim.

Miguel Rodrigues Coutinho fez os mesmos estragos nas costas do Hidalcão, que Silveira havia causado nas do Ça-

morim, chegando até a aprezar-lhe um bello navio vindo de Meca, ricamente carregado; o que irritou tanto este Principe, que o fez resolver desde logo a fazer-nos a guerra com todas as suas forças.

Barreto informado d'estes successos, mandou partir differentes esquadras para diversas partes, e sahiu elle mesmo n'uma composta de 150 velas, na qual tomou a derrota de Chaul, hindo d'aqui para Baçaim. Como se ignoravam os seus projectos, correu então o rumor de que elle não tinha outro, senão o de mostrar-se com todo o lustre da sua gloria n'esta Praça, de que havia sido Capitão mór. Apenas alli chegou, conferenciou com D. Diogo de Noronha sobre o designio secreto, que o tinha guiado. Não se soube n'essa occasião qual elle era, mas constou, que Noronha o havia combatido com razões tão fortes, que a empresa foi abandonada. Comtudo, para que não parecesse que esta grande armada havia sido posta no mar, sem o menor motivo, tomaram-se os postos d'Assarim, e de Manora da jurisdição da Cidade de Damão, e que protegiam as correrias que os rebeldes faziam sobre o territorio de Baçaim: em seguida a este acontecimento recebeu Barreto alguns Embaixadores do Rei de Dulcinde.

Este Principe, cujos dominios estavam na visinhança de Dio, pedia soccorro contra um visinho poderoso: promettia pagar as despesas da guerra, e conceder grandes vantagens aos Portuguezes para o commercio dos seus estados. O Governador enviou-lhe Pedro Barreto Rolim com uma frota de 28 embarcações, e 700 homens de desembarque. Porém este Principe antes de chegar o dito soccorro reconciliou-se com o seu inimigo, e negou-se depois a pagar-nos as despesas, segundo havia ajustado. Rolim vingou esta offença tomando uma Mesquita, e depois a Cidade de Tata, que mandou saquear, e reduzir a cinzas, tendo

antes passado á espada todos os seus habitantes em numero de oito mil. Affirma-se, que as riquesas consumidas pelo fogo foram do valor de dous milhões, afóra a preza que foi riquissima. Concluida esta expedição retiraram os nossos para bórdo, destruindo ainda muitas outras povoações, que encontraram em ambas as margens do rio.

Uma furiosa tempestade se encarregou de vingar tantos estragos. Rolim teve que mandar deitar ao mar os despojos dos lugares assollados, e custou-lhe muito a aportar a Chaul, onde encontrou ordens do Governador Geral para hir reunir-se a Antonio Brandão, e queimar a Cidade de Dabul, que pertencia ao Hidalcão, ao qual a guerra estava declarada. A Cidade oppoz no principio uma tenaz resistencia, mas tendo Brandão feito lançar fogo a alguns bairros, para impedir que os seus se entretivessem com a pilhagem, foi abandonada pelos seus moradores. Seguiu-se a este abandono a sua destruição total, sendo mortos todos aquelles dos seus habitantes, que não puderam fugir. E em quanto Brandão foi arrazando todos os lugares de ambas as margens do rio, e da costa, dirigiu-se Rolim a Gôa, para alli receber os applausos d'estas horriveis execuções.

Os movimentos que fazia o Hidalcão para tornar a entrar nas terras de Conção, Bardêz, e Salsete, obrigaram o Governador Geral a partir de Baçaim para Gôa, precipitadamente. Chegado aqui, enviou D. Pedro de Menezes á fortaleza de Rachol, entregando-lhe tropas para guarnecer todas as suas immediações, e navios bem armados para as defenderem.

O Hidalcão muito mais irritado depois da perca de Dabul, poz em campo um exercito de 20,000 homens, cujo commando entregou a Nazermaluco, um dos seus melhores Generaes. Nazermaluco avançou para Pondá com o gros-

so do mesmo exercito, em quanto Moratecão entrava nas terras de Bardêz. Como o Governador Geral conhecesse, que se deixava esfriar este negocio, teria Gôa por muito tempo em afflicção, resolveu-se a fazer o esforço de hir pessoalmente combater o inimigo. Para este effeito, levantou um exercito de 3,000 Portuguezes, 1,000 Malabares de infanteria, e 200 de cavallaria, e foi procural-o a Pondá, onde o achou acampado entre a fortaleza, e um bosque, tendo na sua frente um fosso de quasi cinco palmos de largura. Chegando a nossa infanteria á borda do fosso, e não o podendo passar, correu ao longo d'elle, respondendo sempre ao fogo do inimigo. Barreto não comprehendendo a razão d'este movimento, accudiu com a reserva, e com a cavallaria, e esta marchou com tanto ardor, que salvou o fosso d um pulo. Os fidalgos que acompanhavam o Governador seguiram este exemplo, e de mistura com os soldados atacaram o inimigo impetuosamente, ajudados pela nossa infanteria, que tinha conseguido passar a alguma distancia.

Nazermaluco não podendo resistir contra o valor de tropa tão resoluta, mandou tocar a retirar, e fugiu para os campos sem ousar entrar na fortaleza. Barreto receando que uma fuga tão desconcertada encubrisse algum ardil, reteve o ardor dos seus: fez arrasar a fortaleza, e voltou para Gôa destruindo todas as trincheiras, que o inimigo formára para nos demorar a marcha. Nazermaluco apenas soube da partida das nossas forças, voltou para Pondá, e occupou-se na reedificação da fortaleza.

Havia morrido Nizamaluco Rei de Narfinga, e tinha-lhe succedido um filho do mesmo nome, o qual tendo-se alliado com Cotamaluco para hirem ambos atacar uma Praça do Hidalcão, soltou Meale, e entregou-o aos Portuguezes. Estes dous Principes alliados partiram depois a

sitiar a dita Praça, mas não conseguiram tomal-a, e tiveram que retirar-se com perda de 4,000 homens.

Ainda que o Hidalcão teve lugar de se contentar com esta felicidade, comtudo, ou porque nutrisse novas suspeitas a respeito de Meale, ou porque effectivamente fosse advertido pelos seus Capitães, de que não estava em estado de poder sustentar uma grande lucta contra nós, consentiu em que se fizesse novamente a paz.

Pensando Barreto, que a fortaleza de Chaul era mui fraca para poder resistir a qualquer ataque das galeras Turcas, caso estas a viéssem acommetter, resolveu-se a edificar uma outra sobre um outeiro, que avança para o mar, e domina a Cidade. Porém, como o não podesse levar a effeito sem a premissão de Nizamaluco, mandou uma solemne embaixada a este Principe, pedindo-lha, e enviando-lhe muitos presentes. Nizamaluco espantou-se da proposição, porque temeu, que a nova fortaleza servisse para lhe estabelecermos direitos de entrada, e de sahida n'este porto, o que o privaria dos seus melhores rendimentos. Assim, em lugar de dar uma prompta resposta, entreteve o Embaixador, e ordenou a Farratecão seu General, que fosse com 30,000 homens construir para si mesmo uma fortaleza, no mesmo lugar em que pertendiamos levantar a nossa. Farratecão ao partir para esta empresa, levava ordem para não hostilisar a guarnição da nossa antiga fortaleza, nem tão pouco aos Portuguezes, que se achavam estabelecidos na Cidade.

Garcia Rodrigues de Távora, que então era alli Capitão mór, apenas viu chegar tão numeroso exercito participou-o ao Governador Geral, fazendo-lhe saber o fim a que vinha. Achava-se Barreto occupado nos aprestos d'uma frota, que devia partir para Ormuz, a guardar a entrada

do golfo Persico. Mandou logo a disposição, e ordenou a Álvaro Peres de Souto Maior, que estava nomeado para a commandar, que partisse para Chaul, e impedisse o progresso da obra começada. Souto Maior executa a ordem, chega, e bombardeia de seus galiões os trabalhadores. A final veio Barreto em pessoa com uma esquadra numerosa, e o inimigo não querendo guerrear, mandou dizer ao Governador Geral: «Que Nizamaluco, seu Senhor, era ami-«go d'El-Rei de Portugal, e dos Portuguezes, sentimen-«to, que havia herdado de seu predecessor, o qual tinha «concedido que se fundasse a fortaleza, que alli tinhamos; «e que não revogava esta doação, porém que tinha razão «para temer, que querendo nós construir uma nova forta-«leza, não tivessemos intenção de lhe impor um jogo, e «de nos fortificar-nos contra elle mesmo, para o privarmos «dos direitos de entrada, e de sahida, que lhe perten-«ciam só a elle como Soberano, assim como tinhamos usa-«do em outras partes.»

Barreto não podendo deixar de attender a razões tão justas, convieram ambas as partes em que desistiriam da obra começada, e em que nenhum dos dous partidos a fundaria n'aquelle lugar. Por tanto, foi restabelecida a paz, sem o Governador alcançar o que tinha pertendido.

Barreto revolvia na mente um grande projecto, que tinha sido o fim dos seus trabalhos em todo o seu governo, e para o qual havia posto no mar um tão grande numero de navios, que o Hidalcão viu então a mais soberba armada, que jámais houvera visto. Pertendem que esse projecto consistia na conquista da Ilha de Sumatra, e na destruição do Rei de Achem, inimigo figadal dos Portuguezes, de quem Malaca recebia a maior sujeição. Estava a ponto de partir sem ter declarado o seu segredo, quando

a noticia da chegada d'um seu successor rompeu todas as suas medidas.

El-Rei D. João III., tinha fallecido; e toda a felicidade d'um Reino tão florescente, qual era então Portugal, morreu com elle. Pai infeliz, posto que mui venturoso em tudo o mais, de nove filhos que havia tido da Rainha Catharina d'Austria, não lhe ficava para herdeiro do Throno, senão D. Sebastião seu filho pósthumo, que ficava ainda no berço; menino que em consequencia das tragicas aventuras, que o tornaram o mais infeliz Principe do Mundo, procurou a ruina de sua casa, e a do seu Reino.

A morte de El-Rei D. João III. teve lugar na noute de 11 de Junho de 1557, e no dia 14 foi a Rainha D. Catharina, avó do Principe D. Sebastião, jurada, e reconhecida como Regente do Reino, e Tutora, e Curadora de seu neto, a qual associou a Regencia ao Cardeal Infante D. Henrique, lavrando-se de tudo um auto solemne na mesma data, e a 16 foi o Principe acclamado Rei, tendo de idade trez annos, e quasi cinco mezes (*)

Um dos primeiros actos d'esta Regencia, foi a nomeação de D. Constantino de Bragança, Principe de sangue, para Vice-Rei da India, o qual chegou a este Estado no anno de 1558, e logo começou a exercer o seu cargo, voltando Francisco Barreto para Portugal.

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião, Tom. 2.° Liv. 2.° Cap. 3.°*

CAPITULO VII.

ANNO DE 1558 ATE' 1561.

Paio de Noronha vai tomar posse do governo de Cananor, e porta-se alli com menos justiça. D. Constantino faz partir para alli uma esquadra. Acontecimentos de Cambaya. O Vice-Rei vai a Damão, e toma a respectiva fortaleza. Antonio Moniz Barreto vai combater o General inimigo, que se retirára da mesma fortaleza, e alcança victoria. Conquista da Ilha de Balzar. O Vice-Rei depois de haver regulado as cousas de Damão, volta a Gôa. Guerra em Cananor. Luiz de Mello, que alli se achava com uma esquadra, sustenta a honra de nossas armas: queima depois a Cidade de Mangalor, e destróe uma frota inimiga. Volta

a Gôa, é prezo pelo Vice-Rei, e solto depois por elle mesmo em pessoa. Luiz de Mello é mandado novamente a Cananor, e alcança uma insigne victoria contra um poderoso exercito inimigo. Combate entre algumas tropas do Gram Senhor, e as nossas, no qual morre D. Alvaro da Silveira. Successos do Reino de Jafanapatão, onde o Vice-Rei vai com uma poderosa armada. Que faz o Vice-Rei a uma reliquia pigã, encontrada nos thesouros do Rei de Jafanapatão. E' ferido Luiz de Mello n'um combate a favor do Rei de Cochim. Volta D. Constantino a Gôa. Acontecimentos que tiveram lugar no Brazil. Que faz D. Diogo de Noronha Governador de Damão, para livrar esta Cidade de ser tomada por um inimigo poderoso. Cedemeção, senhor de Surrate, pede soccorro a D. Diogo de Noronha, e depois ao proprio Vice-Rei. Este, envia-lhe uma esquadra. Termina o Vice-Reinado de D. Constantino, sendo este substituido por D. Francisco Coutinho.

Paio de Noronha tendo vindo na esquadra do Vice-Rei, com as provisões do governo de Cananor, partiu a tomar posse deste cargo. Como entrasse a haver-se alli menos dignamente, recusando os presentes do Rei respectivo, e dos seus Ministros, e tratando com soberba, e despreso a todos os habitantes, começaram estes a nutrir tanto odio contra os Portuguezes, que os nossos não ousavam sahir para andarem pela Cidade, denotando tudo, que não tardava uma roptura declarada. Chegando isto ao conhecimento do Vice-Rei, cuidou este logo em mandar para alli a Ruy de Mello com cinco navios, e depois a Luiz de Mello da Silva com mais nove, entregando a este ultimo o commando em chefe de todos os ditos vasos.

A este tempo achava-se o Reino de Cambaya dividido de tal modo, por causa da menoridade d'um Rei menino, que além d'uma especie de guerra, que faziam entre si os tutores d'este Principe, haviam alli muitos senhores particulares, que aproveitando-se da desunião dos Chefes, trabalhavam activamente em formarem para si um pequeno Estado independente. Os Reis de Cambaya é que haviam originado este mal; porque, como os peiores soldados do Mundo são os Guzarates, e os Indios, tendo-se chamado uma quantidade immensa d'estes estrangeiros para guardarem o Imperio, estes causavam a sua destruição. D'entre estes estrangeiros os que eram A'rabes, Rumes, Fartaques, Raspoutes, Persas, e Mogoles formavam um só corpo; porém havia outro formado simplesmente de Abexins, que era mais consideravel, e se tinha apoderado das Praças maritimas fortes, nas quaes se havia fortificado.

D. Affonso de Noronha, e depois d'elle Barreto, quizeram aproveitar-se d'esta conjunctura, para procurarem adquirir Damão, e o seu territorio, não só por causa da utilidade, e visinhança de Baçaim, porém ainda para remediar a necessidade de muitos fidalgos pobres, por quem destribuiriam estas terras, que eram excellentes.

Barreto tentou a este respeito o ânimo dos Ministros da Côrte de Cambaya, á qual enviou uma solemne embaixada, para requerer a mencionada Cidade, e as terras que lhe pertenciam, offerecendo em troca d'esta doação metade das rendas das Alfandegas de Dio, donde Diogo de Noronha expulsára Abix Cão. Esta proposta, posto que vantajosa, não foi comtudo então aceite; pois que a Côrte de Cambaya cedia Damão, mas não o seu territorio, nem as suas Alfandegas.

Decidira-se D. Constantino a obter pela força, o que

os seus dous antecessores não tinham podido alcançar por vontade; e parecendo-lhe a occasião mui propria para obrar, embarcou-se n'uma esquadra com dous mil homens de tropa, e foi surgir na barra de Damão, no principio de Janeiro de 1559. Os Abexins, que estavam informados de antemão dos designios do Vice-Rei, tinham-se reunido em numero de 4,000 homens, debaixo do commando de trez dos seus principaes Officiaes. Haviam levantado algumas fortificações, e feito provisões para trez, ou quatro mezes, resolvidos a defenderem-se até entrar o mez de Abril, confiando em que o inverno obrigaria a nossa frota, a retirar-se para diversos pórtos.

Depois de D. Diogo de Noronha ter sondado a barra, mandou o Vice-Rei desembarcar a tropa dividida em cinco columnas, entregando o commando da vanguarda a Noronha. Concluido o desembarque, sem a menor resistencia, marcharam as forças em ordem para a Cidade, que acharam inteiramente dezerta. A vista da nossa esquadra tinha causado um terror tal, que ninguem teve o valor de a esperar. E' verdade, que Cid-Bofata Commandante da fortaleza, praticou o contrario; porém tendo descoberto que os nossos tinham intelligencias secretas na praça, fez procurar os culpados, e cortar a cabeça a cinco, retirando depois para os campos com receio d'alguma traição.

Entraram os nossos na Cidade, e Manuel Rolin arvorou n'ella o seu estandarte; o qual sendo visto pelo Vice-Rei, logo este entrou pelo canal, salvando toda a nossa artilheria. D. Diogo de Noronha, que por respeito a D. Constantino, não havia querido entrar na fortaleza, foi recebêl-o ao desembarque, dizendo-lhe: «Que a sua sombra «vencia os seus inimigos; porém, que estava desgostoso, «que uma tão bella victoria lhe custasse tão pouco.» O

Vice-Rei logo que entrou na praça, agradeceu a Deus o tel-o feito senhor d'ella sem perca d'uma vida, e fez benzer depois uma Mesquita, á qual deu o nome de N. Senhora da Purificação, em me moria d'aquelle dia.

Achava-se o General inimigo acampado em Parnol, a duas leguas de distancia da Cidade, donde todas as noutes fazia correrias até ás suas portas; e isto não só causava muita inquietação aos nossos, obrigando-os a estar sempre á lerta, mas até impedia que os naturaes do Paiz voltassem para suas casas, segundo era bem preciso. Antonio Moniz Barreto foi-o alli atacar com 120 homens, e conseguiu expulsal-o do ponto que occupava, por isso que tendo mandado tocar muitos tambores, e trombetas logo no principio do ataque, e sendo este dado de noute, fez persuadir os Abexins, de que lhes cahiam em cima todas as forças do Vice-Rei. Apenas rompeu o dia, conheceram os inimigos quão pouca gente os havia feito fugir, e envergonhando-se de simillhante cobardia, voltaram a querer retomar o perdido pôsto.

Barreto sustentou o primeiro ataque com o favor dos intrincheiramentos, que já havia construido, até que sendo soccorrido por mais 380 homens, desbaratou o inimigo causando-lhe a perda de 500 vidas, e voltou para Damão carregado de immensos despojos, em cujo numero entraram 35 peças de artilheria de bronze, e algumas carradas de moedas de cobre.

Como a Ilha de Balzar, que é situada na visinhança, fosse considerada como um ponto necessario para a segurança da praça conquistada, mandou D. Constantino marchar contra ella alguma tropa, commandada pelos dous irmãos D. Pedro, e D. Luiz de Almeida, seguindo-os elle mesmo com alguma força. Tanto a Ilha como a fortaleza foram

occupadas sem o menor custo, pois que os nossos as encontraram abandonadas.

D. Constantino deixou alli por Commandante a Alvaro Gonçalves Pinto com 120 homens, e alguma artilheria, e voltou logo para Damão. Aportando aqui, tratou de mandar edificar uma fortaleza, repartiu as terras, fez concessões, e deu ordem a todas as cousas, conforme o estabelecido nas praças regulares. O respectivo governo foi confiado a D. Diogo de Noronha, entregando-se-lhe uma guarnição de 1.200 homens, sendo estes commandados por cinco Capitães, que se encarregaram de sustentar os soldados. Depois d'isto fez-se o Vice-Rei á véla, e tornou para Gôa.

Em quanto que as cousas se nos tornavam tão favoraveis, pelo lado de Damão, achava-se a guerra declarada em Cananor. Um marinheiro d'um navio Portuguez alli chegado, tendo hido á Cidade para comprar alguma cousa, não sabendo o máu ânimo em que alli estavam contra nós, foi aprisionado pelos Mouros. Apenas Luiz de Mello o soube, mandou immediatamente bombardear a casa do Ada-Raia Ministro do Rei, e o Bazar dos negociantes; ao que se seguiu uma violenta escaramuça, vindo os Mouros arregimentados, e em numero de 3,000, até ás trincheiras de fóra da cidadella. Coge-Cemandim, e Ada-Raia mesmo procuraram acommodar as cousas, e o marinheiro preso foi solto; mas os ânimos dos Mouros, não se serenaram de todo.

Como depois deste acontecimento parasse o commercio de ambas as partes, e Luiz de Mello soubesse que estava um navio nas aguas de Mangalor, que pertencia a um Mouro de Cananor, sahiu com as suas embarcações para o aprezar. Os habitantes de Mangalor oppozeram-se a esta

tentativa, e Mello castigou-os tomando-lhe a dita Cidade, saqueando-a, e queimando-a, e passando á espada tudo que alli encontrou, sem distincção de sexo, ou de idade. Mello continuou depois a devastar algumas outras povoações d'aquellas paragens, até que hindo encontral-o treze embarcações inimigas, para o combater, destruiu-as completamente, matando-lhes as tripulações.

Mello, voltou depois d'este ultimo feito para Gôa; mas o Vice-Rei julgando-o criminoso por ter desamparado o seu pôsto, e haver deixado Cananor na precisão que podia ter do seu soccorro, mandou-o prender, e quiz dar o seu cargo a outro. Todos o recusaram, mostrando-se desgostosos com um castigo, que reputavam immerecido. D. Constantino conheceu a final, que commettêra um erro, e resolveu-se a reparal-o, hindo elle em pessoa soltar o preso, que accumulou de agrados, e enviou novamente a Cananor com maiores reforços, e grandes mostras de distincção.

Este soccorro era muj necessario, porque D. Paio de Noronha achava-se em grande embaraço. Todos os Mouros do Malabar se haviam colligado para fazerem um grande esforço. Tanto que Mello chegou, foi avisado pelos espias, que tinha na Côrte do Rei de Mangalor, de que vinham atacal-o: o aviso foi certo. Os Mouros assaltaram as trincheiras, que defendiam o exterior da Cidadella no circuito das quaes estava o convento de S. Francisco, e muitas casas, de que se compunha a povoação. O combate começou ás quatro horas da manhã, e durou até ás quatro da tarde: as trincheiras foram franqueadas, os atalhos vencidos, e em toda esta acção, que foi uma das mais gloriosas para os Portuguezes, obraram estes mil prodigios de valor; tanto assim, que sendo elles apenas 500, com Luiz de Mello á sua frente, e subindo o numero dos Mouros a

100,000, conseguiram vencer estes, matando-lhes 15,000 homens, não perdendo elles mais de 25.

O Gram Senhor, havia sentido muito a perda das suas galeras, e o desastre succedido a Alechelubi; desastre, que já descrevemos no capitulo anterior. Entre tanto, um homem de valor, e de intelligencia se offereceu a este Principe, para o fazer senhor da Ilha de Baharem, e de pôr as suas galeras em segurança. Solimão acceitando esta offerta, partiu o offerente para Baçorá. Chegado aqui aprom-ptou 2 galeras, e mais 70 embarcações, embarcou 1,200 homens escolhidos, e foi pôr cêrco defronte da fortaleza de Baharem. Rais Morad genro de Rais Noradim, Ministro do Rei de Ormuz, e que alli commandava, avisou logo o seu Soberano, e a D. Antonio de Noronha, que governava pela segunda vez a nossa fortaleza de Ormuz.

D. Antonio enviou logo um soccorro de viveres, e de munições debaixo da conducta de D. João de Noronha, filho natural de seu irmão; e fez partir algumas embarcações para avisar D. Alvaro da Silveira, que tinha ordem de D. Constantino de cruzar junto de Ormuz, na sua volta da expedição do Mar Roxo. D. João perdeu a occasião de tomar as duas galeras Turcas, em consequencia de ser mal aconselhado por seus Capitães. Porém D. Alvaro chegou, e aprezou as ditas galeras, tirando aos Turcos toda a esperança de voltarem. Silveira, e Morad ajustaram entre si não dar batalha ao inimigo, entendendo, que conviria mais cansal-o cortando-lhe os viveres. Este acôrdo era mui prudente; porém a insubordinação das tropas impediu-lhe os effeitos. Estas amotinaram-se, insultaram o General chamando-lhe fraco. Ao mesmo tempo chamaram traidor a Morad, e obrigaram ambos a dar uma acção contra sua vontade. Uma tal desobediencia teve um resultado desgraçado, pois que D. Alvaro de haver combatido valente-

mente, recebeu muitas feridas, e foi morto pelos Turcos, que lhe cortaram a cabeça: igual sorte tiveram depois mais sessenta Portuguezes! Morad, que não tinha cedido em valor aos nossos, reuniu os soldados, que andavam espalhados, e retirou-se com elles para a fortaleza.

Era então Rei do Jafanapatão um tiranno, inimigo jurado do nome Christão, e que tendo muitas vezes banhado as mãos no seu proprio sangue, matou traiçoeiramente o Rei de Culumbo, que de tempo immemorial era alliado, e amigo dos Portuguezes. D. Constantino logo que soube este funesto acontecimento, resolveu vingar não só a morte deste desgraçado Monarcha, como tambem as crueldades que aquelle assassino praticára com os Portuguezes, e habitantes da Ilha de Manar, que El-Rei de Portugal tomára debaixo da sua protecção. Para este fim partiu de Gôa em 1560 com uma esquadra consideravel, a qual, teve suas demoras por causa dos ventos contrarios, até que aportou á Ilha do Ceilão, onde existe situado o Reino do Jafanapatão. Desembarcadas que foram as nossas forças, marcharam ellas em direitura á Capital do mencionado Reino, que depois de vigoroso assalto tomaram, e saquearam, passando parte de seus habitantes á espada, e mettendo a outra em ferros.

O Rei vencido fugiu para os matos, pedindo perdão depois ao Vice-Rei, e implorando-lhe a paz com as condições que quizesse impor-lhe. D. Constantino conveio n'isto, e foram aquellas, que o Rei de Jafanapatão, como vassallo, e tributario de El-Rei de Portugal, render-lhe-hia homenagem pagando lhe annualmente certo tributo. Em segundo lugar, que de nenhuma maneira procederia contra os seus vassallos, que quizessem abraçar a Religião Catholica, antes o deixaria viver em paz; e finalmente, que cederia á Corôa Portugueza a Ilha de Manar. Accei-

tas estas condições, metteu-se o Vice-Rei de posse da dita Ilha, onde mandou edificar uma fortaleza, que guarneceu sufficientemente, dando o seu governo a Manuel Coutinho; depois, tendo deixado alli dez embarcações bem armadas, para limparem os mares visinhos, dos corsarios, fêz-se na volta de Gôa.

Entre todas as perdas que o Rei de Jafanapatão teve n'esta guerra, nenhuma sentiu tanto como a de um dente de certo macaco branco, que elle possuia, e que era tido como cousa divina entre a maior parte dos Principes Indianos, que acreditavam ter sido antigamente este macaco um grande Deus, e que se chamára Hanimante. Informado pois o Rei de Pegû, de que esta reliquia Idólatra parava em poder de D. Constantino, e de que este a trouxera para Gôa, mandou pedir-lhe por um Embaixador, que lha vendesse, offerecendo por elle 300:000 escudos, parte em ouro, e parte em fazendas. Viu-se o Vice-Rei sobre maneira embaraçado; porque a somma offerecida podia servir-lhe para alguma nova expedição, e outros objectos do serviço; mas os clerigos, monges, e religiosos sustentavam ser este procedimento contrario á Religião, e que era offender gravemente a Deus, o concorrer assim para a Idolatria dos Indios.

Sobre isto fez-se um conselho geral das principaes pessoas da nobreza, Officiaes superiores, e todas as ordens ecclesiasticas, presidido pelo Arcebispo de Gôa D. Gaspar. Discutida a questão por largo tempo, decidiu a maioria, que se não entregasse o referido dente ao Rei de Pegû. Em seguida, mandou o Vice-Rei buscar o dito monumento pagão, mostrou-o a todos os assistentes para que vissem que era o mesmo, que trouxera da Ilha de Ceilão, mandou-lhe tirar todas as joias com que estava enfeitado, que eram rubins, e çafiras pequenas, mas de

grande valor; depois fazendo trazer alli um brazeiro de carvões acesos, e um almofariz, metteu-o n'este por sua propria mão, e mandou-o pizar, e reduzir a pó na presença de todo o conselho. Feito isto lançou os pós no lume, e ficou d'esta maneira redusido a nada este ôsso, que tantos seculos havia sido o objecto da adoração da maior parte dos Indios.

Havia muitos annos que os Francezes, e Inglezes frequentavam as Costas do Brazil, sobre tudo do Cabo de Santo Agostinho para o Norte, em que faziam um trafico vantajoso, comprando a troco de bagatellas aos Indios o pau Brazil, que era de grande preço na Europa. (*) Do todos os aventureiros, que a cubiça attrahiu áquelles Paizes, de que ainda se não conheciam as riquezas, o mais capaz de organisar uma Colonia era o Francez Nicoláo Durane de Villegagnon, Cavalleiro da Ordem de Malta, soldado valente, e habil marinheiro.

N'uma viagem que fez ao Rio de Janeiro, procurou Villegagnon ligar correspondencias com os Indios Tamoios, que habitavam o Paiz, e tambem escolher local para lançar os fundamentos de uma Colonia. Voltando a França, obteve de Henrique II., pela protecção de Coligny, trez grandes navios, em que se embarcaram muitos aventureiros bem nascidos, e alguns artistas, e soldados. Partiram estas trez embarcações do Havre de Grace em 1556, mas tendo que arribar a Diepe, por causa de ter uma d'ellas abrido agua, desertou-lhes muita da gente que levavam, em quanto se reparava a avaria. Sahiram finalmente d'aquelle porto, e chegaram ao Rio de Janeiro, onde Villegagnon projectou primeiro estabelecer-se n'uma Ilhota

---

(*) *Rocha Pita. Historia da America Liv. I.*

de pedra, denominada a *láge*, que está na entrada d'aquella magnifica Bahia; porém mudou-se depois para outra situada mais dentro do canal (a Ilha de Villegagnon), que tem quasi uma milha de circumferencia, uma praia de areia pouco extensa, cercada em roda de penedos, e sem agua. Villegagnon fortificou dous mórros, que dominavam o resto da Ilha, e formou no centro d'ella em uma rocha mais alta um armazem cavado na pedra. Esta fortificação tornou-se respeitavel, e chamou-se forte de Coligny. Este Almirante tendo sido avisado por Villegagnon das grandes riquezas d'aquelle Paiz, e parecendo-lhe que seria mui facil crear alli uma Colonia, que fosse vantajosa ao commercio da França, e servisse de refugio aos Calvinistas persiguidos na sua patria, dos quaes era zeloso protector, aprestou um soccorro á custa do Estado, composto de trez navios com trezentos homens, quasi todos aventureiros. O commando da expedição foi dado a Bois le Conte, sobrinho de Villegagnon, que levava comsigo dous Sacerdotes Calvinistas, e que na sua viagem roubou todas as embarcações que encontrou, sem distincção de bandeira.

Este reforço poderia fazer, que Villegagnon conservasse a dita Colonia, se as suas vistas coincidissem na realidade com as de Coligny, como até alli figurára; mas começou a tirannisar tanto os seus companheiros, que um grande numero d'estes voltou para França. Quatro annos comtudo se conservou elle na posse da mencionada Ilha, donde não se aventurava a entender-se muito pelo continente, com receio dos Tamoios antropófagos, apezar de viver com elles em boa harmonia, e por ultimo partiu para França com a intenção de obter uma esquadra para commetter novas empresas, mas na sua ausencia mudaram inteiramente as cousas.

A Regente de Portugal, reconhecendo o perigo que

ameaçava o Brazil, se deixasse estabelecer no Rio de Janeiro uma Colonia Franceza, mandou ordens a Mendo de Sá, Governador Geral d'aquellas vastas Regiões, para que destruisse o estabelecimento nascente, e enviou-lhe para esse effeito uma pequena esquadra commandada por Bartholomeu de Vasconcellos, que chegou á Bahia em 30 de Novembro de 1559. Poz o Governador em conselho o modo de executar as determinações da Regente, e a 16 de Janeiro de 1560 sahiu da Bahia com as embarcações vindas do Reino, e alguns navios, e caravelas da Cidade, em que embarcou muitos soldados disponiveis, e foi correndo os portos do Sul, dos quaes tirou alguma gente voluntaria, e mantimentos, até chegar á barra do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro, onde esperou algum tempo pelos soccorros, que mandára pedir a S. Vicente, e que effectivamente recebeu.

Os Francezes conservavam ainda na Ilha 70 homens da sua Nação, e 40 guarnecendo um navio, que abandonaram logo que uma galé nossa o atacou, recolhendo-se elles ao forte, como fizeram alguns outros, que andavam em terra: tinham além d'esta gente 1,000 frecheiros Indios, e alguns espingardeiros recolhidos no mesmo forte. Reconhecida a Ilha pelo Governador, Commandante da esquadra, e mais Officiaes superiores, a todos pareceu mui difficultosa a empresa, e que era mais prudente offerecer uma honrada capitulação aos inimigos; esta offereceu-se, mas os Francezes regeitaram-na com desdem.

O ataque começou a 15 de Maio, batendo as fortificações de um lado, e jogando do outro contra ellas uma bateria construida na pequena praia, que lhe servia de porto. A este fogo responderam os defensores com vantagem, e depois de dous dias de inutil bombardeamento, por serem obras abertas na rocha, mandou o Governador dar um

assalto, no qual os nossos se portaram com tal valor, favorecidos pelo casual incendio do armazem da pólvora, que os inimigos abandonaram o forte, fugindo de noute nas suas canôas todos os que escaparam das chammas, e do ferro. Tomada a Ilha, mandou o Governador arrazar as fortificações, e voltou para a Bahia, fazendo antes uma digressão á Ilha de S. Vicente.

A este tempo corria Damão um grande perigo, por causa d'um inimigo bastante poderoso. Madre-Maluco, um dos tutores do pequeno Rei de Cambaya, tendo concebido um desmedido ciume contra Ithimiticão, que estava de posse do Monarcha, projectou desthronar o seu mesmo Soberano. Antes porém de se declarar, quiz apoderar-se de Damão, que o seu competidor nos tinha cedido contra o seu voto. D. Diogo de Noronha, foi avisado muito a tempo d'este projecto; e como se não julgava com forças sufficientes para poder resistir a similhante perigo, concebeu o designio de se livrar d'elle por via d'um artificio. Era elle amigo de Cedemecão filho do famoso Coge Çofar, e cunhado de Madre-Maluco, e poz logo em prática as maiores diligencias para persuadir ao mesmo Cedemecão: « Que todos os preparativos que seu cunhado « fazia, eram para o despojar da posse de Surrate, de « que era Senhor. E que para provar o que lhe dizia, lhe « affirmava, que Madre-Maluco havia fingir querer Damão, « que passaria por casa d'elle, e lhe pediria um grosso « basilisco, que tinha para bater a praça, porém, que ape- « nas o alcançasse, o apontaria contra Surrate, e o obri- « garia a entregar-lhe esta Cidade. »

D. Diogo serviu-se para segurar este ardil d'um Portuguez por nome Diogo Pereira, e d'um Judeo chamado Coge-Abraham, ambos habeis, e amigos de Cedemecão. Era verdade, que Madre-Maluco havia tido a idéa de se

apoderar de Surrate, mas tinha sido desviado d'isso por sua mulher, filha de Coge-Çofar. Cedemecão meio convencido dos maus intentos de seu cunhado, viu-o chegar com toda a desconfiança, que lhe haviam inspirado, e sahiu-lhe ao encontro com toda a dissimulação possivel. Augmentando-se-lhe muito esta desconfiança, com o pedido do basilisco, tratou ainda mais de encubrir suas suspeitas, e prometteu-lhe tudo, convidando-o a ceiar, e aos Officiaes do seu exercito, o que todos acceitaram com muito gosto, porque como se estava no tempo do Ramadam, achavam-se ainda em jejum. Cedemecão foi cuidar em fazer apromptar tudo; e logo que chegou Madre-Maluco com os outros convidados recebeu-os n'uma salla muito bem adornada, com todas as demonstrações de amizade, e de civilidade. Tendo-os assim todos em seu poder, sahiu por uma porta, pretextando que tinha d'isso precisão, em quanto fez entrar por outra 200 pessoas bem armadas, que degoláram a quantos estavam na mesma salla. Logo no outro dia, e antes que esta noticia transpirasse, Cedemecão foi cahir sobre as tropas de seu cunhado, as quaes vendo-se sem Chefes, e sendo atacadas de sûbito, foram immediatamente desbaratadas, e abandonando ao perfido vencedor todos os thesouros do seu infeliz parente.

Chinguis-Cão, filho de Madre-Maluco, mancebo que possuia todo o merecimento de seu pai, e o valor de Çofar seu avô, apenas soube d'esta horrivel traição não pensou senão na vingança; e reunindo os seus soldados fugitivos, veio pôr cêrco a Surrate. Cedemecão vendo-se mui apertado, reccorreu a Noronha, que o soccorreu com dez embarcações, commandadas por Luiz Almeida de Távora, cujas instrucções consistiam em elle se portar de maneira, que os sitiantes, e sitiados julgassem que elle os tinha vindo favorecer. Este fingimento aproveitou, e nenhum d'elles poude penetrar a má fé de D. Diogo. Alucão, um dos tu-

tores do moço Rei, logo que lhe constou a morte de Madre-Maluco acommetteu-lhe as terras, e apoderou-se da Cidade de Veredora. Chinguis-Cão obrigado a oppôr-se aos triumphos d'este novo contendor, fez pazes com Cedemecão, achando-se D. Diogo doente de cama d'uma doença, da qual morreu d'ahi a pouco tempo.

Chinguis-Cão tendo vencido o seu novo inimigo, tornou a accommetter Surrate com maiores forças, tendo unido ás suas tropas as de dous Principes Mogolos, que se tinham refugiado em Cambaya, e que alli faziam tambem a sua figura com os outros estrangeiros. Cedemecão recorreu novamente a D. Constantino, ao qual offereceu a entrega de Surrate, que não podia guardar contra tão poderosos inimigos. O Vice-Rei enviou-lhe logo D. Antonio de Noronha com 14 navios, aos quaes se reuniram os 21 com que Sebastião de Sá havia partido para Baçorá. Noronha, e Chinguis-Cão não desejavam combater-se, e queriam ficar amigos; porém os Principes Mogolos, que morriam de inveja de se medirem com os Portuguezes, travaram com estes uma acção em que ficaram vencidos. Noronha, em consequencia d'esta nossa victoria, quiz que se lhe entregasse a fortaleza, segundo o ajuste que se fizera; porém Cedemecão espaçou essa entrega. Julgou-se que elle o fazia de caso pensado, por querer retractar a sua palavra: na verdade elle não era culpado, e até correu risco de ser morto pela sua guarnição, que começava a ter snspeitas d'elle; e estas cresceram até tal ponto, que Cedemecão teve que sahir secretamente de Surrate, e fugir. Seus subditos resolveram comtudo defender-se, e collocaram á sua frente Caracem cunhado do mesmo Cedemecão. Noronha capacitado de que a entrega, que exigia, não se podia effeituar, regressou a Gôa.

D. Constantino desgostoso de perder esta occasião de

tomar Surrate, prendeu Noronha, logo que este se lhe apresentou; mas não tardou que melhor informado do caso, o soltasse, dando-lhe grandes satisfações. Cedemecão tendo conseguido passar á Côrte de Cambaya, foi alli bem recebido, e consolado na sua desgraça; porém Chinguis-Cão que tinha sempre sobre o coração a morte do pai, fez com que alli mesmo o assassinassem. A final, ficou Caracem senhor de Surrate.

Corria o anno de 1561, quando D. Constantino tendo completado trez de Vice-Reinado, foi rendido no dia 7 de Setembro por D. Francisco Coutinho Conde do Redondo. Este tomou immediatamente posse do cargo, e o seu antecessor voltou para Portugal em a náu Chagas, que construira á sua custa.

CAPITULO VIII.

ANNO DE 1561 ATE' 1565.

O Conde Vice-Rei, despacha os navios de carga para o Reino. Partem duas frotas para o estreito de Meca. Atacam os Abexins a praça de Damão, e são derrotados pelos nossos. Parte o Conde Vice-Rei de Góa com uma armada poderosa, e vai ancorar n'um dos portos do Çamorim. Manda Domingos de Mesquita com trez embarcações para a Costa do Malabar. Moley Abdalá sitia a praça de Mazagão. Esta é soccorrida, e o inimigo levanta o cêrco depois de haver soffrido grande perda. Acontecimentos que tem logar no Brazil. A nossa guarnição de Ceilão, acha-se em risco de perder esta Ilha. Morre o Conde Vice-Rei. Suc-

cede-lhe João de Mendonça. Este recebe uma embaixada do Çamorim. Consequencias d'esta embaixada. Mesquita porta-se muito mal no Malabar. Volta para Gôa. D. Antão de Noronha chega do Reino, revestido da dignidade de Vice-Rei. João de Mendonça entrega-lhe o governo, e regressa a Portugal. Vai uma armada nossa ajudar os Hespanhoes a reconquistar uma praça, que os Mouros lhe haviam tomado. Sahe de Lisboa uma expedição para o Rio de Janeiro, e alcança aqui uma importante victoria contra os Francezes.

Era D. Francisco Coutinho homem de qualidade, e mui capaz para a guerra, e para a paz: pussuia genio jovial, e passava por mui sentencioso. Apenas tomou posse da governança da India, cuidou logo em despachar os navios de carga para o Reino, partindo n'elles Sebastião de Sá, D. Antonio de Noronha sobrinho do ex-Vice-Rei D. Affonso, e D. Antonio de Noronha Catarras. Em seguida a isto fez partir para o estreito de Meca duas pequenas frotas, com ordem de persiguirem as galeras de Zafar. D. Francisco de Mascarenhas, que commandava a primeira d'ellas, que se fez de véla, faltando-lhe a occasião de bater o inimigo, navegou para a Costa do Malabar, onde cruzou trez mezes com pouca felicidade. A segunda commandada por Jorge de Moura, não fez mais do que queimar um navio no Achem vindo do mar Rôxo, e que estava guarnecido de 50 peças de bronze, tendo quinhentos homens de equipagem.

Damão, achou-se ainda exposta a novas inquietações da parte dos Abexins. Cid-Meriam, que os commandava,

veio apresentar-se defronte da praça com 800 cavallos, e 1,000 homens de pé. Garcia Rodrigues de Távora Capitão mór da praça, sahiu a encontral-o, e peleijou-se de ambas as partes com valor. Um religioso Dominico destinguiu-se muito em animar as tropas; e já a victoria se declarava pelos nossos, quando o General inimigo mandou desafiar o Capitão mór para um combate singular, sendo preciso que este fosse rogado para acceitar o cartel. Achando-se os dous contendores no campo, correram um para o outro com as lanças enristadas com garbo. O Abexim foi deitado fóra dos arções logo ao primeiro golpe, e Rodrigues cahiu depois d'elle por causa do choque dos cavallos. Os dous campeões ergueram-se immediatamente, e peleijaram por muito tempo com igual vantajem; até que um soldado nosso terminou o combate, matando o Abexim com uma lançada. Logo que o exercito inimigo viu morto o seu General, entrou a retirar desordenadamente deixando sobre o campo da batalha muitos mortos, prisioneiros, e despojos.

Posto que o Çamorim fizesse logo a paz, houveram sempre novos motivos para se renovar a guerra, pela facilidade com que elle prestava aos Mouros armamentos, de que o faziam responsavel. O Conde Vice-Rei, que não tinha tido ainda occasião de se lhe mostrar de uma maneira, que se fizesse temido, pôz no mar uma armada de 150 embarcações, na qual embarcou 4,000 homens, e dirigiu-se a um porto onde o mesmo Çamorim se achava. Depois de o haver brindado com um rico presente, e de o ter atemorisado com o estrondo de muitas salvas de artilheria, voltou para Cochim, sem fazer nenhuma outra cousa.

Como alguns paráos Malabares de Calicut corressem n'esta occasião sobre um soccorro mandado a Cananor, pelo

Vice-Rei, queixou-se este ao Çamorim, o qual lhe respondeu friamente: «Que elle não era responsavel das cul-«pas, que podiam commetter alguns vassallos desobedien-«tes; que os podiam apanhar, e punir.» O Vice-Rei pouco satisfeito com tal resposta, sabendo ao mesmo tempo, que mais de 80 fustas Malabares se dispunham a partir para o Reino de Cambaya, com passaporte Portuguez, commetteu a Domingos de Mesquita a empresa de as queimar. Mesquita partiu effectivamente com trez embarcações, e hindo collocar-se na paragem de Carapatão, conseguiu aprezar 24 das ditas fustas, por diversas vezes. Quando as tomava, fazia passar a gente para os seus navios, mettia os barcos a pique, mandava cortar a cabeça aos homens, ou enforcal-os, e fazendo-os amortalhar nas vélas das suas embarcações, deitava-os assim ao mar. Esta conducta atroz, renovou aos olhos dos habitantes de Cananor o terrivel espectaculo, que lhe havia dado n'outro tempo Gonçalo Vaz de Goes, e teve ainda peiores consequencias que então tivera, como logo diremos.

No dia 4 de Março do anno de 1562, apresentou-se diante da praça de Mazagão Muley Hamet, filho de Muley Abdalá, Rei de Féz, e Marrocos, com um exercito de 150,000 homens. (*) Achava-se governando a praça Ruy de Sousa de Carvalho, na ausencia do Governador Alvaro de Carvalho, seu irmão, e havia alli unicamente 2,400 homens de pé, e mui poucos de cavallo, bem como grande falta de viveres, e munições. Logo que a Regente de Portugal teve noticia d'esta aggressão, tratou com a maior actividade de prevenir os soccorros necessarios: mandou comprar munições de guerra a Flandres, e fez conduzir

(*) *Memorias de El-Rei D Sebastião Tom.* 2.º *Liv.* 1.º *Cap.*ˢ 4, 6, e 7.

outras da Ilha da Madeira, e da Andaluzia. Alvaro de Carvalho embarcou logo para Mazagão com muitos fidalgos e sessenta cavalleiros da sua praça, que se achavam na Côrte. Francisco Portocarreiro partiu com 100 homens; Jorge Mendes de Faria com 60; Francisco da Cunha com alguns seus parentes, e outra muita gente. Os maritimos de Lagos, e Tavira mandaram 40 homens; Luiz de Castro, rico negociante, levou 100; Jorge da Silva enviou 80; João Cabral, e João Rodrigues de Torres condusiram 100; e Vasco Fernandes Homem, maior numero; assim como D. Antonio Lobo, e Luiz de Faria; e João de Teive levou 25. Foi toda esta gente transportada á custa dos que a condusiam, e era tal o valor, e boa vontade, com que todos se offereciam para soldados, que moços de quatorze annos se embarcavam furtivamente, e o mesmo praticou Simão Sodré, fidalgo octagenario, a quem a Regente ordenára, que não fosse. Os officiaes mecanicos de Lisboa concorreram com 1,000 homens pagos á sua custa; e os moedeiros com 80. Este primeiro comboi, que partiu a 20 de Março, e chegou a 28, levava grande quantidade de viveres, munições, boticas, e quanto pareceu que seria necessario a uma praça sitiada.

No principio de Abril expediu a Regente a Antonio Moniz Barreto, Pedro de Goes, e Gaspar de Magalhães, Official que se havia distinguido muito nas guerras de Italia, e França, com 250 bons soldados, e algumas munições de guerra; e nomeou Vasco da Cunha, e seu irmão Christovão da Cunha para servirem de Conselheiros a Alvaro de Carvalho; e para Engenheiros a Isidoro de Almeida, e Francisco da Silva.

Em seguida a estes soccorros partiu outro de 2,000 homens, em que se contavam muitas pessoas de distincção, o qual chegou pouco antes do primeiro assalto, que os Mou-

ros deram á praça a 24 de Abril; e a 30 do mesmo mez entrou outro reforço de sete navios carregados de munições, e com 250 soldados commandados por Francisco Henriques, que desembarcou na occasião em que os inimigos davam outro furioso assalto, e poude ainda assistir á acção. Nos dias seguintes chegaram successivamente mais navios com reforço de gente, e munições; mas a 7 de Maio levantaram os Mouros o cêrco com perda de 20,000 homens!

Neste mesmo anno, (*) estava a Capitania do Espirito Santo sendo assolada pelos Indios Goianezes, e Tupiniquins; o que sendo sabido pelo Governador Geral do Brazil Mendo de Sá, mandou este áquelle ponto um soccorro de navios, e soldados da Cidade da Bahia, entregando o commando d'esta expedição a seu filho Fernando de Sá, mancebo de grandes esperanças. Chegando este ao rio de Quiricaré, desembarcou, e encorporado com os Portuguezes, que lhe mandára Vasco Fernandes Coutinho, atacou os Indios, que facilmente rompeu na primeira carga. Mas crescendo demasiadamente o numero dos inimigos, retirou Fernando de Sá para os navios, o que se fez com tal desordem, que Sá foi aprisionado com muitos dos seus, e todos mortos.

No anno de 1563, sendo ainda Vice-Rei da India D. Francisco Coutinho, construiu Estevão de Sá um forte em Amboine, cujo dominio havia sido cedido a El-Rei de Portugal. Vasco de Sá seu sobrinho portou-se alli mal, pois que excitou as armas dos Ilhéos das Malucas, depois de ter armado os de Amboine uns contra os outros. Os nossos comtudo alcançaram vantagens sobre todos.

(*) *Noticia do Brazil Cap. 42,*

Na Ilha de Ceilão Madune depois de haver desafiado os Portuguezes, o Rei de Cota, e seu pai Tribuli Pandar dispoz-se a fazer-lhes a guerra. Raju seu filho, desbaratou successivamente a Antonio Pereira de Lacerda, e a D. Jorge de Menezes Baroche; e veio depois sitiar Columbo, e Cota. E posto que Balthazar Guedes de Sousa, lhe fizesse levantar um, e outro sitio, os Portuguezes estiveram a ponto de verem a ruina d'um Rei seu amigo, e alliado, e elles mesmos hiam sendo expulsos da Ilha de Ceilão por um Principe perfido, a quem tinham poupado demasiadamente.

Em Fevereiro de 1564 falleceu o Conde Vice-Rei; governou dous annos e meio, sem ter tido occasião de adquirir gloria, se bem que provasse exuberantemente, que amava a justiça. João de Mendonça, que vinha de governar Malaca, achou-se nomeado para seu successor nas cartas da Côrte, e não teve o governo senão seis mezes. Um novo Vice-Rei estava a caminho para succeder ao Conde de Redondo, cujo praso de governança estava a acabar.

Chegaram por este tempo alguns Embaixadores do Çamorim a queixarem-se das crueldades de Mesquita, e Mendonça deu-lhes a resposta, que sabia estar preparada por D. Francisco Coutinho, com a qual ficaram descontentes, e não souberam o que dissessem. Comtudo, tendo Mesquita chegado então a Gôa, foi mandado prender por Mendonça, o que satisfez um pouco aos mesmos Embaixadores: porém tanto que estes partiram, mandou soltar o preso, e honrou-o muito, como se elle se houvera portado dignamente na sua expedição.

Mendonça tinha um merecimento superior á sua presença, que era pouco vantajosa; exerceu cargos importantes na India, onde podia enriquecer-se, mas sahiu d'el-

la pobre; e muito mais o ficaria, se alli se demorára mais tempo. Isto é bastante para formar o seu elogio.

Mesquita na sua expedição á Costa do Malabar, havia-se portado brutal, e cruelmente, causando alli tanta indignação, e odio contra os Portuguezes, que os Malabares não podiam pensar n'elle senão com horror. Uma mulher de Cananôr, cujo marido rico, e poderoso se tinha encontrado assassinado, desesperou-se tanto com este attentado, que correndo as ruas toda desgrenhada, fallando mais pelas suas lagrimas, e signaes da sua ira, que pelas suas palavras, misturadas de suspiros, revoltou toda a Cidade, já bem disposta a tomar parte na sua justa vingança. Seguida de immensa gente, vôa ao palacio do Rei a pedir-lhe justiça; o povo toma as armas, e corre á nossa fortaleza, e não podendo arrombar-lhe as muralhas, desafoga a sua cólera deitando fogo a mais de trinta embarcações, que estavam debaixo da nossa artilheria.

Tal era a disposição dos ânimos, e o estado das cousas, quando chegou a Gôa D. Antonio de Noronha, que segundo já dissemos, era enviado pela Côrte para substituir D. Francisco Continho, a quem achou morto. Tomou pois o governo das mãos de João de Mendonça, tratando-o com todos os respeitos, e attenções. Mendonça partiu pouco tempo depois para o Reino.

N'este mesmo anno de 1564, resolveu-se Filippe II. Rei de Hespanha a reconquistar o Penhão Velez de la Gomara, Praça forte, que os Mouros lhe haviam tomado por traição, (*) para o que reuniu uma poderosa armada, e um

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião, Tom. 2, Liv. 1, Cap. 1 e 2.*

exercito proporcionado á empresa; e tendo pedido auxilio á Regente de Portugal, mandou esta preparar uma esquadra composta do famoso galião Bota-Fogo, oito galés, e quatro fustas, tudo guarnecido de 1,500 soldados, e 300 cavallos, sob o commando de Francisco Barreto, que levava ás suas ordens como Commandante das galés, seu sobrinho Ruy Barreto.

Partiu Barreto com esta esquadra para Cadiz, em cujo porto se achava com quinze galés D. Garcia de Toledo, Duque de Fernandina, General em chefe d'aquella expedição; e depois de uma conferencia entre ambos, sahiu D. Garcia para Malaga, ponto de reunião de todas as forças de mar, e terra, e Francisco Barreto dirigiu-se a Tanger, e embarcando 200 dos melhores soldados, e alguns Cavalleiros, partiu tambem para Malaga.

Compunha-se o total da armada expedicionaria de oitenta e trez galés, e de mais sessenta galeotas, fustas, e outras embarcações pequenas, sendo muitas d'ellas fornecidas por Portugal, Ordem de Malta, Napoles, Sicilia, Florença, e Saboia, A dita armada sahiu de Malaga a 31 de Agosto, e em trez dias de próspera navegação chegou á vista de Penhão. D. Garcia de Toledo tendo feito conselho com os principaes Officiaes, destacou o Marquez de Estepa a reconhecer o castello de Alcalá, situado em um penhasco sobre o mar, o qual se achou deserto; do que avisado D. Garcia foi surgir em uma enseada já reconhecida, começou logo a desembarcar as tropas, fez occupar o castello por uma companhia de arcabuzeiros, e tratou de guarnecer outros póstos importantes.

N'este tempo chegou Francisco Barreto, e o General Egio commandante das galés da Ordem de Malta, que se haviam atrazado, e se mostraram sentidos de se ter

effeituado o desembarque na sua ausencia: D. Garcia satisfez a ambos com boas razões.

O Penhão era governado por Ferred-Arraes, intrepido renegado, e tinha além da guarnição ordinaria, cem Turcos escolhidos, e viveres, e munições para seis mezes.

Resolveu-se n'um conselho, que para facilitar as operações contra o Penhão, cumpria ganhar a Cidade de Velez, situada a tiro de peça d'aquella praça; em consequencia do que, marchou para ella o exercito a 3 de Setembro, em duas divisões, hindo na vanguarda da primeira toda a Cavallaria, commandada por D. João de Villa Real, para explorar o paiz, que era coberto, e difficil. D. Sancho de Leiva tinha o commando desta divisão, e Francisco Barreto o da segunda, cuja rectaguarda cobria o Conde de Altempo com os seus Allemães.

No alto da montanha de Velez, encontrou a vanguarda a alguns Mouros, que rechaçou; e pouco depois sobreveio um corpo d'elles mais numeroso, que carregou com tanto valor a rectaguarda, que o Conde de Altempo poz em bateria doze canhões para lhe resistir; e reforçado com algumas forças Portuguezas, e Hespanholas, expulsou-os do campo com grande perda, de maneira que não voltaram mais. A Cidade, já abandonada dos seus habitantes, foi occupada pelo exercito auxiliar, e D. Garcia mandou um pequeno destacamento a guarnecer uma torre edificada sobre a montanha de Baba, o qual desalojou d'ella alguns Mouros. Occupados emfim os póstos necessarios para cobrir o exercito, e cortar as communicações aos sitiados, levantou-se uma bateria de doze peças para fazer brexa no castello, que era batido ao mesmo tempo da banda do mar pelo galião Portuguez, e por muitas galés, que faziam

um fogo terrivel, e continuo, com que desmontaram algumas peças inimigas, e derribaram duas torres com um lanço de muralha.

Propoz-se então uma capitulação vantajosa a Ferred; que elle não acceitou; e continuando as baterias o fogo, fizeram os sitiados uma sortida em que foram repellidos, deixando trinta mortos no campo, e levando muitos feridos. Uma outra bateria se construiu depois em um penhasco, que ficava a tiro de mosquete do castello; e vendo os inimigos o damno que recebiam, e o pouco effeito que produziam os seus tiros contra as embarcações, e obras dos sitiantes, abandonaram quasi todos a praça em a noute de 5 de Setembro, passando a nado para a terra firme, cujo exemplo seguiu forçadamente o seu Governador; e os poucos defensores, que restaram por não saberem nadar, abriram as portas aos Hespanhoes, que acharam no castello vinte e cinco canhões, muitos viveres, e munições de guerra.

Ultimada esta conquista, escreveu El-Rei de Hespanha a Francisco Barreto, agradecendo-lhe os serviços relevantes, que fizera, e enviando-lhe o seu retrato em uma medalha de ouro, pendente de uma grossa cadeia do mesmo metal. —

Continuavam os Francezes a assolar a Costa do Brazil, e a estender o seu estabelecimento no Rio de Janeiro; (*) o que sendo sabido pela Regente de Portugal, escreveu esta a Mendo de Sá, ordenando-lhe, que fizesse todas as diligencias para os expulsar d'aquelle porto, e que construisse n'elle uma cidade. Para a execução d'estas ordens,

(*) *Rocha Pita, Liv.* 3.º

mandou-lhe dous galiões bem armados commandados por Estacio de Sá seu sobrinho, o qual chegando á Bahia, recebeu ordens de seu tio para se dirigir ao Rio de Janeiro, em quanto elle não hia em pessoa, aggregando-lhe todas as embarcações, que poude armar, e a tropa disponivel que existia na Bahia.

Partiu Estacio de Sá com o titulo de General do mar, e aportando á barra do Rio de Janeiro, soube por um prisioneiro Francez, que se achavam dentro do porto alguns navios da sua Nação, e que os Tamoios haviam quebrado as pazes, e faziam guerra aos Portuguezes; o que não tardou a conhecer que era verdade, pois que hindo algumas lanchas nossas fazer aguada n'uma ribeira, foi uma d'ellas accommettida por sete canôas, que lhe feriram, e mataram alguns marinheiros. De mais a mais era grande a multidão dos Indios armados, que apparecia nas praias, e canôas de guerra, que bordejavam pela bahia, como para mostrarem a sua ousadia. Estacio de Sá, como visse isto, julgou mais prudente espaçar a satisfação da vingança, para a qual não trazia forças, e navegou para a Villa de S. Vicente. Mandou depois pedir algum auxilio á Capitania do Espirito Santo, donde lhe vieram alguns soccorros de Portuguezes, e Indios; e reforçado igualmente com algumas canôas guarnecidas de Mamelucos, e Indios Christãos de S. Vicente, sahiu d'esta Villa a 20 de Janeiro de 1565.

Aportou á barra do Rio de Janeiro no principio de Março, e desembarcou as suas forças n'uma praia visinha ao Pão de Assucar, onde se fortificou, por lhe parecer o local proprio para isso, e por se poder conservar n'elle até á chegada de seu tio. Foi aqui atacado pelos Tamoios, os quaes apezar do seu grande numero, foram derrotados. Igual sorte experimentaram em um combate 27 canôas suas, contra 10 outras Portuguezas. Os Tamoios voltaram

por fim com 130 lanchas cheias dos seus mais valentes guerreiros, que coadjuvadas por trez navios Francezes bem artilhados, accommetteram furiosamente os nossos intrincheiramentos, e embarcações; porém receberam tal damno do nosso fogo, que voltaram as costas com grande perda de gente, e de Canôas, fazendo o mesmo os Francezes.

Alcançada esta victoria, poude Estacio de Sá enviar alguns destacamentos, que reduziram á sua obediencia as Aldeias visinhas. Setenta e quatro conôas inimigas, foram derrotadas por quatorze das nossas. Passados estes felizes successos, ficou Estacio de Sá no mesmo campo em que alcançára a victoria, esperando a chegada do Governador Geral, a quem Anchieta fôra pedir á Bahia, que se apressasse a vir terminar tão feliz empresa.

CAPITULO IX.

ANNO DE 1565 ATE' 1568.

Vice-Rei D. Antão de Noronha manda soccorrer Cananor. Combate entre uns navios nossos do commando de Paulo de Lima Pereira, e os de um armador Malabar. Este fica victorioso. D. Pedro de Sá e Menezes encontra-se com um outro armador Malabar, combate-o, e ganha victoria. Guerra na Ilha de Ceilão. Raju, filho de Madune, vai assaltar Columbo, e sendo repellido por D. Diogo de Attayde, decide-se a hir sobre Cotta, onde commanda D. Pedro de Atayde. D. Diogo de Attayde, e Jorge de Mello Capitão mór da nossa fortaleza de Manar, vão queimar o acampamento de Raju. Este estando a sitiar Cotta, levanta o cêrco. Revéz

acontecido a uma expedição, que o Vice-Rei dirige em pessoa a Mangalor. Esta Cidade é tomada depois pelos nossos, fugindo a Rainha para os montes, e o Vice-Rei regressa a Góa. E' invadida a Ilha da Madeira por Francezes. Parte para alli uma esquadra nossa a expulsal-os, porém elles já a tem abandonado. Mendo de Sá Governador Geral do Brazil acaba de conquistar o Rio de Janeiro, e funda alli uma Cidade. Vai o Rei do Achem sitiar Malaca; e depois de haver soffrido bastantes perdas, levanta o cêrco. O Vice-Rei decide-se a castigar os Indios Idolatras de Salsete, e manda alli uma expedição. D. Antão de Noronha entrega o governo nas mãos de D. Luiz de Attayde Conde de Atouguia, retira-se para Portugal, e fallece na viagem.

Ora D. Antão de Noronha informado do estado melindroso, em que se achavam as cousas de Cananor, e por isso cuidou logo em fazer partir para alli um importante soccorro de vasos, e de gente, commettendo a D. Antonio de Noronha o commando das tropas de desembarque, e a Gonçalo Pereira Marramaque o da frota. O exercito inimigo achava-se senhor do campo, e constava de perto de 90,000 homens. André de Sousa defendeu bem o terreno até á sua morte, a qual teve lugar pouco tempo depois. D. Antonio de Noronha seguiu-lhe o exemplo; tanto assim, que dentro em dez dias fez perder ao inimigo 10,000 homens, além de muitos outros estragos, que lhe causou, sendo um d'elles o mandar cortar, ou queimar perto de 40,000 palmeiras.

Tendo os inimigos bastante confiança em seu grande numero, resolveram-se a atacar os intrincheiramentos da Povoação. D. Paio de Noronha Capitão mór da nossa fortale-

za, foi d'isto avisado por um Naire, que sendo sempre amigo dos nossos, era muito instruido. Derramou-se esta noticia pela Povoação, e aquelles de seus habitantes, que se quizeram recolher na fortaleza, recolheram-se; porém D. Antonio de Noronha quiz ficar na Povoação com a sua tropa: se isto era sabedoria, ou ciume do governo, não o diremos. Na manhã do seguinte dia começaram os Indios o ataque, conseguindo 2,000 d'elles penetrar nas trinheiras. Os nossos sustentaram o esforço do inimigo com o seu valor usual, praticando em todos os pontos accommettidos prodigios heroicos. Em fim, durando o combate todo o dia, retirou-se o inimigo, deixando no campo 5,000 mortos. Os Portuguezes havendo alcançado esta victoria com tão pouco custo, recolheram-se comtudo á fortaleza.

Chegou então Gonçalo Pereira Marramaque com a sua frota, conduzindo Alvaro Peres de Souto Mayor, que vinha substituir D. Paio de Noronha. Ambos continuaram a guerra, e queimaram todo o bairro de Ada-Raia General dos inimigos, cortando tambem um bosque de palmeiras.

O Vice-Rei mandou a Cananor mais um soccorro de quatro navios, cujo commando entregou a Paulo de Lima Pereira, o qual havia obrado muitas proezas quando cruzára na Costa do Malabar; mas que n'esta occasião, apezar de se cobrir de bastante gloria, não poude comtudo executar a sua missão, como passâmos a demonstrar. Encontrou-se Lima com um armador Malabar, que commandava sete paráos, com os quaes havia feito prezas importantes. Travou-se o combate, durante o qual fugiram dous Capitães da nossa esquadra, sendo queimada a terceira embarcação, que Bento Caldeira commandava. Lima depois de haver soffrido por longo tempo o fogo de trez paráos, viu-os todos sete unidos contra si; e tendo ainda durado muito a peleja, perdeu muitos dos seus, e recebeu quatro feridas. Longe de per-

der a coragem, em situação tão perigosa, animou tanto os subordinados com exhortações, e mesmo com dar-lhes dinheiro, que os inimigos abalados da resistencia que se lhes oppunha, fugiram, deixando-o em liberdade. Como se não achasse em estado de poder seguir para Cananor, tornou para Gôa. Pedro de Sá e Menezes foi mais feliz; porque tendo encontrado um outro armador, que cruzava junto das Maldivas com dezesete paráos, tomou-lhe cinco, e entre elles o do proprio Chefe, que foi morto no combate, e desbaratou os restantes.

A guerra de Cananor tinha dous annos de duração, quando foi em fim terminada; porque o Rei atterrado pelas destruições, que Gonçalo Pereira lhe fazia sobre a Costa, requereu a paz, obrigando-se a acceitar as condições que lhe quizessem impor. Continuavam porém as hostilidades em Ceilão, com mais arte, posto que com motivos menos justos.

Raju, filho de Madune, veio acampar com um poderoso exercito entre a Cidade de Columbo, e a de Cotta, mostrando querer emprehender a tomada d'esta ultima. Tendo chamado a attenção dos Portuguezes sobre Cotta, avançou de noute para Columbo, onde plantou escalada. D. Diogo de Attayde, que alli commandava, resistiu a dous assaltos com muito vigor. Raju tendo perdido 500 homens n'estes assaltos, voltou para o seu acampamento. Esperando ser mais bem succedido em Cotta, tratou lógo de lhe cortar as aguas, em que consistia toda a força da praça. Esta era commandada por D. Pedro de Attayde, o qual procurou impedir este trabalho com a sua mosquetaria, matando mais de 300 peões, e obrigando os outros a abandonarem a patria.

Jorge de Mello Governador da Ilha de Manar, pensou em affugentar os sitiadores, obrigando o Rei de Candea a fazer uma diversão; a qual este Principe fez, davastando as

terras de Madune. Raju não mudou de proposito, e continuou o cêrco esperando tomar a praça, por via das intelligencias secretas que n'ella tinha, ou por effeito da fome, que já alli se sentia. Tendo D. Pedro de Attayde descoberto alguns dos espias, que o inimigo tinha na praça, e entre os quaes havia alguns Portuguezes, chamou-os ao cumprimento do seu dever com exhortações de brandura: tornava-se muito mais difficil encontrar remedio para a fome, por isso que esta cada vez apertava mais.

Raju não quiz comtudo esperar, que ella lhe desse a victoria, e resolveu-se a escalar a praça n'uma noute. D. Pedro penetrando-lhe a intenção, tratou logo de mandar aviso a Columbo do designio do inimigo, advertindo a D. Diogo de Attayde, que atacasse o campo de Raju tão depressa ouvisse o estrondo da artilheria. Ao começar a noute plantou Raju a escalada, segundo havia projectado, e encontrou em toda a parte uma resistencia, que não esperava; tanto assim, que tendo conseguido entrar na praça por duas partes, foi desalojado immediatamente d'esses dous pontos.

D. Diogo, a quem se unira Jorge de Mello com 100 homens da fortaleza de Manar, acharam-se no lugar aprasado á hora ajustada, porém não fizeram outra cousa mais que lançar fogo ao campo inimigo, e retirar-se mui depressa para Columbo, com receio de que esta praça não ficasse indefeza. Raju levantou o cêrco na madrugada seguinte, e retirou-se para Ceitavaca; mas temendo D. Pedro, que elle voltasse, fez escolher entre os inimigos mortos 400 dos mais gordos, e mandou-os salgar para lhe servirem de remedio contra a fome: felizmente não foi preciso lançar mão d'este recurso, pois que Raju não tornou a hostilisar a praça. Cotta foi desmantelada por consentimento do Rei, o qual tornou para Columbo, onde teve a sustentar uma guer-

ra mais terrivel, por causa da cobiça dos Portuguezes que alli governavam, do que a que lhe tinha feito o inimigo.

A Rainha de Mangalor, não tratava ainda com lisura o nosso Estado; e consultando menos as suas forças, que seu odio motivado pelos estragos, que lhe haviamos causado, procurava esquivar-se a uma obediencia violenta. O Vice-Rei resolveu-se a pôr-lhe um freio, edificando uma fortaleza na sua Cidade. Para o conseguir fez partir logo para alli a D. Francisco Mascarenhas com 27 embarcações pequenas, seguindo-o elle pouco depois com 7 galeras, dous galiões, 5 fustas, e 3,000 homens de desembarque.

Achava-se a Cidade de Mangalor situada mui perto do mar, sobre uma ponta, que formavam os dous braços de um pequeno rio; e um muro tirado de um ao outro dos mesmos braços, fazia toda a sua defeza. Desembarcaram os nossos sem encontrarem obstaculo, e acamparam, não lhes importando tomar medida alguma de segurança; simplesmente cuidaram em accender fogueiras, e em passarem uma parte da noute a comer, a beber, e a jogar. Se os inimigos tomaram isto como um insulto, conforme deviam, vingaram-se logo por uma sortida de 2,000 homens, feita tanto a tempo, que cahiram sobre os Portuguezes antes que estes o percebessem. A nossa columna da vanguarda, que D. Francisco de Mascarenhas commandava, ficou bastante cortada. A escuridão da noute, e a circumstancia do ataque ter sido tão repentino, fizeram com que os nossos se prejudicassem muito a si mesmos, e que morressem muitos pelas suas proprias armas: o valente Mathias de Albuquerque ficou ferido mui gravemente, e escapou com vida por uma especie de milagre.

Este pequeno revéz não impediu que a Cidade fosse

tomada, como effectivamente o foi no seguinte dia, (*) antes serviu para duplicar o valor dos nossos, no ataque. A Rainha fugiu para os montes, e o Vice-Rei vendo-se senhor do terreno, mandou edificar n'elle uma fortaleza, á qual deu o nome de S. Sebastião; tanto por ser este o nome d'El-Rei de Portugal, como por ser começada no dia em que a Igreja celebra a festa d'este Santo. A nova fortaleza foi posta em estado de defensa no meado do mez de Março; e o Vice-Rei deixando n'ella para governar a D. Antonio Pereira seu cunhado, com 300 homens, e mantimentos para seis mezes, voltou para Gôa.—

Para concluir a conquista do Rio de Janeiro, (*) sahiu da Bahia Mendo de Sá com 5 navios de guerra, e 6 caravelões, em que embarcou a tropa disponivel, e muitos moradores que o quizeram acompanhar n'uma empresa tão util ao Estado, como a elles proprios; e nos Ilhéos de Porto Seguro, e Espirito Santo recebeu alguns reforços. Tendo a esquadra chegado ao Rio de Janeiro a 18 de Janeiro de 1567, reuniu-se o Governador com seu sobrinho Estacio de Sá, e resolveu-se a atacar os Indios no dia de S. Sebastião.

Estavam os Tamoios bem fortificados em Urassumuri com intrincheiramentos guarnecidos de artilheria, e munidos de armas de fogo, tendo comsigo alguns Francezes. O assalto foi tão impetuoso, que as tropas penetraram por todas as partes no campo, e passaram á espada todos os defensores. Mas esta victoria custou a vida a Estacio de Sá, ferido de uma setta envenenada, de que falleceu: os outros mortos não passaram de doze, incluindo o Capitão Gaspar Barbosa. Ganhado este campo, passou o Governador a ata-

---

(*) *5 de Janeiro de 1567.*

(*) *Rocha Pita, Liv. 1.° Memorias de El-Rei D. Sebastião Tom. 2.° Liv. 2.° Cap. 35.*

car outro, que os inimigos tinham fortificado em Paranapucy, onde o successo foi igual, não escapando de mortos, ou prisioneiros todos os que o defendiam.

Estas duas victorias fizeram os Portuguezes senhores, do Rio de Janeiro, e o Governador poude começar a fundação da Cidade, a que deu o nome de S Sebastião, na qual deixou de commandante a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, e se retirou para a Bahia. — Quem diria ao Illustre Mendo de Sá, que passados 258 annos havia a sua conquista ser Capital de um Imperio! Ninguem por certo.—

Malaca sustentou um novo cêrco no Vice-Reinado de D. Antão. O Rei do Achem tinha-se hido apresentar diante d'ella, conduzindo comsigo suas mulheres, e filhos, como homem que presumia de a tomar seguramente. D. Leonis Pereira fazia então uma festa fóra dos muros, em honra do anniversario natalicio de El-Rei D. Sebastião, quando a frota Acheniense appareceu. D. Leonis não se perturbou cousa alguma; continuou o jogo de canas, aproximando-se um pouco mais á praia, como para dar a entender ao inimigo, que o temia pouco. Esta confiança do Capitão mór foi um feliz presagio da victoria. Com effeito o Rei do Achem depois de differentes ataques, nos quaes sempre ficou vencido, foi obrigado a abandonar a empresa antes da chegada do soccorro, que o Vice-Rei enviou da India, e da vinda das tropas que o Rei de Viantana, alliado então dos Portuguezes, conduzia em pessoa. O Rei do Achem perdeu n'este cêrco 4,000 homens, e um filho que tinha provido no Reino de Auru.

Os Indios Idolatras da Ilha de Salsete, onde a Fé Catholica fazia grandes progressos, tinham começado a persiguir os novos Christãos, demolindo-lhes algumas Igrejas. Este atrevimento inflamou o zelo dos Portuguezes, e principal-

mente o do Vice-Rei, o qual enviou algumas tropas á mesma Ilha, que destruiram todos os monumentos da gentilidade, arruinando mais de 200 pagodes.

Foi esta a ultima proeza do Vice-Reinado de D. Antão de Noronha; pois que tendo chegado o dia 10 de Setembro de 1548, entregou o governo a D. Luiz de Attayde, que a Côrte lhe enviára por successor, e embarcou para o Reino, onde não chegou, por ter fallecido na viagem. Governou a India com honra, intelligencia, e imparcialidade, e distinguiu-se mui principalmente pelo seu grande desinteresse.

CAPITULO X.

ANNO DE 1568 ATE' 1571.

Quem era D. Luiz de Attayde novo Vice-Rei da India. O Hidalcão, Nizamaluco, e o Çamorim tendo formado ha muito um projecto, de expulsarem os Portuguezes da India, intentam pôl-o em pratica no começo da governança de D. Luiz. Successos do Reino de Cambaya. Manda o Rei de Delli uma embaixada ao Vice-Rei. Objecto desta mesma embaixada. Tomam os Portuguezes algumas embarcações sahidas de Surrate. O Vice-Rei faz partir uma frota para o golfo de Cambaya. Nuno Velho Pereira tóma, e arrasa a fortaleza de Parnel. Ganham os nossos uma victoria no forte de Assarim, contra os Reis de Colos, e de

Salsete. Quer El-Rei D. Sebastião mandar formar um estabelecimento nas Minas de Monomotapa, e nomeia para esta commissão a Francisco Barreto. Combatem algumas embarcações nossas nas aguas do Porto da Palma contra alguns corsarios da Rochella, e ficam vencidas. Novo combate naval n'altura das Canarias, onde tambem a nossa Bandeira não alcança vantagem. A guarnição da fortaleza de Bracalor do dominio do Rei de Tolar, é passado á espada pelos nossos. Vai D. Luiz de Attayde aportar a Onor com uma esquadra, e depois de alguns successos de pouca monta volta a Gôa. Prepara-se o Hidalcão para fazer guerra aos Portuguezes. Convoca o Vice-Rei um conselho, no qual propõem os meios de se poder conjurar a tempestade. Medidas que elle põem em pratica para salvar o Estado do perigo que o ameaça.

D. Luiz de Attayde, foi o primeiro Vice-Rei que El-Rei D. Sebastião nomeou depois da sua maioridade. Era elle um homem de merecimento, e mui proprio para fazer conservar a gloria do nome Portuguez, nas vastas Regiões, cujo governo acabava de lhe ser entregue. Era já bem conhecido nas Indias, onde tinha servido com trez Vice-Reis, ou Governadores. Havia se distinguido na Africa, e mui principalmente na Alemanha na guerra feita pelo Imperador Carlos 5.º aos Lutheranos confederados. Enviado por Embaixador a este Principe, e chegando ao exercito do Duque de Saxe antes da batalha, em que este foi vencido, e prisioneiro, quiz absolutamente tomar parte na acção. O Imperador presenteou-o com um cavallo, e com as suas armas, as quaes elle empregou mui bem n'esta jornada, salvando a Aguia Imperial. O Imperador quiz recompensar ainda melhor o seu valor, armando-o Cavalleiro por sua propria mão; porém elle recusou esta honra, dizendo: «que

«havia sido armado Cavalleiro no Monte Sinai por D. Es-«tevam da Gama.» Este facto causou muita inveja a Carlos 5.º

D. Luiz de Attayde, é respeitado pelos authores Portuguezes como o restaurador da nossa gloria nas Indias, e por elles comparado aos maiores homens da antiguidade; por isso que tendo pesado gravissimos negocios sobre seus hombros, quando Vice-Rei, resolvêra todos elles mui sabiamente, sempre em proveito da Nação, que teve fortuna de lhe dar o berço.

A Monarchia Portugueza, muito pequena para sustentar tantas, e tão longiquas conquistas, e para prover ao mesmo tempo em tantos lugares, e precisões differentes, cansava-se por si mesma, e abatia-se debaixo do seu proprio peso. O termo do Vice-Reinado de D. Constantino, considera-se como a época em que já não havia nenhum dos primeiros conquistadores, que tinham servido com os Almeidas, e os Albuquerques. A maior parte dos Portuguezes, que serviam então na India, haviam alli nascido. Conhecia-se já uma grande differença entre estes, e o pequeno numero dos que vinham do Reino. A riqueza, e a abundancia haviam engolfado os primeiros em um fausto, e em um luxo sem limite, que juntos á doçura do clima, os tinha inteiramente enfraquecido. Pelo contrario os seus inimigos fortalecidos pelo concurso de muitas Nações belicosas, e tendo-se exercitado nas guerras, que os Portuguezes lhes haviam feito, tinham-se tornado guerreiros, e valentes, e tiravam forças das suas proprias perdas. Não obstante isto, como os Portuguezes conservavam ainda grande superioridade sobre os seus inimigos, o que lhe provinha das suas victorias passadas, e de algumas pequenas vantagens presentes, haviam sempre entre elles indiscretos, e pouco prudentes, que continuaram a irritar as Nações do

Oriente, pelo jugo odioso que faziam pesar sobre os seus amigos, e alliados, e pelas vinganças excessivas que praticavam com aquelles, que lhes oppunham alguma resistencia.

Havia perto de seis annos, que o Hidalcão, Nizamaluco, e Cotamaluco tinham despojado a Christna-Raia Rei de Narsinga dos seus Estados, fazendo-o até morrer n'uma batalha, e saqueando-lhe todos os seus thesouros. Soberbos estes trez Reis colligados com este seu triumpho, concertaram-se o primeiro, e o segundo para voltarem as armas contra os Portuguezes, dos quaes não podiam soffrer já a altivez, e as crueldades. E como tinham poucos portos, determinaram fazer entrar na sua liga o Çamorim, que tinha sempre muitas frotas promptas, e de armadores. Cada um dos referidos Reis alliados devia fazer a guerra em pessoa, e entrar ao mesmo tempo em campanha com todas as suas tropas. Trataram logo de repartir entre si as suas futuras conquistas. Gôa, Onor, Bracalor, e as terras visinhas deviam pertencer ao Hidalcão. Chaul, Damão, e Baçaim a Nizamaluco. Cananor, Mangalor, Challe, e Cochim ao Çamorim. Nizamaluco devia começar pelo cêrco de Chaul. O Hidalcão pelo de Gôa. O Çamorim pelo de Challe, devendo além d'isso operar por mar com as suas armadas. E para que o Vice-Rei não soubesse aonde acudir, e fosse embaraçado pela divisão, que devia fazer das suas tropas, tinham feito entrar na liga o Rei do Achem, que devia sitiar Malaca, e haviam sollicitado o Gram Senhor para fazer diversão da parte do golfo Persico do Reino de Cambaya. Em fim, nenhum dos Principes alliados devia retirar-se da liga, para fazer tratados á parte, e eralhes dado o prazo de cinco annos para fazerem os preparativos d'esta guerra, cujo projecto devia conservar-se em segredo todo aquelle tempo.

Havia já quatro annos que este tratado estava concluido, e que os respectivos preparativos se faziam mui secretamente, quando chegou á India D. Luiz de Attayde; de sorte, que ainda este não tinha um anno de governança quando rebentou a conjuração. Chegando esta ao conhecimento do Vice-Rei, teve este que fazer preparativos, que não tendo servido para os grandes projectos, que elle meditava, serviram infinitamente para a necessidade a que elle se achou redusido. — Para narrarmos convenientemente o seguimento de todas estas cousas, é-nos preciso fallar agora do Reino de Cambaya, onde tinha havido grandes mudanças.

Chinguiscão depois do assassinato commettido na pessoa de Cedemecão seu tio, tinha-se tornado poderoso no Reino, e aspirava abertamente a pôr a Corôa na cabeça. Tratou logo de desbaratar os dous Governadores Abexins Alurcão, e Jusarcão, que na frente de 7, ou 8,000 homens, formavam um Estado independente, e se aproveitavam das divisões, pondo-se da parte do mais forte, ou do mais fraco, conforme o que melhor convinha aos seus interesses. Chinguiscão voltando depois as suas armas victoriosas contra Itimicão, que estava senhor da pessoa do Soberano, redusiu-o a acceitar uma batalha, na qual o venceu completamente. Itimicão tendo soffrido esta derrota, fez semblante de querer submetter-se ao vencedor, obrigando os dous Generaes Abexins a que fizessem o mesmo. Chinguiscão fingiu igualmente approvar uma conciliação, que lhe pareceu devia condusir para bem da sua prosperidade. Comtudo, como a má fé era o principio de todos os movimentos de uma parte, e outra, com as apparencias da mais bella união, armaram mutuamente laços. Chinguiscão havia dado ordens secretas para fazer matar os Generaes Abexins na Côrte de Cambaya, em uma festa que devia alli fazer-se, e para a qual elles estavam convidados.

Chinguiscão não logrou porém o successo d'esta traição; ao contrario, elle mesmo é que foi morto no caminho de Amadabá quando se dirigia a esta côrte, sendo este assassinato commettido por ordem de Itimiticão, e dos dous Generaes Abexins. As tropas do assassinado, vendo-se sem chefe, e sendo atacadas inopinadamente, foram derrotadas, e depois incorporadas nas dos matadores do seu General.

Itimitição como se visse livre de um competidor terrivel, e conhecesse que o Reino de Cambaya fluctuaria sempre n'uma incerteza, em quanto não visse sobre o Throno um descendente dos seus Soberanos, teve a audacia de suppôr um filho ao Sultão Mahamud, e escolheu para figurar n'este lugar um dos seus proprios, que havia feito crear em segredo, e que ninguem sabia pertencer-lhe. Fingiu esta fabula tão artificiosamente, que seu filho foi acclamado com o nome de Sultão Madre-Faxa, declarando-se o povo a seu favor com muito enthusiasmo.

O Soberano d'um Reino situado entre o de Delli, e o de Cambaya, chamado Miram, e que descendia por linha direita dos Reis de Cambaya, tendo um interesse opposto aos projectos de Itimiticão, concebeu o designio de tomar posse da herança de seus pais, e julgou que lhe seria facil conseguil-o, se os Portuguezes o ajudassem na empreza. Para obter este auxilio enviou secretamente alguns Embaixadores ao Vice-Rei, expondo-lhe a justiça da sua pretenção, e offerecendo-lhe ao mesmo tempo grandes vantagens pelos soccorros que esperava. Consistiam estas em fazer-nos cessão do porto de Surrate, e de outra praça que o Vice-Rei escolhesse na Costa de Cambaya. Miram obrigava-se de mais a mais a dar 200,000 cruzados em dinheiro, para as despezas da guerra, os quaes devia enviar a Damão antes de começarem as operações. Consentia igualmente, que nos assenhoreassemos logo das duas praças pro-

mettidas, não pedindo em recompensa de tudo isto mais de 5,000 homens commandados por um bom General, sustentando elle estas tropas á sua custa. Concluia pedindo ao Vice-Rei, que não emprehendesse cousa alguma, sem ter novos avisos da sua parte; porque antes de começar esta grande empresa, tinha ainda certas cousas que ajustar. Estes offerecimentos eram muito vantajosos para que o Vice-Rei os despresasse; por isso respondeu a este Principe conforme em tudo aos seus desejos, e despediu os seus Embaixadores mui satisfeito.

Logo que Chinguiscão foi morto, Rostumecão, e Agalucão seus Officiaes, que governavam por seu respeito as praças de Baroche, e de Surrate, sublevaram-se, e fazendo-se fortes cada um na sua Cidade com as tropas que commandavam. As tropas Mogolenses, que corriam o Reino em numero de 3,000 e tantos homens, sob o commando de um Chefe independente, o qual aspirava a apoderar-se de uma parte d'esta bella Corôa, ou mesmo a pôl-a sobre a cabeça, foram cahir sobre o primeiro d'estes dous Capitães, e sitiaram-o em Baroche. Rostumecão vendo-se em circumstancias tão criticas, dirigiu-se ao Vice-Rei, fazendo-lhe saber que lhe entregaria a praça, antes do que consentir vêl-a em poder dos Mogolos. O Vice-Rei tendo recebido esta mensagem, mandou atacar os Mogolenses por uma força commandada por D. Ayres Telles de Menezes, o qual não só lhes fez levantar o cêrco, mas até os expulsou de todo o territorio de Baroche, onde haviam fortificado alguns pontos.

Rostumecão mostrou-se mui reconhecido a este serviço, pagando-nos grandemente as despesas da armada, mas não foi tão prompto em obedecer á intimação que se lhe fez para nos entregar a praça. Usou de delongas, e guardou a cousa para o anno seguinte, prevendo bem, que teria ainda procisão dos Portuguezes.

Porém, o Vice-Rei escandalisado da sua má fé, não quiz mais entrar em negociação alguma com elle. Os Mogolenses scientes d'este descontentamento, tornaram a atacar Rostumecão, e despojaram-o da posse de Baroche.

Agalucão, que se achava em Surrate, procurava conservar-se em boa intel'igencia com os Portuguezes, e tinha pedido ao Vice-Rei passaportes para enviar dous navios a Meca. O Vice-Rei, em consequencia de más informações, suppôz, que Agalucão não podendo conservar-se em Surrate, pertendia retirar-se para Meca com todos os seus havêres. D. Pedro de Almeida, fez-lhe ver, que pensava erradamente; mas D. Luiz, não obstante isto, ordenou ao mesmo Almeida, que nunca mais désse salvo-conducto algum a Agalucão, que vigiasse os navios d'este, e que não deixasse de os tomar, logo que elles se fizessem de véla. Esta ordem foi executada, quasi no tempo em que Aires Telles de Menezes hia soccorrer Rostumecão. Duas das prezas, que então se fizeram, fôram estimadas em 100,000 cruzados, pondo as fazendas no mais baixo preço, sem fallar no casco dos navios dos quaes um era do porte de 1000 toneladas.

Servíra esta tomadia de grande proveito ao Vice-Rei; pois que com o seu producto supriu as despesas das grandes armadas, que trazia no mar, bem como as de outra mais consideravel, que elle estava aprestando. Este negocio, comtudo, embaraçou Agalucão com os Portuguezes, que estavam á lerta da parte de Damão, e nas immediações de Surrate, por cuja razão D. Luiz mandou uma esquadra para o golfo de Cambaya. Nuno Velho Pereira seu Commandante, fez tão boa guarda, que bloqueando estreitamente o porto de Surrate, lhe vedou completamente a entrada, e sahida de navios mercantes; o que obrigou Agalucão a recorrer ao Çamorim. Este, estava mui inclinado a soccorrel-o; porém como D. Diogo de Menezes lhe tinha aprezado, ou quei-

mado muitos navios no mar, e nos seus pórtos, e lhe havia arrasado muitas Povoações, tinha mais que pensar nos seus proprios negocios, que nos alheios. Comtudo, o desejo que tinha de soccorrer Agalucão, e a esperança de que com isso faria uma diversão favoravel aos seus interesses, fez com que elle désse ordem a apromptar umas vinte embarcações, que jnntas ás de Agalucão poderiam fazer frente ás de Nuno Velho Pereira, e mesmo tomar a offensiva.

O Vice-Rei sendo d'isto informado, mandou ordem a Velho para se retirar a Damão, onde a sua presença não foi inutil. Alvaro Pires de Távora, que havia succedido no governo d'esta praça a D. Pedro de Almeida, reconhecendo, que a fortaleza de Parnel era um pessimo visinho, formou o designio de a tomar. Achava-se ella guarnecida por oito centos homens de pé, e cem de cavallo, e era governada por um Official Mogol, que tendo negado obediencia ao seu Chefe, se havia apoderado da mesma fortaleza. Velho foi a quem se commetteu a empresa; porém como elle ignorava que a praça estivesse tão forte, e que a guarnição fosse tão numerosa, custou-lhe a sahir com honra do primeiro assalto, e voltou sem obter cousa alguma. Foi segunda vez acampar junto d'ella com maiores forças, e duas peças de artilheria, e bateu-a pelo espaço de outo dias. Os Mogolenses não ousando esperar segundo assalto, abandonaram-na de noute, sendo ella depois arrasada pelos nossos.

O forte de Assarim era em relação a Baçaim, o que o forte de Parnel era a respeito de Damão. Tinha elle sido tomado pelos Portugnezes no tempo de Franeisco Barreto, e estes tinham alli uma pequena guarnição commandada por André de Villalobos. Os Reis de Colos, e de Salsete, aos quaes o mesmo forte servia de freio, haviam-se ligado para o tomarem. Villalobos defendeu-se heroicamente até lhe chegarem outo centos bomens, que o Vice-Rei lhe tinha en-

viado. Martim Affonso de Mello Capitão mór de Baçaim, D. Paulo de Lima, e João de Moura eram os trez Chefes, que o conduziam. Estes, poséram em fuga os sitiantes, e seguiram-nos até ao interior de suas terras, onde poseram tudo a ferro, e fogo.

El-Rei D. Sebastião tendo formado o projecto de mandar descobrir as riquissimas minas de Monomotapa, e de fazer alli um estabellecimento permanente, (*) nomeou para o desempenho d'esta delicada empresa, a Francisco Barreto, General das galés, com o titulo de Capitão General, e Conquistador dos Reinos situados entre os Cabos das Correntes, e Guardafui, assignando-lhe para esta mesma empresa trez náus, e 1,000 soldados, 100,000 cruzados cada anno para as despezas do governo, e um reforço annual de quinhentos homens. A fama de uma expedição, que dizia respeito a minas de ouro, e prata, fez com que alistasse tanta gente, que ainda sobejou; e na que se embarcou contavam-se trezentos nobres, e duzentos creados de El-Rei.

Commandou Francisco Barreto a náu Rainha, a cujo bórdo hiam seiscentos soldados; e os outros dous Commandantes eram Vasco Fernandes Homem, na Assumpção, e Lourenço Carvalho, na Santa Clara: cada uma d'estas náus conduzia duzentos homens de tropa; além d'estes, embarcaram mais cem Africanos, porque o General tencionava mandar buscar cavallos á India, para os montar, e servir-se d'elles na sua marcha por terra a Monomotapa.

Francisco Barreto era infeliz nas suas viagens maritimas. Sahiu de Lisboa a 18 de Abril de 1569, e estando já

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião Tom.* 3.° *Liv.* 1.° *Cap.* 21.

fóra da barra, foi forçado pelo mau vento a tornar a entrar, e veio dar fundo em Belem. Durou o mau tempo dezoito dias; a 8 de Maio tornou a sahir, e com outra tempestade desarvorou a náu de Lourenço de Carvalho, que arribou a Lisboa. Proseguiram as outras duas embarcações a sua derrota, e tendo achado na Linha setenta e dous dias de calmarias, tiveram que arribar á Bahia a 4 de Agosto. Providas de agua, e mantimentos, partiram d'esta Cidade, soffrêram trinta e seis dias de capa no Cabo da Boa Esperança, e ancoráram em Moçambique a 16 de Maio do anno seguinte. —

D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, tendo sido nomeado para Governador do Brazil, (*) partiu de Lisboa a 5 de Junho de 1570 com sete navios, e uma caravela, onde levava muitas familias, Sacerdotes, e outras pessoas que hiam estabelecer-se n'aquelle Paiz. Chegado á Ilha da Madeira, como alli houvesse de se demorar, talvez para receber algumas familias, pediu-lhe licença o Capitão do navio S. Tiago, que era mercante, para deixar o comboi, e seguir viagem para a Ilha da Palma, em razão de levar muitos generos para ella, e querer carregar outros; o que D. Luiz concedeu.

Sahiu o S. Thiago da Madeira no dia 30, e depois de varios contratempos, que o obrigaram a perder alguns dias, achou-se na manhã do dia 15 de Julho defronte do porto da Palma, e á vista de cinco navios de Corsarios da Rochella, de que era Commandante Jaques Soria Almirante da Rainha de Navarra. Este, com o seu navio grande, bem guarnecido, e artilhado, abordou o S. Thiago, cujo Capitão, e equipagem se defenderam heroicamente; mas como era tão

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião, Tom.* 3.º *Liv.* 1.º *Cap.* 27; *e Liv.* 2.º *Cap.* 5.º

desigual a contenda, foi o navio entrado, e mortos quarenta e tantos Religiosos da Companhia de Jesus, que levava a seu bórdo, e hiam para as Missões do Brazil: tanta era o raiva dos Hugonetos! Depois d'esta barbara victoria, conduziu Soria a sua preza para França, coberto de vergonha, e de infamia. A Rainha de Navarra extranhou-lhe asperamente esta selvagem deshumanidade.

D. Luiz Fernandes sabendo na Madeira o desastre acontecido ao S. Thiago, e não o podendo vingar, sahiu com outro navio do comboi para o Brazil; e empenhando-se na Costa de Guiné, soffreu grandes calmarias, adoecendo-lhe quasi toda a gente. A final avistou terra do Brazil ao Norte de Pernambuco, e não podendo dobrar o Cabo de Santo. Agostinho, arribou á Ilha de S. Domingos, e outro navio á de Cuba. Reparado do modo possivel, tentou D. Luiz Fernandes montar bordejando a Costa do Brazil, o que não poude conseguir, e arribou segunda vez ás Antilhas, donde seguiu a sua viagem até ver as Ilhas dos Açôres. Ancorou na Terceira, e como o seu navio não estivesse capaz de navegar, afretou um mercante, e fez-se á véla para o Brazil a 6 de Setembro de 1571.

Ao chegar á altura das Canarias, foi atacado no dia 12 por quatro navios Francezes sahidos da Rochella, cuja esquadra era commandada por João de Cadaville, embarcado no mesmo navio, que fôra de Jaques Soria. Ainda que D. Luiz não duvidasse do resultado de uma acção entre forças tão desiguaes, resolveu-se a vender cara a sua vida. As abordagens de Cadaville fôram trez vezes rechaçadas, e mesmo depois de entrado o seu navio, fizeram os Portuguezes desesperada resistencia. D. Luiz, atravessado já de uma bala, e com as pernas quebradas de outra, mas sem render-se, acabou de uma lançada. Os Francezes mataram na peleija, ou deitaram dous dias depois ao mar trese Religiosos da

Companhia de Jesus, que tambem hiam para as Missões do Brazil. —

Havendo-se o Rei do Tolar recusado a pagar-nos o tributo ordinario, a que estava obrigado; e havendo de mais a mais recebido descortezmente uma carta, que o Vice-Rei D. Luiz de Attayde lhe havia dirigido a este respeito, resolveu-se o mesmo Vice-Rei a castigal-o, tirando-lhe a Cidade de Bracalor, na qual havia uma fortaleza construida á moderna na entrada de um rio entre Gôa, e os Estados do Çamorim. D. Pedro da Silva Menezes, encarregado d'esta empresa, não encontrou obstaculo algum no seu desempenho: a praça foi tomada, e mais de duzentas pessoas, que n'ella estavam ficaram mortas, ou prisioneiras. Porém, como os Reis de Tolar, e de Cambolim viessem em seguida com tropas, cujo numero crescia a toda a hora, Silva não se julgando alli seguro, abandonou a praça, levando comsigo toda a artilheria, armas, e munições.

O Vice-Rei desempenhava com summo zelo as funcções do seu ministerio, e é para admirar, que achando-se a India n'uma penuria tão grande, elle podesse em tão pouco tempo pôr a marinha em tão bom estado, e augmentar em tudo a gloria da Nação Portugueza, como ella o estava então. Além das expedições que tinha mandado a Malaca, e ás Ilhas do Sunda, conservava quatro frotas permanentes desde a peninsula do Ganges, até ás gargantas do Mar Rôxo.

Todas estas frotas eram independentes de uma outra, que preparava para si, segundo o tratado secreto que havia feito com Miram. Compunha-se ella de mais de 70 embarcações de toda a especie, ás quaes nada faltava. Ainda que conforme o que se havia ajustado, elle não se podia mover sem um novo avizo de Miram, comtudo, como não

queria que o apanhassem desapercebido, nem correr o risco de perder as vantagens offerecidas por este Principe, tinha-se preparado antecipadamente para estar prompto ao menor signal.

Tardava o aviso de Miram; e o Vice-Rei temendo que enfraquecesse o valor de tantos bravos, que reunira, sahiu para o mar largo, e navegou para Onor, que pertencia á Rainha de Gariopa, cujo odio aos Portuguezes era indomavel. A Cidade era bella, rica, e mui povoada; mas tendo-a seus habitantes abandonado, depois de haverem opposto leve resistencia ás nossas armas, foi ella saqueada, e redusida a cinzas. A fortaleza foi batida pela nossa artilheria durante quatro dias, e a final rendeu-se por capitulação. Ficou n'ella Jorge de Moira com 400 homens de guarnição, metade d'elles Portuguezes.

De Onor passou o Vice-Rei a Bracalor, cujos moradores tinham estado mui altivos depois da retirada de D. Pedro da Silva. Começaram os nossos a atacar a Cidade, e esta defendeu-se menos mal ao principio, sendo morto Henrique de Betancourt, que primeiro havia saltado em terra. D. Pedro da Silva foi o primeiro que franqueou as trincheiras, sendo mui hem sustentado pelos que o seguiam. O combate foi porfiado de parte a parte. Um fortim que os nossos tomaram abateu o valor dos inimigos, e fez que elles abandonassem a fortaleza desconfiando de que a não poderiam defender. Os Reis de Tolar, e de Cambolim vieram depois acommetter o fortim em uma noute mui escura; porém Pedro Lopes que commandava alli 200 homens, defendeu-o com tal valor, que os dous Principes desgostosos com o máu successo da sua empresa, requereram a paz, que se lhes concedeu, augmentando-se-lhes o tributo que nos pagavam. O Vice-Rei traçou o plano de uma nova fortaleza, e demorou-se alli um mez inteiro, para adiantar a obra com a sua presença.

Miram não apparecia, e o Vice-Rei inquieto por não saber a razão d'isto, veio por fim a descobril-a. Miram temendo emprehender o negocio de Cambaya, antes de estar seguro da Côrte de Delli, julgou conseguir essa segurança casando um dos seus irmãos, com a filha do Rei dos Mogols. O casamento fez-se com a solemnidade possivel; mas isto foi precisamente o que fez abortar o projecto de Miram. O recem-casado animado por uma alliança, que lhe promettia grande protecção, intentou tirar a Corôa a um irmão, a quem devia tantas obrigações, valendo-se das forças do Rei seu cunhado. Assim que Miram foi avisado dos pessimos designios de seu ingrato irmão, viu-se obrigado a ficar em defensa dos seus proprios Estados, e de deixar o incerto, para não perder o certo.

O Vice-Rei não foi mais feliz no Adem, onde tinha projectado introdusir-se. Os A'rabes haviam alli degolado a guarnição Turca, e chamado o Cherife filho do mesmo Chefe, que o Bachá Solimão tinha feito enforcar, quando se fez senhor d'esta Cidade. Conhecendo bem o Cherife, que lhe seria difficil conservar-se n'esta praça, por isso que os Turcos não deixariam de alli tornar, mostrou desejos de a entregar aos Portuguezes, e assim lh'o fez constar por via do Rei de Caxem seu amigo commum. O Vice-Rei havia para alli enviado Pedro Lopes Rebello com duas fustas ligeiras, e Gil Goes com trez galiões. Rebello logo que chegou ao Adem, teve uma entrevista com o filho do Cherife, que então estava governando na ausencia de seu pai; mas, ou porque este não tivesse melhor vontade do que havia tido Rostumecão em Baroche, ou porque se achasse nas mesmas circumstancias em que estava Cedemecão em Surrate, ambos convieram em que era preciso esperar melhores conjuncturas.

Os Turcos logo que tiveram noticia da chegada de

duas fustas Portuguezas a Adem, armaram immediatamente nove galeras, e vieram ancorar no mesmo porto trez dias depois de Rebello haver sahido d'elle; e como tivessem intelligencias secretas na praça, abriram-lhes uma porta d'esta de noute, e fizeram-se senhores d'ella. Abortou pois este negocio, o que talvez não acontecesse, se Gil Goes tivesse podido aportar ao Adem. Porém o máu tempo tendo-o apartado sempre da Costa, obrigou-o a ganhar Dio, bem como forçou os dous galiões da sua conserva, a hirem arribar a Ormuz, onde chegaram mui destroçados.

O Vice-Rei tendo-se mortificado muito com o máu resultado d'estes dous negocios, que o tinham obrigado a fazer tantas despezas, dividiu a sua armada em muitas esquadras, as quaes cruzando depois em diversas paragens causaram os estragos do costume. Ordenada esta medida, tomou a derrota de Gôa, e reconciliou no caminho o Rei de Banguel com a Rainha de Olala, cuja desintelligencia fazia escacear os rendimentos das alfandegas de Mangalor. Como a Rainha de Onor não cessava de servir-se das armas, do engano, e até do veneno para reconquistar os seus Estados, entendeu o Vice-Rei, que devia reforçar a guarnição da fortaleza da mesma Cidade de Onor, o que effectivamente fez.

O Nizamaluco, que de concerto com o Hidalcão tinha projectado a ruina dos Portuguezes, morreu pouco depois da victoria, que tinha alcançado contra o Rei de Narsinga, e antes da conclusão do seu tratado. Havia este Principe repudiado a sua legitima esposa, para casar com uma comediante, mulher de baixa condição, de quem tinha tido um filho. Passado tempo teve remorsos de haver dado similhante passo, e prometteu a Deus, e ao seu propheta Mafoma, que se voltasse victorioso do Reino de Narsinga, restabeleceria a sua primeira esposa em todas as suas

honras: esta promessa foi cumprida. A segunda esposa repudiada temendo por si, e por seu filho, o restabelecimento de uma rival justamente irritada, e poderosa pelo seu nascimento, não achou remedio aos seus temores, senão nos seus crimes. Ella envenenou Nizamaluco, e poude conseguir collocar seu filho sobre o Throno, ajudada dos esforços de dous irmãos seus, que ella havia feito prover nos melhores empregos do Estado, e que se achavam senhores das praças mais fortes. A morte de Nizamaluco, não mudou disposição alguma no tratado feito com o Hidalcão. O Principe seu filho, não obstante contar simplesmente dezeseis annos de idade, instruiu-se em todas as idéas de seu pai, e seguiu-as sempre com o mesmo segredo, e o mesmo concerto.

A guerra que estes Principes meditavam, era causada pelo odio que tinham aos Portuguezes, e pela esperança de os destruirem, fundada sobre a sua união, e sobre as vantagens que tinham conseguido, e as riquezas que lhes havia produsido o saque de Bisnaga; mas não obstante isto, quizeram disfarçal-a com o pretexto da Religião, e da Justiça. Foi este o motivo de que se serviram, para fazerem entrar na mesma liga o Gram Senhor, Cha-Thomaz Rei da Persia, o Çamorim, e o Rei do Achem. Argumentavam elles, que pertendiam vingar os insultos feitos á sua lei pelos Portuguezes, os quaes se declaravam em toda a parte seus crueis inimigos, não poupando estragos para estabelecerem a sua Religião sobre as ruinas das suas Cidades, e dos seus campos.

E' verdade que o zelo dos Portuguezes em materia de Religião era algumas vezes excessivo, injurioso, e um pouco ajudado da paixão; tanto assim, que aos navios sarracenos, que hiam ancorar nos pórtos do nosso dominio, eram-lhes roubadas as meninas, e meninos para serem instruidos

nos Mysterios do Christianismo, o qual não ordena similhantes violencias. O Hidalcão queixou-se muitas vezes ao Vice-Rei, contra este procedimento; mas como queria tirar-lhe todas as suspeitas dos preparativos, que fazia, escrevia sempre tão moderadamente, e com taes expressões de amizade, que as suas cartas desvaneciam todas as desconfianças. Além d'isto os requerimentos eram tão justos, que o Vice-Rei não podia escandalisar-se d'elles.

Como, porém, dos grandes negocios rebenta sempre uma vez que annuncia, sem que nunca se saiba donde ella vem, o estrondo dos designios do Hidalcão espalhou-se em Gôa, e cresceu cada vez mais, sem que d'isso podessem dar alguma prova. Este Principe, cujo plano era surprehender-nos, tinha-o dissimulado de tal modo, que nem mesmo a sua Côrte tinha podido penetrar as suas intenções. Pelo que toca aos Portuguezes, havia-os o Hidalcão encantado de maneira tal, que além dos motivos plausiveis que tinha para fazer preparos para uma guerra estrangeira, tinha-os convencido da necessidade de submetter um vassallo rebelde, que passava por tal nos seus Estados, ainda que este pertendido rebelde fosse um dos seus proprios Generaes, o qual de accordo com elle trabalhava com ardor nos preparativos, para a execução dos seus projectos. Para enganar melhor o Vice-Rei, e podel-o obrigar a apartar de Gôa as poucas embarcações, que alli se achavam, pediu-lhe que as quizesse enviar a occupar a passagem d'um rio, por onde o mencionado rebelde devia passar.

O Vice-Rei, apezar da arte com que o Hidalcão procurava encobrir suas intenções, não deixava de nutrir alguma desconfiança; mas como não via nenhuma hostilidade, não podia tomar resolução alguma. Não tardou muito tempo, porém, que por noticias vindas de Chaul, e da Côrte de Niramaluco, não fosse inteirado do caso. Sentiu então aquella

especie de temor, que a prudencia inspira, mas não a perturbação, e embaraço, que nascem da pusilanimidade. Não aconteceu o mesmo aos do seu conselho; pois que todos se capacitaram da grandesa do objecto. Tantas Nações formidaveis ligadas entre si, fizeram sobre os espiritos uma impressão, que se assemelhava ao medo. E neste aperto, onde cada um julgava ver o momento fatal da ruina dos Portuguezes na India, todos pensaram em abandonar Chaul, e outros pontos menos importantes, para que reunindo todas as forças em Gôa, a podessem salvar. Os que propunham este alvitre, diziam: « Que a experiencia tinha sempre mos-« trado, que a posse de tantas praças, e fortalezas havia servido « para os enfraquecer; que teria sido muito mais vantajoso pa-« ra a Nação, o terem-se estabelecido solidamente n'um só « lugar, donde podessem dominar tudo com menos despesa. « Que se estava ainda a tempo de reparar esta falta, fazen-« do de Gôa a Metropole de todas as Indias; pois que da « salvação d'esta Cidade dependia a conservação do todo o « resto. »

O Vice-Rei oppoz-se a este parecer, entendendo, que uma resolução d'esta natureza desacreditaria a sua Nação, e que além do abatimento que d'isso lhe resultaria, aconteceria ainda maior prejuiso pela soberba, que hiria inspirar aos inimigos uma determinação, que só podia denotar fraqueza, e um excesso de terror, e susto. Assim, contra a opinião commum, resolveu-se D. Luiz de Attayde a soccorrer Chaul, bem como a todos os outros pontos, em concordancia com o que já havia dito a D. Francisco de Mascarenhas, antes de convocar o conselho. Tratando elle de escolher antecipadamente um bravo, para lhe condusir estes soccorros, havia cahido essa escolha no referido D. Francisco de Mascarenhas, que tantas empresas arriscadas havia desempenhado dignamente, e que era adorado pelos soldados. Tanto caso fazia d'elle o Vice-Rei, que em todas as

acções havidas durante a sua governança, lhe tinha confiado a vanguarda. Partiu pois Mascarenhas para Chaul, perto do mez de Setembro, levando comsigo 500 homens escolhidos, quatro galeras, cinco fustas, e muitas outras embarcações carregadas de munições de guerra, e de boca, e hindo revestido da authoridade de General do mar, com pleno poder para tirar de todas as praças do Norte, os soccorros que precizasse.

Passado isto, tratou o Vice-Rei de pôr Gôa em estado de defensa, e de fechar aos inimigos a entrada da Ilha, guardando-lhe todas as passagens. O primeiro ponto que guarneceu foi o de Benastarim, mandando collocar alli Fernando de Sousa Castello Branco, Official experimentado, com 120 homens escolhidos, os quaes foram logo empregados em levantar duas muralhas da parte do rio; uma ao Norte, do comprimento de um tiro de peça, e outra menos comprida na direcção da Cidade. Cuidou depois em abastecer de víveres a Cidade, mandando-os vir de todas as praças visinhas, para que n'ella se não sentisse fome, caso houvesse de soffrer um longo cêrco. Tomou conhecimento de todos os armazens, e dos effeitos particulares, quer da Ilha, quer de Gôa mesmo, para d'elles se poder servir em caso de necessidade. E porque se dizia, que o Gram Senhor entrava na liga, e temia-se que ajuntando-se a sua frota com a de Çamorim, tivessem muito trabalho em resistir a ambos, reservou o Vice-Rei dous armazens para servirem unicamente n'esta precisão.

Posto que houvesse algum fundamento para esta noticia, comtudo, julgava-se o contrario dos rumores populares, em consequencia dos avisos que o Vice-Rei recebêra de Alepo, de Jerusalem, e do Cairo. Dizia-se-lhe: «Que «a Porta havia retirado uma parte das tropas, que tinha «na Arabia, e perto da Persia. Que da parte do Mar

« Rôxo tudo estava muito socegado, e que Solimão se oc-
« cupava unicamente do projecto, de tirar a Ilha de Chypre
« aos Venesianos. Que assim como a Porta nunca tinha fei-
« to grandes esforços da parte das Indias, era para presu-
« mir, que se o Gram Senhor entrasse na liga, não era mais
« que para prender a attenção dos Portuguezes, a fim d'el-
« les não voltarem as suas armas para a parte do Adem, o
« de Baçorá, onde poderiam facilmente tirar-lhe algumas
conquistas novas, e mal seguras. »

D. Luiz discorria bem sobre as noticias que tinha, mas era mal informado; pois que o Gram Senhor tinha feito armar vinte e cinco galeras em Suez, quinze das quaes se destinavam ao serviço do Hidalcão, e de Nizamaluco, e as outras dez ao do Rei do Achem. Porém, permittiu a Providencia, que estas galeras tendo partido de Suez, e hindo para Meca, entrasse a divisão entre os Turcos, e A'rabes, e que esta desavença tendo-os feito chegar ás mãos, fizesse perder a vida a novecentos. Depois, tendo o Gram Senhor perdido a famosa batalha de Lepanto, a precisão que teve de refazer a sua marinha, obrigou-o a chamar os Officiaes d'estas vinte e cinco galeras, cuja maior parte havia morrido com as suas tropas, fugindo os restantes para as terras do Imperador da Ethiopia. Assim, nenhuma das mencionadas embarcações poude servir para o fim, a que as destinavam, por cuja razão se salvou então a India do maior perigo, em que nunca estivéra.

O Hidalcão tendo tudo prompto para a execução dos seus projectos, rompeu o seu segredo n'um grande Conselho, que reuniu em Visapur. Expoz alli os motivos da guerra que hia fazer, ponderando a necessidade que havia de destruir uma Nação imperiosa, que levava a dominação até a tirannisar as almas, e a obrigar as consciencias. E ainda que n'este Conselho houvessem muitos fidalgos, que

fossem do parecer contrário, ninguem ousou contradizel-o, senão simplesmente Noricão. Era este o senhor mais accreditado do seu Reino, e o melhor dos Generaes do seu exercito. Patenteou a sua opposição com razões mui sólidas, e com a liberdade que lhe davam a sua dignidade, e a sua avançada idade. O Hidalcão ouviu-o sem se escandalisar, mas não mudou de parecer. E como o sentir do Principe é ordinariamente o dos seus lisongeiros, e o do maior numero, não é de admirar que o do Hidalcão prevalecesse. Nizamamaluco fez o mesmo da sua parte no sêu Conselho, e ambos estes Principes pozeram então as suas tropas em movimento.

Confiavam tanto no feliz resultado da sua empresa, que além da repartição das terras, que haviam feito entre si, o Hidalcão tinha repartido os empregos, as terras, e as casas de Gôa, e destinado a seus Officiaes as mulheres Portuguezas, que tinham fama de formosas. Estas não lhes foi desconhecida a galantaria dos seus pertendentes, e sentiram a sua vaidade tão lisongeada, que depois fôram vistas a observarem de longe os combates, e a serem testemunhas da maneira, porque os seus campeões se batiam.

O Vice-Rei naturalmente vivo, e activo, não tinha tido o menor repouso até então. Vendo que tinha de resistir a uma guerra tão geral, na qual esperava ser atacado por todas as partes, sentia interiormente muita inquietação, que sabia reprimir perfeitamente no exterior. Não tinha tomado então senão medidas vagas. Logo, porém, que foi informado das ultimas resoluções dos Principes alliados, provêo todos os póstos, conforme o projecto que havia formado.

A Ilha de Gôa, só é separada da terra firme por um pequeno esteiro, que forma o rio de Pangim, antes de chegar ás suas duas embocaduras, que d'istam duas leguas

uma da outra, Norte, e Sul. O leito do rio n'este cantão é semeado de pequenas Ilhas. Em algumas partes é tão largo, que tem quasi meia legua; em outras é um pouco mais estreito. Como o fundo é lodoso por extremo, a chegada da Ilha é muito defendida por isso mesmo, excepto em algumas passagens mais vadeaveis. No circuito de trez leguas e meia, a começar do passo de Golandim, chamado n'outro tempo o passo secco, até ao de Agaçaim, tinha o Vice-Rei dezenove póstos a prover, d'entre os quaes Benestarim era o mais importante.

D. Luiz repartiu por todos quasi 1,000 Portuguezes, que tinha de tropa regular, sob o commando de diversos Officiaes, a quem proporcionou gente, e artilheria conforme a precisão, e importancia do posto.

Em outros lugares menos perigosos, contentou-se com deixar gente para accender fogos, e fazerem signaes, a quem João de Sousa, que commandava 50 cavallos para acudir onde fosse preciso, tinha ordem de vigiar. O canal do rio estava guardado igualmente por 26 embarcações de diversos tamanhos, bem providas de gente, e de artilheria, commandadas por D. Jorge de Menezes Baroche. E porque o Vice-Rei fazia timbre de não perder pôsto algum, ainda mesmo nas terras firmes de Goa, que eram as mais expostas, reforçou as guarnições de Rachol, de Norva, e do forte de Bardez. No que tóca á Cidade, a qual se achava em menos perigo, entregou a sua defensa ao Clero secular, e regular, composto de tresentas pessoas, e collocou debaixo das suas ordens 1,500 Christãos do Paiz. De maneira, que perto de um anno os padres, e religiosos tiveram na mão a espada espiritual, e mundana, com as quaes não fizeram comtudo grande mal.

Em quanto se estava na agitação de todos estes pre-

paros, as tropas do Hidalcão, e de Nizamaluco estavam em marcha. Como estes dous Principes, posto que alliados, estavam em desconfiança perpetua um com o outro, as cousas estavam de modo reguladas entre elles, que as suas tropas não deviam fazer senão marchas iguaes, começando-as ao mesmo tempo. E todos os dias de um ao outro voavam correios, que sendo testemunhas occulares do progresso da marcha dos exercitos, lhes serviam de grandes seguros da sua fidelidade, e do seu ajuste. Logo que o Vice-Rei se alojou no passo secco, que projectára defender, soube, que a vanguarda do exercito do Hidalcão acabava de chegar a Pondá. Noricão, General d'este Principe, veio acampar defronte de Benastarim, fazendo armar alli as tendas para o seu Soberano, por este haver escolhido aquelle local para seu quartel. O Hidalcão, comtudo, só chegou oito dias depois, por se ter demorado a trez leguas de distancia sobre as montanhas de Gate, d'onde viu desfilar, e alojar todas as suas tropas, antes d'elle mesmo desembarcar. Farratecão, que conduzia a vanguarda de Nizamaluco, avançou ao mesmo tempo para Chaul, aonde este Principe se achou alguns dias depois, perto dos 16 de Janeiro de 1571.

Os exercitos dos dous mencionados Soberanos eram formidaveis a todos os respeitos. Constava o do Hidalcão de 100,000 combatentes, em cujo numero haviam 35,000 cavallos. A multidão dos vivandeiros, e pessoas de serviço era infinita, e tinha além de tudo isto 2,140 elephantes de guerra, e 350 peças de artilheria. O seu acampamento parecia mesmo uma Cidade opulenta, onde tudo era bello, e delicioso. Porém, o que mais impressionou as pessoas tímidas, foi uma tenda particular toda aberta, e que tinha a configuração de uma Corôa. Esta symbolisa entre os Indios uma declaração de que querem concluir, ou conseguir o fim a que se propõem quando declaram a guerra. O exercito de

Nizamaluco, não era inferior em numero ao do Hidalcão. Tinha tambem 100,000 homens de Infanteria, 34,000 de Cavallaria, 17,000 forrageadores, 4,000 fundidores, ferreiros, e outras especies de artistas estrangeiros, 360 elephantes, uma prodigiosa quantidade de bufalos, e bois para as carretas com uma formidavel artilheria, na qual havia 40 peças de extraordinario tamanho.

Chaul, não estava mais que uma despresivel Cidade. A fortaleza parecia ser uma feitoria. A Povoação, não tinha forças, nem muralhas. Nizamaluco chamava á praça — alojamento de brutos — mas Farretecão respondia-lhe — que o era de leões — querendo, sem duvida, fallar dos Portuguezes, que alli haviam nascido. Estes, não eram senão mercadores amolecidos pela longa paz, de que tinham gosado no extenso Reinado de Nizamaluco, o qual lhes havia permittido, que alli se estabelecessem. Nunca tinham visto guerra senão de longe, vivendo sempre n'uma longa prosperidade, á sombra dos louros, que a sua Nação colhêra em outras partes. Não podiam, pois, capacitar-se da guerra, porque a não queriam, e Mrscarenhas teve muito trabalho para os resolver, a contribuirem para a defensa da fortaleza. Como era preciso inutilisarem os seus jardins, e sangrarem um pouco as bolsas, não queriam pensar no mal que os ameaçava, nem consentir que lh'o acautellassem por via dos remedios necessarios: o General, usou então da sua authoridade. Resolveu defender tudo, até mesmo as casas, que se achavam fóra da Povoação, ordenando, que todos os Officiaes mandados para os differentes pórtos, trabalhassem em se fortificar com valados, e outras trincheiras, feitas á pressa.

Logo depois de chegarem os inimigos, houve por diversas partes algumas acções, cuja vantajem pertenceu ora a um, ora a outro partido. O Vice-Rei desejou bem ten-

ter alguma grande batalha; porém, sendo-lhe contrario todo o Conselho, addiou a satisfação do seu desejo. Entretanto, vendo que os inimigos queriam fazer o seu principal esforço, da parte da cortina do forte de Benastarim, foi estabelecer o seu quartel n'outro pôsto, tendo a delicadeza de não tirar o governo d'elle, a quem o commandava. Noricão, e todos os outros Generaes inimigos, guarneceram a sua linha de fortes baterias. Farratecão, apenas chegou a Chaul mostrou muita actividade, querendo previnir a chegada de Nizamaluco, a fim de alcançar alguma vantagem, que lhe fosse possoal. Avançou para o terreno, que separava a parte da Cidade habitada por Mouros, d'aquella em que habitavam os Portuguezes, favorecendo-lhe os bosques de palmeiras esta marcha. Tendo tomado alguns lugares de fóra, bem como uma Ermida, que chamavam — da Mão de Deus — estabeleceu o seu quartel general na casa do Vigario, e tirou linhas para cobrir o seu campo.

Formado assim o cêrco, Mascarenhas enviou ao Vice-Rei um religioso Dominico, em uma peqnena embarcação, para lhe fazer a relação exacta do que se passava em Chaul. Logo que este enviado chegou ao seu destino, tudo alli se pôz em movimento. Porque em vez de se pensar nos meios de sustentar a praça cercada, todos votaram que era preciso abandonal-a, e que igual sorte deveria ter o forte de Caranja, que estava sobre as terras de Nizamaluco, e os de Bachol, Norva, e Bardez, que estavam sobre as do Hidalcão.

O Vice-Rei, apezar de estar resolvido a não mudar de sentimento, tomou estes pareceres por escripto, a fim de poder fazer justas reprehensões a seus authores em tempo competente. Mandou em seguida consultar o Arcebispo, e a Camara de Gôa ácerca do grave negocio em questão,

pedindo-lhes o seu voto a respeito do que se devia obrar. O Arcebispo, e os bispos de Cochim, e de Malaca, que tinham vindo a Gôa para um Synodo, antes de declarada a guerra, votaram pelo parecer, que já havia sido dado ao Vice-Rei; e tendo presistido na mesma opinião em um Conselho geral, presidido por D. Luiz, este, indignado, reprehendeu o Arcebispo com muita cólera, dizendo-lhe: «Senhor, eu sei tanto em materia de guerra, «quanto vós sabeis das cousas Ecclesiasticas: não vos é «conveniente votar nas primeiras, porque as não entendeis; «deveis contentar-vos de encommendar bem estes negocios «a Deus nas vossas orações.»

Não obstante isto, os Ecclesiasticos, a Camara de Gôa, e todos os d'este partido celebraram um Conselho á parte, de que resultou enviarem um protesto ao Vice-Rei, pelo qual o faziam responsavel para com a Côrte de tudo quanto podesse acontecer em prejuizo do Estado, caso elle viesse a tomar uma resolução tão contraria ao sentir commum. Posto que o Vice-Rei nunca deixasse de estar inquieto, comtudo, não fez caso de similhante protestação, e reunindo tambem um Conselho particular de vinte pessoas, assaz entendidas na materia, chamou-as a todas ao seu parecer, e enviou o maior soccorro que podia a Chaul, constante de duas galeras commandadas por D. Duarte de Lima, e por D. Fernando Telles de Menezes.

Chaul, não foi a unica praça que causou inquietação ao Vice-Rei, n'aquella occasião. Porque elle foi informado, de que Nizamaluco mandava fazer correrias no territorio de Damão, e de Baçaim, para conservar estas praças em respeito, e impedir os destacamentos, que ellas poderiam fazer; que o Hidalcão tinha igualmente enviado 13,000 homens á Rainha, que o fôra de Onor, a qual não cessava de fazer todas as diligencias para se restabelecer

nos seus Estados. O Hidalcão, tinha além d'isto convidado os Reis Canarins, para tornarem a cahir sobre a fortaleza de Bracalor, o que elles não quizeram fazer.

Estas informações, comtudo, não poderam fazer mudar o Vice-Rei da sua primeira resolução. E certamente ninguem saberá dignamente admirar a firmeza d'esta conducta. Porque D. Luiz soccorreu todas as praças, sem enfraquecer nenhuma d'ellas para fortificar Gôa. Conservou sempre no mar as suas frotas, como se estivéra em plena paz, assim as que cruzavam em diversas paragens, como as que estavam destinadas para os comboios, e transportes das mercadorias. Fez as suas expedições do costume para Malaca, Malucas, Ormuz, Estreito de Meca, Moçambique, e Sofála. Para se desforrar com os inimigos, enviou uma esquadra a Dabul, a fim de lhes mostrar, que estava tambem em estado de praticar as mesmas diversões, que elles faziam. Finalmente, tendo-se-lhe proposto, que retivesse os navios de transporte, para d'elles se servir na necessidade presente, e contentar-se de enviar um só, para informar a Côrte do acontecido, não annuiu a esta proposta, querendo que o Reino nada soffresse por causa da nova guerra.

O Çamorim, que entrava como terceiro na liga, longe de se pôr em campanha ao mesmo tempo, que os outros Reis, fez-nos então proposições de paz, ou porque estivesse cançado da guerra, que lhe fazia D. Diogo de Menezes, assolando-lhe toda a sua Costa, ou porque quizesse encobrir a parte que tinha na alliança commum, e trabalhar mais seguramente nos projectos que meditava, ou, finalmente, porque esperasse ganhar alguma cousa no embaraço em que devia achar-se o Vice-Rei, com dous inimigos tão poderosos a combater.

D. Luiz, submetteu tambem este negocio á delibe-

ração do seu Conselho, mas exigiu segredo de cada um dos seus membros, sob juramento. Todos os votos foram pela paz, dando-se-lhe a côr mais honesta, que podesse ser, e sendo feita com a possivel vantagem para os nossos. O Vice-Rei era de opinião contrária; porém para não estar sempre em dissidencia com um Conselho tão tímido, mostrou render-se ao parecer commum. Enviou ao mesmo tempo uma instrucção secreta ao Governador de Challe, pela qual lhe ordenava: «que visto ter sido elle quem remettêra as pro-«postas do Çamorim, fizesse entender a este Seberano, que «elle Vice-Rei não estava tão opprimido pelas guerras, que «era obrigado a sustentar, que não podesse continuar a «fazer-lh'a; e que nunca attenderia a proposição alguma «da sua parte, sem elle se ter previamente condemnado a «não ter, e a não soffrer nos seus portos navio algum pro-«prio para andar a côrso.» Esta condição não foi acceita pelo Çamorim, o que assaz prova, que o desejo que elle mostrava pela paz, não era mais que um puro fingimento.

Os inimigos tendo estabelecido as suas baterias nos differentes pontos, ao longo da Ilha de Gôa, faziam-nos um fogo terrivel, mui principalmente, do passo de Benastarim, e de um outeiro visinho, onde commandava Solimão Aga. O Vice-Rei fazia reparar habilmente de noute, os estragos que nos causára o dia; porém isto não impedia, que o effeito da artilheria inimiga nos não fosse sensivel. O fogo do inimigo era tão frequente, que só no alojamento de Alvaro de Mendonça se contaram 600 balas, tendo algumas 5 a 6 pés de circumferencia.

O fogo dos nossos não era tão vivo, posto fosse mais mortifero, pois que as suas baterias de terra só tinham trinta peças. O dos seus navios causava ainda mais estrago, porque, como estavam senhores do rio, podiam manobrar á sua vontade, por outra, podiam chegar-se, ou recuar,

e sempre com vantagem. Estes navios, pois, serviram aos nossos de muita utilidade, tanto para fazerem os desembarques, como para darem ataques imprevistos, de que nunca voltaram sem terem queimado alguma Povoação, ou acampamento, e sem conduzirem prisioneiros.

Houve, comtudo, durante esta guerra, dous acontecimentos mui desastrosos. D. Fernando de Vasconcellos, que o Vice-Rei enviára a Dabul com quatro galeras, e duas fustas, havia alli queimado dous grandes navios do Hidalcão, que vinham de Meca com carga mui rica. Tinha igualmente lançado fogo a outras embarcações, e a algumas Povoações. Ao voltar d'esta expedição todo coberto de gloria, e com as embarcações aprezadas, na sua conserva, fez um desembarque no acampamento de Angoscão um dos principaes Generaes do Hidalcão. A primeira irrupção dos nossos, foi feliz; por isso que déram a morte, a quantos inimigos lhe opposéram resistencia; porém, tendo sido repentinamente accommettidos por grandes forças contrárias, e achando-se n'aquella desordem, que uma grande confiança quasi sempre origina, fôram completamente desbaratados. Custou-nos este revéz a morte do bravo Vasconcellos, e a de quarenta dos seus, cujas cabeças fôram levadas ao Hidalcão.

O Vice-Rei sentiu muito a perda de D. Fernando, e ordenou a D. Jorge de Menezes, que fosse queimar a sua fusta, a qual ficára encalhada, a fim dos inimigos se não aproveitarem d'ella; o que Menezes fez mesmo á vista dos inimigos depois de lhe tirar toda a artilheria.

A vergonhosa fugida de duzentos Portuguezes, que em uma acção voltaram vergonhosamente as costas, sem que os seus Capitães, e o proprio Vice-Rei podessem detel-os, causou a D. Luiz um novo desgosto, de que não

teve menor pena. Consolou-se, porém, com ver que os seus tinham sobre os inimigos vantagens mais frequentes, e mais consideraveis.

Havia Noricão persuadido ao Hidalcão, que não era proprio da sua alta dignidade passar á Ilha sobre as pontes, ou bateis, que tinha feito condusir para este fim; que era mais proprio da sua grandeza fazer entulhar o leito do rio, para depois o passar a pé enxuto. Como o Hidalcão, lhe aprovasse este projecto, tinha acabado de entulhar a passagem, que estava defronte de João Lopes, e havia adiantado muito a obra á força de terra, e de fachinas em frente do forte de Benàstarim. Nesta occasião disse o Hidalcão: «que para fazer esta jornada tinha um «bellissimo cavallo A'rabe, que o Rei de Ormuz mandára «de presente ao Vice-Rei.» D. Luiz, informado d'este dito, mandou-lh'o entregar com um cumprimento mui attencioso. O corsel melhorou com a troca de dono, pois que entrou a ser servido com baichella de prata, e a dormir sobre veludos, e sobre os mais ricos pannos da India. As confeituras, as aguas cheirosas, e assucaradas serviam-lhe de bebida, e de sustento; porém a sua boa fortuna não foi longa, porque passados poucos dias foi morto por um tiro de peça.

Continuava a jogar a artilheria de ambas as partes, não sem causar mortes, e ferimentos em um e outro lado: o mesmo Vice-Rei foi ferido duas vezes.

O Hidalcão tinha suas intelligencias secretas na Ilha, e como as passagens estavam exactamente guardadas, quando os seus espias não podiam chegar á sua presença, accendiam alguns fogos em lugares convencionados, e assim se correspondiam. O Vice-Rei, tinha tambem no campo inimigo, alguns Portuguezes arrenegados, que lhe não dei-

xavam ignorar cousa alguma do que alli se passava. O desejo de paz era geral, mas muito mais no campo inimigo; tanto assim, que o Hidalcão foi o primeiro a propôl-a. Apresentou porém condições tão exorbitantes, que o Vice-Rei negou-se a acceital-as, e fez cessar as respectivas negociações.

Caminhava o cêrco de Chaul mui lentamente, depois da chegada de Nizamaluco, não obstante a multidão immensa dos inimigos. Houve valor, e fraqueza de parte a parte. Houve combates particulares, em que os Mouros tiveram grande perca de vidas; mas nos quaes alguns Officiaes dos nossos mancharam a honra, por peleijarem dolosamente. Fizeram-se frequentes sortidas, e deram-se muitos ataques, que por terem sido de pouca monta escusam de ser narrados.

Nizamaluco, esperava com impaciencia a frota, que havia pedido ao Çamorim. Este tinha boa vontade de cumprir as promessas feitas aos seus alliados; porém via-se na difficuldade de o não poder fazer, por causa de D. Diogo de Menezes lhe ter fechado todos os pórtos. Conseguiu com tudo fazer sahir duas frotas para o mar, illudindo a vigilancia do General Portuguez. Uma d'estas frotas, que conseguio aportar Chaul, não obstante acharem-se alli alguns navios nossos, constava de 22 paráos, e trazia a seu bordo 1,500 besteiros, ou fuzileiros, que Nizamaluco dividiu pelas suas tropas. Passados poucos dias houve um combate entre as nossas embarcações, e as inimigas recem-chegadas; a Bandeira Portugueza ficou triumphante, e os Malabares retiraram-se d'aquelle porto, sem licença prévia de Nizamaluco.

O Vice-Rei depois dos soccorros, que enviára a Chaul, tornou ainda a soccorrer por duas vezes a mesma praça, an-

tes de começar o inverno. Ruy Gonçalves conduziu-lhe duzentos homens, e D. Jorge de Menezes Baroche, que foi succeder a Luiz Freire de Andrade, no governo da mesma praça, levou-lhe trezentos.

Os inimigos, não obstante isto, não deixavam de ganhar terreno. Haviam arrasado o baluarte do mar, com a sua artilheria. Tinham obrigado os sitiados a abandonarem muitas posições externas, sendo uma d'ellas o convento de S. Francisco, e davam frequentes ataques ao de S. Domingos, e a muitas outras cazas fortificadas, que os nossos pertendiam defender.

Haviam-se já passado quatro mezes, e entrava-se na quadra das chuvas, sem que parecesse que os Reis alliados quizessem desistir da sua empresa. Pareciam pelo contrario determinados a passarem o inverno nas suas tendas; e ainda que houvessem propostas de paz feitas por Nizamaluco, e pelo Hidalcão, não tinham os sitiados esperança, de ver concluir a guerra.

Felizmente recolhêram n'esta occasião duas das nossas esquadras, que andavam cruzando em diversas paragens, e que o rigor da estação havia obrigado a procurar os nossos pórtos, para D. Luiz de Attayde gozar algum contentamento, por isso que via de quanta utilidade lhe podia servir tão importante reforço. Uma das referidas esquadras, e que Diogo de Menezes commandava, havia destroçado a segunda frota, que o Çamorim mandava a Nizamaluco; a outra era commandada por Luiz de Mello, e acabava de ganhar uma bella victoria contra uma poderosa armada do Rei do Achem, nas aguas de Malaca, aprezando trez galéras, e seis fustas, com as quaes aportára a Gôa.

Não tendo o Hidalcão perdido o ânimo, resolveu-se

a fazer um esforço, tentando a passagem por differentes bairros. Ouviu-se tocar a caixa Real, que só toca quando marcha o Principe em pessoa. Os inimigos entraram na Ilha, chamada de João Rangel, e no paço de Mercantor, em numero de cinco mil. O Vice-Rei mandou marchar a sua gente na ordem em que convinha, e em pouco tempo teve mais de dous mil homens debaixo de armas. Estes chegaram a combater metidos na agua até aos peitos, não se vendo no espaço de duas leguas senão uma horrivel imagem da morte. O Hidalcão estando a ser espectador da acção, de cima de um outeiro, blasfemava contra Mafoma, deitava por terra o turbante, e pizava-o ao pés como um furioso. Em fim, os inimigos vendo que o nosso ferro os tinha sangrado em demasia, retiraram-se, deixando o rio e a terra juncada de cadaveres.

O cêrco de Gôa continuou no inverno mais vagorosamente, não se passando nada notavel nem de uma, nem de outra parte, senão o terem sempre os nossos uma pouca de vantagam nas suas sortidas.

O Hidalcão tentou tambem uma nova diversão, fazendo solicitar a Rainha de Garcopa para esta cahir sobre Onor, enviando-lhe para este effeito dous mil homens, conduzidos por Chitigão, seu sobrinho. A Rainha da sua parte tinha trezentos. A praça foi investida, mas tendo sido soccorrida muito a tempo por duas galéras, e cinco fustas mandadas pelo Vice-Rei, poude Jorge de Moura seu Governador accommetter os inimigos, e desbaratal-os completamente.

Nizamaluco tendo enviado tropas contra o forte de Caranja que Duarte Prestello commandava, e contra as fortalezas de Damão, e Baçaim, não obteve vantagem alguma, por isso que seus soldados foram obrigados a voltarem

sem fazer nada. Tambem foi em vão que convidou os Mogols de Cambaya, e o Rei de Salcete para juntos com elle molestarem estas praças.

Chegado o fim do mez de Junho pôz-se o Çamorim em campo, e foi sitiar o forte de Challe, distante duas leguas da Cidade capital. O seu exercito constava de cem mil combatentes, entre os quaes havia um grande numero de besteiros. Acampou em torno da praça, bateu-a desesperadamente com 40 peças de artilheria, e fechou-lhe as passagens a todos os soccorros. Tão bem defendida estava a entrada da barra pelas suas baterias, que o primeiro soccorro enviado por D. Antonio de Noronha Governador de Cochim, não poude entrar, e teve que retroceder. O cêrco já tinha durado trez mezes, quando D. Diogo de Menezes conseguiu abastecer a praça de viveres para sessenta dias, sendo coadjuvado n'esta arriscada empreza por Diogo de Azambuja, Antonio Fernandes de Challe, e D. Luiz de Menezes, cada um dos quaes commandava sua fusta. O soccorro entrou em alto dia no porto a travéz d'uma chuva de balas. Luiz de Menezes foi o primeiro que saltou em terra seguido de Fernando Mendonça, e de 50 soldados. Francisco de Sousa fez uma sortida para sustentar este desembarque, e dando sobre os inimigos matou perto de 600. Na passagem das nossas embarcações morreram 40 Portuguezes.

Durava ainda o cêrco de Chaul, e os sitiantes tinham-nos tomado alguns póstos. Metteram no fundo a galéra que havia levado D. Jorge de Menezes Baroche, a que chamavam a Batarda do Vice-Rei. Havia mais de 400 Portuguezes mortos; e ainda que as perdas de Nizamaluco fossem mais consideraveis em si, ellas o eram muito menos comparativamente. Finalmente, chegado o dia 29 de Junho resolveu-se este Principe a dar um assalto geral á for-

taleza. Todas as suas tropas se pozeram em movimento n'aquelle dia, porém isto não foi senão um vão apparato, que não deixou comtudo de lhe custar 120 homens. A acção teve lugar no dia seguinte, e resultou d'ella uma brilhante victoria para as nossas armas, pois que os Mouros foram forçados a retirarem-se em vergonhosa debandada, deixando mortos sobre o campo perto de 400 homens! Nizamaluco, logo que perdeu esta batalha, cuidou seriamente em obter a paz.

Em quanto as cousas tomavam um tão bom aspecto, em Chaul, espalhavam-se em Gôa noticias falsas da sua perda; o que muito affligia o Vice-Rei, por elle ter sido só do parecer de se defender aquella praça. Isto dava motivo ás murmurações dos seus invejosos, e do povo, que se lastimava por padecer fome, estando redusido a viver de um pouco de peixe pescado com grande risco, e de umas poucas de ervas, tudo pelo aperto do Vice-Rei; o qual tendo cheios os seus celeiros usava de grande economia, por precaução para o futuro.

Foi por esta occasião, que o Hidalcão conseguiu comprar alguns desalmados para lançarem fogo á polvora, que existia nos armazens de Gôa. D. Luiz de Attayde tendo sido informado a tempo d'esta nefanda traição, fez procurar os culpados, e tendo-os descoberto mandou enforcar, dous e condemnou outros a prisão. O Hidalcão vendo abortar este seu negro projecto, e sabendo que Nizamaluco acabava de celebrar a paz com os Portuguezes, começou a tomar as suas medidas para se retirar sem a haver feito. Deu ordem a fazer partir toda a sua artilheria, e bagagens sem estrondo, em quanto Angostão, Rumecão, e Moratecão serviam a cobri-las, ficando nos seus quarteis, onde faziam de modo a guerra, que continuavam sempre as suas negociações para a paz: mas o Vice-Rei a quem

esta partida do Hidalcão, não podia ser occulta, embaraçou-se pouco em concluir a paz, esperando achar-se bem depressa em estado de a dar como senhor, por isso que contava com ser auxiliado antes de pouco tempo pelas tropas do Rei de Bisnaga.

Assim terminou o maior dos esfórços da terrivel colligação, que tinha tido o Vice-Rei suspenso pelo espaço de dez mezes, nos quaes se póde dizer, que elle sustentou só o Estado das Indias, sem perder um palmo de terra. Os Principes colligados pelo contrario tiveram grandes perdas, inevitaveis em uma tão grande multidão, e em tão longo tempo. Estas fôram menores, comtudo, que as da sua reputação, não tendo, por assim dizer, podido avançar um passo com tão grandes forças contra um inimigo, cujo podêr era tão fraco em comparação do seu.

O victorioso D. Luiz, porém, não se poude aproveitar das suas vantagens, nem gozar o fructo dos seus trabalhos. Quatorze dias depois da retirada do Hidalcão, isto é, no dia 7 de Setembro de 1571, chegou a Gôa D. Antonio de Noronha, o qual vinha de Portugal com provisões da Côrte, para succeder a D. Luiz na mesma qualidade de Vice-Rei. D. Luiz entregou logo o governo, e foi embarcar-se em Cochim para Lisboa, onde El-Rei o recebeu com grandes honras, chegando até a conceder-lhe a direita debaixo do pálio na procissão solemne, que se fêz em acção de graças das felicidades, que o mesmo D. Luiz havia tido nas Indias.

El-Rei D. Sebastião tendo honrado tão distinctamente o benemerito Attayde, deu um publico testemunho de que tão heroico Portuguez soubera comprehender, e executar fielmente a Instrucção, que o mesmo Soberano escrevera, e que lhe entregára no acto da sua partida para a India.

Esta Instrucção Regia, é a seguinte:

Fazei muita Christandade. Fazei justiça. Conquistai tudo quanto poderdes. Tirai a cubiça dos homens. Favorecei aos que peleijarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo isto vos dou o meu podér. Se o fizerdes assim, muito bem, fazer-vos-hei mercê. Se o fizerdes mal, mandar-vos-hei castigar. Se alguns Regimentos forem em contrario destas cousas, supponde que me enganaram, e por isso não haja quem vos estorve isto.

FIM DO VOL. VI.